

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS (MESTRADO)**

ROSA NADIR TEIXEIRA JERÔNIMO

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS
HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA EM
IMBITUBA-SC**

CRICIÚMA, FEVEREIRO DE 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROSA NADIR TEIXEIRA JERÔNIMO

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS
HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA EM
IMBITUBA-SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Criciúma, fevereiro de 2007

ROSA NADIR TEIXEIRA JERÔNIMO

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS
HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA EM
IMBITUBA-SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de concentração: Ciências Humanas

BANCA EXAMINADORA

Teresinha Maria Gonçalves (Orientadora)
Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento – UFPR

Denise de Camargo (Titular)
Doutora em Psicologia Social – PUC-SP

Geraldo Milioli (Titular)
Doutor em Engenharia de Produção – UFSC

Janine Moreira (Suplente)
Doutora em Educação - UFSC

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida de todos os seres que habitam os espaços do ar, da terra e das águas desta grande casa chamada Terra. Agradeço essa imensa relação.

Aos meus pais, Nadir e Antônio, pela vida concedida, pelo afeto, pela dedicação, pela esperança. Agradeço por seus sonhos e por suas realizações conquistadas com muito trabalho sempre embaladas na canção do amor. Meu eterno amor e respeito a cada um e aos dois.

Aos meus filhos, Daniel e Daisa, pela compreensão nos momentos de silêncio, pelo incentivo, pela escuta das minhas teorias, pelos caminhos percorridos, pela oportunidade de ser mãe e de poder vivenciar o amor incondicional com vocês dois. Amo muito vocês.

Ao meu companheiro, João, pelas longas esperas do cotidiano desta pesquisa e dos anos que compartilhamos a vida em comum. Pelos ângulos das fotos, pelos atalhos que me conduziram às casas dos entrevistados, pelo entusiasmo nos momentos difíceis. Minha escolha pelos caminhos do amor entre um homem e uma mulher.

A minha orientadora, Dra. Teresinha, pela presença e pela escuta sensível, pelo exemplo, pelas convicções. Por despertar em mim a paixão pela Psicologia Ambiental abrindo novos caminhos na profissão que escolhi. Meu carinho e minha sincera admiração.

Ao Joaquim, guerreiro na descoberta de sentidos mais objetivos às frases escritas na velocidade do pensamento criativo e na emoção. Ao agradecer Joaquim, agradeço também a sua irmã Clarita, mais que secretária, uma grande amiga.

Às famílias de Ibiraguera, com as quais muito aprendi e sem as quais jamais conseguiria realizar este trabalho. Com vocês resgatei também minhas raízes, ao reconstruir indiretamente a minha história pessoal. Agradecer a vocês parece ser pouco.

Ao corpo docente do mestrado, pela troca, pelas discussões, pelos atropelos, pelas teorias nem sempre introjetadas. Antes do profissional, pelo ser humano que cada um demonstrou ser.

À Prefeitura Municipal de Imbituba e à Coordenação da Agenda 21 Local de Ibiraquera que me receberam de braços abertos oferecendo subsídios preciosos para a realização desta dissertação.

À UNESCO pela oferta deste curso que ampliou o meu conhecimento e me colocou diante de tantas formas diferentes e integradoras de trabalhar com o meio ambiente.

Aos meus familiares que precisaram agendar horários para visitar-me durante o processo de construção de conhecimento. Obrigada por entender o meu momento.

Aos colegas de trabalho, pela solidariedade e compreensão em atender os meus pedidos e entender o meu afastamento.

Aos colegas de mestrado pelo compartilhar de tantos conhecimentos novos e ampliar a minha visão de homem e de mundo.

Aos convidados da banca pelo aceite e pelo conhecimento que com certeza contribuirão em muito com este estudo.

A todos aqueles que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a percorrer esta longa viagem. Sintam-se agradecidos, pois vocês também foram meus guias pelo caminho.

MENSAGEM

[...] Louvado sejas, Senhor, por todas as criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que é belo, radioso, e seu grande esplendor,
De ti, Altíssimo, é para nós a imagem.

Louvado sejas, Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu criaste, tão clara, preciosas e belas!

Louvado sejas, Senhor, por nosso irmão Vento,
Pelo ar, pelas nuvens, pelo azul calmo e todo tempo,
Pelas quais a todas as criaturas dás sustento.

Louvado sejas, Senhor, pela nossa irmã Água,
Que muito útil e humilde, preciosa e casta!

Louvado sejas, Senhor, por nossa mãe Terra,
Que nos nutre e nos sustenta;
Que produz frutos diversos, coloridas flores e árvores [...]

São Francisco de Assis

RESUMO

A presente dissertação se insere no campo da Psicologia Ambiental e tem como objeto de pesquisa o processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade tradicional de Ibiraquera em Imbituba, sul de Santa Catarina. A comunidade de ascendência açoriana é composta de 2.500 habitantes manifestando nos meses de alta temporada uma flutuação de pessoas que chegam por intermédio do turismo, já que muitos destes turistas possuem uma segunda residência no bairro. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa tendo a técnica da história de vida e registros etnográficos como principais instrumentos de coleta de dados. O objetivo geral norteador de toda a pesquisa procurou compreender o processo de apropriação do espaço de dez nativos que habitam o bairro, sendo elencados outros quatro objetivos mais específicos: identificar o processo de construção da identidade de lugar por meio da personificação do mesmo; verificar o processo de apropriação por meio do sentimento de pertença; verificar as percepções das transformações ocorridas nos espaços de vida e identificar as atitudes nativas de preservação ambiental relacionadas ao lugar. Os resultados obtidos revelaram um grande sentimento de pertença ao lugar apresentado tanto pelos jovens quanto os idosos entrevistados. A apropriação foi compreendida nos conceitos de identidade de lugar, laços com o lugar, personificação do lugar, na manutenção da cultura local ou na saudade de alguns eventos já desaparecidos, na manifestação da fé católica, no respeito aos idosos, entre tantos outros. Os relatos mostraram-se repletos de simbologias, significados, lugares sagrados e estéticos, afetividade ao espaço físico, social e cultural de Ibiraquera. Observou-se que há uma transição entre o tradicional, o moderno e o pós-moderno advindo em grande parte com o turismo, tido em alguns momentos das narrativas como positivo e na maioria das entrevistas como desagradado, desconfiança, ameaçador ao espaço natural e cultural da comunidade. Este novo modelo de organização sócio-cultural trazida com a pós-modernidade encontra resistência pelos habitantes do lugar revelando um processo de não apropriação deste novo modo de vida.

Palavras-chave: apropriação do espaço – habitantes – identidade – personificação do lugar - cultura.

ABSTRACT

The present paper inserts in the field of Environmental Psychology and has as object of research the process of appropriation of the space of the inhabitants of the traditional community of Ibiraquera in Imbituba, south of Santa Catarina. The community of açorian ancestry consists of 2.500 inhabitants demonstrating in the months of high season a fluctuation of people who arrive through of the tourism, since many of these tourists possess one second residence in the quarter. The study was carried through of a research of field of qualitative nature, having the technique of the life history and ethnic group registers as principal instruments of data collection. The general objective of all the research looked to understand the process of appropriation of the space of ten natives who inhabit the quarter, being listed others four specific objectives: to identify the process of construction of the identity of place through of the personificação of the same; to verify the process of appropriation through of the feeling of belongs; to verify the perceptions of the occurred transformations in the spaces of life and to identify the native attitudes of environmental preservation to the place. The results obtained showed a great feeling of belong to the place presented as for young as the old ones interviewed. The appropriation was understood in the concepts of place identity, tie with the place, to give character personal of the place, in the maintenance of the local culture or in the nostalgia of some events disappeared already, in the manifestation of the faith catholic, in the respect to the old ones, between as much others. The narratives did showing full symbologies, meanings, holy and aesthetic places, affectivity to the physical, social and cultural space of Ibiraquera . It was observed that there was a transição between the traditional one, the modern and the after-modern come in the large part with the tourism, had at some moments of the narratives as positive and in the majority of the interviews as displeasure, suspiciousness, threatening to the natural and cultural space of the community. This new model of social-cultural organization brought with after-modernity finds resistance for the inhabitants of the place showing a process of not appropriation in this new style of life.

Word-keys: appropriation of the space - inhabitants - identity - personificação of the place - culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Limites de Imbituba	31
Figura 2 – Localizando Ibiraquera	32
Figura 3 – Chácara abandonada	37
Figura 4 – Esquema: Identidade – conceitos e dimensões	55
Figura 5 – Antiga moradia de uma família nativa de Ibiraquera, sobrepondo os pés de anogueiros comuns nos quintais deste lugar	61
Figura 6 – Caminho que leva até a fonte na antiga casa de Cravina	63
Figura 7 – Torre da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes de Ibiraquera	66
Figura 8 – Ponte de Ibiraquera - ligação entre Ibiraquera e Araçatuba	70
Figura 9 – Rancho e canoas de Manoel na Lagoa de Ibiraquera	71
Figura 10 – Sala e cozinha conjugadas, destacando a mesa e sofá, na casa de Suelem	75
Figura 11 – Camas e colchão no quarto da mãe de Leonardo	76
Figura 12 – Lousa de Francisco	78
Figura 13 – Altar e Bíblia de Cravina	79
Figura 14 – Pilão de Cravina	81
Figura 15 – Disposição dos objetos preferidos de Ary na parede de seu quarto	82
Figura 16 – Quarto e objetos estéticos de Gustavo	83
Figura 17 – Mapa da lagoa de Ibiraquera	104
Figura 18 – Construção e eucaliptos ocupando o espaço próximo as margens da Lagoa de Ibiraquera	115
Figura 19 – Canoas de Lourenço	268
Figura 20– Pedra de Suelem	270
Figura 21 – Igreja de Francisco	272
Figura 22 – Rancho de Leonardo	274
Figura 23 – Canoas de Manoel	276
Figura 24 – Prancha de Ary	278
Figura 25 – Igreja de José	280
Figura 26 – Pedra de Gustavo	282

LISTA DE SIGLAS

AMUREL – Associação dos Municípios da Região de Laguna

APA – Área de Preservação Ambiental

APP – Área de Preservação Permanente

CASAN – Companhia de Águas e Saneamento Catarinense

CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa

EIA-RIMA – Estudos de Impacto Ambiental – Relatório de Impacto Ambiental

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

PIB – Produto Interno Bruto

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SEDURB – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Justificativa	15
1.2 Objetivos	16
1.3 Composição da dissertação	16
2 A PSICOLOGIA AMBIENTAL E A INTERDISCIPLINARIDADE ..	19
3 METODOLOGIA	30
3.1 Descobrimo caminhos entre algumas possibilidades metodológicas: da abordagem ao método da pesquisa	30
3.2 Passeando pela unidade de pesquisa: Ibiraquera	31
3.3 Conhecendo os sujeitos da pesquisa: jovens e idosos da comunidade tradicional de Ibiraquera	35
3.4 Aproximando do lugar e das pessoas: a relevância do conhecimento do informante qualificado	36
3.5 Organizando as técnicas de aquisição do conhecimento: momento de resgate das outras ciências e de criatividade	38
3.6 Selecionando os instrumentos: a garantia da fidedignidade da fala, das imagens e das percepções	39
3.7 Caminhando nos pressupostos da ética: o compromisso mútuo entre pesquisadora e os sujeitos	39
3.8 Analisando os dados: o entrelaçar do conhecimento do cotidiano e o conhecimento científico	40
4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELA APROPRIAÇÃO DO LUGAR	42
4.1 O processo de apropriação do espaço chamado Ibiraquera	42
4.1.1 Do processo de construção de identidade	45
4.1.2 A identidade de lugar	56
4.1.3 A personificação do lugar: os espaços coletivos	60
4.1.4 A personificação do lugar: o objeto coletivo	71
4.1.5 A personificação do lugar: os lugares íntimos e singulares	73
4.1.6 A personificação do lugar: os objetos singulares	76
5 A AUTO-ESTIMA E O SENTIMENTO DE PERTENÇA DO HABITANTE DE IBIRAQUERA	86
5.1 A construção da auto-estima do morador nativo da comunidade	

de Ibiraquera	86
5.2 O sentimento de pertença pelo lugar: a afeição e o sentido de enraizamento em Ibiraquera	101
6 A ALTERAÇÃO DOS ESPAÇOS NATURAIS E OS CUIDADOS DOS NATIVOS RELACIONADOS À PRESERVAÇÃO AMBIENTAL.....	110
7 MODELOS TRADICIONAIS DE CULTURA E MOMENTOS PÓS-MODERNOS	128
7.1 Os modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes da comunidade de Ibiraquera	128
7.2 Espaços tradicionais transformados com a chegada da pós-modernidade em Ibiraquera	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE A: Informante qualificado	169
APÊNDICE B: Encíclica	171
APÊNDICE C: Termos de compromisso	173
APÊNDICE D: Relato das entrevistas	177
APÊNDICE E: Crônicas	267
APÊNDICE F: Glossário de expressões nativas	288
ANEXO A: E-mail de Paulo Vieira – UFSC	291
ANEXO B: Protocolo de encaminhamento de projeto de pesquisa para avaliação na comissão	293
ANEXO C: Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos – Conep	296
ANEXO D: Parecer consubstanciado de projeto de pesquisa	298
ANEXO E: Carta de aprovação do Comitê de Ética	301
ANEXO F: Assinatura dos termos de compromisso	303
ANEXO G: Carta em defesa dos caminhos dos nativos	313
ANEXO H: Cio da Terra	316

1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa em questão conduziu a pesquisadora a procurar o curso de Mestrado em Ciências Ambientais em busca de compreensões que ampliassem o seu modo de ver o mundo e, assim, descortinar uma nova prática profissional. A prática da Psicologia Social e a percepção dos problemas sócio-ambientais direcionaram o olhar à Psicologia Ambiental e à definição do **processo de apropriação do espaço**¹ como **objeto de pesquisa**.

A entrada no curso de Pós Graduação, Mestrado, em Ciências Ambientais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, de início se caracterizou como um desafio, tornando-se com o passar dos encontros uma paixão e um compromisso. A interação com os colegas do curso: os biólogos, agrônomos, geógrafos e os profissionais da “saúde”, abriram oportunidades de discussões profissionais e acadêmicas para dar conta do meio ambiente, seja o natural e o construído.

Os saberes disciplinares compartilhados e integrados, bem como os diálogos entre as diversas ciências ampliaram o universo de ações cooperativas em benefício de todos. Assim a interdisciplinaridade teve seu espaço na atuação destes novos cientistas preocupados com o meio ambiente, e dentro da psicologia, descobriu-se uma descrição sobre esta maneira de construção de conhecimento e de atuação cooperativa.

Foram estes diferentes saberes que se complementam e são articulados entre si, na tentativa de apreensão do sentido das atividades sociais humanas que deram um colorido a esta nova forma de produzir conhecimento. Foram articulações difíceis, de serem estabelecidas entre orientações congruentes dessas disciplinas, nas quais conceitos específicos resguardam e respeitam seus contextos de origem. Coube também à psicologia estabelecer relações entre teorias e disciplinas, buscando uma nova compreensão da realidade complexa, esta sim, impossível de ser explicada e compreendida a partir de um único olhar disciplinar.

Foram as discussões, muitas vezes, acaloradas e provocadas nas disciplinas que trouxeram uma gama de conhecimentos situando o contexto dos ecossistemas

¹ Apropriação do espaço: corresponde segundo Pol (sd) e pesquisadores de psicologia ambiental da Universidade de Barcelona, a uma integração física, social, afetiva e simbólica do sujeito como o lugar. Envolve o enraizamento (sentimento de pertença) e as marcas (personificação) do (s) sujeito(s) no espaço habitado. Envolve também a identificação, a criação de símbolos e significados singulares e coletivos a subjetividade na organização e transformação do espaço em lugar.

trazidos pela biologia e ecologia; das transformações sócio-culturais colocadas pela educação ambiental; nos conflitos urbanos discutidos em sociedade e espaço urbano e, por fim, nos esclarecimentos e mudança de percepção diante dos conteúdos trabalhados na disciplina de Psicologia Ambiental.

Os problemas ambientais assumem uma configuração imensa frente àquilo que parece poder fazer-se para mudar tal situação. As mudanças envolvem ações integradas entre o saber científico e o popular. Envolvem ousadia e humildade. Envolvem inovações técnicas e científicas. Envolvem participação e uma grande mudança de consciência.

Isso remete a pensar na sociedade atual tão duramente transformada pelo processo de globalização que não envolve, apenas, a economia, mas todo um sistema de valores e de compreensão da vida. A banalização dos problemas ambientais decorrentes da ação antrópica manifesta-se no desrespeito à natureza e ao próprio ser humano.

O tema proposto nesta pesquisa insere-se no contexto de uma cultura açoriana litorânea no bairro de Ibiraquera localizado no município de Imbituba, sul de Santa Catarina. Por uma situação geográfica muito especial, o bairro de Ibiraquera apresenta três lugares de interesse particular aos turistas: a Praia do Rosa, a Barra e a Lagoa de Ibiraquera. A Barra apresenta um alto grau de urbanização e possui tanto moradores fixos, quanto uma população flutuante (pessoas que possuem imóveis, mas as utilizam em temporadas) e a população turista. A Barra é bastante freqüentada, pois oferece duas opções: as águas turbulentas do Atlântico e as águas tranqüilas da Lagoa de Ibiraquera.

Os papéis sociais representados pela pesquisadora no bairro de Ibiraquera perpassam uma história pessoal vivida como nativa e turista. Nestes papéis têm-se observado que assim como as paisagens do entorno da Lagoa de Ibiraquera mudam, os seus habitantes também se renovam a cada temporada. Chegam os que querem dela usufruir seus encantos, saem os que nela nasceram para construir um novo modo de vida que o município de Imbituba não dá conta.

Ao decidir por este estudo passou-se a olhar este espaço com mais acuidade e, diante de uma boa observação, percebe-se no entorno da lagoa, atividades de carcinicultura, loteamentos clandestinos aparecendo aos poucos nas margens e com mais intensidade nos morros, mangues sendo aterrados, as áreas de restinga e dunas sendo alteradas, da Mata Atlântica aparecem pequenos fragmentos secundários. Na entrada da Barra, o espaço encontra-se bastante urbanizado,

apresentando acesso pavimentado, serviços de telefonia, energia elétrica, expansão das construções de uso particular ou público que avançam entre as dunas, como escola, restaurantes, pousadas, imobiliárias. Esta observação remete à indignação e à preocupação da existência real de uma Área de Preservação Permanente na Lagoa de Ibiraquera.

A partir dessa observação empírica, procurou-se conhecer mais de perto a situação ambiental deste espaço, por meio de um processo de aproximação com o lugar de uma forma mais científica. Conversando com Romeu Pires Filho, agente administrativo da Secretaria de Turismo de Imbituba, foi então colocado que no bairro de Ibiraquera existem apenas dois loteamentos registrados e que a Barra recebe mais de 80% de turistas em época de temporada.

Ao ser encaminhada para o Departamento de Meio Ambiente de Imbituba, que faz parte da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, o chefe deste departamento, Jailson R. Teixeira, confirmou a clandestinidade de loteamentos, citando que aquele situado na Barra de Ibiraquera tem um embargo judicial no Ministério Público Federal para construção, porém a legislação só veio, após a concessão do alvará municipal de 1982. As pessoas conseguiram uma liminar para venda dos lotes, mas não para construção. Esta incoerência impossibilita o cumprimento da lei e, assim, as construções irregulares acontecem. Segundo Jailson, as ações de seu Departamento estão mais voltadas à fiscalização, comentando o desprezo dado ao meio ambiente.

Os grandes problemas ambientais do município concentram-se na Praia do Rosa e na Lagoa de Ibiraquera. As denúncias mais freqüentes estão relacionadas à degradação, construções irregulares, invasões em áreas públicas, corte da vegetação nativa, extração mineral (areia das dunas) e despejo de resíduos domésticos nas redes pluviais. As águas das lagoas são constantemente monitoradas pelo teste de balneabilidade, porém este teste não registra a existência de poluição em níveis mais baixos. Jailson coloca que até o momento, somente a Lagoa da Praia do Rosa foi desqualificada.

Ao ser questionado sobre a urbanização do Bairro Ibiraquera, Jailson, reporta não existir nenhum planejamento de urbanização para a área que está sendo loteada com terras de herança, mas está confiante na aprovação do Plano Diretor (março de 2005) que poderá contemplar este tipo de planejamento.

1.1 Justificativa

A partir da questão acima surge a primeira questão que justifica esta pesquisa: até que ponto o encantamento que atrai o turismo afeta os modos de vida do nativo²?

A beleza do espaço evidencia a importância que o turista observa no lugar, porém, esta ocupação realizada pelas pessoas que chegam, por meio do turismo, modifica os modos de vida do nativo, pois se percebe que as roças de mandioca, milho, feijão e amendoim, cultivadas para sustento, aos poucos, estão sendo ocupadas pelos tais loteamentos clandestinos, nos quais surgem mansões e pousadas, que contrastam com as moradias populares e, em alguns locais, as casas dos mais idosos ou falecidos precisam ser demolidas, ficando somente os pés de anogueiros e os bambuzais, para sinalizar que aquele lugar já foi morada de um nativo.

Além das observações acima descritas, percebeu-se que os antigos caminhos de carros de bois que cantavam ao longo de seu destino – das roças ao engenho – estão sendo substituídos por ruas lajotadas, deixando invisíveis os rastros deste tipo de transporte, que ainda teimam em transitar pelo lugar. Notou-se, também, o desrespeito dos banhistas com relação aos pescadores nativos, pois o turista deseja ter seu lazer satisfeito enquanto o pescador precisa entrar nas águas desta lagoa, para dali tirar seu sustento. Nos espaços culturais percebeu-se, a demolição dos engenhos artesanais de farinha de mandioca. Vendidos a pouco preço, levando consigo a história e a cultura destes habitantes.

Sabe-se que o desenvolvimento é bem vindo, mas como conciliá-lo aos modos de vida desta gente? Como é ser empregado dos novos donos da terra? Como é se apropriar de novos espaços transformados em lotes, deixando para trás a cultura e a história de seus familiares? Quando e onde acontecem as tradições culturais como o terno de reis, o boi-de-mamão, a cantoria da passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo? De que maneiras lidam com a transformação do meio ambiente em que nasceram, cresceram e vivem?

Partindo desta breve contextualização, procurou-se uma compreensão do problema central da pretendida pesquisa: **Como ocorre o processo de**

² Nativo: habitante ou morador natural do lugar em que nasceu segundo ROCHA, R. Minidicionário. São Paulo: Scipione, 1996.

apropriação do espaço dos nativos que ainda habitam as margens da Lagoa de Ibiraquera?

Utilizando a técnica da história de vida com dez sujeitos da comunidade, representando cinco famílias tradicionais, procurou-se que estes relatassem seu passado, avaliassem as transformações espaciais e vividas, as experiências do presente e as expectativas de futuro para a comunidade e para o lugar que se apropriaram durante gerações.

Por fim, esta pesquisa justifica-se não somente em responder estas questões ou em alcançar objetivos determinados, mas contribuir para o avanço da Psicologia Ambiental e para o enriquecimento do Mestrado de Ciências Ambientais da UNESC, e especialmente, na reativação da consciência histórica, pessoal e coletiva dos nativos que ainda têm neste paraíso, um espaço privilegiado para viver.

1.2 Objetivos

Delimitou-se como **objetivo geral** deste estudo: compreender o processo de apropriação do espaço dos nativos que habitam o bairro de Ibiraquera no município de Imbituba – SC.

Como **objetivos específicos** foram elencados os seguintes:

- ✍ Identificar o processo de construção da identidade de lugar por meio da personificação do mesmo;
- ✍ Verificar o processo de apropriação por meio do sentimento de pertença;
- ✍ Verificar as percepções das transformações ocorridas nos espaços de viver - trabalho, lazer, moradia – em relação ao processo de não apropriação;
- ✍ Identificar atitudes nativas de preservação ambiental relacionada ao lugar: flora (mata), recursos hídricos (lagoa e nascentes), solo (terra) e fauna (peixes).

1.3 Composição da dissertação

Buscando a compreensão do fenômeno em estudo, a presente dissertação foi composta por quatro capítulos específicos, além dos capítulos referentes à composição formal da dissertação conforme as normas da UNESC.

No capítulo dois (2) foi realizada uma pequena revisão teórica sobre os conceitos e temas discutidos ao longo da pesquisa, enfatizando os conceitos e

outros que se entrelaçam com a Psicologia Ambiental como apropriação do espaço, identidade de lugar, laços com o lugar e personificação do lugar; conceitos de espaço, lugar e território com fundamento na geografia cultural; cultura, turismo no contexto das zonas litorâneas no sul catarinense trazendo autores do turismo, da sociologia e da antropologia.

No capítulo três (3) aparece a metodologia utilizada, no qual se procurou definir a abordagem da pesquisa, delimitação do universo e a discussão dos procedimentos utilizados na apreensão e análise dos dados obtidos durante o trabalho de campo.

A discussão e a análise dos resultados foram divididas em quatro capítulos apresentados a seguir.

No capítulo quatro (4) intitulado “**o processo de construção da identidade pela apropriação do lugar**”, discutiram-se as categorias fundamentais dentro da Psicologia Ambiental seguindo os seguintes subtítulos: o processo de apropriação do espaço chamado Ibiraquera; a identidade de lugar; do processo de construção de identidade; a personificação do lugar: os espaços coletivos; a personificação do lugar: os objetos coletivos; a personificação do lugar: os lugares íntimos e singulares.

No capítulo cinco (5) denominado “**a auto-estima e o sentimento de pertença do habitante de Ibiraquera**”, buscou-se reconstruir o processo de construção da auto-estima do sujeito e a relação com o sentimento de pertencer a uma comunidade em tempos de transformação. Para isto o capítulo foi subdividido em: a construção da auto-estima do morador nativo da comunidade de Ibiraquera; o sentimento de pertença pelo lugar: a afeição e o sentido de enraizamento em Ibiraquera.

No capítulo seis (6) chamado “**a alteração dos espaços naturais e os cuidados dos nativos relacionados à preservação ambiental**” foram discutidos temas referentes aos conhecimentos e cuidados dos habitantes do lugar em relação ao solo, à fauna, à flora e recursos hídricos como a lagoa, tão importantes na vida das comunidades tradicionais que vivem da pesca artesanal e da agricultura de subsistência.

No capítulo sete (7) nomeado de “**modelos tradicionais de cultura e momentos pós-modernos: o recorte de Ibiraquera**” analisou-se os dados trazidos pelos entrevistados no que se refere à cultura do lugar, bem como a transformação de seus espaços e de seus modos tradicionais de vida. Para tanto, o

presente capítulo foi subdividido em dois momentos: os modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes da comunidade de Ibiraquera e os espaços tradicionais transformados com a chegada da pós-modernidade em Ibiraquera.

No último capítulo foram apresentadas as considerações finais elucidadas pela pesquisadora e relacionadas às conclusões do estudo, bem como das dificuldades da pesquisa.

Cada capítulo teve a preocupação de ser fiel à abordagem etnográfica apresentada pelos entrevistados tentando dar visibilidade à riqueza de suas falas e a coerência com a concepção teórica reconhecida pela pesquisadora. Muitas ciências disciplinares foram acionadas e integradas a todo o processo de construção deste conhecimento que aqui se apresenta. A geografia, a sociologia, a antropologia, a história, a biologia, a etnografia, a ecologia e a psicologia em algumas áreas definidas de intervenção estiveram com a razão e o coração inter-relacionadas, integradas numa soma que resultou com o presente estudo.

2 PSICOLOGIA AMBIENTAL E A INTERDISCIPLINARIDADE

O presente capítulo oferece uma pequena introdução teórica no que diz respeito aos estudos de Psicologia Ambiental e a importância da interdisciplinaridade para a pesquisa em particular e como uma nova maneira de se compreender a ciência por meio de uma visão integradora de homem e de mundo.

As questões desta pesquisa remetem aos estudos da Psicologia Ambiental que procura compreender este processo por meio do conceito de apropriação do ambiente, definido por Gonçalves (2004, p.17), como “a interação dialética entre o sujeito e seu entorno sócio físico, e estão implicados aí os conceitos de sociedade e natureza”. As palavras de Capra (2002, p.360), complementam este conceito, ao falar do sentimento de pertença das pessoas ao espaço e as situações de saúde que advém desta interação. Segundo ele, “um aspecto importante da nova psicologia é o crescente reconhecimento de que a situação psicológica de um indivíduo não pode ser separada de seu meio ambiente emocional, social e cultural”.

Historicamente, a Psicologia Ambiental começou a surgir nos anos 70 como uma subdivisão da Psicologia Social, de modo que alcançou destaque entre as décadas de 80 e 90. Embora este salto tenha acontecido nesta última década, as sementes da Psicologia Ambiental foram plantadas no início do século XX, na Europa, quando o zoólogo Haeckel utilizou o termo ecologia ao estudar as relações de degradação ambiental causadas pelo ser humano.

A Psicologia Ambiental foi fortemente influenciada pela teoria de Campo de Kurt Lewin e pelos Movimentos Ambientistas na década de 60, preocupando-se tanto com o meio ambiente natural, quanto com o meio ambiente construído.

Dois fatos de grande relevância aconteceram para que a Psicologia Ambiental ganhasse mais atenção no Brasil: o 1º Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental realizado em parceria com 10ª Reunião Anual da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) em 1999 e a implantação da REPALA (Rede de Psicologia Ambiental Latino Americana) em 5 de junho de 2001, Dia Mundial do Ambiente.

Ainda, há poucos trabalhos científicos publicados nesta área da Psicologia, mas em 2004, um grupo de pesquisadores numa abordagem comportamental da Psicologia Ambiental lançou um livro trazendo experiências teóricas que, segundo Günther et all (2004, p.08), “procuram refletir alguns elementos do processo de

interação humano-ambiental para análise de suas relações com o desenvolvimento do ser humano”.

A Psicologia Ambiental, também ganha espaço no sul da Santa Catarina, com a defesa da tese de doutorado de Gonçalves (2002), trazendo à tona discussões sobre a apropriação do espaço degradado, por meio das atividades ligadas diretamente ao carvão, sendo paulatinamente ocupadas por pessoas excluídas socialmente, além da criação do Mestrado em Ciências Ambientais da UNESC, que oferta a disciplina de Psicologia Ambiental.

O objeto de estudo da Psicologia Ambiental se concentra “no estudo do significado simbólico do espaço e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações e interações entre as pessoas, grupos, comunidades e seus entornos” (GONÇALVES, 2004, p. 17).

A busca deste significado amplia a compreensão do pesquisador, ao mesmo tempo em que evoca a consciência de si nas pessoas em relação aos seus comportamentos, as suas interações, aos seus modos de viver, pois cada gesto, cada imagem, cada palavra traz consigo a expressão de sentimentos, que podem ser únicos ou coletivos. Assim, tanto objetos quanto “o lugar tem um significado para o sujeito que o incorpora à própria identidade” (GONÇALVES, 2004, p.18).

Com um objeto de estudo tão complexo, necessitam-se de alguns conceitos-chaves que permitam a compreensão do mesmo. Têm-se, então, os conceitos de: **apropriação do espaço** por Pol (s.d) e Gonçalves (2004); **entorno** por Gonçalves (2002); **subjetividade** por Gonçalves (2004); **identidade de lugar** (place identity) por Proshansky (1976); **laços com o lugar** (place attachment) por Proshansky (1976) e **personificação do lugar**, Pol (s.d).

A **apropriação do espaço**, na Psicologia Ambiental, envolve estes processos psicossociais que elenca a cognição, o simbolismo, a estética, o afeto e o relacional. Para Pol (s.d.), é na relação com outros sujeitos, grupos e situações objetivas ligadas ao modo de viver, de morar que vai se desenvolvendo o sentimento de pertença ao espaço. É a partir das cores, das formas, dos odores e das sensações de prazer de estar e de viver num lugar, que o sujeito vai modificando as paisagens concretas deste, deixando sua marca e, ao mesmo tempo, vai modificando sua paisagem interna, ou seja, as paisagens de seu mundo interior.

As pessoas durante o processo de apropriação apresentam dois movimentos interligados: um em direção à conquista do espaço e um outro em direção a si

mesmo. É nesta dinâmica definida em muito pela subjetividade que o sujeito vai colocando a sua marca em seus lugares, criando um espaço repleto de significados, em suma, dando uma **identidade ao lugar**. Conforme Gonçalves (2004, p. 19), “o conceito de apropriação surge em Psicologia Social e Ambiental como diferenciação e matização crítica de outros conceitos, como: “privacidade”, “intimidade”, “apego”, “personalização” e outros”. Mais adiante a referida autora coloca ainda que:

a apropriação, como processo de identificação, leva o sujeito a ser agente transformador, pois, ao apropriar-se do espaço, o sujeito deixa a sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação constante que vai desde o entorno, a casa e os objetos dentro dela (p.19).

Para o conceito de entorno, a Psicologia Ambiental considera o ambiente sócio-físico, no qual a pessoa vivencia a sua concretude de sujeito. Este conceito abrange os espaços físicos representados na rua, no bairro, na casa, nos cômodos, no quintal. Acrescenta o espaço cultural com as crenças, valores, tradições, mitos de um grupo social. Estende-se ao espaço social, compreendendo as relações com familiares, comunitárias, patriotas, com a vizinhança. Alcançando por fim, o espaço psíquico, simbolizado nos atos, nos sentimentos, nos pensamentos e nas formas internas e singulares de cada sujeito de viver, experimentar e transformar os espaços.

Gonçalves (2002), diz que o entorno envolve todo ambiente em que o sujeito se utiliza para trabalhar, construir seu lar e suas relações, fazer sua poesia, desenvolver o apego e a pertença ao lugar. É o ambiente, no qual se sonha e se transforma.

A subjetividade é o conceito que alinha todos os outros no processo de apropriação, pois é a partir da expressão singular e única de cada sujeito, desta construção do self, que os espaços criam identidade. O lugar transformado exprime um significado que indica a marca da subjetividade forjada “em um complexo processo de idéias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências” (GONÇALVES, 2004, p. 19).

Proshansky (1976) traz dois conceitos importantes no estudo de Psicologia Ambiental: a **identidade de lugar** caracterizada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores, atitudes que fazem parte de suas vivências com os lugares e de seu próprio eu. É o reconhecer-se no espaço. Os **laços com o lugar** são

construídos a partir da cultura, do espaço geográfico, das relações sociais e ambientais. Constitui-se na diferenciação entre morar e habitar. Gonçalves (2002), confirma essa diferenciação, ao dizer que a ocupação funcional num lugar é morar, porém o sujeito só habita quando se apropria de todos os espaços que envolvem o físico, o simbólico, o emocional e o cultural. Habitar pressupõe uma interação com lugares, pessoas, coisas do mundo significativo do sujeito.

A expressão **personificação do lugar** é significada pelas marcas deixadas pelo sujeito e é assim descrita pelo pesquisador:

el ser humano, como la mayoría de otros seres animales necesita marcar su territorio, aunque sea de forma sofisticada. Necesita sus referentes estables que le ayuden a orientarse, pero también a preservar su identidad ante los demás. Identidad y pertinencia, privacidad e intimidad [...] constituyen la clave de la creación y la assunción de un universo de significados que constituyen la cultura y el entorno del sujeto (POL, s.d. p. 45).

Gonçalves (2002), pontua que a marca deixada pelo sujeito revela a sua subjetividade e a sua afetividade ao lugar. O lugar mostra-se carregado de emoções no enfeite da casa, no cuidado do jardim, na realidade por ele construída.

A Psicologia Ambiental e toda área do conhecimento que procure estudar e compreender o ser humano em suas interações com o ambiente, terá que se apropriar de uma atitude interdisciplinar, dialogar e trabalhar em parceria com outras fontes do conhecimento, como afirma Strey (1998, p. 233), “atenta à **interdisciplinaridade**, em função da complexidade de objetos, a Psicologia deve buscar novas fontes e novos referenciais.”

De acordo com Vilela (2003), a idéia de um saber unitário sempre existiu na história do pensamento, como a idéias de cosmos na Grécia, e na Idade Média com a aceitação do deus criador, os quais sustentaram a unidade do saber. Por volta do século XVII houve a desintegração da unidade do saber, surgindo Descartes e a ciência cartesiana. A partir daí, a ciência ocidental se desenvolveu fundamentada na especialização.

Floriani (2004) afirma que as disciplinas desenvolvem sua própria cultura em torno de seus objetos de estudo que, por sua vez, sofrem sucessivamente novas fragmentações por meio de especializações. Com esta visão de homem e de mundo reducionista, surgiu a necessidade de uma reforma do pensamento científico, que segundo o autor, revalorizou outros saberes e possibilitou novas associações entre os conhecimentos.

Capra (2002), explica a importância da totalidade pelas teorias sistêmicas, enfatizando que essa é uma nova visão da realidade que se baseia na consciência do estado de inter-relações e interdependência essencial de todos os fenômenos.

A realidade deste novo milênio, como coloca Jacobi (2004), exige uma reflexão centrada na inter-relação dos saberes e práticas coletivas, privilegiando o diálogo entre os saberes. O desafio da interdisciplinaridade é o de transcender aos resultados encontrados isoladamente nas disciplinas científicas.

Além da interdisciplinaridade, está a transdisciplinaridade, que como salienta Carvalho (2004), propõe uma unificação dos conhecimentos disciplinares, em que cada especialização do conhecimento fusiona em um amplo corpo de conhecimentos universais, com capacidade ilimitada do saber.

Portanto, a interdisciplinaridade, nesta pesquisa torna-se uma exigência imprescindível e o diálogo com a Geografia é fundamental no estudo de apropriação do espaço, afinal esta ciência nos leva aos conceitos de **território, espaço e lugar** trazidos por Santos (1997; 2000), afinados com os conceitos indicados pela Psicologia Ambiental.

Na definição de território como um conjunto de lugares e objetos materiais e naturais com os quais as pessoas se relacionam, entram em sintonia, identificam-se. Santos (2000), vai além dessa configuração conceitual, pois para ele:

o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. A linguagem regional desse mundo de símbolos, ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos (p. 61 – 62).

O espaço compõe uma das categorias fundamentais da Geografia e extremamente relevante no estudo da Psicologia Ambiental. É o espaço que inclui todas estas categorias como lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população. Santos (1997) descreve espaço como um intermediário das relações que se estabelecem entre o sujeito e os objetos, ou seja, o espaço é o que resulta da ação humana sobre este mesmo espaço.

Santos (1997, p. 72), argumenta que “o espaço resulta do casamento da sociedade com uma paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem”. Mais à frente, o referido autor continua: “o espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a

sociedade encaixada na paisagem, a vida palpita conjuntamente com a materialidade” (SANTOS, 1997, p. 73).

Santos (2000) reflete acerca do lugar, ele revela o lugar como sendo constituinte do valor dado ao sujeito. Assim sendo, cada pessoa, ao experimentar os lugares nos diversos papéis que desempenha no seu cotidiano, vai delineando também o seu valor social. O sujeito produtor, cidadão, consumidor, estudante, proprietário, empregado, vai ocupando os lugares e sendo mais ou menos valorizado por isto. Tanto o lugar quanto o sujeito tem sua valorização no dinamismo do contexto social, econômico, histórico e político. Em sua consciência politizada, Santos (2000, p. 123), aponta que: “o cidadão é um indivíduo num lugar. A República somente será democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independente do lugar onde estejam”.

Santos (1997, p. 34), ainda coloca a geografia como a “ciência dos lugares”, presumindo que os lugares podem continuar os mesmos, porém o processo histórico-cultural muda e traz atribuições novas aos lugares. Dessa forma, neste estudo, o lugar está intimamente ligado ao sentimento de pertença que o sujeito tem com o mesmo, por isto foi escolhida dentre tantas passagens as que mais se identificaram com o projeto em questão:

para mim, a terra natal não é exatamente o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do nosso coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta (SIEGFRIED LENZ, 1985 apud SANTOS, 2000, p. 69).

Espaço e lugar são temáticas bastante pesquisadas também por Tuan (1980, p. 107), o qual chegou a criar a expressão “topofilia” para descrever o sentimento de pertença do sujeito no ambiente, e que defende em um sentido mais amplo seus laços afetivos com o espaço e com os lugares. As respostas ao espaço podem ser de ordem estética, tátil, representadas no ato de “sentir o ar, água e terra”. Mas também, podem ser permanentes como os sentimentos que as pessoas têm para com os lugares, “por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.”

Outros conceitos teóricos importantes e que levam a pesquisadora a ampliar seu olhar referem-se à **comunidade tradicional** em Diegues (2000) e à **cultura** em

Claval (1999) e Morin (2005). Estes levam a pesquisadora a entrar nos conhecimentos trazidos pela sociologia e pela geografia cultural estabelecendo uma integração com os conceitos da Psicologia Ambiental.

Quando o destaque do pesquisador direciona-se às relações do ser humano com o meio ambiente compreende-se que os dois conceitos estão intimamente entrelaçados, pois Diegues (2000) conclui que é o conhecimento transmitido pela cultura que permite que as comunidades tradicionais entendam, representem, manuseiem e enriqueçam o espaço onde vivem e trabalham durante gerações. A paisagem torna-se “fruto de uma história comum e interligada: a história humana e natural”, argumenta Diegues (2000, p. 14).

Por comunidade tradicional se compreendem os grupos humanos que veneram o passado e valorizam os símbolos e significados construídos ao longo do tempo, perpetuando a experiência das gerações por meio da tradição. Giddens (1990, p. 38) afirma que a tradição torna-se “um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez são estruturados por práticas recorrentes.”

Hall (2005, p. 75) ainda pontua que estas comunidades tradicionais se diferenciam das sociedades modernas, porque estas últimas são definidas como sociedades de constante mudança. Sendo assim, as comunidades ou sociedades tradicionais mantêm “vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento”

O grande elo que une as pessoas de uma comunidade tradicional é a cultura. Para Claval (1999, p. 63), cultura é a primeira herança que se transmite de uma geração a outra, se constituindo “da soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte.” Concordando com Santos (2000), Claval (1999, p. 63) afirma que a cultura tem seu enraizamento no “passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam.”

Portanto, a cultura está onde está o ser humano, seja em sociedades pós-modernas, modernas, híbridas ou tradicionais como mostra Morin (2005):

não há sociedade humana, arcaica ou moderna, sem cultura, mas cada cultura é singular. O vínculo entre a unidade e a diversidade

das culturas é crucial. A cultura constitui a herança social do ser humano; as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico (p. 61).

As comunidades tradicionais das regiões costeiras, em plena era da globalização, convivem cotidianamente com outras culturas que chegam à maioria das vezes com o turismo, o que leva Wallerstein (1999) a questionar sobre as transformações que estão ocorrendo, pois ele acredita que essas transformações devem ser consideradas mudanças de um lugar e de uma cultura, para uma “cultura de extensão universal”, ou ao contrário, as populações estão sob pressão para abandonarem a sua própria cultura e adotar a cultura do poder imperialista ocidental?

Quando se aproxima dos novos discursos que emergem com a pós-modernidade procura-se entender um pouco mais sobre o **espaço costeiro** e o impacto do **turismo** nestas comunidades, que habitam as margens do Atlântico Sul Brasileiro, recortando nesta pesquisa a comunidade tradicional de pescadores artesanais e agricultores de subsistência de Ipira, situada na Zona Costeira de Santa Catarina.

A Zona Costeira Brasileira compreende uma faixa de 8.698 km de extensão e largura variável contemplando um conjunto de ecossistemas contíguos sobre uma área de aproximadamente 324 mil km². Nesta faixa se concentra quase um quarto da população do país, em torno de 36,5 milhões de pessoas (IBGE, 2000) apropriadas em 400 municípios com uma densidade média de 121 hab/km². Treze das dezessete capitais dos Estados litorâneos situam-se a beira-mar.

Ainda no Estado Catarinense, muitas cidades e balneários também ocupam o litoral. A zona costeira sul catarinense, segundo Diegues (1996) foi paulatinamente ocupada ao longo de mais de três séculos, os relatos históricos comprovam que o litoral catarinense foi o caminho da colonização sulina.

Atualmente, em dados observados pelo Ministério do meio Ambiente (2005) percebe-se que as atividades econômicas na Zona Costeira Brasileira são responsáveis por cerca de 70% do PIB nacional. Esses espaços vêm sendo objeto de acelerado processo de ocupação, direcionando as tendências associadas à dinâmica econômica emergente (a exemplo do turismo e da segunda residência), e o reflexo desse processo na utilização dos espaços, no aproveitamento dos respectivos recursos e para esta pesquisa no impacto causado às comunidades nativas.

Segundo a proposta do Projeto de Lei nº. 216 de 1987 (artigo 2), o Plano de Gerenciamento Costeiro do Brasil visa “a utilização racional dos recursos na Zona Costeira de forma a contribuir para elevar a qualidade de vida de sua população e a proteção do seu patrimônio natural, histórico, étnico e cultural.”

Primack (2002) argüi que uma das medidas mais controvertidas no gerenciamento da zona costeira e na preservação de comunidades biológicas é o estabelecimento das áreas legalmente protegidas. Os dois mecanismos mais comuns para a criação destas áreas são: a ação governamental (nacional, regional ou local) e aquisição de terras por pessoas físicas e organizações de conservação.

A história da implantação de áreas protegidas na África, Ásia e América Latina, nas primeiras décadas do presente século, gerou conflitos sociais e culturais sérios com as populações locais. Diegues (2000, p. 11) enfatiza que os conflitos se tornaram mais sérios após os anos 70 “quando essas comunidades local-tradicionais começaram a se organizar e, em muitos casos, a resistirem à expulsão ou a transferência de seus territórios ancestrais, como dita o modelo preservacionista”.

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), foi desenvolvido um sistema de classificação para áreas protegidas, sendo que o 7º item referente às áreas bióticas e reservas antropológicas permite que as sociedades tradicionais continuem mantendo seu modo de vida sem interferência externa. Frequentemente, estas pessoas caçam e extraem recursos para uso próprio e praticam uma agricultura tradicional.

Como definição para a APA tem-se o seguinte:

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), PL 2.892/92 no artigo 15 define APA como sendo uma área em geral, extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e ou bem estar das populações humanas, e, tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação. Assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (SISTEMA DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, artigo 15, 1992).

Segundo Primack (2002) as áreas protegidas, entre 7% a 10%, nunca serão mais do que uma pequena porcentagem da superfície da Terra, tendo em vista as necessidades da sociedade humana. No Brasil, o Ministério do Meio Ambiente

(2005) pontua que as unidades de conservação protegem 8,5% da superfície brasileira, enquanto que o WWF (2000) afirma que representa apenas 0.4% .

O município de Imbituba possui tanto Áreas de Preservação Permanentes, quanto Área de Proteção Ambiental (Projeto Baleia Franca) que apresentam um espaço estratégico para a implantação do turismo de veraneio e de observação. É justamente a beleza ímpar de suas praias cercadas de areias brancas e costões, que faz destas Unidades de Conservação a atração de novos turistas a cada temporada de férias de verão ou de observação das baleias em período de amamentação de seus filhotes.

O litoral catarinense, em evidência a comunidade de Ibiraquera, possui especificidades com relação ao restante do território, como a Lagoa de Ibiraquera e a divulgação internacional da Praia do Rosa, tornando-se, nos últimos anos os lugares mais procurados para o turismo na região de Imbituba. Além disso, Câmara (2001) argumenta sobre o expressivo significado histórico do espaço litorâneo sul catarinense, pois mantém a natureza relativamente preservada, a atratividade cultural, bem como a proximidade das metrópoles e cidades industriais, e a localização no contexto do MERCOSUL que aumentam o fluxo turístico nacional e internacional.

O turismo no litoral, na visão de Pereira (2005) pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades, porém ao mesmo tempo, tem o potencial de degradação do ambiente natural, das organizações sociais tradicionais bem como da decadência da herança cultural destas populações.

Uma das mudanças que se evidencia, a curto prazo, com a chegada do turismo é a organização comunitária baseada na agricultura e na pesca artesanal típicas dos habitantes nativos no litoral catarinense. As transformações desta forma de trabalho ocorrem pelo declínio das atividades tradicionais, muitas vezes, desqualificadas pelos próprios habitantes, pela urbanização acelerada, pelo crescimento do setor do comércio e serviços, destacando segundo Câmara (2001) a verticalização das residências bem como a construção de casas de veraneio, hotéis, bares, restaurantes e a inserção de um novo ritmo de produção, a sazonalidade.

A sazonalidade tão bem apreciada pelos pescadores e agricultores destas regiões, tanto para a pesca de determinadas espécies quanto para o plantio de seus alimentos, encontra no turismo, na época da alta temporada e respaldada no

verão que corresponde às férias escolares, mobilizando um grande valor econômico para as regiões e um prejuízo socioambiental e afetivo aos moradores nativos. A mesma sazonalidade aparece no inverno em Ibiraguera em função dos feriados, férias escolares de julho e na observação das baleias francas. Isto acontece porque muitos dos turistas construíram casas de veraneio na região.

Como pontua Harvey (1989, p. 240), o “espaço se encolhe para se tornar uma aldeia global”, pelo menos algumas vezes no ano em Ibiraguera, no município de Imbituba – SC, para receber a cada ano, novos moradores que aos poucos vão modificando o jeito de ser, de viver e de se apropriar do espaço desta comunidade tradicional.

3 METODOLOGIA

Este capítulo objetiva situar o pesquisador no processo de construção metodológica desta pesquisa por meio de uma linguagem poética, cotidiana e ao mesmo tempo científica. Está organizado por meio de tópicos, passando pela construção do método, a localização da unidade de pesquisa e a escolha dos sujeitos, o detalhe do processo de coleta e análise dos dados.

3.1 Descobrimos caminhos entre algumas possibilidades metodológicas: da abordagem ao método da pesquisa

A presente pesquisa se caracterizou pela **abordagem qualitativa** tendo como principal **método, o estudo de caso** dos nativos que vivem às margens da Lagoa de Ibiraquera. A escolha da abordagem qualitativa se deu pela necessidade de compreender o processo de apropriação dos sujeitos desta pesquisa e teve sua fundamentação na prática metodológica de Minayo (2002), ao aprofundar o mundo dos significados das ações e relações humanas em um lado não perceptível e não captável em números, pois trabalha com as motivações, crenças e valores.

Triviños (1990), também aponta algumas características básicas da pesquisa qualitativa, como: ter o ambiente natural como fonte direta dos dados, ser descritiva, ter a preocupação com o processo. Todas estas características tiveram uma relevância fundamental em todo o processo de construção do projeto, entrada no campo, momento das entrevistas e da devolução, assim do processo dissertativo do trabalho escrito.

Quanto ao método, Minayo (2002), revela que este é a alma da pesquisa. E nesta foi escolhido o estudo de caso que segundo Goldenberg (2002, p. 33), se constitui de “uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos”. Assim, o método adotado enviou a pesquisadora para a investigação de uma unidade que embora integrado a um sistema mais amplo, dirigiu seu foco de interesse para aquilo que havia de mais particular e único: o processo de apropriação destes nativos em um espaço em plena transformação em todas as dimensões: ambiental, social, cultural, econômica e, que se reflete na identidade de lugar desses sujeitos.

Lago (1996) relata que o método que traz em seu desenvolvimento aspectos antropológicos torna mais explícitas as dificuldades de uma sociedade complexa em processo de intensa transformação principalmente se esta for “determinada por contato intrusivo, brusco, intenso, provocando choques culturais e a desestruturação das atividades produtivas e da vida material” (LAGO, 1996, p. 19).

3.2 Passeando pela unidade de pesquisa: Ibiraquera

Para este estudo de caso recortou-se como **unidade de pesquisa** a comunidade do bairro Ibiraquera, no município de Imbituba – SC, composta por cinco (5) famílias antigas que permanecem habitando o bairro.

O município de Imbituba ocupa uma área de 185 Km², integrando, para fins de planejamento estadual a microrregião de Laguna e da Associação de Municípios da Região de Laguna - AMUREL, composta de 16 municípios. Seus limites territoriais são: ao Norte – Garopaba e Paulo Lopes; ao Sul – Laguna; ao Leste - Oceano Atlântico e ao Oeste - Imaruí. A população atual é de 38.681 habitantes (IBGE 2005)

MUNICÍPIO DE IMBITUBA

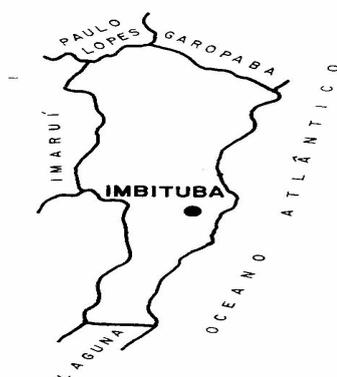


Figura 1 - Limites de Imbituba - Fonte: Martins, 1979

A origem toponímica de Imbituba e de grande parte de seus bairros vem da linguagem tupi-guarani, comunidade indígena que segundo Lino (2003, p.43), habitava o litoral sul catarinense “desde há quatro mil anos”.

Como afirma Gonçalves (2002),

Todos os lugares habitados têm nome. A toponímica é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar a costa litorânea foi à primeira tarefa dos descobridores. O batismo do lugar, no dizer de Claval (1997), não é feito somente para ajudar uns aos outros, mas também para tomar posse (real ou simbólica) do espaço (p. 67).

Na linguagem tupi-guarani “imbé” significa “cipó”, mais o sufixo “tuba” ou “tuva”, que significa “abundância”. Deste agrupamento de terminologias nasceu o nome da cidade conhecida como Imbituba, significando “lugar de muito cipó”. A colonização do município, conforme Neu (2003) ocorreu no século XVIII por um significativo contingente de colonos açorianos, assim como de escravos.

Após um passeio por Imbituba, percorreu-se um novo caminho que descortinou o bairro de Ibiraquera, local desta pesquisa.



Figura 2 - Localizando Ibiraquera –
Fonte: br.geocities.com/ibiraquera - 2006

Cercado por lindas praias e suas lagoas, o bairro Ibiraquera por sua vez, deve também ter inspirado os ancestrais desta terra, chamando-a de “Ibirá” que significa “pau” e o sufixo “Ku’er” significando “velho”, dando origem ao nome Ibiraquera. Desta soma de palavras de origem tupi, Ibiraquera quer representar o “recanto de vegetação antiga”. Ainda hoje, se encontra nos morros da Barra de Ibiraquera e na Praia do Rosa, dois grandes sambaquis, lugar sagrado dos primeiros habitantes do bairro e que servem de referência para os atuais nativos. Estes lugares, entre outros que estão sendo mapeados para proteção histórica de Imbituba, farão parte dos Eco-museus, após a efetivação do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável de Imbituba em 2005.

Diante de tantos significados trazidos pela civilização tupi-guarani para nomear os lugares que habitavam até serem extintos, fica a marca toponímica deixada por eles para a história, hoje lembrada muitas vezes sem o conhecimento e a consciência de quem sabia conviver com a natureza. Anísio Mello ao prefaciar a obra de Masucci (1978), assim se coloca: “as linguagens primitivas, em extinção ou não, fazem parte de um acervo cultural indispensável para qualquer país que preza as suas raízes, e zela pela imortalidade do que há de mais autêntico e puro, que é língua de seus ancestrais”.

Embora seja encontrado este significado para a toponímica de Ibiraquera, os atuais habitantes apontaram, durante o processo de pesquisa, outros variantes simbólicos. Segundo alguns entrevistados, o nome Ibiraquera está ligado à árvore Imbira, muito comum na região, hoje praticamente extinta. Trata-se de uma planta utilizada pelas pessoas da comunidade para fabricar cordas, dada à resistência de seu tronco. Já um pesquisador nativo, em sua monografia relaciona o topônimo às águas claras de suas lagoas (ADELINO, 1992).

É nesta paisagem que Ibiraquera enamora seus visitantes e que o turismo se populariza neste espaço. Entre os muitos lugares de apropriação nativa e de ocupação turística, observam-se nas praias os favoritos pelos novos habitantes.

Tanto na Barra quanto na Praia do Rosa aparece uma proliferação de bares, restaurantes, pousadas, casas luxuosas dos veranistas em contraste com as casas mais rústicas dos nativos. As estradas de chão ou de calçamento substituem os antigos caminhos de carro de boi ou as trilhas dos nativos que as utilizavam para chegar até as roças ou ao mar. São estradas sinuosas, contornando as encostas dos morros, ou subindo literalmente, sendo em alguns pontos estreitas e perigosas

e por onde circulam uma grande quantidade de veículos durante as temporadas de veraneio ou férias escolares.

Os turistas que se instalam no entorno da lagoa, constroem suas casas muito próximo à margem da mesma, já na Praia do Rosa e na Praia do Luz as casas avançam morro acima, ficando com os lugares privilegiados quanto à contemplação da paisagem e longe dos nativos. É perceptível o aumento de estradas, construções, veranistas e turistas nos últimos anos. Com este aumento chegou também o progresso, a urbanização e o reflexo da transformação dessa comunidade rural em seu modo de vida tradicional e nas mudanças psicossocioculturais dessa gente.

Para Jacobs (2000):

Não há dúvida de que um bom bairro é capaz de absorver novos habitantes, tanto moradores por livre escolha quanto imigrantes que se instalam por conveniência, e também é capaz de resguardar uma população transitória considerável. Mas estes progressos e essas mudanças precisam ser gradativos. Para autogestão de um lugar funcionar, acima de qualquer flutuação da população deve haver a permanência das pessoas que forjaram a rede de relações do bairro (p. 151).

Para tanto, Ibiraquera tem seus limites geográficos por meio de bairros assim estabelecidos ao norte - Grama, a oeste - Araçatuba, ao sul - Arroio e ao leste - Oceano Atlântico com uma população de 2500 habitantes (Koerich, 2002) e uma extensão territorial de aproximadamente 15 Km², segundo Renato César Fernandes (2006), Desenhista Técnico da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Imituba – SEDURB

No bairro de Ibiraquera, segundo Jailson Ribeiro Teixeira (2005), chefe e fiscal do Departamento do Meio Ambiente de Imituba, encontram-se a Área de Preservação Ambiental – APA, em função do Projeto Baleia Franca, e a Área de Preservação Permanente – APP que envolve as margens da lagoa e riachos como as dunas, restinga e mangues. Estes espaços possuem uma zona de proteção de 33 metros a partir do ponto mais alto das cheias. São importantes para preservação da flora e fauna da região, bem como do processo erosivo que pode ser desencadeado pela degradação do ambiente.

Desde o ano 2001, o bairro de Ibiraquera está no processo de implantação da Agenda 21, como relata Maria Aparecida Ferreira Gonçalves (julho, 2005), Coordenadora da agenda 21 local e líder comunitária. A população conta com um

trabalho de pesquisa-ação desenvolvida em parceria com a UFSC e coordenado pelo Professor Paulo Vieira (anexo A) que mobiliza pescadores e habitantes da região.

3.3 Conhecendo os sujeitos da pesquisa: jovens e idosos da comunidade tradicional de Ibiraquera

A definição da **amostra** teve como fundamento teórico as afirmações de Minayo (2002), que enfatiza a representatividade pela profundidade da análise e pelo rigor do detalhamento metodológico e não pela quantidade de sujeitos. Nas ciências sociais o objeto de pesquisa é complexo, levando normalmente a uma amostragem menor.

O problema emergiu em encontrar sujeitos que tivessem uma vinculação significativa com o problema da pesquisa. Com base na aproximação do lugar, a amostra foi composta de dez (10) sujeitos oriundos de cinco (5) famílias tradicionais que habitam o bairro de Ibiraquera. Segundo Martins (1979), as primeiras famílias colonizadoras de Ibiraquera foram a Teixeira e a Couto, por volta de 1800.

O critério para escolha das famílias foi o tempo de ocupação do lugar, ou seja, as famílias nativas mais antigas. Estas famílias têm raízes seculares dentro do bairro, tentando e realizando geração após geração, manter o legado sócio-cultural e lingüístico de seus antepassados açorianos, assim como dos indígenas. Segundo um levantamento da coordenadora da Agenda 21 Local, existe neste ano de 2006, apenas 30 famílias tradicionais habitando Ibiraquera.

Os sujeitos dessa pesquisa estão sofrendo mudanças sociais rápidas e violentas, se deparando com choques culturais entre os modos de vida tradicional e os novos modelos trazidos das sociedades urbanizadas.

O critério para a escolha dos sujeitos foi a faixa etária, considerando duas (2) pessoas, ou seja, o mais idoso e um jovem de cada família. Na procura pelos sujeitos, sempre foi seguida uma ordem: primeiro o idoso e depois o neto. De todas as famílias, somente dois netos apontados por seus avós, negaram participar e foram substituídos por outros, nas mesmas condições estabelecidas pela pesquisadora.

A amostra então, foi composta por quatro idosos casados e aposentados da lavoura, porém, ainda em plena atividade com criação de gado, pesca e plantio de pequenas roças de mandioca. Suas casas, embora mais modernas, conservam o

engenho e a produção de farinha. Entre os idosos, somente uma viúva e aposentada da costura, não conservou o engenho de farinha agregado a sua casa, porém, tem em seu quintal, ervas medicinais das quais faz uso, e canteiros de flores. As idades variaram entre 75 e 83 anos.

Quanto aos jovens, somente uma entrevistada em meio aos homens, dois deles com ensino médio completo, dois em séries do ensino médio e uma com curso universitário completo. Em relação à ocupação profissional, um tem emprego assalariado, três trabalham informalmente e um não trabalha. As idades variaram entre 15 e 24 anos. Uma das finalidades de escolha das famílias pelo critério etário estava em perceber a mudança nos modos de vida e a alteração dos significantes simbólicos entre a 3ª e 1ª geração pesquisada.

Portanto, os sujeitos aqui descritos se movimentam entre o mundo rural em direção ao mundo urbano. Esta direção se dá, na maioria das vezes, pelos jovens na busca de novas oportunidades de trabalho assalariado. A identidade dos entrevistados teve no trabalho o seu grande definidor, pois como disse Ciampa (1987), eles se identificam primeiro pelo substantivo: o nome; complementando depois pelo verbo: pelo que faz.

3.4 Aproximando do lugar e das pessoas: a relevância do conhecimento do informante qualificado

A **aproximação** com a comunidade apresenta-se como uma das fases da pesquisa qualitativa e no primeiro momento foram realizadas caminhadas ao longo do bairro, em julho de 2005, em busca de moradas antigas, na observação das paisagens que foram sendo fotografadas por indicar lugares que indicavam marcas da ocupação dos habitantes.

Na foto abaixo se encontra uma das marcas mais significativas do espaço habitado por nativos em Ibiraquera. Como os nativos gostam de árvores no entorno de suas moradias, ao longe se pode identificar suas habitações. Elas são demarcadas por quintais sem muros e com uma vegetação típica de abacateiros, cafezais, laranjeiras, goiabeiras e os imponentes e seculares anogueiros. Na chácara abandonada indicada na imagem, observa-se um antigo anogueiro com seus grandes galhos sinalizando não somente a moradia de uma família nativa antiga mais também entrada dos novos tempos por meio da venda destes espaços aos novos ocupantes de Ibiraquera.



Figura 3 - Chácara abandonada - Foto: João Batista de C. Jerônimo - 2005

Nesse período, estabeleceu-se um contato mais estreito com a comunidade, observando-a em sua geografia e as pessoas que a habitam, nela trabalham e convivem.

Num segundo momento a aproximação foi com representantes de órgãos públicos (prefeitura, associações), no intuito de obter um conhecimento macro da realidade local. Junto a este processo procurou-se um **informante qualificado** (apêndice A) que conhece todos os moradores ou que mantém laços de intercâmbio com os mesmos.

Para Minayo (2002), o informante-chave facilita o processo de aproximação com os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, a este informante foi argumentado o interesse pela pesquisa e os sujeitos procurados pela pesquisadora: famílias tradicionais que tivessem avós e netos vivendo em Ibiraguera e que nunca tivessem saído para morar em outro lugar. Essas famílias foram nomeadas pelo informante e sua esposa numa tarde de domingo, no próprio domicílio do informante qualificado.

Após a qualificação, a pesquisadora dirigiu-se às famílias indicadas para contrato dos sujeitos, nesta etapa explanou-se o estudo a ser desenvolvido e agendado o dia, horário e local para realização da entrevista. Todas as entrevistas foram realizadas nos domicílios dos nativos aos sábados, domingos e feriados em

função da disponibilidade da pesquisadora. As entrevistas ocorreram em período vespertino.

3.5 Organizando as técnicas de aquisição do conhecimento: momento de resgate das outras ciências e de criatividade

Como técnicas de **coleta de dados** foram utilizadas a **história de vida e registros etnográficos por meio da imagem**. A história de vida foi utilizada como uma **entrevista aberta** já que se iniciava com uma encíclica (apêndice B) e as perguntas que surgiram no decorrer das narrativas tinham como objetivo elucidar pontos relevantes da pesquisa. Assim como Minayo (2002), a pesquisadora observou que a história de vida retratou as experiências vivenciadas, trazendo uma compreensão da realidade a ser estudada, além de permitir um retorno de vivências para o sujeito, nas quais se encontram as dimensões coletivas e individuais.

Haguette (1987), ao referenciar a história de vida como uma relevante técnica de coleta de dados, distingue que essa se preocupa com a fidedignidade das experiências e interpretações do sujeito sobre seu mundo, fornecendo palpites sobre a subjetividade do estudo e oferecendo riqueza de detalhes que deram sentido ao processo do conhecimento.

Esta coleta de informações possibilitou conhecer estas famílias em seu modo de vida, seu modo de produção, sua forma de apropriar-se do espaço, suas crenças, suas dificuldades, suas percepções e decepções, sua ambivalência quanto ao processo de transformação do lugar por meio do turismo, sua identidade, seu jeito de ser e de conviver com a comunidade, sendo que todas as entrevistas foram individuais.

Tendo a história de vida como técnica de colher dados, a pesquisadora aprendeu a interferir o mínimo possível na fala do sujeito, seguindo o exemplo de Lago (1996), ou seja, estar atento ao outro, deixando se envolver por ele. Ter a humildade de calar a própria voz para escutar a dele, procurando desvendar a sua visão de mundo. Essa é a técnica da fala que foi complementada com a **técnica da imagem**, criada pela pesquisadora.

A imagem, segundo Joly (1996, p. 42), é traduzida como uma “linguagem universal” e ao mesmo tempo singular, pois nela está o “reconhecimento de seu conteúdo”. As imagens tiveram o objetivo de sintonizar a linguagem oral à linguagem visual dos entrevistados, e com isto suas lembranças, suas memórias, seus afetos, seus lugares singulares e coletivos. Assim, após a narrativa das

histórias de vida, os entrevistados foram convidados a indicarem lugares simbólicos de suas vivências e seus significados relacionados ao espaço interno de suas casas, ao entorno de suas moradias e de sua comunidade e que foram transformados em imagens pelas lentes da câmera fotográfica.

3.6 Selecionando os instrumentos: a garantia da fidedignidade da fala, das imagens e das percepções

Como **instrumentos de registro** foram utilizados o gravador, a máquina fotográfica e o diário de campo. Minayo (2002) pontua que a gravação e as fotografias ampliam o conhecimento do estudo, porque documentam momentos ou situações do cotidiano vivenciados pelo sujeito. Nenhum dos dois instrumentos foi questionado pelos sujeitos, sendo que oito dos 10 entrevistados fizeram questão de ter sua imagem registrada junto aos seus lugares significativos. O diário de campo foi um “amigo silencioso” que acompanhou a pesquisadora desde a aproximação até o último dia de investigação. Foi nele que a pesquisadora anotou as suas “percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas por meio de outras técnicas”. (MINAYO, 2002, p. 63).

3.7 Caminhando nos pressupostos da ética: o compromisso mútuo entre pesquisadora e os sujeitos

A pesquisa foi norteada por toda uma atitude ética, conforme o Comitê de Ética da Universidade, sendo preenchidos o Protocolo (anexo B) e a Folha de Rosto do Conep (anexo C), encaminhados então, ao referido comitê. Recebeu-se o Parecer consubstanciado (anexo D) junto à Carta de aprovação do projeto em primeira instância (anexo E). A presente pesquisa envolveu a garantia do sigilo, da privacidade e o direito à recusa do sujeito, em qualquer momento da pesquisa. Quanto ao anonimato, embora estivesse assegurado aos sujeitos, oito deles fizeram questão de que aparecesse tanto o nome como a sua imagem pessoal por meio das fotos. Na última família entrevistada, tanto o neto quanto a avó adotaram a posição de conservar o anonimato, por meio de um pseudônimo e não aparecendo nas fotos dos lugares por eles indicados.

Para garantir as questões éticas foram elaborados três modelos de termos de compromisso (apêndice C), de acordo com a vontade dos sujeitos. No dia da

entrevista a pesquisadora leu e esclareceu cada item dos termos de compromisso livre e informado junto aos sujeitos, e a assinatura aconteceu por escolha dos mesmos. Esta foi realizada em duas vias (anexo F), uma ficou com a pesquisadora e a outra ficou com o entrevistado. Para os netos menores de idade foi redigido um terceiro modelo de termo, que foi lido e assinado tanto pelo jovem quanto pelo responsável.

Após a transcrição das histórias relatadas, e reveladas as fotos, a pesquisadora retornou às famílias para que as informações fossem validadas ou acrescentadas pelos sujeitos. O processo de transcrição ocorreu reproduzindo literalmente tanto a fala da pesquisadora quanto do entrevistado, com todas as características, erros, fusões de sílabas, omissão de letras, risadas, momentos de silêncio, conservando termos típicos do linguajar açoriano, que utiliza expressões portuguesas antigas incomuns no restante do país. Esse linguajar acaba sendo também, um traço de identidade do nativo de Ibiraquera. A devolução foi um momento de muita emoção pelos entrevistados, com manifestação de choro e de alegria. Alguns solicitaram uma cópia da entrevista, o que foi garantido pela pesquisadora após a defesa da dissertação, assim como uma cópia de cada crônica por ela produzida.

O período de coleta de dados aconteceu com a aproximação do lugar em julho de 2005, sendo que as entrevistas de história de vida aconteceram de março a abril de 2006.

3.8 Analisando os dados: o entrelaçar do conhecimento do cotidiano e o conhecimento científico

A **análise dos dados**, segundo Triviños (1990), é retroalimentada e interligada à coleta de dados. Para esta fase foi escolhida a proposta dialética de Minayo (2002), baseando-se na compreensão das falas dos sujeitos e nos conceitos da Psicologia Ambiental, integrados em três (3) momentos:

A ordenação destes ocorreu a partir da transcrição das gravações, revelação e ordenação das fotos, releitura do material, organização dos relatos das entrevistas (apêndice D), das anotações do caderno de campo e dos dados da observação. Após a ordenação foram elaboradas crônicas (apêndice E) individuais para cada entrevistado. Foi transcrita a carta sobre os caminhos (anexo A) e criado um dicionário com as expressões nativas (apêndice F) trazidas pelos sujeitos

durante as entrevistas sendo fiel ao sentido dado neste momento da fala, já que muitas expressões apresentam outros significados em contextos diferentes.

A classificação dos dados fundamentou-se na teoria da Psicologia Ambiental durante a construção do projeto da pesquisa e na elaboração de categorias fornecidas pelos conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar, laços com o lugar e personificação do lugar. Porém, pela complexidade do tema, a discussão precisou se articular com conceitos cultura, turismo, comunidade tradicional, ecossistema, poluição, degradação trabalhados em outras ciências como: sociologia, antropologia, geografia, etologia, biologia, história entre tantos outros, reforçando ainda mais a interdisciplinaridade tanto no aspecto teórico quanto na prática de pesquisadores que abordam as questões referentes ao meio ambiente.

Para a análise final foram estabelecidas articulações entre os dados coletados nas entrevistas, nos registros etnográficos e os conceitos dos referenciais teóricos da pesquisa, procurando traduzir os significados trazidos pelos entrevistados.

Assim, a análise foi dividida em quatro capítulos, tendo como base os objetivos específicos assim dispostos: no primeiro capítulo intitulado **o processo de construção da identidade pela apropriação do lugar** procurando identificar os elementos do primeiro objetivo. Para o segundo capítulo denominado **a auto-estima e o sentimento de pertença do habitante de Biraquera**, se pretendeu verificar o processo de apropriação por meio do sentimento do nativo ao lugar. A construção do terceiro capítulo sobre **a alteração dos espaços naturais e os cuidados dos nativos relacionados à preservação ambiental**, com vistas a responder ao quarto objetivo que era de identificar as atitudes nativas de preservação ambiental relacionada ao lugar como a flora, os recursos hídricos, o solo e a fauna. No último capítulo foram analisados **os modelos tradicionais de cultura e a pós-modernidade**, procurando verificar as percepções das transformações ocorridas nos espaços de viver relacionando-os ao processo de não apropriação.

4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELA APROPRIAÇÃO DO LUGAR

Este capítulo visa inserir as narrativas nos conceitos de Psicologia Ambiental em harmonia com as mais diversas disciplinas científicas considerando o processo de apropriação do espaço. Está dividido em subitens denominados: o processo de construção de identidade e identidade de lugar; a personificação do lugar a partir dos espaços e do objeto coletivo, seguida dos lugares íntimos e seus objetos singulares.

4.1 O processo de apropriação do espaço chamado Ibiraquera

A apropriação do espaço faz parte da construção da identidade do ser humano e envolve relações inter e intra-subjetivas. As relações sociais, culturais e históricas que se dão no mundo concreto e simbólico vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído. De acordo com Foucault (2004), o sujeito é constituído e constituinte, quer dizer, ele se constrói nas tramas das relações sociais. Entende-se que o sujeito é construído no seu contexto, em que as dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais ajudam a tecer uma rede que envolve o espaço físico-social e os lugares mais íntimos, mais significativos.

Este espaço é, muitas vezes, apropriado pelo coletivo (cultura), outras pelo sujeito enquanto ser singular, cuja particularidade se expressa na forma como se apropria. O fato é que no espaço apropriado, o sujeito se reconhece e reconheça os outros nele e no grupo, como esclarece Pol (sd, p. 45): “[...] la apropiación del espacio – com todo su complejidad – aparece como uno de los núcleos centrales em la interacción entre el ser humano y su entorno físico”.

Em Ibiraquera, os espaços relacionados aos habitantes mais velhos foram apropriados e transformados com o seu trabalho na terra. As marcas deixadas pelo trabalho na lavoura por meio das roças, dos quintais, dos caminhos fazem com que este habitante seja reconhecido até para o forasteiro que entra no lugar. Este forasteiro pode ser o turista, um curioso ou um cientista. As famílias tradicionais de origem açoriana, conforme pesquisou Lago (1996), se apropriaram da cultura dos primeiros nativos, os indígenas, e ainda deixam sua marca por meio do trabalho

com a terra conforme relata Lourenço: *“Porque aqui na Ibiraquera toda família se vira na roça”*.

Ao tornar como seu, este espaço, os entrevistados evidenciaram os fatores essenciais que se estabelecem no processo de apropriação. Os aspectos ligados à afetividade (amor pelo lugar), às relações (de solidariedade entre os habitantes, do respeito pela cultura, do vínculo familiar e dos conflitos dessas relações), à cognição (pelo sentido de orientação pelo espaço físico e evolutivo), à estética (na ornamentação, personificação dos espaços coletivos e singulares) e ao simbólico (nas formas e significados construídos) que enraízam as pessoas no processo de apropriação dos lugares.

Korošec (1986) apud Pol (sd), diz que a apropriação resulta de um processo complexo, definindo as seguintes considerações: o sujeito acha-se a si mesmo por meio de suas ações; não é somente domínio legal, mas domínio dos significados, que nasce de um saber histórico mediatizado socialmente; não está ligada a posse material, mas sim ao estilo de vida; deve ser sempre considerado dentro de um contexto sócio-cultural concreto, em que cada cultura fornece elementos de apropriação próprios, é um processo dinâmico de interação do sujeito com seu ambiente como demonstra a vivência de Francisco:

“Aí comecei no trabalho da roça. Só trabalhei na roça [...] Nunca saí prá banda nenhuma [...] Na quaresma se virava uma roça e deixava a terra e em agosto batia aquela terra prá plantá. Na terra que tinha vassoura, a gente capinava e plantava. Depois veio o arado. Era tudo feito na mão. Primeiro teve o riscador, depois veio o arado. Não era qualquer um que tinha arado. A gente tirava aquele mato, tirava a lenha pro fogão e prá farinha. A gente fazia aquela serrapilheira (monte) do mato. Era no machado e na enxada, picava aquela malha. Aquilo ia morrendo... depois limpava a terra”.

Esse saber histórico de preparar a terra, primeiro manualmente e com o passar do tempo com o auxílio do arado, está ligado ao estilo de vida trazida dos ascendentes açorianos e que foi passado através das gerações manifestando-se ainda na atualidade.

Ainda reportando-se à cultura de subsistência, tendo como principal cultura o plantio da mandioca, Lourenço assim relata: *“Eu também trabalhava na lavoura e gostava muito. A gente plantava muita mandioca. Plantava o milho. Chegá na roça e vê aquele milho, aquela beleza. Chegá no feijão vê aquela maravilha. Arrancá aquele feijão, batê. Pra que coisa melhor?”* Como escreve Claval (1999, p. 80),

Lourenço sabe bem o tempo de “laborar, estorrear, semear, tirar a erva e colher [...]”

A cultura de subsistência dos nativos de Ibiraguera esteve ao longo das gerações vinculada ao cultivo de uma diversidade de alimentos. Embora houvesse esta cultura diversificada, o plantio da mandioca sempre foi predominante. Segundo Lago (1996), a mandioca foi uma prática herdada dos indígenas e que se constituiu na produção agrícola de maior significado também para os açorianos, dos quais a maioria dos habitantes de Ibiraguera, são descendentes.

Vê-se que o trabalhador rural aqui apresentado é segundo Tuan (1980, p. 112), aquele que “não emoldura a natureza em lindos quadros, mas é profundamente consciente de sua beleza”. A intimidade física, o contato físico com a terra e com a paisagem do lugar, a dependência da terra fazem-na ser um depósito de lembranças e de esperança. “A beleza está presente, mas muitas vezes não é expressa”.

Proshansky (1976) enfatiza a integração do mundo interno e o ambiente do sujeito por meio do processo de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo em que o sujeito se apropria do espaço e dos lugares, mais ele se apropria de si mesmo. Há uma transformação do espaço em um lugar que dê segurança, que permita a manifestação da identidade, que evidencie os valores, as referências, os afetos é um espaço apropriado pelo sujeito.

Seu Lourenço é um homem saudoso do tempo em que tinha sua identidade de pescador e lavrador bem marcados para si e no espaço da lagoa e do morro em frente a sua casa: “*Eu tinha duas profissão: ou era lavrador e pescador. Eu pescava nesta lagoa (em frente à casa) noite e noite. E pescava no mar grosso. Prá pescá eu usava uma tarrafa. Tinha dia de eu matá 40 tainha, 90 tainha, aqui na frente da minha casa. Fiz muito disso. Hoje tudo terminô. Por isso tenho saudade. Eu também trabalhava na lavoura e gostava muito. Era tudo em família. Era uma coisa tão boa. Hoje em dia não tem graça. Parece... não se vê uma roça de feijão, uma roça de milho... não se vê nada*”.

A fala de Lourenço nos remete a pesquisa de Lago (1996), no qual, tanto a terra quanto o mar, neste caso também a lagoa, foram espaços apropriados na atividade laboral da pesca artesanal e da lavoura pelos nativos de Ibiraguera, como em tantas outras comunidades litorâneas do sul de Santa Catarina.

Maldonado (1986), argumenta que a identidade do pescador vai se construindo na sua relação de troca com a natureza e com os outros homens, pois

é aí que se origina a apropriação, “mesmo que simbolicamente, de um mar em princípio inapropriável e de dividir um meio aparentemente indivisível” (p. 31).

Todos os entrevistados, em diferentes faixas etárias, reportaram-se à força da família nas atividades da pesca e lavoura confirmadas na fala anterior de Lourenço. A ênfase no trabalho familiar é um dos traços que prevalece entre os pescadores artesanais (MALDONADO, 1986) e nos modos de produção agrícola em regime de pequena propriedade, conforme Lago (1996).

Como se percebe o processo de apropriação está intimamente ligado a outros conceitos fundamentais da Psicologia Ambiental, a saber: identidade de lugar, personificação do lugar construídos e reconstruídos por meio dos laços vivenciados com o lugar.

4.1.1 Do processo de construção de identidade

Identidade é um tema complexo e objeto de discussão nas ciências sociais, estendendo-se desde a filosofia, sociologia, antropologia e psicologia, contemplando os diferentes enfoques teórico-metodológicos. Além disso, Jacques (2002), com sua argumentação relata que **identidade** tornou-se também um tema que tem inspirado a literatura, o cinema e as artes em geral. O emprego popular do termo é tão variado e o contexto conceitual tão sujeito a inúmeras variações.

Neste contexto, parece fácil responder a simples pergunta: Quem sou eu? No entanto, uma pessoa ao tentar se definir começa a entrar numa complexidade que vai além do **nome**, embora seja este o primeiro passo para se identificar frente aos demais, como relata Cravina: *“Eu Cravina, a filha mais velha da família [...] Meu pai se chamava [...] e minha mãe [...] Nosso pai trabalhava na roça, plantando e colhendo [...] Meu pai morreu com 99 ano e não era de choro... minha mãe era mais mole, mais eu não”*.

Em sua entrevista, Cravina, que escolheu um **pseudônimo** para ser identificada nesta pesquisa, começa sua narrativa não somente colocando seu nome, como também sua ocupação espaço-temporal no sistema familiar, o nome de seus pais, a forma de trabalho e dados de personalidade da mãe e do pai, evidenciando sua identificação com a personalidade paterna.

Ciampa (2001) reporta-se a importância do nome na declaração concreta da identidade. O autor enfatiza a necessidade de pertencimento ao grupo familiar e

desse aspecto relevante na identificação. O mesmo fala sobre prenome e o sobrenome que tanto diferencia quanto iguala os sujeitos dentro de um grupo familiar. “Nosso primeiro nome (prenome) nos diferencia de nossos familiares, enquanto o último (sobrenome) nos iguala a eles. Diferença e igualdade. É a primeira noção de identidade. Sucessivamente vamos nos diferenciando” (CIAMPA, 2001, p. 62).

Ciampa (2001) justifica que neste processo de identificação e diferenciação todos acabam sendo personagens e autores de suas próprias histórias, e mesmo tendo um nome dado a priori pelos pais, observou-se nesta pesquisa que Leonardo² e Cravina foram dois dos entrevistados que assumiram uma outra identidade no momento da pesquisa por meio de pseudônimos. Além do pseudônimo, verifica-se que alguns entrevistados são reconhecidos por **apelidos** pelos seus familiares, como por exemplo: Ary (*Arizinho*), Leonardo (*Nado*) e os mais idosos pela comunidade, a saber: Francisco (*Chico*), Lourenço (*Lareno*). José Paulino, conhecido em Ibiraquera como “*Zé Aninha*”, que satisfazendo uma curiosidade da pesquisadora sobre seu apelido, confidenciou que este foi dado para identificá-lo como filho de Dona Ana.

Ainda na perspectiva de Ciampa (2001), a identidade, então, pode ser definida como sendo um conjunto de características próprias e exclusivas de uma determinada pessoa, permitindo que o sujeito se perceba como um ser único, tomando posse da sua realidade individual e, portanto, consciência de si. Identidade é afirmada pelo mesmo autor, como um processo contínuo de transformação, que ele denomina de metamorfose, envolvendo todas as dimensões do ser humano: biológicas, psicológicas, sociais e culturais.

Portanto, a **identidade do eu** implica em um processo contínuo e que começa no nascimento, estendendo-se até a morte, apresentando-se em todos os estágios da vida humana e tendo um sentido de reconhecimento, estruturação, afetividade e sentimento da própria pessoa para consigo mesma. A identificação vai seguindo os modelos que se estendem desde a família, amigos, cultura, valores, ambiente.

Para existir identidade humana é necessário que exista a convivência humana. E a primeira delas, como afirma Damergian (2001), está relacionada ao vínculo que se estabelece entre a mãe e o bebê, ou a pessoa que representa o cuidado, a segurança e o afeto e que serve de mediadora das relações intra e interpessoais. Damergian (2001, p. 90) diz que “o bebê necessita de pelo menos

um ponto fixo para construir o seu universo. Este universo é o mundo interno, sua identidade”.

A mãe, que é lembrada por sua ausência, nos primeiros dias após o nascimento de Francisco, é compensada com um amor especial e pela intensa dedicação materna após os dias críticos em que viveu somente na companhia de um berço. Assim relata Francisco sobre a sua prematuridade: *“Minha mãe... Ela foi ganhá eu fazia 7 meses. Ela adoeceu e ganhou eu fora do tempo... Foi fora do tempo, mas as mulhé que ajudavam ela colocaram eu num breço (berço) e me deixaram por 3 dia. Tive 3 dia no breço... E, quando fazia 3 dia, foram vê se eu tava vivo... Foi um milagre de Deus. A mãe tinha muito amor por mim... Ela tinha 12 filho e ela dizia: eu gosto de todos os meus 12 filhos, mas o que eu adoro mais é o Chico. Ela dizia prá mim e pros outros irmão”*.

Assim, todos os entrevistados enfatizam a identificação com os pais nas suas dimensões afetivas, sociais, culturais. Essa identificação remete a Tuan (1983), que confirma as falas dos entrevistados dizendo que o primeiro ambiente descoberto pela criança é os seus pais. Para este autor “os adultos são necessários, não somente para a sobrevivência biológica da criança, mas também para desenvolver seu sentido de mundo objetivo” (p. 26).

Ciampa (2001) reforça a identidade num conceito de totalidade mesmo contraditória, múltipla, no entanto una. “[...] por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança” (p. 61). Tendo como referência a identidade como totalidade, nesta pesquisa prossegue-se a análise com outros destaques como: identidade de papel, identidade cultural e identidade de projeto.

A identidade, segundo Jacques (2002), passou a ser qualificada em diferentes perspectivas, muitas vezes, vistas isoladamente. As qualificações mais comuns dentro da psicologia social referem-se a pessoal e/ou social (atributos que assimilam a pertença a grupos ou categorias). Esta diversidade terminológica expressa a diversidade teórico-metodológica dos autores e a dificuldade de exprimir conceitualmente a sua complexidade. Neste momento enfatiza-se a identidade de papel tendo como referência os papéis familiares, definições de gênero ou atribuições profissionais para recortar algumas falas do sujeito relacionadas a esta totalidade chamada identidade.

A identidade de papéis é iniciada nas relações entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada um, como: pais,

parentes, amigos. Desde crianças, os sujeitos já vão se identificando de maneira consciente ou inconsciente com essas pessoas significativas, e então, vão assumindo e experienciando papéis que servem de base para o estabelecimento da identidade futura.

Seguindo a compreensão da construção da identidade do nativo e a definição de papéis, tem-se como referência o modelo patriarcal, conceituado em Prado (1981, p. 51) como uma “estrutura familiar que não somente identifica o indivíduo pela origem paterna (patrilinear), mas ainda dá ao homem o direito prioritário sobre o filho e um poder sobre a pessoa de sua esposa”.

O desempenho da paternidade tem mudado ao longo da história e dos modelos culturais. Ercolin (2006), argumenta que a criança desde a sua concepção deve contar com a atenção do pai. Após o nascimento, nas fases de descoberta do mundo o pai pode representar um papel social relevante no desenvolvimento do filho. Tanto os elogios quanto às broncas por parte do pai são importantes para a construção da subjetividade da criança.

Nascidos em uma cultura que traz o modelo de homem dominante e autoritário (Bly, 1991) exemplificado num “pai forte e caladão” (Biddulph, 2003, p. 81), é possível comprovar nos relatos abaixo, a importância do pai e da figura masculina na vida de cada um dos idosos como pontos de identificação nos modos de ser e de viver dos filhos.

O pai encerra no relato de Lourenço a disciplina e o ensino para o trabalho: *“Como meu pai me ensinô a trabalhá desde cedo, eu também ensinei meus filho. Eu ia pescá, eles me ajudavam. Peguei a trabalhá na roça com meu pai e o meu irmão com 7 ano. Naquele tempo tudo quanto era criança trabalhava porque a vida era pesada”*.

Manoel tem uma narrativa que explica essa identidade de papel do pai numa cultura autoritária e sexista: *“O pai tinha mais autoridade naquele tempo o homem mandava e a mulher escutava e tinha que seguir, a mulher precisava do marido prá sobreviver... A mulher era desempregada... A mulher não tinha vez nenhuma... Então ela era obrigada a aturá do marido coisas que não deviam prá poder sobreviver...”*

Francisco continua o relato sobre o desempenho do papel masculino exercido com autoridade frente à mulher e aos filhos criando uma identidade pelo poder: *“[...] Eu com a graça de Deus, a minha família foram muito bem educado enquanto tavam no meu poder. Eles trabalhavam na roça. Quando tinha farinha ele*

carregavam a água prá eu fazê tapioca. Cuidá do gado. Eles foram prá escola. E eles foram casando... Graças a Deus casei todos eles. Cada um hoje em dia tá no seu rumo. Eu fiquei velho, trabalhando... A mulhé passou muito sacrifício, lavava ali no rio. Trazia as criança no colo. Às vezes eu vinha e trazia um comigo”.

Francisco traz em seu relato histórias sobre a família enquanto grupo que ensina e reproduz formas de trabalho e disciplina, este espaço que inclui as atividades cooperativas de todas as idades e de gênero, assim como, a cultura patriarcal, ou seja, do poder centrado na figura masculina, dominante em Ibiraquera em sua época de comando.

Como as roças localizavam-se muitas vezes distantes de suas casas, o trabalho ficava em grande parte, ao encargo dos homens, auxiliado pelos filhos, sendo escolhidos os meninos, e raramente pela mulher e as meninas. Eram os filhos, que segundo Lago (1996), também ajudavam no cuidado com os animais e na pesca. O trabalho feminino se direcionava às tarefas domésticas, como horta, jardim, criação de pequenas aves, práticas artesanais, como relata Cravina: “*fazia chapéu, fazia peneira, bordava a mão, costurava [...]*” e no papel de mãe junto aos cuidados com os filhos, como fica evidente na fala anterior de Francisco.

Assim como, para os mais velhos o pai é um referencial para a construção da identidade dos meninos, na fala dos mais jovens isto também se faz presente, seja no convívio permanente como traz Gustavo, seja na ausência tendo como motivo o trabalho de quem tem um pai “*embarcado*”, ou seja, aquele que trabalha em barcos de pesca industrial (Leonardo²), na sua morte durante a infância dos filhos (Lourenço e José Paulino) ou mesmo já na vida adulta (Cravina). O pai também é lembrado na hora do nascimento como uma presença importante assim como sua proteção durante a vida (Suelem).

Considerando o fato de que estas famílias vêm de uma cultura patriarcal, o zelo pela filha pode estar muito mais relacionado ao controle. Suelem assim fala de seu pai: “*Quando eu nasci... Eh... O meu pai foi me conhecer após 10, 11 dias de vida, porque no dia que eu nasci ele também estava se operando do rim. Então só logo, após 11 dias de vida ele foi me conhecer*”. Na adolescência de Suelem: “*Como meu pai me protegia demais O meu pai me levava em shows. Mas meu pai sempre conversava e tinha medo, eu quase não saía prá fora, com medo de fazer alguma coisa errada e o pai não deixar eu sair mais. Sempre que saía o pai dizia: filha olha a bebida, não sai prá fora do salão. Sempre recomendava, né [...] Ele tinha medo de que acontecesse alguma coisa comigo. Ele achava que era melhor*

prá mim, até porque ele tinha medo da droga, disso que acontece no mundo de hoje”.

Todas as narrativas descritas acima remetem a Reis (2001), quando em seu artigo sobre “família, emoção e ideologia” faz uma grande discussão sobre essa primeira mediadora entre o sujeito e a sociedade, formadora da primeira identidade social já que esta se apresenta como o primeiro ‘nós’. Ideologicamente falando, a família de Ibiraguera, lembrada pelos idosos, ainda é marcada por relações rigidamente hierarquizadas e estabelecidas pela tradição. O papel de filho e de mulher era dirigido para a obediência e submissão quanto às funções laborais tanto quanto à divisão sexual.

A família tradicional ainda se mantém dentro da comunidade de Ibiraguera, porém não mais com todo autoritarismo trazido pelos entrevistados mais velhos. Para os jovens, os pais e parentes ainda são seus referenciais de construção da identidade em relação à transmissão de valores, de comportamento, de estima e de manutenção da cultura. Leonardo² relata a importância da família e faz uma comparação aos valores modernos de se educar as crianças: *“Minha relação com a família é muito boa, tem as divergências, mas isto é normal. Os pais antigamente levavam as crianças, o modernismo dá essa autonomia prá criança escolher o que quiser, mas não deveria ser assim. Dizem que eu sou educado, mas quem fez isso? Foram os meus pais que me obrigaram a pedir a benção, chamaram minha atenção...”*

O ser ‘obrigado a pedir a benção’, foi relatado por Leonardo² num tom de respeito aos valores de sua comunidade e não de medo (pelo menos não neste momento), muito comum nas atitudes dos pais de uma educação autoritária. Reis (2001) confirma as palavras de Leonardo e Suelem (acima), pontuando que algumas mudanças estão se processando no interior das famílias, porém, ainda continua em vigência a hierarquia de sexo e de idade, bem como a associação entre amor e autoridade. Uma família mais tolerante e promotora do bem-estar emocional de seus membros está se construindo também em Ibiraguera.

Isso remete a Follmann (2001, p. 49), ressaltando que “[...] a identidade não existe, a não ser na forma de manifestação da capacidade autônoma dos indivíduos e grupos na construção de sua história”. Neste novo modo de se estar em família, a construção da identidade de papel, se dá pelo processo que envolve a relação filhos-pais-sociedade, na produção de uma história pessoal com mais liberdade, sem perdas dos valores coletivos. Nessa construção, o sujeito assimila os valores

da cultura em que está imerso, porém têm uma abertura para novas possibilidades de ser filho-filha, pai-mãe, esposo-esposa, homem-mulher e todos os outros papéis que fazem parte da identidade, enquanto uma totalidade.

Essa noção de identidade relembra também Morin (2005), que vai além dos pais como referenciais para a identidade do sujeito, os ancestrais são tão importantes quanto, pois segundo ele, o sujeito de um grupo primeiramente se identifica como filho de alguém, mas os ascendentes estão sempre sendo presentificados em cada sujeito, seja no genoma, no timbre da voz, nos modos de comportamento, etc.

Seguindo as palavras de Morin (2005), os avós e as pessoas idosas são referências marcantes, para todos os entrevistados, tanto para os familiares quanto para a comunidade, retratando valores de permanência, de sabedoria, de segurança. Leonardo² faz novamente um belo relato sobre os avós em sua vida e na comunidade. Embora não tenha conhecido os avós paternos, a avó materna é uma grande referência de toda a comunidade por ser uma benzedeira, uma mulher que simboliza a mãe na comunidade: *“A vó é uma referência não só prá mim. É prá toda comunidade, ela sabe tudo. Ela sempre te dá uma luz. Ela reza prá nós. Indiretamente a gente ainda é religioso... A gente tem essa crença. Todo mundo crê na benzedura dela, ela benze e acontece. Ela é poderosa. A vó é tudo, tudo mesmo”*.

Muitos papéis se diferenciam e se interagem na identidade do nativo de Ibiraquera. Dentre os profissionais foram destacados: o agricultor, o pescador, a costureira, a dona de casa, o vendedor, a benzedeira, o estudante, a contabilista, o servente, o operário, o fazedor de bicos, entre tantas outras formas, das quais os sujeitos da pesquisa se utilizaram para identificarem-se, qualificarem-se e tornarem-se conhecidos por suas funções, seus papéis na comunidade repleta de histórias e de amigos.

Quanto aos amigos, os entrevistados lembram o papel destes na construção da solidariedade entre eles, parentes e vizinhos. Enfatizam o encontro entre as gerações no momento de compartilhar o trabalho de quem tem na farinha da atividade do trabalho e do lazer: *“Chega muito amigo aqui, os vizinhos me ajuda. Uns carregam a mandioca, outros tá lá na prensa, outro tá cevando a mandioca, outro tá dizendo uma piadinha e todo mundo ri... O lazer, trabalho e diversão. (Lourenço)*. É neste espaço que as pessoas conversam, contam histórias e falam *“um monte de besteiras”*, segundo Leonardo².

Estas falas remetem a um momento de interação em um tempo que não é o tempo pós-moderno. Hall (2005, contracapa), justifica que o sujeito “da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural [...] estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente [...]”. Os nativos de Ibiraquera têm muitas características de uma sociedade em transição, pois ao relatar o espaço da farinha, evidencia-se a força da tradição de manter diferentes faixas etárias, de parentesco e de amizade em momentos que trabalho e lazer, ainda não fragmentados.

A **identidade cultural** vai se construindo a partir de fatores ambientais, biológicos e de relacionamento. Portanto, é na interação com o meio que as pessoas se relacionam com o mundo em que vivem, englobando todas as qualidades, crenças e idéias que as fazem sentirem-se únicas e ao mesmo tempo, pertencentes a um grupo em particular.

Segundo Claval (1999), o sujeito vai se construindo, também por meio da cultura: o saber fazer, as formas de sentir e de ver, os projetos, são recebidos de seu ambiente cultural ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos. Sendo assim, o indivíduo tenta se aproximar dos modelos valorizados pela comunidade ou pela sociedade, procurando se elevar na escala social dos valores impostos por aquela.

A família nativa de Ibiraquera, ainda mantém um comportamento e uma estrutura das sociedades pré-industriais, como aponta Papalia (2000), no qual as famílias extensas moravam próximas umas das outras e os idosos eram cuidados e mantidos ativos. Os valores transmitidos pelas gerações, ainda se respaldam no comportamento dos jovens entrevistados de Ibiraquera. Gustavo, Ary, Leonardo demonstram um grande respeito pela vida de seus avós e Suelem reporta ao carinho, ao cuidado dedicado aos avós e deles para com a família, identificando a caridade como um traço que aproxima as três gerações: *“meu vô é muito caridoso. Acho que isso é hereditário. O meu pai puxou ele, eu puxei o meu pai... E assim vai”*.

Os habitantes de Ibiraquera, por viverem em um espaço ocupado por pescadores e agricultores conservam “um fazer” que é transmitido através das gerações e que se encontra em um processo de esquecimento. Os engenhos de farinha, assim como os produtos produzidos a partir da agricultura de subsistência estão perdendo espaço para os mercados e produtos industrializados, como relata Manoel: *“Hoje se vende pros supermercados, mas tem que ter o engenho*

registrado prá ter a marca da embalagem prá você e ser empacotada em quilo... O consumo da farinha diminuiu muito... Hoje tem o arroz, a salada, tem muita coisa... Naquele tempo o alimento do povo da Ibraquera era a farinha e o peixe..."

O ritual do compartilhar o produto do trabalho na pesca da tainha, também sofre impactos como observa Gustavo: *"Acho que a bondade tá mudando, às vezes o nativo tem ajudado e não tem ganhado. Às vezes eles dão pros de fora e deixam os nativos que ajudam de lado. É nativo desprezando o nativo... Os nativos agora nem querem ajudar..."* O saber construído da partilha entre os seus ao longo das gerações compete com um novo fazer, repartindo com quem não ajuda, mas que são lembrados por estarem no espaço na hora da despesca. O pescador no mento em que reparte seu pescado com os novos ocupantes também lhes faz um convite e os insere em suas tradições culturais.

Porém, há uma força em continuar marcando o espaço, apesar das dificuldades. O nascimento e toda trajetória de vida em um mesmo lugar, com todas as mudanças que acontecem neste processo caracterizam a identidade de Lourenço. Ele traz em sua fala o significado de quem é nativo e suas lutas contra as adversidades do espaço para não sair do lugar onde nasceu, constituiu família e construiu seu ambiente de trabalho: *"Eu nasci aqui nesse morada, aqui. Aqui eu me criei, e aqui eu me casei. A vida naquele tempo era... Era meio pesada. A gente não tinha... Não tinha emprego, não tinha dinheiro, né"*.

O universo cultural interfere na história de cada ser humano, resignificando a identidade cultural de cada um dentro do universo simbólico. Esses significados, produzidos e compartilhados entre todos os membros da sociedade, dão sentido à experiência e à existência de cada um, produzindo sentidos e símbolos que são representados nos valores da cultura. Os valores culturais observados entre os sujeitos se relacionam à família, à religiosidade, às tradições culturais e ao respeito à terra e à água (mar e lagoa).

Morin (2005), elucida que além destas marcas familiares que identificam os sujeitos, há ainda outras maneiras, mas não outras identidades, dos sujeitos se identificarem quando se referem: *"mais amplamente à nossa cidade, nosso estado, nossa nação, nossa religião. Nossa identidade não se fixa afastando-se, mas, ao contrário, incluindo os seus ascendentes e as suas filiações"* (p. 86).

Os nativos demonstram um prazer muito grande ao falar sobre suas origens açorianas, manifestadas concretamente nas tradições do boi-de-mamão, na crença das lendas da região, no respeito ao Divino Espírito Santo, no relato ambivalente

quanto à prática da farra do boi, e principalmente no culto aos santos e na participação das festas religiosas. Todos os entrevistados, mesmo os jovens, assumem ser a religiosidade uma referência central, associando-a à ascendência açoriana. Cravina é enfática quanto ao catolicismo: *“Eu sou católica e nesta eu vou morrer, porque a gente não pode ficá pulando de galho em galho, quem é batizado fica na sua fé”*.

As palavras de Morin (2005) referindo-se às marcas familiares, somadas às falas dos entrevistados no que se refere à identidade cultural remetem a Hall (2005), quando argumenta que ser brasileiro, ser natural de Ibiraquera e ser descendente de açoriano são modos de representar a cultura, a qual produz sentidos com as quais há uma identificação coletiva, influenciando as ações e a concepção que cada um tem de si mesmo, agora e na sua projeção no futuro.

O ser humano é um ser de projeto, um constante vir-a-ser. De acordo com Follmann (2001, p. 65), o ser humano é um permanente “ato de costurar no tempo e no espaço os seus projetos pessoais com os dos outros e com os projetos coletivos das mais diversas procedências e direções”. Como o sujeito coloca-se o tempo todo neste movimento, a **identidade de projeto** é fato no cotidiano das pessoas. A construção de uma nova identidade, capaz de redefinir a sua posição na sociedade, é buscada por meio do projeto individual dentro de um contexto sócio-histórico e cultural em que o sujeito está inserido. Na perspectiva de Follmann (2001, p. 45), “o estudo da identidade está marcado pelo pressuposto de que o ser humano é um ser de projeto”. Segundo o mesmo autor, a “identidade jamais está por aí pronta, ela sempre deve ser construída e reconstruída” (p. 54).

Para os nativos idosos de Ibiraquera, a identidade de projeto, está relacionada ao processo criar os filhos como narra Lourenço: *“Eu trabalhei... Ele deu o jeito de eu adquirir o que eu queria: criar os meus filho, graças a Deus”*. E poder usufruir os anos que ainda lhe restam como se registra na fala de Francisco: *“Prá aproveitá mais a minha vida. Eu tô velho né, e prá adquirir e só deixá não dá né?”*

Entende-se que a identidade de projeto se dá no coletivo. Portanto, identidade de projeto é o sujeito ter seu projeto de vida, saber o que ele quer da vida e lutar pelos seus objetivos. Dessa forma, por meio do projeto, o jovem de Ibiraquera procura na graduação, como fala Suelem à inserção no mundo dos eleitos: *“[...] o meu objetivo era fazer UFSC. Objetivo de qualquer um”*. Porém, a graduação patrocinada por órgãos governamentais e de cunho gratuito, não é

oferecida à maioria, o que torna a ascensão social, um caminho repleto de dificuldades e um sonho quase impossível para quem estudou em colégios municipais ou estaduais.

Suelem e Leonardo² são os jovens entrevistados, que por possuírem condições econômicas viáveis, tem este projeto facilitado por meio de Universidades particulares. Para o jovem Leonardo este projeto torna-se distante, como relata a seguir: *"Isto me deixa triste porque estudar eu queria. Eu queria continuar os meus estudos, porque sem estudo não se é nada na vida, né? Isto é uma coisa que eu penso. Porque se eu não estudar, ficar aqui parado, não vou ser nada, nunca vou ter um emprego... Não vou ser nada na vida [...] Eu gosto de pescar mais pescar é uma coisa que não vai prá frente... Eu queria ter era um estudo... Me formar em alguma coisa. Pescar não é meu objetivo na vida. Isto me dá insegurança, porque eu não posso adquirir nada prá mim... Eu não posso comprar nada... Eu não posso estudar com isto. Se estes empregos ainda me dessem alguma condição, dava até de eu estudar, mas não dá".*

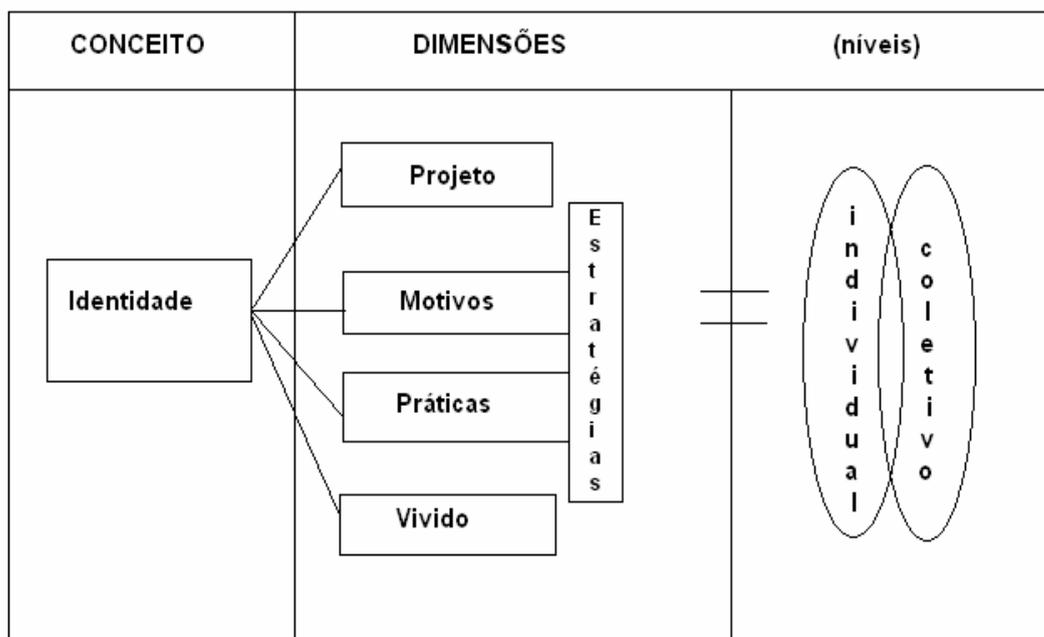


Figura 4 - Esquema: Identidade – conceito e dimensões. Fonte: Follmann (2001, p.56)

Seguindo, o esquema de Follmann (2001) acima representado, enfatiza-se a construção da identidade de projeto somando os motivos, as práticas e o vivido, numa intersecção entre os níveis individual e coletivo, compreendendo que os jovens de Ibiraquera estruturam seu projeto de vida considerando uma **motivação** que visa ultrapassar os limites educacionais e profissionais presentes no seu cotidiano.

As **práticas** se estendem desde a efetivação da qualificação profissional para àqueles que têm recursos econômicos e incentivo familiar para isto, quanto para a busca do sonho deste, como relata Leonardo. Os jovens procuram com isto reescrever a sua biografia pessoal e coletiva registrada no seu **vivido**, ficando muito bem explícito na narrativa de Leonardo, que ser pescador não faz parte de seu projeto de vida, mas faz parte de sua vivência enquanto uma prática de lazer.

Portanto, o conceito de identidade de projeto na perspectiva de Follmann (2001), remete ao conceito de auto-estima ou de valência positiva como se refere Damergian (2001). A pessoa com auto-estima luta por um projeto de vida, porém a não concretização deste projeto, também pode interferir na auto-estima do sujeito, sendo que esta construção é um indicador de saúde psicológica, nas palavras de Gonçalves (2002).

Assim percebe-se que a profissão de lavrador, pescador, costureira tidas como tradicionais na comunidade, estão sendo aos poucos substituídas e desvalorizadas pelos jovens, que buscam outros projetos, nem sempre acessíveis. O trabalho informal como de pedreiro, servente, entre outras, assumidas pelos jovens de Ibiraquera trazem uma desconfiança quanto ao futuro e a perda dos sonhos, tão importantes na auto-estima de alguém.

Leonardo é o jovem entrevistado que mais sofre com esta situação. Segundo ele: *“Eu trabalho no banhado, nas terras da minha madrinha. Eu tô roçando prá ela. Eu tô roçando o mato porque o gado entra lá dentro e fica atolado. Quando eu não tô trabalhando assim... Eu ajudo o vô a fazer cerca, essas coisas assim... Quando eu arrumo um bico com um e outro, servente de pedreiro que aqui também tem com meu tio. É tudo temporário, nada fixo”*.

Observa-se com estes relatos que a sociedade pode estimular a busca do projeto de vida ou até mesmo anulá-lo, pois a conquista do projeto também depende do contexto sócio-cultural do sujeito.

4.1.2 A identidade de lugar

Tuan (1983), questiona o seguinte: o que dá identidade e aura a um lugar? Segundo o pesquisador o lugar tem um significado diferente quando se sabe quem dele se apropriou. De repente cantos, objetos falam uma linguagem diferente, simbólica dando personalidade e significados que eram ou são de seu proprietário.

Assim como a identidade do sujeito vai se construindo neste processo, a **identidade de lugar** se dá pela projeção no espaço dos conteúdos internos do sujeito, como seus medos e seus afetos, assim como os valores, costumes, tradições culturais internalizados pelo sujeito do mundo externo. A construção de uma identidade comunitária surge das interações e das relações que os habitantes estabelecem entre si e com habitantes de outros lugares. Como a semelhança faz uma comunidade ser identificada por outra, a diferenciação também faz parte do processo. A exemplo disso percebe-se que apropriação do espaço e a construção da identidade sócio-comunitária caminham juntas.

Os depoimentos trazidos nas entrevistas apontam sobre a identificação de lugar, obtendo como referência um outro lugar, ao fazer a comparação os sujeitos diferenciam a Ibiraguera e o sentimento de quem habita o lugar. Depois de viajar pelo Brasil, ter contato com outros ares, Cravina gosta do ar de Ibiraguera, pois em nenhuma cidade que visitou tinha este *“ar limpinho que vem de Deus”*.

Embora Ibiraguera receba seus turistas, os habitantes de Ibiraguera também se aventuram como turistas em outros lugares, e ao chegar à cidade com todos os seus atrativos, alguns sentem falta da calma, dos modos de vida, no qual Leonardo² desabafa: *“Não trocaria Ibiraguera pela cidade, eu não me acostumaria a viver na cidade”*. Gustavo sente o mesmo ao sair para a cidade especificando lugares e cores que fazem parte da identidade natural de lugar e que são valorizados pelo nativo: *“sentia falta da praia, do verde... lá é só prédio, só pedra ... não tem areia, não tem nada...”*

Lourenço fala da saudade do espaço transformado, dos caminhos percorridos para se divertir, para trabalhar e, uma narrativa emocionante sobre as novas formas de vida que aos poucos vão sendo introduzidas no seu lugar. *“Muita saudade... muita saudade... saudade [...] Tenho, porque parece que aquelas coisa naquele tempo... parece que era... era diferente de agora. Aquilo tudo tinha graça. Hoje não tem graça. Naquele tempo, quando nós saía daqui, prá vim num circo de pé pela praia, lá na Imbituba. Oh, aquilo prá nós era uma coisa bonita. Hoje tem aqui e não tem graça. Ah, eu olho as vez, passo pelos meus terreno e olho, me dá aquela*

saudade do tempo, saudade [...] Chegava naquele tempo tinha aquela lavoura, fazia aquela farinhada, juntava aquele povo me ajudando. Hoje, acabou-se tudo. Hoje o povo só qué estudá. Por isso eu tenho saudade de tudo. Não é prá dá saudade? Tava trabalhando na roça dava sede, pegava uma melancia grande, chupava, matava a sede que era uma beleza... sabendo que aquilo tudo foi plantado com as minhas mãos. Agora não tem mais”.

As lembranças de Lourenço remetem a Tuan (1983), argumentando que a experiência íntima de um sujeito com seu corpo e com outros sujeitos, organiza o espaço conformando-o as suas necessidades biológicas e às relações sociais.

O reconhecer-se em um lugar traz a soma das lembranças de sentimentos, de vivências e significados dos sujeitos que habitam o espaço. Gonçalves (2002, p. 19), pontua que “o sujeito projeta-se sobre o espaço do qual se apropria, produzindo uma identificação entre sujeito e espaço. Esta reflete o modo de vida daquele que o habita. O espaço assume então uma dimensão cultural e social que o sujeito internaliza e representa”.

Corroborando ao exposto, José lembra do tempo em que a água da lagoa era limpa e o pescador podia comer peixe com carne saborosa, tempo em que se respeitava o ciclo das espécies, muitas delas, hoje, quase que extintas; o cuidado com a terra da qual se plantava, e sobre a mudança dos lugares apropriados por muitos anos pelos nativos para plantio agora é substituído pelo espaço construído: “[...] *este terreno era fraquinho... aqui não dava nada porque o dono plantava todo ano, né? Passei a amarrá umas vaquinha aqui. Isso aqui era tudo lavoura... quando nós se criemo eu vo te contá... a gente subia naquele morro e olhava para Ibiraquera e só via roça... Hoje, você sobe lá em cima e olha prá cá e não uma roça é uma pedreira, é só casa...*”

Tuan (1980) mostra que o trabalhador rural tem uma fusão com a natureza, pois o apego à terra é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela, afinal a terra é uma grande parceira.

Além do espaço da lavoura trazido pelos entrevistados, Lourenço faz uma descrição da casa de barro que era muito comum, há algumas décadas atrás, e nas quais os idosos moraram em suas infâncias. A fragilidade da casa de barro fazia com que os habitantes estivessem constantemente reconstruindo-a. Tuan (1983), aponta que como a sociedade camponesa não possui arquitetos, as casas são construídas pelas mãos de seus proprietários e estes também ajudam a construir os lugares públicos de sua comunidade. “*No tempo que eu me criei as casa eram*

tudo de palha, coberta por tiririca por cima e as parede eram feita de pau-a-pique, barro. Barreava. Então quando dava uma tempestade, o barro caía e tinha que barrear outra vez. A maioria era de palha, outras eram coberta de telha de barro, mas aqui dava muito vento do mar, né e botava aquele barro no chão... eu me recordo bem, bem. O mais era chão batido. Quem tinha uma casa de telha, já era muito contente..."

Ao pesquisar sobre a cultura açoriana em Santa Catarina, Gomes (1993), reforça a situação, argumentando que as casas rurais foram durante anos cobertas de palha, as paredes de pedra solta e "o chão de terra barrenta, vulgarmente conhecido por chão de terra batida" (p. 19).

Tuan (1983, p. 116), ainda justifica que "construção e a reforma são atividades quase constantes. Uma casa não é construída uma única vez para ser desfrutada para sempre".

A antiga casa de barro, tão forte na memória de Lourenço, e de outros entrevistados, foi substituída por uma casa de alvenaria, construída exatamente no mesmo lugar, significando o enraizamento e a identificação de Lourenço com o lugar. A moradia conserva o engenho com paredes sem cimento, parecendo lembrar as paredes da casa, na qual ele nasceu e viveu sua infância.

Vilela (1976), assim se posiciona quanto a identificação com o lugar: "la apropiación consiste básicamente en la identificación que se da entre el individuo y su espacio habitacional. [...] Nos apropiamos del espacio, pero el espacio se apropia de nosotros" (POL, sd, p. 49).

Proshansky (1976) apud Pol (sd, p. 50), segue o mesmo pensamento ao se referir à identidade de lugar. Segundo ele: "cuando la gente se identifica fuertemente con un espacio tiende a personalizarlo y, frecuentemente, los mismos objetos usados como indicadores o símbolos de la personalidad (real o deseada) de los ocupantes sirven de signos de ocupación".

Quanto aos sentimentos trazidos com a recordação dos jovens sobre sua identidade de lugar, observa-se um desabafo quanto à desconfiguração do seu lugar de origem. O prazer pelo verde, pelo espaço amplo e conhecido, pelas brincadeiras que necessitam de lugares sem empecilhos é relatado na saudade e no descontentamento de Gustavo: "*Melhor quando tinha menos casas, mas bastante também é bom ter, mas não tão perto uma da outra assim [...] Eu acho que cada casa devia ter um pátio bom, né? Um pátio grande, não uma casa [...] tudo empilhado, uma em cima da outra... tem muita pousada [...] e a estrada eu*

gostaria... não que fosse asfaltada que asfalto eu... mas calçada porque seria melhor... asfalto vai ficar muito cidade, assim ele começaram a fazer asfalto ali em baixo, mas não terminaram. Eu gosto mais de verde, de mais espaço prá brincar, assim... é bastante, ter bastante terreno, gramado [...] agora tudo isso tem casa, tem dono... eu gostava de soltar pipa que aqui não dá mais por causa dos postes de luz... eu vou lá pro vô quando quero soltar pipa [...] O espaço tá quase todo construído... não dá mais prá brincar [...] hoje nós só podemos brincar de futebol num campinho de areia no terreno da vô no fim da rua. Antes tinha um monte de campinho de areia, de grama [...] Antes eu podia andar por tudo porque era tudo gente conhecida, gente daqui, gente nativa [...] Antes todo mundo sabia quem tu é, hoje não dá prá passar dentro dos lotes, tem que ser só na estrada... antes se cortava caminho passando dentro dos terrenos e ninguém implicava [...] Isto aqui era tudo de gente nativa... todo o espaço era nosso... a gente fica meio expulsa do lugar...”

O posicionamento de Gustavo em relação às mudanças que estão ocorrendo em Ibiraquera, em grande parte, por causa do turismo, relaciona-se não somente ao espaço geográfico, mas imperiosamente quanto ao espaço sócio-cultural e que repercute diretamente na identidade de lugar da comunidade. Segundo Lago (1996), é preciso atenção sobre a preservação dos recursos naturais das comunidades litorâneas que estão sendo invadidas pelo turismo sem planejamento. Segundo a mesma autora, “o problema transcende o fato econômico e tem dimensões éticas, filosóficas, sociais, psíquicas” (LAGO, 1996, p. 66). Observando as recordações de Gustavo estende-se para além da individualidade, na qual a identidade coletiva de ser nativo e de lugar na comunidade de Ibiraquera está ameaçada.

4.1.3 A personificação do lugar: os espaços coletivos

A expressão **personificação do lugar** também envolve integração e interação do sujeito ao seu ambiente, sendo as marcas humanas a sua forma de maior expressão. Sansot (1976) apud Pol (sd), denomina apropriação para todo tipo de prática, por meio da qual imprime-se como sua.

Mediante a ação sobre o entorno, Gonçalves (2002), diz que o sujeito e a comunidade vão transformando o espaço, deixando suas marcas ou as suas

estampas e o incorporam em seus processos humanos, que envolvem a cognição, a afetividade, a estética e a linguagem simbólica. Todo esse processo liga-se aos modos de vida e de habitar o lugar.

Nas moradas antigas observa-se o **quintal** de árvores frondosas e frutíferas, sobrepondo-se sempre os **pés de anogueiros**, cujos frutos eram utilizados para fazer o sabão, a cera para iluminação e de seu tronco até canoas. Essas árvores destacam-se nos quintais dos nativos conforme se observa na foto abaixo:



Figura 5 - Antiga moradia de uma família nativa de Ibiraquera, sobrepondo os pés de anogueiros comuns nos quintais deste lugar - Foto: João Batista de Campos Jerônimo – 2005

A personificação dos lugares habitados pelos nativos de Ibiraquera é perfeitamente visível nos quintais que sinalizam a habitação atual, ou, abandonada de seus nativos. No quintal, nomeado também como “chácara” ou “pomal” pelos habitantes, encontra-se tanto um valor funcional como simbólico.

A árvore segundo, Chevalier (2005, p. 84), tornou-se “um dos temas simbólicos mais ricos e difundidos”, podendo simbolizar a vida, a verticalidade como a ascensão ao céu, a evolução trazendo os temas da morte e regeneração, de relação entre a terra (raízes) e céu (galhos superiores). Todos estes significados

acabam aparecendo nas narrativas, nomeando o significado da árvore em suas vidas, marcando muitas vezes lugares com lembranças muito significativas.

Para Gustavo estas lembranças estão na figueira de sua casa de infância e na acácia que plantou e que não permite sua poda; Leonardo² aponta as três árvores, nas quais brincava; Ary o descanso em baixo do abacateiro e as árvores que mantêm a privacidade de sua casa; Lourenço tem a proteção da casa ao cortar o vento; Leonardo e Cravina lembram do bambuzal que fazia a cerca dos terrenos. José relata a beleza das árvores em seu quintal, destacando o anogueiro, do qual fez uma canoa, e o abacateiro que simboliza o nascimento do filho caçula, demarcando mais um ciclo em sua vida de progenitor: *“Em volta da casa o que tem de bonito aí é as árvores, né? São verde, são lindas... tem sombra prá refrescá no verão. Com o anogueiro se faz sabão e tem até uma canoa minha feita com o tronco do anogueiro. Todas as árvores são importantes... o abacateiro por causa da sombra e porque ele tem a idade do meu filho mais moço, 30 ano”*. (José)

Personificar um lugar envolve uma implicação do sujeito no espaço de corpo e alma (GONÇALVES, 2002); os órgãos dos sentidos, coração e afeto (TUAN, 1983) e pelos pés e pela cabeça, braços e pernas (SENNET, 2003).

Francisco sabe muito bem como é envolver-se de corpo e alma (GONÇALVES, 2002) na personificação do lugar e conforme Tuan (1983), as árvores fazem parte de um plano deliberado de criar o lugar. Para começar a marcar seu espaço de habitação Francisco relata todo o ritual feito até que seu quintal chegasse à forma atual: *“Tudo aqui fui eu que fiz. O primeiro fruto que eu plantei aqui foi 3 laranjeira, ainda tá ali. Comprei a laranja, chupei a laranja e plantei a semente e fiz a muda. Elas tavam plantada lá na antiga morada. Mas quando eu vim, eu arranquei com cuidado, mais arranquei com dó. Eu pensava: eu vo arrancá estas laranjeira, tão bonitinha, mais de certo não vai prestá. Fiz um buraco bem grande num, circulo ao redor, amarrei numa corda e trouxe de arrasto e plantei ali. Tive tão boa sorte que elas pegaram e todas as 3 tão ali. Este ano ainda deu laranja. Eu gosto de plantá as sementes que me dão. A mulhé gosta de flor, eu gosto de árvore”*.

Os **caminhos** são outras formas de deixar marcas no lugar em Ibiraquera. Tuan (1983), mostra que esta rotina de ir e vir todo dia do local de trabalho procurando o caminho de volta para casa, oferece ao sujeito uma dimensão espaço-temporal de lugar, além de trazer um sentido real de voltar ao centro da vida. Na maioria das narrativas se percebe este caminho, o aprofundamento da terra

de diversas maneiras: na lembrança da diversão, da dor, do frio, do trabalho, da escola, dos espaços ocupados pelos turistas e a expulsão de quem tinha nos caminhos, uma forma de acelerar a caminhada, das idas e vindas pelas margens da lagoa ou do mar para cruzar fronteiras para além de Ibiraquera. Estes últimos espaços, embora não deixassem marcas no chão, deixaram na memória de quem sofria com os pés descalços. Francisco deixa clara a sensibilidade dos pés descalços que muito caminhou pelas terras quentes do meio dia, desconforto este que os jovens não conheceram: *“Na roça se plantava mandioca. Era tudo caminho de areia que até saía à sola do pé. Andava descalço. Se tinha que voltá o meio dia tinha que trazê um tamanco por causa da areia quente. Hoje é uma maravilha”*.

Claval (1999, p. 192), afirma que os caminhos também são pontos de referência e que “resulta de uma relação sensorial com o espaço, sendo que este depende, além do círculo familiar percorrido a pé em todos os sentidos, do modo de locomoção utilizado”, como abaixo ilustrado.



Figura 6 - Caminho que leva até a fonte na antiga casa de Cravina –
Foto: João B. de C. Jerônimo – 2006

Durante o trabalho de pesquisa de campo, a pesquisadora recebeu uma carta de um sujeito que não foi entrevistado, mas que quis deixar um depoimento por meio de uma carta (anexo G) sobre a importância dos caminhos que levam os pescadores até a lagoa e que estão sendo fechados pelos novos ocupantes do lugar. Portanto, os caminhos ainda são utilizados pelos nativos como atalhos para atravessar as terras conhecidas, para chegar à lagoa e para as brincadeiras das crianças. Leonardo refere-se ao caminho como um meio que o liga a casa do avô e para brincar de bolinha de gude. Gustavo sente falta dos caminhos conhecidos que cortavam os terrenos dos nativos, sendo que Cravina recorda-se do caminho fundo que cortava o quintal e a levava até a fonte para lavar roupas e buscar a água para beber. Dessa forma, tanto os caminhos como as fontes naturais são marcas coletivas da comunidade.

Destaca-se que as nascentes conhecidas como **fontes**, foram muito cuidadas pelos antigos nativos de Ibiraquera, pois eram ali que as mulheres lavavam a roupa e, ainda, carregavam a água para beber e utilizar nas tarefas domésticas. Trabalho árduo, pois as fontes normalmente ficavam longe das casas. *“Era muito difícil ter água doce naquele tempo. Tinha uma fonte lá em baixo no pasto onde as mulhé lavavam e pegavam água para beber”*, como relata Lourenço.

Segundo Chevalier (2005, p. 445), as fontes nas culturas tradicionais simbolizam a origem da vida, sendo que a sacralização destas, é fenômeno universal por constituírem a “boca da água viva [...] que delas corre é como chuva, o sangue divino, o sêmem do céu”. Assim em muitas comunidades tradicionais é proibido pescar nas fontes ou cortar a vegetação de seu entorno.

A utilização da água da fonte foi substituída pela construção dos poços artesianos e, atualmente pelos canos da CASAN, como mostram Lourenço e Cravina em seus relatos. Com isto muitas fontes foram aterradas ou estão escondidas dentro da vegetação.

Na transformação dos lugares é deixada a marca que faz a ligação entre a forma de ser e de agir dos sujeitos em um determinado espaço.

Como os nativos idosos sempre trabalharam com a lavoura, principalmente da mandioca e outras culturas de subsistência, suas casas possuem o **engenho** de farinha agregado, evidenciando mais uma marca de habitações nativas. Manoel relata: *“a primeira casa que fiz foi o engenho de farinha”*.

Como já mencionado, a mandioca foi cultivada inicialmente pelos indígenas que habitavam a região, depois se seguiu o cultivo da cana-de-açúcar e do café. O

açúcar, o melado bem como a farinha, eram produzidos em engenhos diferentes como ressalta Cravina, que mantinha as duas produções. Embora o processamento do açúcar fosse exclusivo de algumas famílias, a farinha e outros derivados da mandioca, como o beiju, a tapioca e o polvilho ainda são feitos na comunidade de Ibiraquera.

Como menciona Lago (1996), assim os engenhos são partes da paisagem cultural do espaço das famílias tradicionais do sul de Santa Catarina, neste caso de Ibiraquera.

Na monumentalização do espaço físico existe a recriação coletiva dos significados das pessoas e dos lugares. Além dos engenhos, dos quintais e dos caminhos, outros lugares construídos pelos habitantes de Ibiraquera personificam o ambiente físico e cultural.

Tuan (1983) destaca que o meio ambiente construído traz uma linguagem que define e aperfeiçoa a sensibilidade, aguça e amplia a consciência, dá forma aos sentimentos.

Da mesma maneira, a **igreja** e seu entorno traz lugares significativos para os sujeitos pesquisados para as diferentes idades. A igreja é o lugar construído pela força da fé e da tradição cristã muito forte dos nativos que são devotos de Nossa Senhora dos Navegantes. *“Na igreja porque eu vejo os meus amigos e prá adorá o Filho de Deus que tá lá. Lá tem os santos, o meu de devoção é a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da Ibiraquera e dos pescadores”*, no dizer de Francisco.

Para Chevalier (2005), a igreja é um símbolo que assume diferentes formas. Pode ser simbolizada por uma barca, uma videira, uma torre ou uma construção e apresentam no cristianismo, diversos significados, como: imagem do mundo, o reino dos eleitos, o microcosmo e a alma humana, e todo o simbolismo da mãe do povo de Deus.

A igreja é um lugar ao qual todos os entrevistados se reportaram, os jovens mesmo estando afastados da prática religiosa, falam sobre as festas, o grupo de jovens, a música, as leituras. Os idosos trouxeram a fé em determinadas imagens sacras, os rituais na hora da missa, a educação dos pais em participar das atividades religiosas e no relato de Manoel encontra-se que ele ajudou a construir o espaço arquitetônico da igreja de Ibiraquera.

Como destaca Tuan (1983), é na arquitetura que o sujeito vai apurando a sua capacidade de sentir, ver e pensar. As imagens objetivas construídas pelo sujeito

tornam os sentimentos e as idéias mais abstratas, no caso a religiosidade mais concreta.

A igreja eleva em sua **torre** uma **barca** com uma **cruz** representando a fé da comunidade em sua padroeira: Nossa Senhora dos Navegantes. A torre é caracterizada como um símbolo universal cujo significado imediato é o de restabelecer o contato com os deuses. Na tradição cristã, a torre segundo Chevalier (2005), foi inspirada nas construções militares e feudais, tornou-se símbolo de vigilância e ascensão. A torre no cristianismo tem o significado de elevação. Em Ibiraquera a elevação se dá por meio da intersessão de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da comunidade e protetora dos pescadores, conforme imagem abaixo.



Figura 7 - Torre da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes de Ibiraquera - Foto – João B. de C. Jerônimo – 2006

A barca suspensa na torre da Igreja católica de Ibiraquera, também remete a reflexão do seu simbolismo. Chevalier (2005) descreve este elemento simbólico dentro da mitologia Grega, da Oceania e do Egito, bem como do xamanismo, destacando-a como um símbolo de viagem ou de travessia entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Na tradição cristã a barca evoca a Arca de Noé, obtendo o significado de salvação. Bachelard apud Chevalier (2005), traz uma compreensão da barca como um elemento que evoca o seio ou o útero materno, o primeiro berço do ser humano.

Em Ibiraquera esses significados podem ser traduzidos nesta torre que se eleva, que tem em seu pico uma barca e que possui Nossa Senhora dos Navegantes como a intercessora da comunidade com o sagrado. Nossa Senhora é tida pelos nativos e no cristianismo como a “Mãe de Todos”, exemplificada, muitas vezes, na narrativa de Cravina.

Os elementos da Igreja, da torre que eleva a barca que salva e, que representa também, objeto coletivo de uma comunidade de pescadores: a canoa. Entre o real e o simbólico, entre o sagrado e o profano, entre o céu e a terra, existe o santo que faz a mediação para a concretização da fé, a salvação dos mortos e a elevação espiritual dos vivos.

Além do sentido religioso, a torre na concepção de Claval (1999), serve como referencial que se avista ao longe, como uma árvore ou uma colina. Tuan (1983) argumenta que as torres das igrejas foram dominantes e ainda hoje é, na maioria das vezes, o elemento arquitetônico que tem maior destaque nas comunidades tradicionais.

No entorno da igreja, aparece a **praça** como um outro lugar apropriado pela comunidade, principalmente, sendo o lugar onde os jovens se reúnem, conversam, brincam de esconder, de ré, mapeiam seus passeios noturnos, conforme a fala a seguir: *“A pracinha da igreja é lá que encontro os amigos. A praça lembra a catequese, é o ponto de saída pros divertimentos...”* (Leonardo2)

Jacobs (2000) lembra que a praça é geralmente um lugar reconhecido pelos sujeitos como um centro, ou no mínimo um ponto de parada num local que se destaca. Seguindo, a fala dos entrevistados mais jovens e as palavras da autora acima, Yazigi (2003), vêm argumentar o valor ecológico, estético e social que são atribuídos às pracinhas. São nelas que, muitas vezes, se percebe o forte sentimento de pertença de seus ocupantes, pois é também neste lugar onde as pessoas se aproximam e fortalecem o relacionamento com vizinhos e amigos.

O **futebol** é uma outra atividade social dos nativos caracterizando um espaço social muito apreciado por eles. Por meio de informações adquiridas do Museu do Esporte (2006), o futebol é um esporte que tem suas origens temporais e locais muito divergentes entre os historiadores. Porém tornou-se uma atividade competitiva e popular, sendo praticado em quase todos os países do mundo. No Brasil, o futebol é parte integrante da vida dos brasileiros, tornando-se responsável por manifestações coletivas de entusiasmo. Na comunidade de Ibiraquera, isto não é diferente.

O campo do Juventus, construído pelos nativos de maneira simples, é um lugar cheio de lembranças e de encontro entre os idosos, e de desejo para os jovens entrevistados. Pela sua simplicidade e seu valor social e afetivo torna-se também um lugar personificado pela coletividade nativa, conforme cita Manoel: *“No campo de futebol aparecem os amigos, é muito amigo. Joguei futebol, muita pelada, lembro da minha juventude... As duas coisas que eu tenho saudade: o jogo de futebol e a canoa, a não ser a igreja A igreja é uma tradição que meus pais ensinaram a ir”*.

O campo de futebol também vem acompanhado de um outro lugar público, o **“Bicão”**, uma danceteria construída nos anos 80, por um grupo de jovens de Ibiraquera e bastante conhecida em todo o entorno do bairro, como relata Leonardo: *“Jogar bola no campo do Juventus... eu gosto de jogar bola, não nos fins de semana, mas uma peladinha com os amigos. Jogar bola no Bicão. Pra dançar tem o Bicão”*.

A dança se constitui uma das práticas mais primitivas da humanidade de expressão de sentimentos, por meio do corpo. Júnior (sd) coloca que em desenhos rupestres encontrados, principalmente, em cavernas, foram observadas pessoas vestidas de forma a imitar animais ou simbolizar fenômenos naturais. Com o passar do tempo a dança foi sendo associada às estações do ano, para expulsar maus espíritos, para dar força aos guerreiros, entre outros rituais.

A dança a que os entrevistados se referem é a dança da diversão, de uma parada para sentir o corpo com emoções mais leves, sem pressões ou obrigações. Como afirma Tuan (1983, p. 143-144), a dança e a música que a acompanha “anula o tempo histórico e o espaço orientado”. Ao dançar as pessoas libertam-se “das solicitações de uma vida dirigida por objetivos, permitindo-lhes viver brevemente no que Erwin Straus denomina de espaço ‘presêntico’, sem orientação”.

O “Bicão” é ponto de referência dos jovens para a dança e para Francisco é um lugar que demarca a sua primeira moradia, pois foi neste espaço que ele construiu a sua primeira casa. Hoje é no Bicão, danceteria de uma construção rústica, que jovens nativos e de outras localidades da região de Imbituba, se encontram, trazendo um certo status a Ibiraguera.

Os idosos também relatam a sua paixão pela dança, que em seu tempo ocorria em “*casas particulares*”, lembrando da ratoeira que aproximava as moças dos rapazes.

Pereira (2004) coloca que a ratoeira é uma dança muito popular no interior catarinense e que têm lugar nos bailes, de preferência pela meia-noite, após haverem pedido licença aos pais das moças. Dado início à formação da ratoeira, a música toca uma valsa, e os que tomam parte nesta convidam os seus pares e saem dançando naturalmente, logo que todos se encontrem dançando, formam um círculo de mãos dadas.

Após isso, um dos mais idosos, ou então o dono da casa determina quem deverá cantar em primeiro lugar, se moça ou rapaz. A música aproxima-se do círculo para acompanhar as quadrinhas, que vão desde as declarações de amor e confirmações, e até desafios aos rivais, não raro ouvindo-se quadras verdadeiramente sarcásticas e satíricas. Geralmente, para darem início às trocas de quadrinhas, apresenta-se um par voluntário, e, se isto não acontecer, será lançada uma sorte, e o primeiro par posta-se no centro do círculo, agora dançando a valsa e a música continua tocando até o término da ratoeira.

Um outro lugar que mostrou ser relevante durante as entrevistas e que faz referência a monumentalização do lugar é a **ponte**. A sua construção tem o seu lado funcional por ter reduzido o esforço físico da comunidade para o comércio da farinha e do pescado, assim como ter facilitado o acesso dos habitantes de Ibiraguera aos divertimentos em outras comunidades da região. Com a ponte, facilitou-se a movimentação tanto daqueles que transitam com seus próprios pés, como também para aqueles que fazem uso de meios de transporte.

Este valor tem sua afirmação nas palavras de Tuan (1980, p. 230), pois para ele a ponte é ao mesmo tempo um espaço “utilitário e um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para o outro, de um mundo para outro”. Na imagem da próxima página esse simbolismo toma forma e significado.



Figura 8 - Ponte de Ibiraquera – Ligação entre Ibiraquera e Araçatuba. Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – 2006

O simbolismo da ponte, segundo Chevalier (2005), é um dos mais difundidos universalmente e tem o significado de dar passagem de uma margem a outra. Além deste significado, outros são atribuídos à ponte pelos nativos de Ibiraquera.

Em época de temporada de veraneio, a ponte apresenta o seu lado simbólico, vira trampolim para as pessoas que gostam de mergulhar no canal da lagoa de Ibiraquera. Assim relata Leonardo² sobre o simbolismo da ponte em sua vida: *“Tem outros espaços especiais, a lagoa e a ponte, local dos amigos. Lá a gente subia na sapata, pisava na craca, brincava de pegar na água, nadava”*.

Os nativos de Ibiraquera vivem num espaço cercado pela lagoa e pelo mar, com praias lindas propícias à prática do surf. Dentro do espaço da praia eles participam com grande frequência de atividades sociais ou laborais, como o futebol ou a pesca da tainha, porém o surf trouxe aos jovens a organização de uma associação que lhes desse uma identidade num lugar de um forte sentimento de pertencimento, como escreve Tuan (1980).

Neste contexto da prática do surf pelos jovens nativos, a **Associação de Surf da Praia do Luz** foi referenciada por Ary, Gustavo e Leonardo², sendo que esta foi monumentalizada pelos próprios nativos, oportunizando mais um significado de personificação de lugar. Leonardo² identifica-se com esta associação e com a Praia do Luz, a praia dos nativos. *“Porque os amigos se concentram no Luz, porque*

tem a associação de surf... tá todo mundo ali. Meus amigos são nativos mesmo... prefiro sempre o Luz. É uma praia mais calma..."

Claval (1999), diz que uma estátua ou um monumento pode despontar como um referencial de lugar. O surf mesmo sendo um esporte mundial e com símbolos específicos: a prancha e o surfista, elementos de utilização contemporâneos e de uma prática de aculturação, têm em Ibiraquera um monumento que dá uma marca ao surf nativo.

4.1.4 A personificação do lugar: o objeto coletivo

Tuan (1983) aponta que o lugar é a classe especial de objeto [...] é um objeto onde se pode morar. Assim lugares e objetos definem e personificam o espaço.

A **canoa** é um dos objetos de maior apropriação pelos habitantes de Ibiraquera, pois até bem pouco tempo a pesca, junto à agricultura, era o meio principal de sustento. Este elemento é lembrado nos relatos de todos os entrevistados masculinos, significando tanto o espaço laboral (sustento), o lúdico (brincadeiras) e o afetivo (sentimentos) como se observa na imagem abaixo.



Figura 9 - Rancho e Canoas de Manoel na Lagoa de Ibiraquera. Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo - 2006

Assim a canoa ultrapassa o valor funcional, tornando-se um elemento poético coletivo evocador de sentimentos, lembranças, saudade, que transcende o espaço pragmático. É o objeto que personifica as margens da lagoa e do mar de Ibiraquera, por isso precisa de cuidados, como a construção de ranchos que a protejam do sol e da chuva. O **ranchos** acaba sendo o monumento que faz parte da cultura e da alma destes habitantes. A canoa também, se torna um símbolo, pois evoca sentimentos, emoções e significados muito pessoais, como se observa no relato de Manoel: *“A canoa no mar eu era apaixonado por ela. Eu tenho canoa e me criei pescando no mar. Pescaria no mar grosso eu entendo toda ela. A canoa lembra a coragem, a aventura, a morte...”*

Segundo Chevalier (2005), a vida é uma navegação perigosa e a canoa um símbolo de segurança. As canoas são utilizadas como um meio de dar mais segurança ao pescador, porém sabe-se que é necessária grande habilidade para manejá-la, porque ela pode ser virada ou afundada facilmente, principalmente quando é utilizada no mar revolto, como lembra Lourenço: *“Com tempestade o mar derrubou a gente da canoa e o mar tirava. Saimo nadando mar adentro. As marola eram muito grandes. O socorro não chegava porque o mar era muito brabo. Quase morremo tudo. Depois disso a gente viu que podia vencê qualquer dificuldade”*.

Tuan (1980) resgata a atitude ambivalente do homem em relação ao mar. O mar desperta a beleza e um ambiente útil para a sobrevivência humana, mas é também uma força que assusta. O mar serve então, “de imagem para tudo que era difícil e insensível”. (TUAN, 1980, p. 138).

Neste contexto, Lourenço e Manoel experienciaram o espaço do mar vencendo os seus perigos, justificando-se aqui a expressão “experenciar”, haja vista que esta provém da raiz latina (per) de experimento, experto e perigoso. Segundo Tuan (1983), para experimentar faz-se necessário aventurar-se no desconhecido experimentando a ilusão e a incerteza. O sujeito é atraído para arriscar-se porque “está apaixonado, e a paixão é um símbolo de força mental” (p. 11).

Descrevendo este instante poético, evoca-se Gonçalves (2002), mostrando que o sujeito se transforma no recriar concretamente seu mundo ele recria a si. Ao identificar-se com a canoa, o objeto poético, o pescador-nativo vê-se nele como um todo, como uma síntese. A marca deixada no mundo externo seja na lagoa ou no mar, mesmo que por poucas horas, é concreta. Na lembrança e na atuação, o

sujeito se expressa nesse objeto poético. Como afirmou Varela (2006), cada lembrança deixa uma marca na alma.

4.1.5 A personificação do lugar: os lugares íntimos e singulares

A **casa** é o espaço construído e primeiramente apropriado pelos seres humanos. Já na era primitiva a humanidade embora não construísse com tanto esmero este ambiente, habitava as cavernas, sendo que nelas são encontrados desenhos que delimitam uma marca dos seus primeiros habitantes. Até hoje a organização, ornamentação e decoração da casa refletem os hábitos, valores, modos de vida de seus habitantes.

De acordo com Brower (1980) apud Pol (sd, p. 50), “[...] la personalización serpa la resultante de la conducta territorial de um sujeto o um coletivo em cuanto ocupan, defienden y experimentan um fuerte sentido de identificación y pertinência com um espacio [...]”.

A casa seja nova, seja velha como relatou Ary, é o espaço que dá segurança aos entrevistados e está repleta de significados que vão desde:

- ✍ a luta para construí-la (Leonardo2);
- ✍ a preciosidade de cada canto (todos os entrevistados);
- ✍ a singularidade de cada objeto (Cravina, Francisco, Ary e Gustavo);
- ✍ a preferência por alguns móveis (Lourenço, Francisco, Gustavo, Leonardo2, Leonardo);
- ✍ o afeto pela casa habitada.

Estes significados remetem a Heimstra (1978), que postula ser a casa, o abrigo físico para a família, além de ser o lugar para o desenvolvimento das atividades cotidianas e de proteção psicológica contra as pressões do mundo exterior.

Os sujeitos ao falarem sobre a sua casa, deste mundo interior construído e o valor atribuído aos lugares mais íntimos deste espaço relataram três lugares: a sala, o quarto e a cozinha, e dentro destes móveis e os objetos significativos. Isto remete a Tuan (1983), pois todos os seres humanos têm seus próprios pertences e, talvez, todos tenham necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto no carro.

A **sala** teve um sentido diferente para cada um dos sujeitos, variando também o objeto de preferência. Para José, o gostar de estar na sala está ligado ao aparelho de televisão que o coloca em conexão com as notícias que acontecem no mundo: *“o lugar que eu mais gosto é quando eu to lá na sala vendo televisão, vendo o jornal, vendo o que acontece no país, né”*. Mas para Leonardo² e Lourenço, a sala se constitui o lugar de interação social com os familiares: *“O canto que eu mais gosto é a sala porque é o lugar onde tá todo mundo junto, a família. O pai quando taí deita no sofá, vem a mãe e vem todo mundo. É onde a gente ri, que a gente brinca e briga... onde se reúne todo mundo”*.(Leonardo²)

Heimstra (1978) coloca que a sala apresenta diferentes maneiras pelas quais as pessoas podem utilizá-la, passando pela privacidade, afirmação de propriedade ou de status, bem como o desenvolvimento do relacionamento social. A mesma pesquisadora, ainda atesta a relevância do mobiliário sobre a percepção das pessoas, que podem estar relacionados à utilidade, conforto e beleza para o ambiente. Neste caso, o **sofá** foi eleito por Leonardo e por Lourenço como um móvel que traz conforto e que traz uma proximidade, um contato corporal entre as pessoas. O sofá não tem apenas o sentido do sentar, mais sim da aproximação e da interação como traz também Lourenço: *“o lugarzinho preferido, preferido mesmo será neste sofá. É onde eu me sento e leio a Bíblia e a minha mulhé tem o descansinho dela, ali”*.

Embora se tenha a sala como o espaço domiciliar para recepção de pessoas, a cozinha ou a **cozinha conjugada** à sala, para os entrevistados é o ambiente dos relacionamentos familiares e de vizinhança, como diz Suelen: *“[...] aqui na cozinha por que não fico sozinha. Junto com a cozinha tem a sala onde a gente recebe as pessoas. Fica tudo junto”*. Sendo que Francisco adiciona a mesa como o móvel de integração, de respeito e de paz: *“O canto que eu me sinto bem, me sinto em paz é na minha mesa. É lá que recebo os meus amigo, a minha família. Porque a mesa ficou prá ser respeitada e eu adoro tá na minha mesa”*.

A **mesa** para Francisco é o lugar onde as pessoas sentam, compartilham do alimento e das conversas. É o lugar sagrado da convivência. Dotterweich (1999), considera a mesa o lugar onde é servida a comida que alimenta o corpo e onde a família se reúne para partilhar da conversa que alimenta a alma. Esse alimentar se concretiza na foto a seguir.



Figura 10 – Sala e cozinha conjugadas, destacando a mesa e o sofá, na casa de Suelem. Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – 2006.

O cômodo da casa mais apontado pelos entrevistados foi o **quarto**, em diferentes faixas etárias, tendo o mesmo significado: a privacidade. Para Heimstra (1978), as pessoas têm esta necessidade de privacidade, sendo que o quarto tem esta função de dar limites de acesso a estranhos. A privacidade do quarto leva Cravina à concentração de sua leitura preferida: a Bíblia; ao ambiente propício para que Suelem possa escutar sua música; a contemplação dos objetos preferidos de Gustavo e Ary; ao espaço íntimo do leito conjugal e do descanso como relata Manoel: “[...] meu lugar é o quarto e no quarto a cama [...] mais o lugar do descanso é a cama [...] é o lugar que o casal se conversa mais”.

A apropriação do espaço envolve, como já se pontuou em outros momentos, muitos aspectos, e todos se relacionam com a afetividade. A casa é o lugar sagrado da proteção, porém no quarto está mais definida a intimidade, por isto Dotterweich (1999), chama a atenção a este lugar pessoal, onde estão as coisas mais sagradas, e de que é necessário o respeito e o direito de cada um, em definir um território pessoal, no qual à individualidade possa adquirir forma. Privacidade e solidão são necessárias para uma reflexão e uma introspecção rigorosa. Tuan (1983) reforça as palavras da autora acima, afirmando que a privacidade espacial naturalmente não garante a solidão, mas é uma condição necessária.

Embora os entrevistados tenham se referido aos seus próprios quartos, Leonardo traz o quarto da mãe como o seu lugar preferido, trazendo uma variedade de significados muito singulares: “[...] quarto da mãe. Porque eu gosto de ver televisão deitado na cama ou no colchão. Pego o meu prato de pirão de água e peixe frito e como lá. Jogo vídeo game. A minha mãe diz que eu sou criança com 19 anos. Lá tem o cheiro da mãe. Tem o colchão e o travesseiro que eu carrego pra ficar no meio das camas”.



Figura 11 – Camas e colchão no quarto da mãe de Leonardo. Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – 2006.

O quarto da mãe de Leonardo, não traz o valor da privacidade, mas o que se observa é um espaço onde a cultura tradicional (pirão da água e peixe frito) se mescla à cultura da pós-modernidade (televisão e vídeo-game). É um espaço no qual a função da cozinha e do quarto se confundem. Evidencia um espaço, no qual a criança-adolescente de Leonardo pode se manifestar. O cheiro da mãe remete ao sentido olfativo apurado do bebê que reconhece o primeiro espaço seguro do ser humano.

Portanto, a casa experienciada como um lar, está repleta de objetos que são conhecidos, por meio do uso ou pelo valor estético e, como diz Tuan (1983), fazem parte da vida das pessoas, muitas vezes, obtendo uma dimensão de ser parte delas.

4.1.6 A personificação do lugar: os objetos singulares

Para os idosos os objetos que ornamentam suas casas estão diretamente relacionados às suas histórias de vida, as suas lembranças, a sua fé, aos êxitos conquistados com o trabalho, conforme relata Francisco: “[...] gosto daquele quadro que o Roberto me deu no aniversário e do lado é o meu diploma de agricultor. Todo quadro da casa é ganhado. Cada um tem uma história”.

O **quadro** recebido de presente de Roberto traz à tona, as lembranças da amizade mantida entre Roberto e Francisco e demonstra um valor, ainda muito preservado na comunidade de Ibraquera, conforme se observa no decorrer das entrevistas. Na casa de Francisco o quadro da sagrada família colocado ao lado de seu diploma de agricultor também demonstra o valor dado ao trabalho de quem convive com a terra. Esta compreensão remete as palavras de Pol (sd), ao dizer que este toque, o detalhe, o quadro são elementos que refletem os valores, os ideais e as próprias pessoas e suas referências, ou seja, a transformação do espaço leva a identificação e, assim, a sua apropriação.

Quanto ao **diploma** de agricultor apontado por Francisco, também há uma dimensão muito maior em sua vida do que apenas um título. Na verdade o referido documento é um prêmio de produtividade rural recebido de um Presidente da República junto a uma medalha. Para quem não teve a oportunidade de estudar, este prêmio é pendurado na parede para manifestar o orgulho de um simples agricultor que teve um reconhecimento nacional por meio do seu trabalho, por outro lado, esta premiação lembra os prêmios de produtividade, trazida com o sistema capitalista, como o Operário Padrão, estimulando a competição e o individualismo.

Assim as **medalhas** e os troféus são tidos mundialmente como objetos de premiação e de reconhecimento, simbolizando o esforço ao longo dos tempos, principalmente em situações de competição. Ferreira (2000), diz que a pessoa proprietária de uma medalha sente-se numa posição de relevância frente aos demais. Isto fica evidente na fala de Francisco: “A medalha eu ganhei do Presidente Figueiredo pela produção. Foi uma pesquisa que é realizada de 10 em 10 ano. A outra foi do prefeito Osnizinho. Aqui na Ibraquera só eu ganhei esta medalha que eu saiba. Esta é uma grande recordação. Quem sou eu prá ser recordado pelo presidente? Eu tenho muito orgulho disso. Eu guardo numa caixinha, dentro armário porque pode chegá uma criança e pegá e perdê”.

Além dos objetos que enfeitam a casa e a vida de Francisco, em sua entrevista outros objetos foram por ele lembrados e mostrados à pesquisadora.

Assim como as medalhas, os **cadernos**, **cartilhas** e **lousa** do tempo escolar, estão guardados em um armário simbolizando suas relíquias materiais e simbólicas. O valor pessoal e histórico dos objetos desde sua época de estudante, ainda lhe rende homenagens: *“Da escola eu tenho a lousa, o caderno que era feito à mão com linha e folha de papel de embrulhá açúcar grosso e as cartilhas (1933 e 1938). Tenho isso desde os 8 ano de idade. Teve uma pesquisadora aqui e fotografô tudo. Ela ganhou um prêmio em Portugal por causa desses objeto. Eu sou conhecido até fora do Brasil. Meu nome tá em tudo quanto é lugar”.*



Figura 12 - Lousa de Francisco - Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – 2006

A lousa, segundo Ferreira (2000), refere-se a uma lâmina na qual se escreve com giz o que confere com o relato de Francisco, segundo ele a lousa era utilizada numa época em que não se fazia uso de cadernos, até que os mesmos foram confeccionados pelos próprios estudantes com o papel disponível em sua realidade.

As cartilhas eram os livros que as crianças utilizavam para aprender a ler e que ao ser mostrada por Francisco lhe faz recordar dos colegas, da distância percorrida, dos caminhos andados, mais uma vez, com os pés descalços, desta vez não para o trabalho mais para aprender a ler e escrever, assimilando o valor do saber formal da sociedade moderna.

Tuan (1980) comenta sobre que possuem pouca instrução formal e sua relação com o seu lugar de origem que se aproxima muito bem das falas dos idosos desta pesquisa. Segundo o autor esta população pode “estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza, ou recorrem à história”. (TUAN, 1980, p. 114)

Francisco, portanto é um sujeito envaidecido pelos méritos reconhecidos publicamente, possui uma sabedoria que ultrapassa a dimensão do ensino formal e ama seu lugar e nele se projeta por meio de seus objetos poéticos.

Os objetos não são simplesmente ornamentos encontrados na memória funcional, freqüentemente, eles tmam uma forma simbólica, como relata Claval (1999). Estes são encontrados nos detalhes do cristianismo que marcam a fé e a descendência açoriana dos idosos entrevistados, por meio dos objetos sacros, Bíblia e quadros, sendo enfatizados na narrativa, nas paredes e altares de Cravina.



Figura 13 - Altar e Bíblia de Cravina - Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – 2006

O **altar**, segundo Chevalier (2005) é um microcosmo e catalisador do sagrado e simboliza o lugar e instante em que um ser realiza uma ação sagrada, ou como escreve Claval (1999, p. 85), “lembram espíritos invisíveis que povoam o mundo, ou o Deus que preside seu destino”.

O altar está, neste caso, ligado à religiosidade que pode ser encarada segundo Xavier (2005, p. 91), em duas conceituações: a tradicional, instituída que corresponde “ao sagrado que desperta efeitos de reverência, fascínio e medo” e a de “*religio*” que remete a uma atitude do ser humano sendo “descrita como consideração e observação cuidadosa de fatores dinâmicos, concebidos como potências que influenciam a consciência e, portanto, a experiência”. Os nativos apresentam uma interação entre as duas conceituações, pois por meio de ritos, mitos e cultos formalizam espaços físicos e culturais aproximando-se uns dos outros, assim como o “eu pessoal” do “eu transcendental” por meio dos objetos crivados de significados.

A **Bíblia** é mais um objeto de apropriação universal, ocupando uma centralidade ou um lugar de destaque em muitos lugares, desde locais instituídos como os religiosos ou dentro das casas dos seguidores do cristianismo. A Bíblia pode ser um livro sagrado lido periodicamente, ou pode ser tido como um objeto simbólico de ornamentação e proteção, manifestando a crença numa espiritualidade, sem necessariamente fazer uso periódico de sua leitura.

Ao se colocar no mundo através do objeto estético, também o sagrado, “o sujeito tem uma dimensão de si, e o mundo, que incorpora na poética pelo espaço transformado, assim como o sujeito se transforma ao modificar o seu habitat, a sua casa, o espaço”. (GONÇALVES, 2002, p. 32).

O **rosário**, para Chevalier (2005), é um símbolo sagrado em diferentes crenças religiosas, sendo que sua matéria e cor variam de acordo com a divindade. Porém, a declamação repetida possui em todas as tradições o simbolismo de conexão com um ser superior.

Cravina ao enfeitar sua casa, dá uma dimensão poética a um rosário e a um pilão. Nestes estão simbolizados a união das gerações pela fé ou pelo trabalho: “[...] *tem um rosário feito dum pedaço da cama do meus pais de quando eles casaram, isto é uma relíquia. Também tenho um pilão que me lembra o meu pai... a mão do pilão, um lado foi feito pelo meu pai e o outro pelo meu filho mais velho*”.

O **pilão**, segundo Ferreira (2000), é um utensílio utilizado para bater, triturar, moer ou descascar. Em comunidades tradicionais, como em Ibiraquera, este era

encontrado em todas as casas, pois era utilizado para socar o café, o milho e o amendoim, entre outros alimentos dos nativos. Este utensílio atualmente se encontra com esta função nas casas dos idosos, e nas casas de outros moradores ou turistas como objeto de decoração.

No caso de Cravina, o pilão simboliza o encontro entre gerações. Ele representa na sua geração: o pai e o filho. Na geração de seu filho ou de seu pai: o avô e o neto. Simboliza o trabalho artesanal transmitido de pai para filho, de avô para neto, muito comum nas comunidades tradicionais. Saber e fazer que faz parte de um único tempo, de um único processo. A mão do pilão passa a ser mais que um socador. A mão é aquela que compartilha, que ajuda, que unifica o semelhante e o diferente. São pai (avô) e filho (neto) fazendo-se presente na vida de Cravina por meio de um pilão. Ilustrado na foto abaixo.



Figura 14 - Pilão de Cravina - Foto: João B. de Campos Jerônimo – 2006

Entre os entrevistados jovens observou-se que os objetos de sua diversão são os mesmos utilizados como adornos para enfeitar seu espaço mais íntimo, nestes exemplos, o quarto: “*O que tem de mais especial é a minha prancha, depois tem o berimbau e as fotos dos surfistas com as manobras. Eu gosto muito dessa foto porque ele é um ídolo prá mim e nessa foto ele tá fazendo uma manobra difícil*”. (Ary)

Na organização dos objetos de Ary na parede rústica de seu quarto, conforme está registrado na foto abaixo, destaca-se o **berimbau**, instrumento que acompanha o ritmo das rodas de capoeira, herança dos africanos, que agora está sendo popularizada entre os jovens de Ibiraquera. Em sua parede há um destaque ao **ídolo** de Ary no surf. Este retrato é cultuado pelo jovem, por meio de um respeito às manobras difíceis que o ídolo surfista consegue fazer, conforme disposto na imagem abaixo.



Figura 15 - Disposição dos objetos preferidos de Ary na parede de seu quarto - Foto: Rosa Nadir T. Jerônimo - 2006

Assim como novos objetos fazem parte da vida dos jovens nativos, a **prancha** é outro elemento que faz parte da vida destes dois jovens que praticam o esporte do surf. Sabe-se que Ibiraquera possui um ambiente propício para a prática deste esporte nas praias do Luz e do Rosa, além de ser possível a prática do Windsurf nas águas tranqüilas da Lagoa de Ibiraquera. Sendo assim, a prancha e os seus acessórios estão se tornando um elemento importante na vida dos jovens, como relata Gustavo: [...] *“gosto da prancha e da roupa de borracha porque é o que eu gosto de fazer, aqui tem muita praia, prá mim o surf é importante porque é o esporte que eu mais faço”*.

Portanto, a prancha ao ser colocada com organização dentro do espaço, deixa de ter apenas o valor de uso, mas principalmente um valor estético, junto a outros objetos, como a roupa, os pôsteres e a pintura azul de seu quarto, que dão a sensação de estar na imensidão do mar e que compõe um aspecto identitário do mundo do surf apropriado por Gustavo.



Figura 16 - Quarto e objetos estéticos de Gustavo. Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo - 2006

Este capítulo teve como objetivo identificar o processo de construção da identidade e da identidade de lugar por meio da personificação do espaço físico, social, cultural e afetivo dos nativos de Ibiraquera. Para isso foram utilizados alguns conceitos próprios da Psicologia Ambiental, tais como: apropriação do espaço, identidade de lugar e personificação do lugar; da Psicologia Social no conceito de identidade e de identidade de papéis; da Sociologia nos conceitos de identidade de projeto e cultural.

Também foram trazidos autores da antropologia, da história, da geografia entre outros. Com base em tantos autores, conceitos e narrativas dos entrevistados consideram-se dentro do item sobre o processo de construção de identidade que o eu do nativo ainda se constrói numa família, na qual os papéis parentais de autoridade são muito fortes e que se constituem presença marcante na subjetividade dos mais jovens; a cultura das comunidades tradicionais ainda tem muito valor, principalmente, no que se refere ao trabalho e ao respeito aos idosos, tanto quanto, na religiosidade; os projetos de vida estão sendo alterados sendo que alguns jovens conseguem alcançá-los e outros ainda estão apenas no sonho; em relação à identidade de lugar é claramente observada a vinculação dos nativos ao seu lugar de origem, principalmente para àqueles que tiveram experiência com outros espaços.

No item que descreve a personificação do lugar, aparecem as marcas dos nativos em espaços coletivos e em lugares singulares. Neles estão a monumentalização impregnados de sentimento, do sagrado, das histórias que evocam imagens, símbolos e significados. Estes aparecem nos espaços danceteria, no campo de futebol, na praça, na associação de surf, na igreja, na lavoura, na lagoa e nascentes.

Nos espaços coletivos, os quintais com o imponente anogueiro, os engenhos conservados ao lado das casas dos idosos, nos ranchos e canoas que dão um colorido poético e cultural no entorno da lagoa e do mar, os caminhos feitos ao longo de muitas idas e vindas inscrevem marcas nativas para os habitantes e para os forasteiros.

Nos lugares singulares e de intimidade da casa foram identificados alguns cômodos e móveis repletos de significados para os entrevistados como: a sala (sofá), a cozinha (mesa) e com grande ênfase o quarto (cama). Neste espaço muitos objetos foram apontados pelos sujeitos como indicadores de identificação nas suas histórias de vida como: o pilão, o rosário, medalhas, quadros e as

pranchas entre os jovens. Alguns deste já evidenciam a transição de valores, de hábitos e novos modelos de apropriação, trazidos com a pós-modernidade. Entre os lugares e objetos sagrados foram identificados o altar (lugar) e a Bíblia, representando o forte vínculo com a religiosidade e com a cultura açoriana.

Como se pode identificar, a apropriação do espaço de Ibraquera remete ao processo de construção de identidade, a personificação do lugar, no qual, cada um na sua singularidade e na coletividade marca o espaço, por meio do afeto, da estética, do simbolismo e da cultura. Estes são elementos fundamentais na auto-estima e no sentimento de pertença ao lugar, tema do próximo capítulo.

5 A AUTO-ESTIMA E O SENTIMENTO DE PERTENÇA DO HABITANTE DE IBIRAQUERA

Dissertar sobre auto-estima é situar o ser humano em um contexto que envolve, em primeiro lugar, a família ou pessoas significativas do espaço afetivo do sujeito, desde as suas primeiras relações, passando por outros espaços constitutivos como, por exemplo: o espaço lúdico, a escola, o lazer e o trabalho em diferentes momentos do ciclo vital e do espaço sócio-cultural.

Portanto, este capítulo tem como objetivo possibilitar um caminhar por entre estes espaços tão importantes do ser humano e, especialmente dos sujeitos que participaram desta pesquisa, deixando a pesquisadora entrar nos espaços mais íntimos de cada um e, mostrando como a brincadeira, os amigos e o ambiente escolar, as atividades de lazer e as laborais são espaços que enriquecem as interações e possibilitam a construção da auto-estima e o sentimento de pertença dos moradores nativos do bairro de Ibiraquera.

5.1 A construção da auto-estima do morador nativo da comunidade de Ibiraquera

A **família** é o primeiro grupo social dos seres humanos após o nascimento, tendo como exceção àquelas crianças que foram abandonadas ao nascer pelos mais diferentes motivos. Suas origens remontam aos ancestrais da espécie humana e não é exclusiva desta. Este grupo é objeto de estudo nas mais diversas disciplinas científicas e, sendo assim, família não é um conceito unívoco.

Para Zimerman (1997), são tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas que determinam as distintas composições das famílias até hoje que o simples cogitar já tolhe o ânimo de enunciá-lo.

Em uma linguagem mais sociológica a família surgiu como um grupo social delimitado e identificável, cujas dinâmicas internas vão estar em relação com o contexto social mais amplo, ao qual, por sua vez pertencem.

A família na comunidade de Ibiraquera tem a característica da família tradicional que de acordo com Prado (1981), todos moram próximos, sendo que esta proximidade é importante porque une, ajuda. Como diz Lourenço: "*a minha família é muito unida, graças a Deus*", ou que pode frustrar quando as fronteiras

ultrapassam a privacidade do outro como desabafa Leonardo: [...] “*é ruim por causa da fofoca. Morar perto é ruim quando se fala da vida do outro*”.

Estas polaridades de querer estar perto ou longe das pessoas significativas são situações relevantes no processo de construção da auto-imagem e da auto-estima do sujeito, pois dá aos mesmos a certeza de fazer parte, de pertencer física e afetivamente a este espaço. Como diz Claval (1999), é no seio do grupo familiar que a criança aprende que não está só. O calor daqueles que ama, reforça seu sentimento de estar seguro. Isso fica evidente na fala de Leonardo², quando precisou se ausentar do convívio familiar: “*Mas sempre quero estar perto da família. Tão sempre apoiando, falando o que deve e o que não deve fazer. Lá a gente tem que tomar as próprias decisões. Aqui não... Aqui tem sempre alguém te ajudando, te auxiliando. Aqui era melhor porque já se faz certo de uma vez só. Mas assim, eu senti muita falta do local, dos meus amigos... Aqui um ajuda o outro, aqui um passa a mão na cabeça do outro*”.

Embora os sujeitos tenham relatado a família como um espaço idealizado e sagrado, muitas falas observadas durante as entrevistas e em passagens desta dissertação, constata-se a vivência de um espaço familiar real, com suas dificuldades, suas divergências, seus conflitos e suas esperanças.

Maldonado (2003), diz que os conhecimentos recentes sobre a relevância do relacionamento familiar sobre o desenvolvimento do cérebro e da empatia nos primeiros anos de vida apontam claramente para o poder da expansão do amor e para a enorme importância de plantar as sementes da paz e da solidariedade já nos primórdios da vida. Ao nascer, o que mais um bebê precisa é de ser recebido pela família com amor. E a família é, portanto, o primeiro sinônimo de proteção, carinho e boas vindas a este mundo para que se possa crescer com uma base de segurança e de confiança nele mesmo.

A estrutura da auto-estima e da auto-imagem vai se fazendo na interação do indivíduo com o ambiente. Portanto, é no relacionamento com os outros, sendo primeiro no ambiente familiar, que a criança vai formando conceitos a respeito do ambiente, de si mesma e dela com relação ao meio.

Briggs (2004), afirma que tanto o alicerce da auto-imagem como da auto-estima está na mais tenra infância: ela nasce no instante em que o bebê, absolutamente vulnerável, procura meios de satisfazer suas necessidades, por meio da ação solícita de um adulto. Essas necessidades vão além da alimentação e

da segurança física. Para poder se desenvolver, uma criança precisa ser reconhecida, aceita e amada incondicionalmente.

O nascimento se constitui na primeira passagem entre dois universos diferentes: o interior do corpo materno e o mundo aqui fora. Maldonado (2003) escreve que simbolicamente durante toda a vida o ser humano nasce muitas vezes, mas nenhuma mudança é tão intensa quanto a do nascimento. Para Francisco, que nasceu prematuro, demonstrou-se o sofrimento, quando foi deixado sozinho, exposto ao desconforto de um berço. Maldonado (2003) coloca que os bebês prematuros têm as mesmas necessidades de aconchego amoroso, do estímulo do olhar, de escutar a voz materna, de sentir cheiro, do toque de suas mãos. Os bebês prematuros nascem equipados para iniciar sua aventura de viver, descobrir a si mesmo, as pessoas e mundo ao seu redor. Este é o alicerce da confiança.

Para Francisco este início de vida de abandono foi superado por Deus, sendo que depois dessa prova, teve os cuidados e o amor de sua mãe e irmãos. O amor, segundo Maldonado (2003), é a maior força curativa e restauradora que existe, por isso, mesmo que a criança venha a ser abandonada e maltratada nos primeiros anos da vida, o acolhimento amoroso que encontrará mais tarde poderá preencher lacunas e dar-lhe confiança e força para que possa reescrever sua história com esperança e compreensão. Isto foi feito por Francisco.

O espaço constitutivo da família, segundo Francisco, é um espaço de amor e foi a condição de sobrevivência, como relata Francisco: *“Eles me tinham como o mais melindroso porque eu nasci fora do tempo... Eles (mãe e irmãos) cuidavam muito de mim”*. Este cuidado dado pelos irmãos remete às palavras de Maldonado (2003), afirmando que os irmãos costumam ser boa companhia. Os momentos de proximidade entre irmãos são preciosos para estabelecer a rede solidária entre eles. Os irmãos compartilham muitas coisas, além da mesma casa e dos mesmos pais: a história da família, as experiências fraternas, as brincadeiras, os costumes familiares.

Durante toda a infância Francisco ouviu e sentiu o amor superprotetor da mãe, lembrando o que Briggs (2004, p 17) afirma: “não basta dizer para a criança que ela é especial. A experiência é que importa. Ela fala mais alto do que as palavras”. Depois de ter permanecido por um período de três dias abandonado em um berço, Francisco lembra da mãe, que segundo Tuan (1983), é sentida como o primeiro lugar da criança, pois é resta que ela encontra o centro de valor, de alimento e apoio.

A bondade e a dedicação da mãe após este período foram fundamentais para a construção do espaço afetivo de Francisco. Isto remete a Damergian (2001), que diz ser estes elementos, além do cuidado que o ajudaram a superar as vicissitudes de seu processo de desenvolvimento, dando-lhe condições para desenvolver o amor, a integridade, a solidariedade para com os outros de sua comunidade.

Portanto, a palavra estima, como escreve Waitley (sd), significa apreciar o valor de algo ou alguém. Em todos os espaços vitais e, principalmente no familiar, constitui-se a primeira semente de amor. Dessa forma, é a base para a capacidade de amar os outros e tentar atingir um objetivo digno, sem medo. Está ligada à superação das dificuldades como se observa no relato de Lourenço ao perder o pai muito cedo. Ele como filho primogênito, assumindo um papel de cuidador dos irmãos menores, e obtendo alegria por ter aprendido a ser um homem generoso e de elevada auto-estima:

“A minha mãe ficou com sete irmão, tudo pequeno. Passemos uma vida meio ruim. Mas com o tempo, na frente, nós se criemos e hoje em dia temos tudo casado, todo mundo vivendo. E temos levando a vida. [...] É, eu assumi a família junto com a mãe. Eu era o filho mais velho. Foi uma época muito difícil. Mas naquele tempo o povo era mais caridoso que hoje. Naquele tempo se trabalhava muito, mais um ajudava o outro. O meu pai morreu e ele desmanchou o negócio prá cuidá de nós e da mãe. Ele foi o meu 2º pai”.

Lourenço, em sua fala, demonstra que mesmo tendo vivido momentos tão difíceis após a morte do pai, viu na atitude do tio a solidariedade. Maldonado (2003), chama a atenção que nos primeiros anos de vida na Terra as pessoas são capazes de desenvolver empatia e desejo de cooperar. Se receberem boa orientação e condições físicas, afetivas e sociais adequadas, crescerão como seres pacíficos e solidários capazes de contribuir para a grande mudança de consciência coletiva tão necessária.

No espaço familiar de Lourenço a mãe acabou sendo o seu ponto fixo, representando uma valência positiva³, como diz Damergian (2001). Porém o mesmo não aconteceu com José Paulino, seu irmão que se sentiu desamparado e teve nesta situação que abandonar a escola, impossibilitando o acesso ao mundo das letras, como fala: “[...] *passamos trabalho e temo nisso que temo, né? Todo*

³ Valência positiva: na perspectiva de Damergian (2001), compreende uma atitude, pulsão de vida, que remete o sujeito para a mudança de sua condição real, impulsionando-o ao desenvolvimento pessoal e à transformação social.

mundo estudô, só eu que não estudei porque não tive direito de estudá...” Isto lhe traz até hoje “vergonha... muita vergonha”.

A fala de José lembra Tuan (1983), afirmando que a criança fica desorientada, sem chão, sem lugar no momento que falta a proteção dos pais. Neste caso a morte do pai trouxe para José atribuições que não permitiram a continuidade de suas atividades escolares. As dificuldades financeiras do ambiente familiar e a falta de acolhimento da mãe-sociedade, enquanto espaço constitutivo mais amplo, como coloca Damergian (2001), não ofereceu suporte para a efetivação do desejo de estudar de José Paulino.

Voltando a Damergian (2001) e às palavras de José compreende-se que a auto-estima se constrói para além das necessidades básicas satisfeitas, é preciso ter direito ao desejo, ser reconhecido como sujeito, cidadão, ter emprego, moradia, saúde, educação, vida digna... Pode-se aqui pensar no conceito de valência positiva num espaço muito mais amplo, e neste sentido, a sociedade pode ser um espaço que favorece ou desampara seus cidadãos. Um dos direitos do cidadão relaciona-se a educação formal. A falta de estudo, assim como traz sofrimento para José, também apresenta repercussão na auto-estima de Cravina que inicia sua narrativa pedindo desculpas por apresentar erros em sua fala e em sua escrita, com se ela fosse a única responsável por esta dificuldade: *“Me desculpa os erros porque eu só estudei o 3º livro”.*

A educação formal mostra-se um espaço importante na auto-estima do nativo. As mudanças do espaço físico e social advindas com o turismo e as novas exigências do mercado profissional-globalizado exigem uma preparação educacional que incomoda os jovens por diversos motivos. O primeiro deles refere-se à ausência de estabelecimentos educacionais de ensino fundamental e médio na comunidade. Isto traz muitas dificuldades relacionadas ao transporte já que os jovens precisam para deslocar-se da comunidade.

Como grande parte dos jovens de Ibiraquera estudam em colégios públicos do município de Imbituba, há uma reclamação também ligada à acessibilidade ao ensino superior, seja pelos altos custos ou pela deficiência do ensino público no Brasil, sentida pelos estudantes de Ibiraquera no momento de concorrer por uma vaga numa Universidade Federal, que como diz Suelem: *“Aí eu tentei um ano para matemática na UFSC. Não consegui porque eu não tava preparada. Estudei em colégio público que não oferece o conhecimento do colégio particular tem”.*

O **ambiente escolar** é o segundo espaço que mais atua sobre a subjetividade da criança e do jovem. Muitas crianças já crescem em creches que possuem uma semelhança com o espaço escolar. É neste que as crianças desenvolvem a amizade com outras pessoas que não são do seu convívio familiar e nelas se apegam ou não. Tuan (1983) argumenta que o principal interesse das crianças das primeiras séries parece não ser o ambiente, mas as pessoas.

Os jovens entrevistados relataram a dificuldade de estabelecer novas amizades e deixar os antigos amigos conhecidos no ambiente escolar, seja no pré-escolar (Leonardo2), do ensino fundamental para o ensino médio (Suelem, Leonardo, Ary e Gustavo), como no acesso ao ensino superior (Suelem e Leonardo2). Assim relata Ary sobre a mudança de colégio e de comunidade em busca do ensino médio, já que em Ibiraquera o ensino acaba na 8ª série do ensino fundamental: *“mudança de escola [...] eu não gosto muito, gostava do pessoal daqui que é mais conhecido, né? Eu conhecia todo mundo”*.

Embora, como escreve Justo (1987), a criança nasça munida de um dinamismo que a leva para um crescimento positivo. Essa crescente autonomia que se processa com a progressiva socialização com outros espaços vai formando uma idéia de si a partir das relações com as coisas, com os outros e com o ambiente. O sujeito, neste caso o jovem nativo, também possui a exigência de ser apreciado pelos outros, seja na família, com os amigos ou no trabalho. É maior esta necessidade na proporção em que os outros são importantes para um indivíduo. Leonardo é um jovem que objetiva o ensino superior como forma de ascensão social, já que ser pescador não o valoriza socialmente frente aos demais. As dificuldades que se colocam à frente de seu projeto de vida tornam o jovem pessimista e o paralisam ajudando a diminuir a sua auto-estima.

Considera-se que a superação das dificuldades econômicas, a organização dos pais na comunidade para que seus filhos tenham o direito à linha de ônibus para o transporte até a faculdade, a mudança de rotina no sono, a perseverança em aprender mesmo com a deficiência escolar dos primeiros anos, a união da família para que a filha superasse a depressão, advinda com o acúmulo do trabalho com o estudo, deu a Suelem a certeza de sua capacidade e de sentir-se amada pelos pais, sendo que esta atitude constituiu uma das experiências fundamentais para a formação acadêmica de Suelem.

Ela fala de seu sacrifício para estudar e conquistar seu objetivo: *“Nessa época da minha vida foi muito difícil porque eu não tava acostumada há trabalhar o*

dia inteiro e estudar a noite. Ah... o resultado foi uma depressão. Daí com a depressão eu só chorava. Aí o meu pai e a minha mãe também caíram no desespero. [...] Eu ia sozinha, não tinha nenhuma amiga. As pessoas eram diferente. Agora eu me formei. Apresentei meu TCC em 15 de dezembro. Também fiquei apavorada, muito nervosa, não conseguia dormir. Passei com média 9,7. Foi muito importante, principalmente, porque eu achava que não era capaz”.

Suelem reporta-se a um sofrimento que altera todo o seu modo de ser e de perceber o mundo. A depressão segundo Silva (1998, p. 142), é a “doença do fim do século” e também “doença da moda”, possuindo componentes individuais e culturais. Na fala de Suelem percebe-se características pessoais mais às pressões sócio-culturais quanto à dupla jornada estabelecida nos papéis de trabalhadora e estudante.

Relacionando ao rebaixamento da estima, remete-se a Silva (1998), considerando que a maioria dos sujeitos que apresentam estados depressivos encontra-se uma fragmentação da subjetividade, na qual se percebe claramente a diminuição da auto-estima e uma perda da auto-imagem.

Como escreve Alexandre (2006), e como se observa nos relatos dos jovens entrevistados, a auto-estima é uma necessidade do ser humano, sendo essencial no desenvolvimento saudável. A forma de ver, de sentir e perceber o mundo ao seu redor interfere nas experiências de vida, na maneira de como se age no cotidiano. As ações realizadas todos os dias são determinadas em grande parte pelo que se pensa que é. É de extrema importância o julgamento que o sujeito faz de si mesmo.

A educação também tem seu espaço no ambiente familiar e segundo Maldonado (2000), é uma tarefa complexa, cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à capacidade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que deles é exigido em termos de mudança de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações dos filhos. Para os pais, a arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de crescerem junto com a criança, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho adulto.

Maldonado (2003) complementa esta afirmação, dizendo que a utilização da autoridade de modo amoroso, os familiares formam uma base segura, pois a criança entende limites claros, concisos, conscientes e sentem-se protegida pelos pais ou cuidadores. Esta educação para a autonomia dentro do sistema familiar, não foi encontrada entre os idosos entrevistados.

Nas famílias mais antigas de Ibiraguera, como relatam os idosos, a disciplina era baseada no medo por meio da surra e do autoritarismo paterno, sendo que em muitas situações a mãe era tida como intermediária entre os filhos e o pai como escreve Maldonado (2000) e confirma Manoel: “[...] *naquele tempo à família era subordinada aos pais... o filho saía, mas os pais dizia: em tali hora tu vem prá arruma, botá ração pro gado e tinha que vim naquela hora certa porque senão... [...] nunca apanhei do meu pai. Os pais daquele tempo não precisava bater, pros filhos ter medo dele, era só olhá. Se nós tivesse os dois conversando aqui e eu tivesse um filhinho pequeno, daquele sofá ele não passava... dali ele voltava... Se ele quisesse alguma coisa, ele pedia prá mãe e a mãe vinha falar com o pai...*”

Manoel traz em sua narrativa uma importante questão, além da disciplina autoritária a linguagem corporal especialmente o olhar. O olhar tão importante no início da vida como fonte de segurança entre quem cuida e quem é cuidado, constitui além da fala e das emoções, o arco-íris da comunicação. Maldonado (2003), afirma que durante toda a vida o olhar trará um universo de mensagens bem verdadeiras do que as transmitidas pelas palavras.

Esta forma de disciplinar os filhos sofreu algumas modificações entre as gerações. Estes idosos educaram seus filhos, tendo como base a educação que receberam, porém com alguns ajustes como continua relatando Manoel: “*Graças a Deus eu nunca apanhei do pai e nunca bati num filho, mas foram criado numa maneira... dessa criação... Até por um aspecto as criança participar da conversa também desenvolve, mas naquele tempo o regulamento era este...*”

Manoel, em sua sabedoria, traz a aprendizagem de quem está aberto a novas possibilidades. Sua sensibilidade lembra as palavras de Maldonado (2003), pontuando que o Manoel - criança foi despertado pelas crianças das quais ele cuidou. Isso lhe deu a oportunidade não só de reviver boas experiências como também de reviver a sua criança interior.

Seu Manoel é sensível à inteligência das crianças e o seu poder de compartilhar com outras crianças as brincadeiras e o seu sofrimento também. Entre as crianças de Ibiraguera havia esta cumplicidade que as protegia da disciplina daquela época, como continua Manoel: “*As crianças daquele tempo servia de espelho prá outra, porque eles conversava lá fora: o meu pai não deixa fazer isto, outro pai também não deixa, e por aquilo eles aprendiam e não fazia mesmo*”.

Novamente Manoel dá a sua lição, remetendo a Maldonado (2003), que considera que as crianças observam-se e aprendem umas com as outras, como se

comportar ou não, o que agrada e o que enfurece os pais, além das aprendizagens de habilidades e competências.

Um outro espaço importante de construção da subjetividade da criança é o **espaço lúdico**, como salientou há alguns anos, Lebovici (1985, p. 6), que “o trabalho está para o adulto assim como o brinquedo está para a criança. A presença do brinquedo ativo e espontâneo é sinal de saúde [...] O modo como a criança brinca é um indicativo de como ela está e de como ela é”. Esse seu pensamento é compartilhado por muitos psicólogos.

Ao falar sobre as sementes do amor, Maldonado (2003), dedica um capítulo inteiro sobre o brincar como um dos elementos fundamentais para a construção da auto-estima do ser humano. Segundo a autora, a função dos brinquedos e das brincadeiras não é apenas servir de diversão à criança. É um dos elementos de facilitar a descoberta de si mesma, dos outros e do mundo que a cerca; de exercitar novas habilidades; digerir medos e angústias; estimular o prazer das novas descobertas e desenvolver a criatividade.

Assim sendo, o brinquedo cumpre uma função afetiva, educativa e social e começa muito cedo, ainda dentro do útero materno quando o feto brinca com cordão umbilical, experimentando todo o espaço em que está imerso. Maldonado (2003), relata que a partir da década de 70 estudos com fetos por meio da ultrassonografia revelaram as primeiras brincadeiras intra-uterinas, como: boiar na água, balançar-se com ritmo, espreguiçar-se. Estudiosos da neuropsiquiatria como os da equipe de Soulé (1999), enfatizam estes primeiros ensaios lúdicos no espaço uterino, como uma intersecção entre as atividades consideradas instintivas (reflexas) e as simbólicas.

Já, na primeira infância quando o bebê descobre seu próprio corpo aparece uma das primeiras brincadeiras com a descoberta das mãos. Segundo Feijó (1998, p. 56), este espaço denominado corpo é o local das sensações do sujeito, é onde se manifesta a expressão e a comunicação das suas experiências. Assim, “a auto-expressão do corpo e da mente se faz, por meio de um equipamento físico sofisticado, que inclui a pele, a voz, os órgãos dos sentidos, os nervos, os músculos, as posturas e os gestos”.

Os entrevistados tanto idosos quanto os jovens relatam com entusiasmo as brincadeiras de suas infâncias, sendo que as brincadeiras coletivas de rua foram as mais enfatizadas, deixando evidente a apropriação do espaço que permite a segurança das crianças neste lugar de pertencimento. Tuan (1983), pontua que as

crianças quando brincam, tornam-se gigantes em seu mundo de brinquedos. A curiosidade pelos lugares faz nascer a idéia de lugar da criança, tornando-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce. Dentro ou fora de casa os brinquedos e brincadeiras tornam as localizações mais precisas, aumenta o interesse por lugares distantes e a consciência de distância relativa.

As brincadeiras coletivas exemplificadas foram: o pega-pega, o esconde-esconde, a ré, a roda, o boi-de-mamão, a bola de gude, o futebol, a canoa, o laçar cabrito, juntando-se ao surf e ao skate que são esportes mais modernos. Todas estas brincadeiras pressupõem um conhecimento do lugar, enquanto espaço físico, e também um autoconhecimento do corpo com todas as suas possibilidades. Pois como relata Muniz (2004), o corpo é o primeiro espaço, faz-se parte dele e não se pode deixar de percebê-lo. É a partir dele que se concretizam os desejos e pensamentos por meio de ações, posturas e gestos.

Porém, os espaços atuais de Ibiraquera possuem outras dimensões para as atividades das crianças e jovens no que se refere ao brincar, como desabafa Suelem: *“Antigamente a gente saía na rua, brincava de esconder. Ia visitar amigos, sem medo. Antigamente a gente conhecia todo mundo que passava na rua”*. Esta insegurança e a entrada dos brinquedos pós-modernos, que serão descritos no capítulo sete (7), estão deixando esta população mais isolada do espaço coletivo, tão bem apropriado pelas gerações anteriores como se percebe no relato de Leonardo: *“Na minha idade é tudo diferente, eu brinco no computador, joguei vídeo game...”*

A segurança se constitui um dos fatores da auto-estima na relação do sujeito com os outros significativos como para com seu ambiente. Embora Ibiraquera seja um lugar onde os nativos se sintam bem e tenham orgulho de viver, os estranhos, os turistas colocam em desarmonia este espaço como se observa no relato de Leonardo: *“antigamente se dormia com a janela aberta. Até meus 7 ou 8 anos era possível. Dormir de janela aberta, hoje não. Eles levam a televisão, telefone, tudo. Eles roubam. Não dá pra confiar”*.

Os estranhos, na visão de Sennett (1998), vão construindo um novo tecido social ao introduzir padrões sócio-culturais novos em comunidades que podem ou não assimilá-los em seu sistema de valores, crenças, tradições, atitudes, relações com as pessoas e com os ambientes. Em Ibiraquera existe um sentimento ambivalente quanto aos estranhos, prevalecendo uma atitude de estranhamento e de insegurança por parte dos entrevistados.

Esta desconfiança se soma à “falta de respeito” com que os turistas tratam os nativos, como desabafou Gustavo e que repercute na auto-estima de cada sujeito que acaba não sendo mais valorizado pelo que é. Esta situação conduz a Katafiasz (1996), argumentando que a auto-estima penetra no âmago da identidade pessoal, levando consigo a crença de que se é aceito, respeitado com todos os sentimentos, sensações e diferenças. A auto-estima toca o íntimo da identidade individual e neste caso à identidade coletiva, já que a primeira vai se construindo nas relações com os grupos significativos no espaço de vida dos sujeitos.

O **trabalho** é um outro espaço de troca e aprendizagem, no qual o sujeito pode criar laços afetivos que podem elevar ou diminuir a sua auto-estima, conforme fala Francisco: *“eu gosto... Gosto de trabalhá. O serviço prá mim é uma alegria. Distrai a pessoa. Eu gosto muito de trabalhá”*. O trabalho sempre teve uma função muito importante na vida dos nativos por uma questão de sobrevivência. Para os entrevistados idosos, trabalhar é motivo de orgulho.

É por meio do trabalho que as dificuldades foram vencidas e que os filhos foram criados, como relata Cravina: *“Nada prá mim era ruim... Trabalhando sempre numa máquina prá criá eles. Tirando marisco no costão, não levava ninguém comigo, só Deus. Pegando camarão e siri enterrado na lagoa de Ibiraquera. [...] Eu criei todos tirando marisco no costão, mesmo grávida eu ia, chegava lá, me benzia, largava o balaio, arreava a cavadeira, o chinelo e dizia: Pai, Filho e Espírito Santo... Se dava grado eu tirava grado, se dava miúdo eu também trazia. O marido não pescava, não levava marido, nem filho, nem vizinho, vinha prá casa, cozinhava e dava prá eles, muitas vezes sem farinha, só com café. [...] Eu sempre numa máquina costurando e sempre agradecendo prá Deus, com fé nunca larguei a coragem”*.

A imagem de mãe, para Cravina, foi sendo desenvolvida à medida que compreendia que os filhos dependiam dela, o seu trabalho era fundamental para a sobrevivência deles. Os moluscos que buscava nos costões da praia eram retirados grandes ou pequenos, já que o que importava era saciar a fome de seus filhos. Os cuidados dos pais nativos, demonstrados em grande parte pelo trabalho feito ou ensinado aos filhos, contribuiu para que a auto-estima fosse se desenvolvendo à medida que as crianças viam-se a si mesmas, como integrantes valiosas da família e da comunidade.

O esforço de Cravina foi recompensado, pois das meninas que saíram para trabalhar como doméstica, uma delas hoje tem faculdade. Seus filhos homens são

donos de imóveis, ascenderam na vida, sem estudo mas com muito trabalho. Da lavoura de José, Lourenço, Manoel e Francisco saíram homens e mulheres íntegros e trabalhadores. Porém, o estudo, que é motivo de tanto orgulho para os idosos, e tão almejado pelos jovens, também é fonte de preocupação para Lourenço que não vê retorno desse esforço para a sua comunidade. Ao se referir aos jovens, Lourenço faz a seguinte fala: *“Aqui ninguém trabalha, só estuda. Olha não tem ninguém... sai todo mundo prá fora... todo mundo... todo mundo... todo, todo mundo”*.

Entretanto, nem só de trabalho vive o sujeito de Ibraquera, o **lazer** é um fator importante na vida deles. Além das brincadeiras de infância, os bailes, os passeios, as festas fazem parte de seu cotidiano. Isto se faz relevante quando se fala de auto-estima, pois também são nestes momentos que as pessoas se consideram integradas e sentem-se bem interiormente. As pessoas precisam de experiências de vida que lhes provem que têm valor e que são dignas de serem amadas e respeitadas pelos seus pares, como afirma Briggs (2004).

A busca de diversão, para ambas as gerações pesquisadas faz com que se ultrapasse as fronteiras da comunidade, estabelecendo novas relações com outros lugares e com outras pessoas valorizando ainda mais o lugar onde nasceram, como relata Suelem: *“Sempre gostei de dançar qualquer tipo de música... Ah, adoro ir á praia, adoro natureza, sou fascinada por lugar assim. A praia do LUZ foi sempre a que eu freqüentei. Com o namorado eu comecei a ir no Ouvidor. Quando eu vou prá serra eu agradeço a Deus por tanta coisa linda e fico me perguntando, tanta coisa linda que Deus deu e tanta violência no mundo. Tanta coisa bonita prá gente desfrutar e agradecer a Deus. Eu adoro ficar lá no costão olhando pro mar... eu sou muito sensível... parece que eu tenho uma ligação com estas coisas que Deus deixou prá nós”*.

Nestes encontros com outros por meio do lazer, os idosos relataram que muitos namoros começaram a acontecer, seguindo o casamento e a formação da família. enfrentaram todas as dificuldades e tiveram recompensas específicas que fortaleceram, ainda mais, a sua auto-estima. Os idosos tiveram que fazer suas vidas de adulto sem as heranças, tudo o que conseguiram foi com muito esforço, fé, coragem e parceria, como fala Lourenço: *“Não perdia hora de serviço. Eu pensava: se eu perde uma hora hoje, àquela hora nunca mais eu pego, aquela foi. E sempre que eu pensava assim: Deus disse, trabalha firme que eu te ajudarei. Eu pensava*

naquela palavra e nisso eu tinha aquela fé... que quando eu casei, eu não tinha nada. Eu não tinha um tostão. Fiquei foi devendo”.

O valor atribuído ao compromisso cumprido em relação à criação dos filhos marca profundamente a auto-estima dos idosos: *“Não sou rico, mas não tamo mal. Eu sou feliz. Não queria ser rico. Eu, o que eu queria Deus me deu. Eu agradeço muito, muito, muito, porque eu queria Deus me deu. Deus me deu primeiro a coragem que era prá eu trabalhá, bastante coragem prá eu trabalhá. Então eu sou feliz. Eu vô morré descansado”.* (Lourenço)

Além de criar os filhos com o trabalho da lavoura e da pescaria, os nativos idosos sentem-se felizes pelo pagamento das dívidas adquiridas no início da vida conjugal, alimentando e fortalecendo o comportamento ético destes sujeitos, o que repercute diretamente na auto-estima de cada um, como relatam Manoel, José e Francisco: *“Quando eu comprei esta morada as pessoa na venda diziam que eu não conseguia pagar os 6 milhão, é muita coisa. Mas Deus me ajudou e que o meu sacrifício dentro de 1 ano eu paguei tudo. Agradeço a Deus porque ele me ajudou”.* (Francisco).

Como se percebe a auto-estima é uma poderosa necessidade humana, contribuindo de maneira essencial para o progresso da vida destes sujeitos. Remetendo a Branden (1998) foi a auto-estima que forneceu resistência, força e capacidade de regeneração das atitudes e valores destes entrevistados.

Embora o trabalho visasse a sobrevivência das famílias em sua base material, o dinheiro era utilizado de forma racional para outros fins na vida de Manoel: *“Quando eu me casei já tinha uma boa parte deste terreno aqui. Eu não perdia baile, eu não perdia festa, onde os outros iam eu ia também, eu não ficava só em casa prá não gastar o dinheiro, não. Quando eu me casei eu já tinha mais da metade disso”.* Esta narrativa é respaldada nas palavras de Branden (1998), pois a pessoa com elevada estima sente-se confiante em sua capacidade para pensar e enfrentar os desafios da vida, mas também confia em seu direito de ser feliz, tendo a sensação de ser merecedor, digno, qualificado para expressar suas necessidades e desejos e desfrutar os resultados de seus esforços.

A velhice dos entrevistados é marcada por um senso de gratidão, de orgulho pelos filhos criados, de ser amado como relata Lourenço: *“Eu me orgulho sim. Prá mim foi um prazer. Por isso meus filho me adoram”.* E de ter a família por perto se dela necessitar. De saber cuidar dos familiares doentes e poder ensinar este valor aos mais jovens, como narra Cravina: *“Eu e um casal de filho ainda tratemo dele 6*

anos e meio na cama porque o coração ficou fraco, o médico botou marca-passo, mas em seguida deu um derrame cerebral, não andava, não falava, não comia cá sua mão e nós tratava... com muito amor e carinho porque o doente não tá vendo, mas Deus está”.

Pontua-se também, a gratidão de ver a velhice como um momento do ciclo evolutivo no qual ainda são valorizados e incluídos no contexto familiar e comunitário, seja na disposição física para o trabalho, como fica registrado nas seguintes falas: “[...] *o remédio do velho é trabalhá, se ele pára, ele encarranca, concorda? Se um velho pará de trabalhá pode prepará o caixão... Ainda pesco um pouquinho, vo a missa e no campo de futebol...*” (José); no prazer em continuar suas atividades laborais: *“Eu hoje faço tudo o que fazia antes. Ainda pesco pouco, eu ainda planto mandioca, tenho 2 roça, cuido do gado, tenho umas 10 cabeça de animal. Isto não é trabalho, é lazer, eu gosto de fazer”* (Manoel), ou no bom humor de Cravina que aos 83 anos ainda considera-se jovem e com saúde: *“nada era ruim prá mim, basta que to com 83 ano e não sei o que é nervoso, estresse, eu não tenho nada... Mas quando eu ficá mais velha eles vão ter que me amarrá num pé de mesa porque eu quero trabalhá e não dá”.*

Estas narrativas lembram os conceitos de auto-imagem e de auto-estima, consideradas o núcleo principal da personalidade, integrando experiências passadas e presentes. Estas não se desenvolvem de maneira rápida ou unitária, mais se constitui de um longo processo inacabado que só termina com a morte. Vão se construindo com todas as circunstâncias encontradas nos diferentes momentos pelos quais um indivíduo passa. Não existe uma terminalidade, como fica evidenciado nas narrativas dos entrevistados.

A solidariedade é uma característica dos habitantes de Ibiraquera, apresentando uma relevância especial em termos de modelos significativos que foram configurados pelos nativos, por meio dos relacionamentos estabelecidos com aquelas pessoas que lhe são significativas. Observe-se o relato de Francisco: *“Se eu puder ajudá o próximo, eu ajudo. Eu gosto de ajudá, na igreja eles chegam a me chamá de mão aberta. Se eu digo não é porque não tenho mesmo. Se eu não ajudo eu fico até doente, não consigo comer, prá fálá a verdade eu gosto de servi de coração”.*

Francisco construiu, ao longo dos anos, uma maneira própria de ser útil aos outros por meio de uma atitude empática e solidária, reforçando a sua auto-estima e a imagem social, que segundo Mendez (1998), surge a partir da interação com o

contexto social e ainda as idéias das outras pessoas, internalizadas. Assim as idéias, valores e padrões da comunidade são mantidos e internalizados pelos sujeitos e valorizados em pequenos gestos de agradecimento, como se observa em Cravina: *“a vizinhança? Eles gostam muito de mim, ganhei um abraço dum menino estes dias porque as mãos dele tão limpa da berruga... tudo gosta de mim, eu só faço o bem”*, ou na satisfação de ser lembrado pelos amigos: *“Tenho boas amizades tanto aqui no meu chão e fora. Tenho satisfação quando as pessoa de fora me ligam. Eles não me esquecem”*. (Francisco)

Como se pode perceber a **vizinhança**, também, constitui um valor muito característico dos habitantes de Ibiraquera o que também é observado por Tuan (1980), pontuando que a estima que as pessoas têm com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos, incluindo a amizade e a respeitabilidade, do que das características físicas. Ser um bom vizinho leva as atitudes de solidariedade e de reconhecimento do lugar onde se vive.

Esta solidariedade e a atitude de estar atento às dificuldades dos outros, também é manifestada na fala dos jovens entrevistados, que mesmo estando inseridos em uma sociedade narcisista, como salienta Waitley (sd), com tantas coisas para possuir, para mostrar, lugares para visitar e possuir sem o compartilhar com os outros, ainda mantém este valor como relata Suelem: *“Eu sou muito sensível, temerosa... não gosto de ver mendigo, eu queria que todo mundo fosse igual... me corta o coração esse outro lado da vida, a pobreza... A gente passou muito trabalho prá estudar, mas isso em vista de tanta coisa que tem nesse mundo, não é nada, né? Pessoas que passam fome, frio, não tem onde morar, tudo... Essas coisas mexem comigo”*.

Sabe-se que a fome no mundo não é um problema técnico, como afirma Maldonado (2003), mas sim, político, porque os meios de produção e de distribuição de alimentos estão controlados pelos ricos e poderosos que jogam fora a produção excedente, para controlar os preços do mercado. Vive-se num cenário em que a economia global objetiva-se na continuação e aumento da riqueza e do poder de elites, induzindo ao consumo crescente que resulta em devastação ambiental, extinção das espécies e da exclusão social.

Maldonado (2003), continua sua argumentação, colocando que a solidariedade de uma rede universal encontra-se em pessoas que estão desenvolvendo um pensamento de cidadania global e que percebem que todos precisam ser cuidados pela grande família global. Mesmo diante da enxurrada de

imagens de violência, muitas pessoas ainda ficam indignadas com as injustiças sociais. Percebeu-se então, que a família de Suelem tem esta característica de se compadecer com as diferenças sociais que maltratam, excluem e matam.

Briggs (2004), vem reforçar as palavras de Suelem no que se refere à auto-estima, colocando que as pessoas com auto-estima têm esta capacidade de superar as adversidades de vida, de ter um objetivo na vida, mas não estar centrada em si mesma o tempo inteiro. Embora não constitua uma regra, as pessoas de auto-estima desenvolvida olham ao redor, visam não só o seu bem estar, mas também das pessoas que a cercam.

Confrontando os aspectos aqui apresentados como favorecedores ou não da auto-estima dos nativos, observa-se a autenticidade nas respostas, a aceitação de si, o posicionamento individual e coletivo frente às mudanças, a superação das dificuldades e uma ligação afetiva com o lugar como enfatiza Francisco: *“Tô feliz, muito feliz. Se há gente feliz no mundo sô eu, sô muito feliz”*.

Pode-se perceber que a auto-estima dos nativos está também ligada ao laço emocional que foi se estabelecendo com o lugar, desde a infância até a velhice. Os nativos demonstram uma valorização tanto do espaço físico como dos espaços social, afetivo e cultural, desenvolvidos por meio dos laços construídos com o lugar.

5.2 – O sentimento de pertença pelo lugar: a afeição e o sentido de enraizamento em Ibiraquera

Ibiraquera é um pequeno vilarejo habitado até pouco tempo atrás por famílias de pescadores e de pequenos agricultores e se caracterizava como um lugar tranqüilo. Possui em seu entorno praias com extensas faixas de areia, cercadas por uma natureza exuberante, recortada por dunas e morros cobertos de vegetação secundária com formação florestal de restinga arbórea, se alternando com um espaço construído advindo com as atividades de turismo.

Entre as várias opções de lazer é realizada a prática de windsurf, surf, pescaria nos costões e caminhadas ecológicas pelas trilhas. Nas areias que compõem as dunas da Barra de Ibiraquera ainda pode ser praticado o "sandboard" (prancha de deslizar nas dunas). Para os agentes imobiliários que vendem o lugar como mercadoria, Ibiraquera é um recanto sul catarinense onde ainda se pode ter lazer junto à natureza, com ampla liberdade e segurança. Suelem reafirma a beleza

com o olhar de quem habita o lugar, porém a segurança e a liberdade são encontradas apenas nas reticências: *“A nossa região é uma região privilegiada porque é cercada pela lagoa e o mar... É tudo lindo, mais se nós não cuidar, não sei...”*

É um lugar no qual a poluição trazida com a industrialização ainda não chegou, como narra Cravina: *“Aqui não tem poluição, não tem fábrica... A poluição vai adoecendo as pessoas, não é aquela doença que Deus dá. Aqui eu vivo feliz”*. Tornando-se um lugar saudável para viver, habitar e fazer turismo.

Quando se depara com tão bela descrição do lugar, percebe-se que ao falar das belezas naturais, o nativo tem a mesma percepção. Porém, este sujeito não está neste lugar apenas por uma temporada, para um passeio. Ele está para este lugar com todas as belezas e com todas as dificuldades de um habitante. Ele está para o lugar, do mesmo modo que o lugar está para ele. Existe um vínculo maior entre a pessoa e o lugar, existe a apropriação para além do espaço físico, que se soma ao simbólico, ao emocional e ao cultural, fazendo a diferença.

Como afirma Gonçalves (2002), entre morar e habitar, existe uma interação, uma atitude e um sentimento de pertencimento não apenas com os lugares que este espaço oferece, mas também com as pessoas e as coisas do mundo significativo deste sujeito, denominado nativo. Lourenço ao ser questionado sobre a permanência neste lugar fala do enraizamento que o mantém ao seu lugar: *“[...] aqui que eu nasci, me criei, criei meus filhos e agora depois de velho, porque não faz aqui? Pra que eu saí? Aqui é o meu lugar. A minha raiz tá bem fincada aqui”*.

As palavras de Lourenço demonstram o forte apego ao seu lugar e o valor que ele atribui ao seu espaço. Por ser um homem que sempre trabalhou com a terra e com o mar, “sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza: está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas”, como argumenta Tuan (1980, p.112).

O que se percebe nas entrevistas é a existência de um sentimento muito forte de pertencimento ao lugar, sendo que este pode ser denominado por “topofilia”. A topofilia assume de, acordo com Tuan (1980), muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. Muitas vezes, percebe-se na descrição do sentimento pelo lugar como, por exemplo: no prazer visual efêmero; no deleite sensual do contato físico; no apego pelo lugar familiar, por ser o lar e representar o passado, por evocar orgulho de posse ou de criação. Isto é afirmado por José que

tem a Ibiraguera como seu lar: *“Na Ibiraguera é a minha morada mesmo... Eu amo todo mundo... Todo lugar é bom. Na Ibiraguera não tem lugar ruim”*.

Como se observa os **laços com o lugar** são construídos a partir da cultura, do espaço geográfico, das relações sociais e ambientais. Diz Brower (1980) apud Pol (sd), que o sentimento de pertença é entendido como um sentido de posse que um habitante tem a respeito de um espaço particular e sua associação com sua auto-imagem e sua identidade social. Este sentimento está associado com a apropriação em dois sentidos: de proteção e de identificação.

Para os nativos idosos, este lugar associa-se à história de suas vidas. É o lugar que representa o ontem e o hoje. A casa onde nasceram é lembrada, as figuras parentais, aos lugares mais íntimos, a proteção e a identificação, muitas vezes, deixando saudade, como relata Cravina: *“Aonde eu às vezes gosto de ir, sinto saudade é lá onde eu nasci, fui criada na casa do meu pai, no mais é tudo igual. Aquela morada trás coisa boa porque lá eu fui educada pelo meu pai e minha mãe. De lá eu tenho uma recordação muito boa. Lá tem árvore plantada por nós. O pomal tem muito bambuzeiro... Tem a fonte, tem os caminho que já tão fundo. Não tem mais a casa, o engenho...”*

Estas lembranças remetem às primeiras moradas, construídas no início da vida conjugal e que faz seu José desviar o caminho para encontrá-las e recordar-se *“das pescarias no costão, eu plantava muito naquela terra... Lá agora não tem mais nada de antigo que era nosso, agora lá só tem um restaurante que é nosso, tá tudo mudado...”*

Este sentimento declarado pelo lugar fez os nativos lembrarem às palavras de Tuan (1980, p 115), que afirma ser o amor pelo lar, a saudade do lar representada pela história que se traduz como “responsável pelo amor à terra natal”.

A identificação com os espaços construídos foi descrita exhaustivamente, no primeiro capítulo e, a partir desse momento, disserta-se sobre o sentimento de pertença do sujeito, utilizando como referência os lugares naturais, como: a Lagoa de Ibiraguera e as Praias do Luz e do Rosa. Estes lugares foram descritos por todos os entrevistados como elementos naturais formadores do sentimento de afeição por Ibiraguera, sendo estes mesmos lugares os que atraem o turista e os novos moradores, constituindo movimentos que agradam e desagradam os nativos.

Em tese, o patrimônio geográfico que pertence ao bairro é a **Lagoa de Ibiraguera** que banha os bairros de Arroio, Araçatuba, Campo D’Una e grande parte do bairro Ibiraguera. Pela sua extensão de 830 ha, a lagoa foi dividida

teoricamente pelos nativos conforme a sua distância da barra, em: Lagoa de Baixo (próxima ao mar), do Saco, do Meio e de Cima. Por estes nomes também a Lagoa é identificada pelos pescadores.

Segundo Claval (1999, p 207), “os nomes dos lugares e das categorias de paisagens, permitem falar do mundo e discorrer sobre ele. Eles transformam o universo físico em um universo socializado”.

Assim o espaço da Lagoa traz estes lugares que são pontos onde a pesca do camarão, da tainhota, do siri, entre outros, podem ser encontrados com mais facilidade. Também são demarcados lugares propícios à diversão e à prática de esportes. A divisão pode ser vislumbrada no mapa abaixo:



Figura 17 - Mapa da Lagoa de Ibraquera - Fonte: www.imbituba.gov.br – 2006

Numa conversa com Jarbas Guimarães (Julho 2005), Presidente da Colônia de Pescadores de Imbituba foi relatado que no bairro de Ibraquera estão cadastrados 95 pescadores, embora somente, 30% destes, vivem apenas da pesca artesanal. Nesta lagoa os pescadores de Araçatuba, Campo D’Una, Arroio e Sambaqui também usufruem o pescado. Os pescadores cadastrados usufruem o salário do defeso da anchova e do bagre, porém o defeso do camarão não oferece o seguro, sendo que os pescadores pescam nesta temporada outros peixes.

O mesmo, Jarbas Guimarães (Julho 2005), relata a dificuldade em lidar com os pescadores, pois muitos não reconhecem a importância do defeso. Mostram-se contrariados com a política do defeso para o complexo lagunar da região que

excluiu as lagoas de Imbituba, Ibiraquera e Garopaba, favorecendo a predação nestes espaços de pescadores que moram em outros bairros, onde existe a política do defeso.

A Lagoa traz a lembrança da época de muitos peixes, das pescarias que começavam ao anoitecer e, muitas vezes, adentravam a madrugada. Para os idosos a lagoa representa o espaço do alimento que se unia ao trabalho da lavoura como fala Manoel: *“Ao anoitecer eu ia prá lagoa, quando chegava meia noite eu ia embora, quando não perdía a noite inteira pescando... Eu cuidava dum gadinho e ia prá roça prá pode criar os filho, porque eu era pobre”*. Essa consciência de um passado de superação trazido por Manoel e todos os outros idosos, como diz Tuan (1980), torna-se um elemento relevante no sentimento dado ao lugar. Ao falar sobre este espaço, os nativos enfatizam as suas raízes com o lugar.

Entre os mais jovens, a lagoa é o lugar que dá para espiar e pescar peixes como a tainhota e o carapicú, para comê-los frito com o pirão de água como disse Ary. É o lugar que traz a aproximação entre o pai e o filho como lembra Leonardo². Também é o lugar que os olhos não cansam de olhar. Que inspira o sentimento, a fruição. Que ativa os sentidos. Que relaxa e tranqüiliza a alma como diz Ary. No horizonte de sua janela, Leonardo não enjoa desta paisagem. É lá que ele alimenta seu afeto pelo lugar, pois *“é lá que os passarinhos cantam. Tem o sabiá. Tem o canhadu”*.

Como se observa nas entrevistas e nas falas acima, a Lagoa de Ibiraquera é um espaço que alimenta as necessidades biológicas, psicológicas e como diz Tuan (1983), até espirituais dos nativos. As experiências íntimas com este lugar fluíram durante as narrativas, permitindo aos sujeitos dar-se conta de sentimentos intensos assim como perceber as qualidades espaciais as quais, muitas vezes, passam despercebidas e que tomam forma, cor, cheiro e sabor quando se reconhece o seu valor.

A **Praia do Luz** é outro lugar que se mantém com um forte sentimento afetivo pelos habitantes de Ibiraquera. Por ser esta população descendente da cultura açoriana, seu imaginário é ricamente povoado por muitas lendas que são contadas através das gerações e que envolvem de encantamento alguns lugares. A Praia do Luz é um desses lugares. Para nomeá-la é atribuído o aparecimento de luzes na praia, como se esta praia fosse encantada.

Nessa crença lembra Claval (1999), os mitos estão nas toponímicas, a qual se encarrega de trazer uma dimensão sagrada ao lugar. É também este mito que

reparte os homens no espaço e os vincula aos lugares. Toda geografia sagrada daí decorre, sendo uma matriz de enraizamento banhada no tempo mítico das origens, neste caso, das origens dessa população.

Na Praia do Luz, segundo as entrevistas, encontra-se o refúgio dos nativos que procuram neste espaço a preservação natural e a calma (Leonardo2), a tranqüilidade e a reunião com os amigos (Ary), a sensação de infinito, de paz e de fascínio (Suelem). Estar diante da vastidão do mar e os significados trazidos pelos sujeitos lembram as palavras de Tuan (1983), revelando que o oceano é percebido como um símbolo de infinitude que, freqüentemente, oferece um efeito emocional e uma sensação de horizonte intenso.

Para os jovens a Praia do Luz traz alguns lugares significativos como a pedra no costão, que Suelem diz ser sua: *“Lá tá a minha pedra no costão. O significado é a infinitude, sensação de infinito de paz. Quando eu preciso disso é prá lá que eu vou”*.

E para Leonardo2 tem o canto que é seu lugar predileto: *“O lugar especial na praia é o canto, onde tem o costão e aquele mato, é o canto dos nativos...”*

Essa praia também tem um ponto importante na história de Ibraquera. Lá se encontra um grande sítio arqueológico dos primeiros habitantes da região: os tupi-guaranis. Majestoso, sublime, sagrado. Foi desmontado, saqueado e profanado por curiosos. Hoje só guarda a memória. Nesse lugar, concentra-se atualmente um dos pontos de vigia da tainha.

Para os idosos nativos a praia do Luz está relacionada à pesca da tainha como relata Lourenço: *“É lá na Praia do Luz. Lá tem o meu rancho e a canoa. Foi lá que nós iniciamos a pesca da tainha por nós. Pesquemos lá por 36 anos. Passei muito frio, entrá na água com geada, mas quando a tainha aparecia e nós cercava ela, a gente esquecia o frio. Teve ano de pegá até 40 mil tainha. Foi lá que a morte me cercou”*.

Ao se reconhecer o valor do lugar, o sentido de pertencer ao espaço, mostra-se com as entrevistas que criar raízes leva tempo. Como esclarece Tuan (1983), isso vai acontecendo com as experiências cotidianas ao longo dos anos. É nessa mistura e nessa harmonia de sons, vistas e cheiros com ritmos naturais marcados pela hora do sol, do trabalho, pela brincadeira que o sentimento de pertença vai se construindo entre o sujeito e o seu espaço.

A **Praia do Rosa** é um outro espaço significativo trazido pelos entrevistados. Esta praia é a que mais atrai o turismo em Ibraquera e que tem sofrido grandes

transformações tanto no aspecto físico como nos significados atribuídos pelos nativos.

Até alguns poucos anos, cerca de dez anos, era desconhecida por muitos e visitada por poucos privilegiados, em sua maioria surfistas, artistas, jornalistas e mochileiros, a Praia do Rosa era uma pequena vila de nativos pescadores, sem energia elétrica, calçamento, água encanada, comércio e nenhuma pretensão de crescimento, liderada pelos simpáticos anfitriões da praia, Dorvino Rosa, e sua esposa.

Como nomear lugares é empregá-los de cultura e de paz (CLAVAL, 1999, p.20), o batismo dessa praia se deu em homenagem à família Rosa que há muito habita este espaço e que faz parte da herança cultural da comunidade de Ibiraquera.

Hoje, mundialmente conhecida e desenvolvida pela migração, que recebeu, nos últimos dez anos, viajantes e turistas de todos os cantos do Brasil e do mundo, a Praia do Rosa, ainda, é para muitos, um lugar privilegiado, por conseguir reunir a rusticidade de ruas de chão batido, em meio à Mata Atlântica. A praia é ocupada pelos turistas para o agito, o descanso, o lazer e a prática de esportes, especialmente propícia para a prática do surf, com ondas quase perfeitas, nos cantos sul e norte, conforme o vento e a corrente marítima do dia como relatou Gustavo. Também é tida como um observatório natural das baleias franca, que anualmente chegam a suas águas, de julho a novembro, para reproduzir e amamentar os seus filhotes.

Com todo esse movimento trazido com a ocupação pelo turismo, a Praia do Rosa vem perdendo seu referencial identitário junto aos nativos. Estes relatam sentimentos de hostilidade pelo lugar como relata Suelem: *“Eu não gosto mais de ir na praia do Rosa, lá é de gente, hoje, que faz parte de outro mundo, né?”* Que encontra eco em Leonardo: *“Lá no Rosa já é tudo de gaúcho”*. E que se complementa na atitude de Leonardo², que consegue ver a Praia do Rosa em dois espaços temporais: *“Rosa eu não gosto, odeio Rosa... No Rosa é só pessoal de fora. No Rosa é muito agito... Na noite até dá, durante o dia, não”*.

Remetendo a Tuan (1983), é possível observar que o espaço da Praia do Rosa é caracterizado pelos turistas como um símbolo de prestígio. Este espaço está se tornando um recurso que produz riqueza e poder para os grandes empreendedores, os quais não são os nativos. O Rosa é cercado por costões, a beira da praia com areias brancas e duas lagoas, que abrigava poucas famílias

nativas e que ainda possui um dos cantos mais propícios a pesca da tainha. Com o crescimento desenfreado deste ambiente natural em espaço construído, o ritual da pesca da tainha está ameaçado, transformando os laços afetivos dos seus habitantes em sentimentos ambivalentes.

O ambiente construído nas encostas do morro seja as mansões ou as pousadas e restaurantes, traz um sentimento de estranheza e de desprezo por Leonardo2: *“Em relação ao lugar, quanto à natureza mudou muito, principalmente lá pro Rosa. O Rosa tá praticamente uma favela dos ricos, né. Tá cheio de casa bonita lá, mas é tudo amontoada, uma em cima da outra. É uma favela dos ricos e... E é horrível... Eu acho feio prá caramba... Tem o que fala que é bom prá economia da Ibiraguera”*. Este relato remete a Tuan (1983), quando enfatiza que o ambiente construído exerce um impacto direto sobre os sentidos e sentimentos do sujeito.

Durante o processo da pesquisa houve um movimento por parte dos empresários para desmembrar a Praia do Rosa, do Luz e Barra do bairro de Ibiraguera. Segundo alguns dos entrevistados, o projeto chegou a ser votado na Câmara de Vereadores do município, mas os habitantes de Ibiraguera se mobilizaram e reverteram a situação, demonstrando que podem se organizar para defender o seu espaço. Por mais que sofram com as transformações, o espaço de Ibiraguera ainda tem marca nativa, ainda é o seu espaço de pertencimento. Ou seja, apesar das transformações físicas, sociais e culturais que estão ocorrendo em Ibiraguera, Leonardo2 resume seu sentimento em relação ao seu lugar: *“é lindo, não é particular”* e nele estão *todas as alegrias: “minha família, meus amigos, o local”*.

Por meio das narrativas foi possível fazer uma reconstrução do processo de construção da auto-estima destes sujeitos e a sua relação com o pertencimento ao lugar onde nasceram e vivem. Seguindo um posicionamento da psicologia do desenvolvimento entrelaçada a psicologia ambiental percebeu-se que o desenvolvimento do grupo familiar, destacados nas fases de desenvolvimento do ser humano e o espaço habitado integra o ambiente sócio-cultural e afetivo singular de cada entrevistado e coletivo da comunidade.

Foi relatada a dificuldade de acesso à educação formal e a insegurança com os estranhos como fatores negativos na auto-estima do nativo. Por outro lado, a disciplina familiar, o espaço lúdico da infância, o espaço da diversão na juventude e a solidariedade como pontos indispensáveis na auto-estima destes entrevistados. A

solidariedade é uma marca afetiva das pessoas desta comunidade e que, segundo alguns entrevistados, está sendo ameaçada.

Quanto ao sentimento de enraizamento ao espaço verificou-se uma afeição especial à Lagoa de Ibraquera e às praias do Luz e do Rosa. Reconhecem-se estes lugares por meio dos laços afetivos, laborais e de lazer que construíram ao longo do tempo. Observou-se que na Lagoa e na Praia do Luz estes nativos encontram-se com facilidade a outros nativos e sentem-se aceitos pelo que são.

Nestes espaços também desfrutam dos momentos de solidão e de paz tão importantes para a manutenção da auto-estima de qualquer ser humano. Em relação à Praia do Rosa reconhecem sua beleza, porém é nesta mesma praia que a partilha do pescado entre os pescadores tem sido ameaçada por conta do turismo e do próprio nativo que não reconhece os seus. Isso acontece porque, segundo Gustavo, há muitos turistas na região que se divertem com a prática do surf a qual afasta os cardumes de tainha, associando que na partilha muitos solicitam peixes e o nativo atende os pedidos dos novos ocupantes deixando muitas vezes de atender as necessidades de seus companheiros nativos. Neste lugar tanto o sentimento de pertença quanto à auto-estima tem sido subestimado no encontro com o novo.

Todo este descrever sobre a auto-estima e o sentimento de pertença do nativo de Ibraquera reporta as palavras de Capra (2002), refletindo sobre como a qualidade do ar, da água, da topografia da terra e dos modos de vida que interferem no bem-estar das pessoas. Segundo ele, ares, mares e lugares representam um tratado sobre a ecologia humana. Em Ibraquera, a paisagem maravilhosa exemplificada nos espaços físicos, sociais e culturais, ainda se encontram espaços de criatividade, de liberdade, de amizade e de solidariedade. Manifesta-se também momentos de mudanças, de abertura a novas amizades, novos conhecimentos e de uma nova cultura.

Por fim, as transformações estão trazendo elementos que interferem de tal modo que pode favorecer a perda dos referenciais sócio-afetivo-culturais a ponto de alterar a auto-estima, o sentimento de pertença assim como, as atitudes de preservação ambiental dessa comunidade tradicional.

6 A ALTERAÇÃO DOS ESPAÇOS NATURAIS E OS CUIDADOS DOS NATIVOS RELACIONADOS À PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo tem o objetivo de identificar os cuidados dos habitantes nativos relacionados à preservação ambiental do lugar. Destaca-se para este propósito, o reconhecimento nativo referente à flora, já que Ibiraquera ainda possui fragmentos secundários da Mata Atlântica, principalmente nas encostas dos morros; dos recursos hídricos do lugar, priorizando a lagoa e as nascentes próximas à lagoa das quais por muito tempo os nativos retiravam a água para beber; do solo utilizado para a plantação da agricultura de subsistência e da mandioca para o comércio e da fauna do lugar, mais especificamente, a nomeação e preservação das espécies marinhas e lagunares, pois desta, depende a sobrevivência dos pescadores artesanais das comunidades que ainda habitam a região do entorno da Lagoa de Ibiraquera.

Para se refletir sobre a **preservação ambiental**, é preciso entender que o movimento conservacionista, segundo Gadotti (2000), nasceu com o objetivo de criar reservas de grandes áreas naturais para o usufruto das elites dos países ricos. Essas áreas serviriam de lazer e de contemplação para esse grupo selecionado de pessoas, desconsiderando as populações locais, entre elas as comunidades tradicionais, conceituadas por Diegues (2000).

Gadotti (2000, p. 58) entende que muito mais que “limpar os rios, despoluir o ar, reflorestar os campos devastados” é preciso enfrentar os problemas sociais, pois estes problemas tratados pela ecologia, afetam tanto o meio ambiente quanto “o ser mais complexo da natureza que é o ser humano”. Leonardo Boff (1993) citado por Gadotti (2000, p. 58), resume assim a problemática da preservação: “queremos uma justiça social que combine com a justiça ecológica. Uma não existe sem a outra”.

Tendo como princípio de que tudo está interligado, tem-se como início a discussão do solo de Ibiraquera. Este se constitui até hoje como propício ao cultivo da agricultura de subsistência para as famílias nativas que ainda possuem terras para desenvolvê-la. Como essa comunidade tradicional ainda tem suas atividades voltadas à pesca e à agricultura, Maldonado (1986), atribui a este tipo de exploração dos recursos naturais como pluralismo econômico, fenômeno este que

ocorre em todo litoral brasileiro e, segundo a autora, em diversas localidades mundiais.

Durante as entrevistas pouco foi relatado sobre a **preservação do solo**. Na fala de Francisco há o relato de como se preparava a terra para o cultivo, principalmente da mandioca, no qual depois da mata derrubada, o solo era carpido ou arado para realização da semeadura. Essa prática foi transmitida, como afirma Diegues (2000), pela oralidade através das gerações, sendo uma forma típica de construção e transmissão do conhecimento tradicional.

Continuando com o posicionamento de Diegues (2000), o manejo tradicional dos recursos do solo, envolve um saber fazer que se constitui um patrimônio da cultura brasileira. As atividades relacionadas à agricultura têm uma característica itinerante na intenção de não desgastar o solo.

Mesmo estando discutindo as práticas tradicionais, em especial dos nativos de Ibiraquera quanto ao uso do solo, observa-se a posição crítica do biólogo Primack (2002), sobre a destruição da metade da floresta tropical em todo o planeta sendo decorrente do cultivo de pequenas plantações para subsistência.

Neste contexto, Primack (2002), chama a atenção que:

Algumas dessas terras são convertidas em áreas agrícolas e pastagens permanentes, porém, muitas são usadas para agricultura itinerante, na qual parte da floresta é derrubada, queimada e cultivada durante algumas estações, até que a fertilidade do solo caia a tal ponto que a terra tem que ser abandonada. A terra retorna, então, a condição de floresta secundária (p.89).

Atualmente, Ibiraquera possui uma cobertura de floresta secundária nos morros que se misturam às construções das casas de veraneio, pousadas e restaurantes. Porém, o solo destas encostas foi, por muito tempo, utilizado para o cultivo da mandioca como relatou José ao lembrar-se que no seu tempo a visão panorâmica dos morros para a planície era coberta, principalmente de mandioca. Essas terras, ou este solo, para os habitantes de Ibiraquera, é parte integrante de suas vidas, remetendo às palavras de Robert Coles (TUAN, 1980, p. 111): "Minha terra está sempre aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão minha como meus braços e pernas".

A relação habitantes de Ibiraquera e natureza, remete aos princípios da ecologia profunda como pontua Pelizzoli (2002), pois nesta comunidade está implicada a dimensão de vínculo que envolve tanto a percepção ecológica do

mundo integrada ao comportamento psicológico, no qual todos os habitantes vivenciam a experiência de ser parte da teia da vida e com isso protegem todo o seu entorno numa atitude também de cuidar de si mesmos.

A necessidade de sobrevivência por meio da agricultura traz para José um conhecimento de deixar por um tempo seu gado em contato com o solo que deseja plantar, para não deixá-lo enfraquecido, confirmando as informações trazidas no documento *Natureza e Cultura* (2004), tratando da importância do esterco na incorporação do solo para enriquecê-lo, já que a extração da cobertura vegetal acarreta não somente o empobrecimento do solo como também o enfraquecimento da agricultura. Porém, seu conhecimento não considera que o pisotear do gado sobre a terra também acarreta danos ao solo, ao compactá-lo.

Primack (2002), argumenta que quando a vegetação é perturbada por cortes de madeira, atividades agrícolas ou outras ações antrópicas, entre os mais diversos danos causados ao solo, podem ocorrer a inutilidade da terra inclusive para a agricultura.

Essa preocupação é encontrada nas palavras de Lourenço quanto ao respeito para com o solo. Lourenço diz que "*Prá plantá a gente deixava a terra descansá de uma lavoura prá outra*", pois ele sabe assim como chefe Seattle da Tribo Squamish (BRAUN, 2001, p. 34), que o ser humano pertence à terra "como o sangue que une uma família. Qualquer coisa que ele fizer a ela, ele acabará afetando a si próprio". As palavras do chefe indígena, acima mencionadas, remetem à poesia e à música de Milton Nascimento intitulada "Cio da Terra" (anexo H), na qual o músico brasileiro detalha a fecundidade da terra e a sua interação com a ação e os rituais humanos.

Portanto, o contato dos nativos com o solo, no que concerne à preservação, permitiu observar que há alguns cuidados relacionados ao descanso e a sua fertilização por meio da adubação orgânica. Porém, a **preservação da flora** nativa, já se observa de maneira contrária.

A questão da preservação remete à biologia da conservação, onde Primack (2002), enfatiza que as plantas constituem as fontes primárias de energia dentre os níveis tróficos. As espécies fotossintetizantes obtêm energia diretamente do sol. A partir delas estão os consumidores primários (herbívoros), os secundários (carnívoros) e os decompositores, sendo que a maior diversidade de espécies é encontrada nas florestas tropicais.

Portanto, a grande função do manto verde que cobre o planeta, segundo Soares (1998), é a de constituir um suporte indispensável ao mundo animal e, por extensão, ao homem, pois sem verde não há vida na Terra.

A Psicologia oferece algumas interpretações quanto ao simbolismo das florestas e à relação do homem para com este espaço natural. No artigo “Natureza e Cultura” (2004, p. 15), há uma descrição da floresta representando “um lugar escuro, desordenado, cheio de perigos e incertezas, em contraste com a organização, a abertura e a segurança”. Do ponto de vista psicológico, pode-se inferir, que a floresta representa, para o ser humano, o continente de seus conteúdos inconscientes, “onde há segredos a ser descobertos e emoções a ser enfrentados” (NATUREZA E CULTURA, 2004, p. 15).

As histórias infantis trazem exemplos das maldades representadas pelos vilões que se escondem nas florestas. O lobo mau e a bruxa fazem suas malvadezas, utilizando o espaço da floresta. Mas também é neste espaço que Branca de Neve encontra pessoas que salvam sua vida. Portanto, as florestas podem representar o refúgio e o desamparo, a vida e a morte, a sorte e o azar, conforme o que estas simbolizam para as diversas culturas.

A história da religião, também, traz seu entendimento sobre o descuido com a preservação de florestas e com a natureza. A religião representa uma prática que foi se desenvolvendo ao longo da história da humanidade. Desde que o homem colocou-se como distinto e superior em relação aos outros seres vivos que vivem na biosfera, houve também um distanciamento da natureza.

Salatino (2001) relaciona essa atitude antinatural do homem à tradição judaico-cristã, da qual nasceu o cristianismo. Por esta ter se desenvolvido em regiões áridas, constrói uma hipótese de que este espaço tenha contribuído para uma atitude de não adoração às plantas e animais, bastante comuns em tantas outras tradições religiosas e filosóficas. Sabe-se que os cristãos crêem num único Deus Criador de todos os seres vivos. Esta mesma religião coloca o ser humano numa hierarquia superior, por ter sido o único ser criado a semelhança de Deus.

Segundo Salatino (2001), esta posição outorgada ao homem deu a ele o poder sobre as plantas e animais. Constata-se que esta tese sugere uma dominância do homem sobre a natureza de acordo com a vontade de Deus. O mesmo autor, ainda faz uma discussão sobre outras passagens do Antigo Testamento que recomendam o zelo e a proteção à natureza, como o dilúvio e a

Arca de Noé, sendo que a atitude que predominou entre os cristãos foi a de domínio sobre o espaço natural e o selvagem.

Durante as entrevistas foi possível observar que os nativos da comunidade de Ibiraquera são cristãos e possuem um forte vínculo com seus descendentes açorianos, dos quais herdaram as técnicas de agricultura para sobrevivência de suas famílias. José, um entrevistado idoso, lembra em sua narrativa da época em que todas as áreas da Ibiraquera, dos morros à planície eram transformadas em roças. Nesta fala, reconhece-se que tudo o que existe hoje de vegetação nativa, são fragmentos de floresta secundária. O respeito que eles têm com a terra, se dá pelo fato de ela ser produtiva para suas plantações, e não pela cobertura vegetal original. Gustavo acaba afirmando isto em sua fala: “*O pessoal aqui corta as árvores e deixam só grama...*”

A partir dos estudos de Freitas (2005), registra-se que, desde 1830 até por volta de 1970, a agricultura de subsistência, a pesca e o extrativismo animal e vegetal, se constituíram das atividades produtivas que permitiram a permanência dessa população de modo de vida tradicional na comunidade de Ibiraquera. Segundo o autor, os danos ambientais relacionam-se ao desaparecimento de grande parte da flora e da fauna silvestre até 1957. A extração de lenha e a utilização do ambiente natural para a agricultura e campo foram os principais fatores para a perda acima mencionada

Lourenço em sua falta de conhecimento sobre os danos causados pela queimada, relata que “*a mata era derrubada com a enxada e colocado fogo. Hoje é muito bom porque tem o arado...*” Esta fala sobre a derrubada da vegetação remete ao alerta trazido por Primack (2002, p. 50), em relação à destruição do verde tendo como método “incêndios freqüentes, que destrói a habilidade do sistema de fazer uso da energia solar, levando a perda da biomassa das plantas e degradação da comunidade animal (inclusive humana) que vive na área”.

Porém, o referido autor argumenta que enquanto as populações eram pequenas e os métodos de coleta não eram sofisticados, as pessoas colhiam e caçavam de maneira sustentável, sem levar as espécies à extinção. Fica evidente, que os métodos de derrubada da mata foram se modernizando no espaço de Ibiraquera, assim como do preparo do solo para a semeadura de suas roças.

Embora as casas dos nativos idosos tenham como marca as chácaras e um amor pelas árvores, principalmente as frutíferas, pouco ou nada conhecem sobre as espécies nativas. Entre as espécies originais da comunidade, foram identificadas

pelos entrevistados a canela (Francisco), o araçá, o imbé e “a *Imbira que é bem rara, e só isso...*”, lembradas pelo jovem Leonardo2.

Como já foi discutido nos capítulos anteriores, as árvores mais conhecidas são as integrantes dos quintais como explica Francisco: “*O que eu conheço é árvore dos arvoredos. O eucalípo, a laranjeira, abacateiro...*” Continuando sua frase, a existência delas neste espaço se dá “*porque a gente planta, né?*” O abacateiro, o anogueiro, os pés de café (que segundo eles já não são mais cultivados, com exceção de Manoel que ainda utiliza essa planta para fazer artesanalmente o café), são as plantas de preferência dos nativos.

O eucalipto é mencionado pelos entrevistados de forma indireta, nos entremeios de suas falas, sendo que Leonardo2 traz uma explicação para o cultivo desta árvore: “*o eucalipto que eles plantavam para utilização de instrumentos...*” A utilização dos troncos do eucalipto é narrada por Lourenço para a armação das casas, para os andaimes nas construções.

Destaca-se que, atualmente, se observa eucalipto por toda extensão do espaço de Ibiraquera, inclusive nas margens da lagoa, muitas vezes, substituindo a mata ciliar original, conforme foto abaixo.



Figura 18 - Construção e eucaliptos ocupando o espaço próximo às margens da Lagoa de Ibiraquera - Foto: João Batista de Campos Jerônimo – 2005

Este comportamento dos nativos em relação à plantação de árvores exóticas pode ser compreendido a partir dos estudos da história e, neste caso, por meio da biologia da conservação, representado por Primack (2002). Segundo o autor, a sociedade pré-industrial acabou por movimentar pessoas de diversos espaços geográficos. Neste processo migratório as pessoas transportavam consigo plantas e animais. A colonização europeia teve um forte impacto na horticultura e agricultura, nos quais um grande número de espécies de plantas foram introduzidas e cultivadas para fins ornamentais, agrícolas ou para pastagem. Aos poucos muitas deixaram de ser cultivadas, mas foram se estabelecendo na flora local, como é o caso do eucalipto no espaço de Ibiraquera.

Estes movimentos migratórios que aconteceram ao longo da história da humanidade ocorridos por muitos motivos, lembram o processo de colonização do espaço na comunidade de Ibiraquera pelos açorianos. Espaço este, que atualmente recebe outros moradores atraídos pelo turismo e pela beleza do lugar. Os jovens entrevistados demonstram uma preocupação com o desmatamento dos fragmentos da mata secundária que conseguiu permanecer no bairro. Este desmatamento, segundo os jovens vem juntamente com um outro problema, o aumento populacional do lugar.

Suelem, uma apaixonada pela natureza do lugar onde vive, faz a seguinte declaração quanto à exploração e degradação do seu ambiente: *“Tá sendo tudo muito explorado. Tá aumentando muito o número de habitantes aqui na Ibiraquera... E querendo ou não isto vai acabando com o teu lugar aos poucos. É desmatando, é esgoto. O que eles querem é construir na beira da lagoa, na beira do mar e não tão nem aí, né? É esgoto prá lagoa, é prá praia”.*

A declaração de Suelem remete à pesquisa de Primack (2002, p. 83), pontuando que o crescimento populacional não é a única causa de extinção das espécies e a destruição do habitat. Essa destruição dos ecossistemas nem sempre são causadas por cidadãos, utilizando estes recursos para suprir suas necessidades básicas, como no caso as populações tradicionais. Estas comunidades podem utilizar recursos naturais tais como lenha, carne de animais silvestres e as plantas nativas, e “convertem também grandes quantidades do habitat natural para fins agrícolas e residenciais; portanto, o crescimento populacional humano, por si próprio, é parcialmente responsável pela perda da diversidade biológica.”

O que fica evidente na fala de Suelem é a preocupação não apenas com o desmatamento, mas, principalmente com a poluição trazida com o turismo. A comunidade de Ibiraquera, na sua atividade agrícola, destruiu muito de sua mata nativa, que se regenera aos poucos, porém a poluição é um fator agravante, pois a poluição não se limita ao espaço, ela se dispersa, atingindo outros espaços e ecossistemas locais.

Ary complementa as palavras de Suelem, revelando que *“a natureza agora tá boa... Tem um cara que fez uma pesquisa e disse que a cada 10 anos é construída não sei quantas casas aqui... Tão acabando com tudo... Vai acabar com o nosso lugar, a natureza... Fazem casas muito na beira da lagoa... Tem muita gente daqui que vive do peixe da lagoa...”*

As construções que não respeitam os espaços demarcados pelas leis ambientais, o aumento da população, a poluição, são situações que estão fazendo parte do cotidiano destes habitantes. São situações que provocam em pouco tempo, uma acelerada destruição dos recursos naturais e um dos principais motivos de diminuição da biodiversidade local, como afirma Primack (2002).

Se a mata de Ibiraquera sofreu todos estes danos durante a sua pequena história de colonização, a **fauna** sofreu mais ainda. A mata aos poucos pode se recuperar, porém a recuperação dos animais silvestres se torna muito mais delicada. Segundo Primack (2002), a diminuição das plantas e insetos resulta em um declínio na população de animais de uma região. Até as plantações cultivadas pelo homem precisam de pássaros e insetos predadores que se alimentam de outras espécies que atacam as lavouras. Muitas espécies de plantas dependem de animais que comem seus frutos, que colhem seus pólenes e assim dispersam as sementes, continuando os ciclos de vida animal e vegetal de todos os espaços do planeta, sejam os naturais ou os cultivados.

Freitas (2005), afirma que os fragmentos de vegetação nativa ainda existente em Ibiraquera estão sendo mantidos, havendo uma diminuição na caça e na coleta de ovos. Está ocorrendo uma mudança na percepção da fauna silvestre como fonte de alimento, remédio, lazer e praga por meio da substituição das normas locais, pouco conservacionista para o manejo da fauna silvestre, por normas legais marcadamente preservacionista, tendo uma maior atuação da Polícia Militar e do IBAMA a partir da década de 90.

De acordo com Freitas (2005), até o final da década de 1970, havia no espaço de Ibiraquera 71 espécies, entre aves, mamíferos de médio e grande porte

e répteis, muitos destes extintos. Por meio das entrevistas da presente pesquisa, constatou-se que estes animais foram esquecidos pelos habitantes quando se perguntou sobre o conhecimento destes sobre a fauna local. Leonardo² ao defender as atitudes de preservação ambiental diz o seguinte: *“Os nativos tão aqui, nunca estragaram nada”*. Porém ao ser indagado sobre a existência de animais da região responde: *“Nossa, cachorro e gato, cobra, lebre, tem cachorro do mato, boi, só isso.”* O jovem não discrimina o animal doméstico daquele originário da região.

Entre as aves encontradas na região, Leonardo relata a existência do canhandu e do sabiá. Nenhum dos outros entrevistados falou sobre os animais da fauna terrestre ou aérea de Ibiraquera. Seus relatos concentraram-se mais sobre as espécies marinhas, enfatizando ainda mais sua necessidade e sua dependência aos peixes encontrados na Lagoa de Ibiraquera e nas praias da região. Entre as espécies que merecem preocupação entre os sujeitos estão: o cará, badejo, garopa, carapeva, linguado, tainha, corvina, carapicú, cabeçudo, siri e o camarão conforme os relatos a seguir: *“O peixe da lagoa antigamente era bem maior, tipo o cará. Hoje o cará da lagoa é pequenininho. Meu avô fala que antes em 1 hora se pegava um balaio de peixe grande. Hoje tu fica a tarde toda na lagoa prá pegar 4 peixes.”* (Leonardo).

No depoimento de Francisco aparece a saudade dos velhos tempos em que o espaço da lagoa oferecia peixe com fartura e a atividade da pesca era rica e prazerosa: *“Ah a pesca não é como era antes. Antes a qualquer hora que se ia na lagoa de canoa, de tarrafa e pela costa sempre se pescava um peixinho bom... Tudo que tinha no mar tinha na lagoa. Badejo, garopa, linguado que não tem mais, a carapeva que hoje ainda tem, mas não tem o mesmo tamanho. Hoje quando alguém pega um peixinho desses fica conversado na redondeza.”*

José continua a narrativa e relaciona o desaparecimento ou diminuição do pescado com o surgimento da poluição na lagoa: *“E aqui na lagoa pescava tainha, camarão e tudo que dava aí, né? Corvina, carapicú e diversas qualidade de peixe... Mais o siri. A gente pescava de fisga a corvina, cabeçudo, siri, linguado... Agora to me lembrando... Hoje ainda tem pouco desses, mais ainda tem. Tem uns 2 ou 3 ano que eu peguei uns linguado de tarrafa... Só que raquele tempo a água da lagoa era limpa e agora a água é muito suja...”*

As falas acima citadas remetem às palavras de Diegues (1996, p 146), enfatizando que as comunidades pesqueiras indicam quando os ecossistemas marinhos são atingidos, sendo que a poluição, a pesca predatória e a sobrepesca

que ocorre em todo litoral brasileiro “altera gravemente a vida das comunidades humanas litorâneas, que vivem em verdadeira simbiose com esses ambientes”.

A **poluição** trazida pelos entrevistados relaciona-se mais ao **espaço hídrico** da comunidade, passando de leve sobre a poluição sonora na época de temporada reclamada por Gustavo, repercutindo sobre seu sono; a poluição visual, lembrada por Suelem e que de certa maneira geral, altera a percepção dos nativos quanto ao espaço apropriado ao longo das gerações é observada no relato de Leonardo: *“Tem a poluição. Não é mais a natureza de antes. Antes era mais saudável, eles trabalhavam, não tinha carro, não tinha nada, não tinha televisão, não tinha luz... Era na pomboca”*, um tipo de lamparina utilizada com querosene.

A poluição, portanto é tema, no qual, todos são convidados a discutir. Heimstra (1978), ao pesquisar a psicologia ambiental, dedica uma pequena parte de seu estudo sobre a relação entre a poluição e o comportamento humano. Segundo a pesquisadora a poluição do ar, da água e sonora são consideradas pela população uma ameaça ou fonte de destruição e que podem, então, ser considerados causadores de stress.

O impacto da poluição tem sido reconhecido há algum tempo como um dos fenômenos que afeta tanto a saúde física quanto a psicológica do ser humano. Por ser um fenômeno de difícil compreensão, na sua pesquisa, Heimstra (1978), pontua que a poluição interfere nas atitudes e sentimentos das pessoas. Estes se alternam desde um simples incômodo diante das situações, queixas, aborrecimento para modificar ou recuperar o ambiente, alteração de estados de humor, sendo que a poluição sonora interfere no descanso, sono, na comunicação. Constata-se que os resultados concluídos pela pesquisadora encontram eco nas falas dos entrevistados.

O conhecimento das ações individuais e coletivas na ocorrência da poluição do espaço é reconhecido na narrativa de Manoel ao ser indagado sobre a origem desta na Lagoa de Ibiraquera: *“Cada uma pessoa que põe o pé dentro d’água polui. A poluição é o povo que faz... Quer dizer que tem os produto químicos que é o que polui... Vai uma pessoa tomar banho passa um produto, se bronzeia todo e vai pra lagoa e diz: oh se isso vai polui a lagoa? Eu passo um pouquinho, você passa outro... Outro bota outro... Outro bota outro... No fim torna-se muito”*.

Manoel vai além no seu pensamento e na sua consciência sobre as fronteiras permeáveis que espalham a poluição para além dos limites, nos quais ocorrem, alcançando e destruindo também os espaços do mar que banha Ibiraquera,

alterando inclusive, o sabor do peixe que se consome: “[...] *A água do mar que não é mais pura, porque todos os rios, todas as lagoas que existe no mundo deságuam no mar... E fora o petróleo que é derramado aí no mar... Quantos navio de reciclagem destas refinarias e colocam no meio do mar... Não é assim?*”

Assim como Manoel traz seus motivos para a poluição, José tem uma dúvida sobre os períodos em que as águas salgadas límpidas da lagoa tornaram-se turvas: “[...] *a água tá suja [...] Não sei, eu acho que é dessas estrada aí, nesse morro aí, com temporal desce tudo... Esse barro...*”

Além do despejo dos dejetos industriais realizados pelos navios em alto mar e dos produtos químicos utilizados pelos banhistas no ambiente das águas salgadas, em especial, a lagoa, todos os entrevistados fazem uma denúncia quanto ao espaço de carcinicultura construído próximo à lagoa no bairro de Araçatuba. Esta é fonte de preocupação para a saúde física da população, bem como fonte de stress para as pessoas da comunidade. Leonardo ao falar do amor que sente pela lagoa relata os sentimentos dele diante da relação lagoa e carcinicultura: *“A lagoa porque é lugar que eu pesco o peixe que eu quero comer. Tenho medo de perder ela por causa da poluição trazida com o criame de camarão. Isto me preocupa porque acaba com a lagoa.”*

Muitos falam em tom de depoimentos e de reclamações quanto à implantação da carcinicultura dirigidos à pesquisadora pelos nativos. Pedem socorro diante das alterações que estão acontecendo na lagoa de Ibiraquera. Francisco que mora próximo a este espaço reclama: *“Vê, agora vem essa pesca de camarão, esses poço que também acaba com a lagoa, né? Eles jogam a água prá lagoa e a criação da lagoa acaba tudo. Fica aquela água parada lá, depois eles botam aquela comida e depois, chega um tempo, eles esgotam aquela água na lagoa. Eles têm uma coisa (motor) prá tirá e botá de volta a água na lagoa. Mata a nossa criação. Não dá mais nada. Ficaram parado um tempo e melhorô. Mais não é como era antes.”*

Suas reclamações remetem a Assunção (2005), revelando que o aumento dos habitantes nas zonas costeiras e os novos empreendimentos industriais, exemplificados nas atividades de suinocultura, rizicultura e da carcinicultura, entre tantos, afetam especialmente os ambientes utilizados pelos pescadores artesanais. O resultado desta ocupação tem ocasionado uma degradação e poluição intensa e generalizada que intervém nas potencialidades dos ecossistemas locais.

Por uma mobilização da comunidade as atividades da carcinicultura foram impedidas por um curto espaço de tempo, pois os mesmos souberam que a sua

instalação não havia passado por um estudo de impacto ambiental, porém as atividades recomeçaram durante a efetivação das entrevistas, levando Leonardo a dar o seu depoimento sobre os impactos desta na saúde dos nativos: *“Mais parece que mesmo eles tão voltando com o criame de novo. Isto traz muita poluição. Quando eles soltam a água, a lagoa fica suja, a areia parece barro, a carne do peixe fica com gosto diferente que não dá prá comer. Dá alergia nas pessoas que tomam banho. A lagoa fica com cheiro forte, não dá prá parar. O cheiro é diferente daquele do lodo quando a barra abre e a lagoa seca. Isto é natural. Não é bom mais é natural.”*

Durante o tempo de realização deste estudo, a pesquisadora participou de uma plenária da Agenda 21 de Ibiraguera, em que a coordenadora Maria Aparecida Ferreira Gonçalves, mencionou que o fechamento da carcinicultura havia acontecido, pois não havia o estudo do impacto ambiental, concedido pela EIA-RIMA.

Novamente se percebe o conhecimento dos nativos sobre seus recursos naturais, principalmente no que se refere à lagoa, levando a pesquisadora a buscar em Shiva (2003, p. 133), alguns elementos das novas tecnologias sobre os espaços naturais. A referida autora coloca que as inovações ignoram a complexidade, gerando outros problemas ecológicos que, muitas vezes, são considerados “efeitos colaterais imprevisíveis” e “externalidades negativas”.

Na ética das engenharias há uma cegueira em relação aos impactos por ela causada. Porém, os pescadores ou habitantes destes espaços reconhecem estes impactos advindos com a carcinicultura, lutam contra esta tecnologia, pois necessitam do espaço natural da lagoa para a sua sobrevivência. Seu desgaste e sua degradação causam-lhes tristeza como reclama Leonardo2: *“O criadouro do camarão é outra tristeza, meu Deus do céu, acabou com a lagoa. A única tristeza é com a perda da natureza.”*

Maldonado (1986) salienta que os pescadores devem ser ouvidos na validação de novos elementos tecnológicos. Eles são plenamente capazes de contribuir sobre os impactos destas novas atividades sobre o espaço em que vivem e dos quais retiram sua alimentação e fazem seu lazer. Manoel sabe muito bem como é o sabor do peixe que se desenvolve nas águas limpas da lagoa e de como a poluição pode afetar as espécies: *“o peixe era muito melhor do que o peixe hoje é... Uns dizem uma coisa, outros dizem outra, mas a água antes tanto da lagoa*

quanto do mar era pura e conservava o peixe gostoso... Hoje a lagoa é poluída, o mar é poluído. O peixe não tem mais o sabor que tinha antes..."

Ainda dissertando sobre o tema da poluição nos ambientes hídricos de Ibiraquera, despertou a curiosidade da pesquisadora o conhecimento dos nativos sobre o impacto desta no lençol freático que se expande para outros ambientes. Manoel dispõe sua fala desta forma: *"Quando eu me criei a gente não se lavava no chuveiro, era lavado na gamela, aquela água a gente jogava na terra e ela desaparecia, era pouca... Hoje quantos esgoto de banheiro tem correndo prá lagoa? Porque nós vivemos em cima da água, isso você sabe também, né?"*

Relacionando a utilização das fossas conclui-se que muitas casas da região não possuem fossas, mas as que possuem tem seus esgotos absorvidos e levados para a lagoa: *"A maioria tem fossa, mas a absorção dela é prá lagoa, porque como eu falei nós vivemos em cima da água... A água tá girando... Então daqui, um pouco de lá... Fora àquelas que é direto prá lagoa... Se você pesquisar você vai vê que não existe um só nem dois que joga o esgoto prá lagoa..."*

É sabido que todo o sul do Brasil possui uma grande reserva de água em seu subsolo conhecido como Aquífero Guarani, sujeito também a ser contaminado por meio da degradação dos ambientes terrestres. Floriani (2004), traz algumas reflexões sobre os problemas ambientais que mais assustam a humanidade como a destruição da camada de ozônio, o aquecimento global e a perda da biodiversidade. Porém outros problemas não tão evidenciados nos debates científicos e de outros segmentos humanos, relacionados ao meio ambiente, como os aterros de lixo urbano e os problemas locais de poluição das águas subterrâneas que também merecem destaque. Os nativos, em seu humilde conhecimento já discutem sobre isto. Para eles a poluição das águas subterrâneas do seu espaço de vida é hoje um grande problema a ser discutido, esclarecido e necessitado de procura de soluções.

Além das habitações construídas às margens da lagoa, da carcinicultura e da poluição, os nativos lançam, ainda, como os motivos para a diminuição das espécies na lagoa e no mar de Ibiraquera a pesca predatória e a pesca industrial, conforme relata Lourenço: *"Ah tinha muito linguado, badejo, mas foi tudo sumindo com a pesca industrial..."*

Este relato conduz às pesquisas de Primack (2002), enfatizando a superexploração de espécies na pesca comercial a qual explora uma espécie após a outra até chegar a sua redução ou extinção. Maldonado (1986), enfatiza as falas

dos pescadores nativos, bem como a pesquisa do autor acima referenciado, afirmando que a predação dos recursos marinhos por meio da sobrepesca de peixes e outras espécies, utilizando aparelhos modernos está acabando com a pesca artesanal.

Mas quem é o pescador artesanal? Segundo a Secretaria Especial de Aquicultura (2004), é aquele que utiliza de uma tecnologia muito simples e que tem na pesca sua principal fonte de renda. Assim com meios de produção próprios, exerce sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar, ou ainda com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício.

Esses pescadores nativos desenvolveram, ao longo da história, um grande respeito e um conhecimento do ciclo das espécies que entram pela barra de Ibiraquera e se desenvolvem no espaço hídrico no qual pescam. Hoje, segundo os entrevistados este respeito está ameaçado, assim como a diversidade das espécies consumidas como relata Francisco: *“Não respeitam a abrigação da barra, não deixam o peixe entrar. No meu tempo tinha respeito, abria a barra, ninguém tarrafeava. Mais também era pouca gente né? Agora o povo é demais. Tá tudo muito, muito diferente. O peixe entrava e subia, vinha até a lagoa de cima, se espalhava por toda lagoa.”*

Como se percebe nas entrevistas e em Maldonado (1986, p. 42), o pescador artesanal se apropria da lagoa e do mar dividindo-o conforme as necessidades para a sua sobrevivência, tendo como base o conhecimento, o trabalho e a tradição. Vivem, ou pelo menos viveram, por muitos anos, da produção cíclica dos estoques, pois conhecem “os limites da coleta, de acordo com o ritmo da natureza, o pescador artesanal tem como condição da sua reprodução a manutenção do equilíbrio ambiental”.

Na entrevista do jovem Gustavo, neto de pescador, há uma ênfase na depredação das espécies da lagoa por pescadores de outras regiões e pela sabotagem dos instrumentos de pesca: *“Porque é proibido colocar rede na lagoa, ter malha muito pequena e daí o mesmo pessoal que escolheu a malha maior, vem escondido e pesca com a malha menor e pega todo o peixe pequeno, todo assim... Aí o pessoal que respeita não pega nada porque os outros já fizeram à limpa... Isto tá virando muita polêmica.”* Isto remete a Primack (2002), pontuando que nas comunidades tradicionais existem restrições para evitar a superexploração de recursos naturais, sendo que os ciclos são rigidamente controlados.

Além dos peixes, os pescadores valorizam muito a pesca do camarão, tanto pelo seu sabor, quanto pelo valor de comercialização, já que entre os consumidores há uma preferência pelo camarão pescado na Lagoa de Ibraquera. Manoel confirma os argumentos de seus colegas entrevistados, somando a pesca predatória do camarão: *“Na pesca tudo o que se pescava ainda tem hoje, só porque o pessoal não deixa criar... O camarão ainda tem bastante, mais hoje eles pegam tudo pequeno. O peixe tem muito ainda, mais o jeito deles pescá tá prejudicando. O peixe antes era pro consumo da família, ia na lagoa pegava o peixe: E o peixe era pescado na hora...”*

Todos os relatos dos sujeitos remetem às palavras de Diegues (1996, p. 106), alegando que o conhecimento acumulado das populações tradicionais, neste caso dos pescadores artesanais devem ser ouvidos e considerados. Eles conhecem e respeitam o uso do espaço e os recursos naturais que são marcados pela “sazonalidade, pelos ciclos geobiológicos, etc. Essas populações, muito freqüentemente têm uma percepção aguda desses processos, criando sistemas tradicionais de manejo” que, por muito tempo, garantiram a sustentabilidade destes espaços.

Com estas falas compreende-se que há uma preocupação não somente pela degradação do espaço da lagoa, mas também pelo desaparecimento do pescador artesanal nativo. Muitos o vêem como uma pessoa que degrada a natureza, entretanto como afirma Assunção (2005), ele é também uma vítima do processo de degradação e de poluição do meio ambiente do qual obtém sua sobrevivência. Dessa forma, o autor acima referido confirma o comportamento observado pela pesquisadora na comunidade de Ibraquera com as seguintes conclusões:

Gradativamente a população tradicional de pescadores artesanais ingressa num momento de desagregação sócio cultural. Migrações na faixa etária jovem, busca de novos mercados de trabalho, abandono das técnicas, procedimentos e habilidades na pesca com uso de novas formas de manejo nas lagoas, transferência de terras ocupadas tradicionalmente pelas comunidades, à dependência cada vez maior do poder público, a cooptação por agentes políticos e a massificação cultural determinam um enfraquecimento da identidade do pescador artesanal (p. 53).

Como se observa, há vários motivos apontados pelos nativos que estão contribuindo para a degradação do espaço hídrico e de seus recursos naturais, mas também há uma tentativa de preservação deste pelo controle do poder público, bem

como da organização da comunidade de pescadores por meio de associações e da implantação da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, que segundo Freitas (2005), busca responder a essa crise por meio da negociação, entre as pessoas da comunidade e a articulação com outros seguimentos sociais.

De acordo com Maria Aparecida Ferreira Gonçalves, líder comunitária e coordenadora da Agenda 21 Local, procurada pela pesquisadora em 2005, desde o ano 2000 existe um movimento para implantação da Agenda, porém somente em 2003 é que houve a possibilidade de sua concretização. Com a ajuda do Núcleo de Estudos desenvolvido pela UFSC, o movimento já realizou três grandes eventos relacionados à pesca artesanal, turismo e reserva extrativista de camarão.

Maria Aparecida relata que no início foi muito difícil devido ao entendimento da comunidade sobre a Agenda e a integração de todas as comunidades que habitam o entorno da Lagoa de Ibiraquera, a saber: Ibiraquera, Arroio, Campo D'Una, Grama e Araçatuba. Hoje todos se reúnem e lutam com um mesmo objetivo: a conservação da Lagoa de Ibiraquera, pois, segundo a coordenadora, este espaço "é o que os une". Recentemente foi criada a Associação de Pescadores, todos empenhados com a preservação do lugar, já que segundo ela, a colônia de pescadores, com sede em Imbituba, não ouviu as reivindicações dos mesmos.

Assim, cada vez mais, os habitantes de Ibiraquera são conscientes dos atrativos que impressionam como relata Leonardo²: "*Tem toda nossa ecologia que é magnífica, apesar da poluição ainda resta bastante coisa...*" e que precisa ser preservada ou restaurada do ponto de vista individual quanto coletivo. Para isto, como diz Suelem : "*Hoje o nosso lugar tem uma associação, um pessoal, que cuida deste estrago.*"

Diegues (1996) salienta que a mobilização das comunidades tradicionais como as de pescadores e agricultores fortalecem as associações locais, como sindicatos rurais, associações de bairro, os defensores das praias, na defesa dos ecossistemas costeiros, na qualidade de vida e no uso sustentado dos recursos paisagísticos de que eles dependem e dependerão no futuro.

Em uma Plenária da Agenda 21 local, realizada em 03/09/05 na comunidade do Arroio, a pesquisadora foi convidada a participar sendo apresentada ao Dr. Paulo Vieira (UFSC). A plenária contava com 32 pessoas, representando diversas entidades envolvidas na Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera. Entre estas, representantes da Associação de Pescadores Artesanais, de Moradores, de Maricultores, de Pais e Professores das escolas da região, APA da Baleia Franca,

Secretaria de Planejamento de Imbituba, estudantes da UFSC. Entre esclarecimentos, o que mais chamou a atenção da pesquisadora foi a organização do movimento e a posição dos representantes sobre alguns assuntos em torno dos recursos naturais do local.

Os maricultores nativos se posicionam contra o extrativismo das sementes de mariscos por pessoas de outras regiões, o que pode levar à diminuição da espécie, segundo eles. Também há uma adesão e organização de outras associações como dos surfistas, dos vendedores ambulantes nas praias ao movimento da Agenda 21 local. Entre as atividades que deveriam ser colocadas em prática, nos próximos meses seriam: a criação de uma rádio comunitária e a construção de um recife artificial na área marítima de Ibiraquera para impedir a pesca predatória na região, porém deveria primeiro ser realizado o estudo do impacto ambiental. Para o ano de 2007 está prevista um remapeamento da extensão da APA-Baleia Franca pelo Ministério do Meio Ambiente, com o objetivo de ampliar a Unidade de Conservação inserindo toda a Lagoa de Ibiraquera.

Como Maria Aparecida, coordenadora da Agenda 21 Local, havia comentado, a adesão dos habitantes a este movimento está se dando aos poucos, alguns ainda se mostram desconfiados e resistentes, como afirma Manoel, quando a pesquisadora perguntou sobre o seu conhecimento em relação à implantação da Agenda 21: *“Já vieram aqui... Mas a pesquisa deles ainda não chegou no fim... Quem sabe um dia eles chegam no fim... Mas eu acho muito difícil...”* A pesquisadora então compreende a sua falta de esperança quanto ao sucesso da Agenda 21, no espaço de Ibiraquera, sendo que Manoel continua: *“Eu não tenho porque, isso é o que eu penso... Nesse ponto eu sou um pouco negativo por isso, porque o mal de um é o bem do outro... Aonde sai a poluição também é da onde muitas pessoas vivem daquilo...”*

Manoel demonstra a mesma insatisfação dos ambientalistas, cientistas e governantes quanto a destruição do ambiente trazidos nos mais diversos eventos que culminaram na criação da Agenda 21, bem como da posição contrária de tanto outros que não aderiram ao movimento.

Gadotti (2004), conclui que de todos os documentos, tratados e acordos relacionados à preservação da vida no planeta, o maior e mais importante deles é a Agenda 21. Os 175 países presentes e os 102 representantes de estados e de governo na Conferência das Nações Unidas, chamada de “Cúpula da Terra”, popularmente conhecida como RIO-92 afirmaram seu compromisso com o planeta,

porém outros não desejam mudar sua política consumista do ambiente e de vidas humanas. A Agenda 21, aprovada e assinada pelas pessoas desta Conferência, representa “a base para a despoluição do planeta e a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável” (GADOTTI, 2004, p. 97).

O nativo de Ibiraquera também é consciente de toda degradação que ocorre em seu pequeno espaço de viver e de habitar, entende que se faz necessário uma parada neste processo de destruição que envolve tanto o espaço físico quanto o espaço sócio-afetivo e cultural da comunidade, mas é ao mesmo tempo consciente de que este processo é lento, pois envolvem os espaços de produção de toda uma população local e de turistas com suas pousadas, restaurantes, hotéis e imobiliárias.

Neste capítulo observou-se que as ameaças à diversidade biológica, resultantes da atividade humana em todo o planeta, também são encontradas em pequena ou maior escala na comunidade de Ibiraquera. Neste espaço foi encontrado como argumenta Primack (2002), atividades nativas e dos novos moradores, relacionadas à destruição, fragmentação, degradação de habitats, poluição, superexploração de espécies, introdução de espécies exóticas.

Os sujeitos da pesquisa demonstram ser sensíveis aos problemas ambientais referentes ao seu espaço, interessam-se pela recuperação e pela preservação e mesmo com alguma desconfiança, apostam nas ações desenvolvidas pela Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, já que esta não só visa o uso sustentável dos recursos naturais deste ambiente, mas também a preservação dos espaços sócio-afetivos e culturais desta comunidade tradicional, quase em extinção.

7 MODELOS TRADICIONAIS DE CULTURA E MOMENTOS PÓS-MODERNOS: O RECORTE DE IBIRAQUERA

Esse capítulo visa, neste primeiro momento, apresentar os modelos tradicionais da cultura açoriana, ainda mantidos em Ibiraquera, identificando-os na religiosidade, no jejum, na guarda da quaresma e da semana santa, nas rezas e na participação dos habitantes nas festas religiosas, na sua devoção com os santos reconhecidos como protetores da comunidade, assim como, a devoção à procissão do Divino Espírito Santo.

As práticas folclóricas destes nativos também serão identificadas na saudade daquilo que já não existe mais como: a farra do boi, o boi de mamão, o terno de reis e as credices populares que, ainda, fazem parte do cotidiano desta comunidade como: a cura pelo chá e pela benzedura, as lendas e histórias de encantamento e de assombração, os ditos populares. Menciona-se a dança da ratoeira já discutida em outro capítulo, fazendo uma ressalva quanto à separação de brancos e pretos em épocas passadas, mas que não fazem mais parte dessa realidade social. Serão resgatadas algumas falas sobre a família extensa, o respeito pelos mais velhos e a utilização do pedido da “benção” aos pais e parentes próximos. Ainda será apresentada a culinária típica e procurar-se-á reconstituir a partir das falas dos entrevistados, os rituais da farinhada e da pescaria entre os nativos que ainda desenvolvem esse modelo de vida tradicional.

Em um segundo momento será apresentada e discutida algumas questões referentes à pós-modernidade e ao turismo como um grande transformador econômico e modificador do espaço sócio-cultural e afetivo dos habitantes de Ibiraquera.

7.1 Os modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes da comunidade de Ibiraquera

Durante todo o processo da pesquisa observou-se e compreendeu-se que a **religião católica** predomina em toda a comunidade, interferindo em todos os espaços habitados pelos nativos, sendo que entre os jovens há uma relevância as festas religiosas.

Os jovens entrevistados falam da catequese (Leonardo), da importância do grupo de jovens e sua extinção (Leonardo2 e Suelem), exemplificando outras práticas religiosas como o batizado, missas, sendo que todos em algum momento falam e agradecem em nome de Deus ou de santos. Leonardo2 fala de sua fé relacionando-a às origens açorianas que deseja manter, mesmo não sendo um praticante: *“tenho bastante fé na igreja embora não seja beato. Tudo tem base na igreja, até nossa base é açoriana, né. Os açorianos tinham toda essa religião...”*

Há uma diferença da prática religiosa atual entre os jovens e as lembranças dos idosos entrevistados, sendo que a prática do jejum era cotidiana no ritual destes últimos. Gomes (1993), diz que o jejum foi imposto pela igreja católica como uma prática que tinha fins rituais e penitenciais. Manoel lembra bem desse ritual para frequentar as missas aos domingos: *“A igreja é uma tradição que meus pais ensinaram a ir. Naquela época a igreja só a de Araçatuba, nós saía de traz do morro em jejum prá tomar a comunhão.”*

Além do **jejum** dominical, há ainda entre os idosos o jejum, ou uma dieta específica na época da quaresma e da Semana Santa. Gomes (1993), relata que os descendentes de açorianos são profundamente religiosos e essencialmente católicos por isso procuram respeitar e manifestar o seu luto na paixão e ressurreição de Cristo. Para isto, continua o pesquisador, desde o meio dia da quinta feira Santa, até o meio dia do sábado de Aleluia, mantém-se o luto da Semana Santa. Manoel tem uma fala bastante apropriada quanto ao jejum relacionando a alimentação às práticas relacionadas ao prazer: *“As tradições que ainda são mantidas eu vou te dizer: eu e a esposa não comemos carne nas 4 sextas feiras da quaresma, comemos peixe e outras coisas menos carne de boi, galinha... Baile na quaresma nunca fui [...]”*.

Portanto, Manoel responde a tradição católica relacionada ao jejum da época quaresmal. Gomes (1993), enfatiza que este jejum acontece, desde a quarta feira de cinzas até a sexta feira Santa. Não significando que durante todo este período há uma abstenção total dos alimentos, é vedado somente o uso de carnes, sendo que os católicos servem-se de pratos simples, nutritivos e de fácil digestão.

A proibição da utilização de carnes terminava no sábado de Aleluia. O peixe podia ser consumido durante a quaresma, substituindo a carne vermelha. Gomes (1993), confirma as palavras de Manoel, nas quais os prazeres relacionados à dança ou jogos, também, não eram permitidos, durante este período. Em Ibiraquera as danceterias, ainda hoje, não abrem durante a quaresma.

A religiosidade dos nativos também se expressa nas rezas e constituem o arcabouço das práticas populares, desses habitantes, ao longo do tempo, e que tem como referência a ascendência açoriana. Estas **rezas** são utilizadas como súplicas, agradecimentos, proteção ou simplesmente como um meio de se comunicar com o Divino, como exemplifica Cravina: *“Tem reza de quando se fecha a porta, a reza quando termina o dia, a reza do amanhecer [...] Quando a gente vinha do morro e avistava a igreja, a gente dizia: “lá está a casa santa, onde Deus fez a morada, lá está o padre bento e a hóstia consagrada”. Quando se entrava na igreja, botava o pé direito e dizia: “pecado que vem comigo, fica do lado de fora não venhas me puxar que eu tenho a palavra de Deus agora”, entra na igreja, vai lá na água benta, se benze e fala: “água benta eu te recebo em atenção de meus pecados, na hora de minha morte serei perdoado...” [...] Ainda tem um verso assim: “quem tem dinheiro, tem tudo do que quisé compra, mas não compra salvação, se Deus não quisé dá”. Lá prá cima nós não mandemo nada, lá quem manda é Deus. Tem gente que diz que manda, então vamo vê.”*

A fé é tão importante na vida dos habitantes mais idosos, quanto o próprio respirar, porém, eles demonstram uma criticidade em relação a alguns rituais da religião católica, como relata Cravina, exemplificando a função da missa em memória aos mortos e a falta de fé dos jovens: *“Os jovem reclamam da doença, mas não tem fé, não tão com nada. Se a gente vai no mercado tão lá jogando, bebendo, falando da vida dos outro, esquecem de Deus. Sem fé não sou nada. Sem Deus eu caio e não levanto, fico caída. Daqui a gente não leva nada, nem a roupa. Deus fez prá gente pedi, não prá rouba. Missa não tira pecado, precisa rezá enquanto se tá vivo.”*

Manoel também tem na fé e no respeito à tradição religiosa o controle do comportamento das pessoas: *“Prá mim a igreja traz a fé e a fé é prá manter o comportamento das pessoas. Porque se nós desprezá a fé, a religião, nós vamo viver igual animal.”*

A fé é manifestada, ainda, no culto aos santos católicos, simbolizando a proteção do espaço representados em **Nossa Senhora dos Navegantes** (2 de fevereiro) e São Pedro (29 de junho). Leonardo² relata a procissão da padroeira que mobiliza os habitantes da comunidade: *“Tem a festa da nossa padroeira: Nossa Senhora dos Navegantes. Passeamos com ela até a lagoa e depois andamos de canoa com ela. Tem outra festa a de São Pedro. Tem as festas religiosas das outras comunidades da região, onde todos se encontram”*. Como se percebe as

festas religiosas ultrapassam o espaço da comunidade, tornando-se um espaço de encontro entre amigos, devotos e curiosos.

As festividades de São Pedro apresentam os aspectos sagrados e profanos em uma única festa. Junto à fé de São Pedro é também realizada a folclórica **festa junina** que serve de elemento para o encontro da comunidade e alimento para a cultura como relata Ary: *“Eu vou na festa de São Pedro e Nossa Senhora dos Navegantes... Festa junina. É bom porque é a nossa cultura e assim o povo não esquece né? [...] É importante, o pessoal participa das festas e assim a cultura não desaparece.”*

Os habitantes tradicionais de Ibraquera, dos jovens aos idosos, demonstram um apreço pelo culto às festas religiosas e à festa junina. Estas festas se caracterizam pela repercussão que tem entre os nativos, mobilizando-os para participar dos eventos. Vê-se a importância que dão a estes eventos, cada vez mais, afastados e raros nos centros urbanos.

Além das festas acima mencionadas que integra os habitantes no espaço físico, simbólico e cultural de Ibraquera, conta-se também com práticas que já fazem parte do folclore desta comunidade. Neste sentido, conhecer o respeito que os habitantes do lugar dão a sua tradição fez a pesquisadora conhecer um pouco mais a identidade dessas pessoas. Entre os relatos foi possível compreender a saudade das tradições, já esquecidas ou pouco realizadas, e como os modismos que nada representam simbólica e culturalmente, trazidos com a pós-modernidade, podem mesclar ou até mesmo prejudicar a evolução cultural desta comunidade.

A festa do Divino ou a **Bandeira do Divino** é uma tradição que mescla como na festa de São Pedro, elementos sagrados e profanos, que ainda merecem respeito e consideração entre os entrevistados, como comenta Leonardo: *“A Bandeira do Divino acontece até hoje, vem direto nas casas”* e Leonardo2: *“Da Bandeira do Divino a gente tem o maior respeito...”*

Gomes (1993), conta que o culto ao Divino Espírito Santo surgiu no arquipélago dos Açores, sendo trazido para o Brasil e outros lugares onde os açorianos se estabeleceram. Segundo as pesquisas do autor, acredita-se que a prática do Divino Espírito Santo tenha sido criada pela invocação dos religiosos quando das erupções vulcânicas que assolaram as ilhas dos Açores e que eram tidas como castigos pela população.

Sachet (1997, p. 93), considera que o encontro entre os aspectos da Teologia católica sobre o Espírito Santo, da história do povoamento trazido com os açorianos

e da sociologia contemporânea “produzem um espetáculo no qual o religioso e o profano convivem em áreas impossíveis de serem delimitadas.”

A procissão da Bandeira do Divino presenteou a pesquisadora em uma tarde de trabalho na comunidade. Este encontro possibilitou uma aproximação real com uma tradição e um acompanhamento do ritual, dentro de uma das residências nativas. Como descreve Sachet (1997), a Bandeira do Divino traz uma pombinha no topo do cetro, simbolizando a presença da Santíssima Trindade, as insígnias e as cores das fitas coloridas simbolizam a extensão da comunidade. A pesquisadora pode ver de perto o ato de beijar a testa da pomba, o tocar as fitas, as cantorias dos foliões que são pagas com oferendas que serão colocadas a disposição das festividades do Divino. Desta forma, essa comunidade tradicional, mantém viva a tradição dos ascendentes açorianos.

A **farra do boi** constitui outra prática típica dos Açores e divide as opiniões entre os entrevistados. Leonardo2 é um nativo que adere a brincadeira, justificando da seguinte maneira: *“a farra do boi, que é proibido, mas sempre se faz... Não acho errado do jeito que eles fazem, eles soltam o boi na rua e o povo sai correndo atrás. Na Espanha que tem sacrifício do boi eu acho errado... Até porque antes era feito no mangueirão e ninguém proibía. Porque inventaram de proibir agora?”*

O argumento e a indagação de Leonardo2 remetem a Caruso (1996), dizendo que, desde os anos de 1550, as brincadeiras com bois eram feitas em todas as ilhas do arquipélago sem distinção. Segundo o autor há uma forte indicação que nesses tempos as farras do boi eram violentas e não muito diferentes das que acontecem no litoral de Santa Catarina.

Porém a violência que não é percebida por Leonardo2 e que se esconde por detrás da tradição é reconhecida pelos outros entrevistados como Gustavo: *“A farra do boi era bom antes quando tinha mangueirão não se machucava o boi, eles eram trocados a cada 2 horas, quando estavam cansados... Hoje eles soltam o boi na rua, o machucam... O pessoal corre atrás do boi, machuca muito... Eles fincam com pau... Já mataram até um boi afogado na lagoa... Eu não acho certo... Brincar com o boi como já é tradição eu não acho errado, mais machucar o boi, matar ele não é certo... O mangueirão foi proibido, mas lá eles tinham medo do boi e não machucavam-no.”*

O jovem Leonardo compartilha da mesma opinião de Gustavo, e como ele também deseja a manutenção da tradição sem que haja violência contra o animal, a invasão dos espaços apropriados pela lavoura, podendo dessa forma ser permitida

pela segurança pública, como relata a seguir: “[...] *farra do boi. Aqui tem bastante. A polícia fica vigiando, mas o pessoal dá o jeito, solta o boi dentro do que é dos outros e saem acabando tudo. Uma coisa que eu acho errada. Mas o pessoal faz direto. Eles já compram o boi 2 ou 3 meses antes da Páscoa. Há uns 2 ou 3 anos soltaram um aqui nas terra do vô, não tem, acabou com a mandioca. Eu acho errado. Eles avacalham mesmo. A farra do boi é isso. É maltratar o boi e acabar com o que é dos outros. Brigar com eles não adianta porque o pessoal não ouve. Eu acho que se fizesse um mangueirão e brincasse com o boi sem machucar seria bom. O boi não se machucava e não haveria destruição do que é dos outros.*”

O **Terno de Reis** foi outra prática tradicional referenciada pelos entrevistados e que permanece apenas na lembrança dos idosos. Farias (2000), lembra que a cantoria do terno de Reis, faz parte da tradição das comunidades litorâneas, contendo motivações religiosas e profanas. O termo terno de Reis nasceu da existência de três vozes: a repentina, a tripa e o coro. Um grupo de pessoas percorre o espaço da comunidade, tocando, cantando e dançando. Ele aparece na comunidade nas festas natalinas, passagem do ano e no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis, para comemorar o nascimento de Cristo e a adoração aos três Reis Magos. Lourenço lembra de *“Muito terno de reis naquele tempo... Muito terno de reis que hoje não tem mais”*.

Além do terno de reis, a **ratoeira** também não existe mais na região, levando os entrevistados idosos, como Manuel a sua juventude: “[...] *hoje não existe mais... A ratueira dos bailes: os moços cantavam para as moças e as moças pros moços, [...], terno de reis. Eu gostava disso, sinto falta de conviver com os amigos que se reuniam nessa tradição.*”

Segundo Farias (2000), a ratoeira constitui-se de uma dança típica de roda que embala as comunidades tradicionais litorâneas, ao som de cantorias e versos de improviso, como já foi descrito no capítulo 2.

O **boi de mamão** foi pontuado pelos entrevistados como atividade folclórica importante na comunidade, pois proporcionava momentos de interação dos nativos e a integração com outras comunidades próximas de Ibiraquera como fala Lourenço: *“depois que eu me criei, nós fazia uma brincadeira de boi – de – mamão muito boa. Vinha umas pessoa lá do Campo D’Una, tocavam muito bem tambor, né. E mandava a brincadeira. E tinha um velhinho, um preto chamado Cipriano aqui que vinha, né, e botava uma máscara nele e saía mandando boi, né. Ah fazia umas*

brincadeira muito boa... muito boa. Quando tinha brincadeira de boi todo mundo queria ir vê. Naquele tempo não tinha mais nada, né.”

Guimarães (sd), relata que o boi de mamão é considerado como a primeira representação dramática brasileira, sendo praticada durante as festas juninas ou natalinas.

Assim como todos os povos, os habitantes de Ibiraquera também possuem suas credices, suas tradições e suas superstições que são transmitidas por intermédio de lendas, contos, narrativas, provérbios e canções. Esses são repassados de geração em geração na, maioria das vezes, pela oralidade, prática típica das comunidades tradicionais, como escreve Claval (1999).

As **estórias de encantamento e assombração**, bem como de personagens folclóricos, fazem parte do imaginário desses nativos e ainda são narradas com toda criatividade dos idosos e que desafiam a imaginação dos jovens como relata Leonardo2: *“Eles conversavam um monte, falavam um monte de besteiras e das histórias de antigamente... Eles acreditam, eu só acredito vendo, né são histórias reais com um pouco de fantasia. São histórias assim, sem nada a ver, sem nexo. Tem muitas histórias que a vó conta, são estórias mais mágicas, de boitatá que existia antigamente...”*

Segundo Junior (sd), o boitatá faz parte de uma antiga lenda indígena do folclore brasileiro, designando um gênio que vaga por lugares sombrios e que incendeia a imaginação popular. Martins (1994a), reforça as palavras do autor acima, afirmando que índios tupi-guaranis eram ótimos mestres na arte de criar lendas. Então para Farias (2000), muitas dessas lendas vieram dos Açores. Outras foram incorporadas da população indígena da região. Outras ainda foram sendo criadas com o passar do tempo, resultantes do imaginário do habitante do litoral em suas relações com o espaço de vida.

O lobisomem também é um personagem forte no imaginário coletivo da humanidade, como traz Martins (1994b), e que se mantém vivo nas comunidades rurais de descendência açoriana. Leonardo fala sobre este personagem e as histórias contadas pelos idosos: *“Eu acho interessante são as histórias que a minha vó conta. A vó fala que antigamente aqui tinha lobisomem, essas coisas... Nessas coisas eu não acredito nem desacredito, né? Eu nunca vi mais dizem que existe.”*

Outras histórias de encantamento foram trazidas por Leonardo2 que demonstra ser bastante supersticioso quando relata a morte do casal que iria morar ao lado de sua casa. Este comportamento mítico observado nas entrevistas, remete

aos estudos de Ângela Furtado Braum (CARUSO, 1996), que ao percorrer as Ilhas dos Açores sempre ouviu histórias populares envolvendo casos de bruxaria e, superstições. Segundo a pesquisadora, as famílias e os vizinhos se reuniam ao anoitecer para contar e ouvir histórias, enfatizando os contos de história empolgantes e os casos de assombração.

Os **provérbios** ou ditados populares, segundo Farias (2000), caracterizam-se nas maneiras de expressão da sabedoria popular, incluindo sempre uma mensagem figurada como são exemplificados por Leonardo2 : *“Tem os ditados populares que são verdadeiros: “gato com fome come sabão”, “o que os olhos não vêem o coração não sente...”* lembrando as cantigas de roda e de ratoeira cantadas pela avó e *“que mexe com toda a criatividade da pessoa.”* (Leonardo2)

Como se pode perceber, o folclore de Ibiraquera inspira a interação das várias faixas etárias, sendo que a compreensão dessas expressões populares se reveste de grande importância, pois levou a pesquisadora a conhecer os elementos que constituíram ao longo das gerações o espaço cultural desses habitantes, o que equivale a dizer que essa cultura constitui a própria identidade do nativo de Ibiraquera.

Entre os usos e costumes dessa comunidade, apareceu de forma marcante a presença da benzedura, já que uma das entrevistadas (Cravina) é uma benzedeira bastante conhecida na região. Seu neto Leonardo2 manifesta uma fé muito grande na força da benzedura da avó.

Cravina ao responder uma pergunta da pesquisadora sobre sua atividade como benzedeira, relata o seguinte: *“Não sou de morto nem de sessão (espírita), nisso eu não acredito, mas benzedura que Deus deixou é de força... Eu benzo de sangue de perna cortada, de calor de figo que racha as mãos, de cobreiro, de olhado. Em mim nunca botaram olhado porque eu sempre fui muito feinha. De berruga, de sapinho de criança, de dor de dente porque naquele tempo não tinha dentista. Isto tudo papai e mamãe sabia.”*

A resposta de Cravina remete à Martins (1994a), descrevendo que as **benzedadeiras** são, na maioria das vezes, mulheres idosas de condição modesta, sem instrução escolar e que habitam quase sempre os espaços rurais. Elas assumem o papel de mães míticas que por meio de fórmulas, rezas e gestos entram em contato com uma força invisível libertando o mal da pessoa. Sua função consiste em benzer de quebranto (mal olhado), a erisipela (inflamação da pele com edema, dor, calor e vermelhidão), o cobro (cobreiro-herpes zoster), crianças

quebradas (hérnias), coser a carne quebrada e nervo torto (deslocamento anormal das articulações), o rebate (inflamação das mamas) e ainda receitam remédios caseiros. Nessas comunidades tradicionais as pessoas crêem que embora o doente recorra aos médicos a cura só se realiza pela benzedura.

A utilização dos **chás** com ervas medicinais para fins terapêuticos faz parte do costume desses habitantes. Cravina ao falar sobre o entorno de sua casa, enfatiza as flores e as ervas. Segundo ela, muitas vidas foram salvas, doenças curadas e prevenidas na comunidade com a utilização dos chás. Leonardo2, neto de Cravina, desconfia desse uso, preferindo a medicação industrializada: *“Tem os chás que eles tomam e acreditam, eu não, eu sou da química mesmo.”*

Gomes (1993), escreve que os Franciscanos Observantes (Ordem Religiosa dos Franciscanos) praticaram a medicina popular no início do povoamento dos Açores, utilizando rituais religiosos e o emprego de plantas e seus sucos como auxiliares na cura. À medida que o homem foi desenvolvendo os seus conhecimentos em parceria das intervenções supersticiosas, também se alargaram as experiências e conclusões do emprego das ervas medicinais como elementos de cura.

Pela sabedoria que os idosos têm em relação a uma série de práticas, seja de cunho religioso, de trabalho ou pela hierarquia tradicional, o respeito aos mais velhos traduz um valor muito apreciado pelos entrevistados, mais que está em vias de desaparecer como desabafa Francisco: *“E aí a gente se virou desse jeito. Os mais novo respeitava os mais velho. Quando se passava por alguém de maior idade tinha que beijar a mão. [...] Era, era. Se encontrava uma pessoa idosa, podia ser preto, podia ser branco... Era de mais idade, cumprimentava e beijava a mão. Hoje em dia é tudo diferente”.*

O pedido da **benção**, ainda é uma tradição mantida na família de Leonardo2, dando um significado de proteção terrena e celestial: *“[...] a benção... Sim, peço prá todos os meus padrinhos, prá vó. A benção eu peço prá todos. Me sinto bem fazendo isso até porque quando eu digo “benção, mãe” e ela diz “Deus te abençoe”, me sinto abençoado duas vezes, pela mãe e por Deus.”*

As famílias tradicionais entrevistadas são extensas e que conservam, dentro das possibilidades, as moradias próximas. Os avós, ao doarem as terras como herança, acabam por meio dessa prática preservando o costume. Alguns filhos ao procurar empregos na cidade, acabam se adaptando a esse novo espaço, porém à

medida que vão se aposentando, voltam ao lugar de origem, conforme os relatos das entrevistas.

Portanto, morar perto dos avós, pais e tios faz parte do costume dos nativos como relata Suelem ao se preparar para o casamento: “[...] *a nossa casa lá perto do vô. O vô deu o terreno. O R. queria morar na Araçatuba, daí um dia o meu vô chegou aqui e disse: morar na Araçatuba, não, pelo amor de Deus. Ele disse: junta tudo e almoça tudo junto na casa do vô.*”

Como rituais de passagem observou-se durante a pesquisa a festa de 15 anos, o namoro, o noivado, o casamento, o batizado, a formatura, a preparação para morte, seguindo um padrão linear de acordo com a evolução dos ciclos de desenvolvimento.

Os valores estão mudando na comunidade, uns são tidos como negativos e outros como positivos pelos entrevistados. Entre as muitas transformações sócio-culturais encontra-se a antiga divisão dos bailes de brancos e negros. Os bailes hoje na comunidade integram as pessoas sem distinção de cor é tida como positiva por José: “*Os bailes naquele tempo, os negro não podiam pisá no nosso lugar, não... Não, gente preta só ia lá vê, lá de longe... Mas quando tinha baile de preto, branco também não entrava lá de jeito nenhum, podia lá vê, mas dançá não... já vinha de trás... Eu nem sabia por quê... Quando eu era pequeno eu já via que tinha os bailes dos preto e do branco, já era assim... Hoje é misturado... Hoje é feijão com arroz... É tudo a mesma coisa... É melhor... Porque a gente é tudo amigo... É preto, é branco, é tudo... Porque naquele tempo cada baile era uma briga, hoje não... Tudo é amigo.*”

Entre os hábitos peculiares desses habitantes, foi enfatizada a manutenção da **culinária** do lugar como fala Manoel: “*nossa comida como eu falei lá na frente: o pirão, a farinha de milho torrada, o café torrado em casa, o taiá que eu plantava lá atrás do morro onde nasci, bem perto do mar [...] Naquele tempo o alimento do povo da Ibiraquera era a farinha e o peixe...*” Leonardo e Gustavo ainda acrescentam a bijajica, o beiju e o peixe frito.

Os nativos idosos, conforme se recordaram nas entrevistas, também foram grandes artesãos. Com suas próprias mãos talharam gamelas, bancos, pilões, artefatos do engenho, teceram suas próprias roupas, faziam chapéus, cestos, peneiras, construíram suas canoas e ainda fazem suas próprias redes e tarrafas.

Grande parte do **artesanato** da região está relacionada ao trabalho, mais precisamente à agricultura, à farinhada e à pescaria. Porém, os idosos colocaram a

necessidade e o prazer de criar animais como relata Manoel: *“Eu me criei cuidando de gado e será a última coisa que eu hei de cuidar. Porque se de manhã eu não tiver o gado prá cuidá, o leite prá tirar, eu vou senti falta.”*

A vida em torno da cultura da mandioca faz parte de um ritual que começa com a derrubada da mata e o plantio da mandioca como já foi descrito no capítulo anterior, passando pela **farinhada** sempre depois da Páscoa, conforme relataram os entrevistados.

Na época da farinha as pessoas vão para roça, arrancam a mandioca, colocam e puxam-na, no carro-de-boi até o engenho. Chegando ao engenho a mandioca é raspada com a ajuda de todos os que podem ajudar. Depois é lavada, cevada no início com a utilização da tração animal, hoje se utiliza a energia elétrica.

Depois é colocada na prensa, sendo que todo esse trabalho é feito de forma dinâmica como diz Lourenço: *“Uns carregam a mandioca, outros tá lá na prensa, outro tá cevando a mandioca [...]”* Ao sair da prensa a massa é colocada no coxo, depois, vai para o forno de onde sai a farinha. Da mandioca, ainda, é feito o polvilho, a tapioca e o beiju. Guimarães (sd) ressalta a fabricação da farinha relatada pelos entrevistados, adicionando outros itens ao processo. Segundo o autor, a mandioca depois de raspada, passa pelo ralador (cevador). Depois é colocada no tipiti, onde é espremida na prensa para tirar o líquido venenoso (ácido cianídrico). Esse líquido tratado pode gerar o polvilho. A massa da mandioca é então retirada em blocos, desmanchada em peneiras e levada ao forno para torrar.

Segundo os nativos esse processo envolve muita gente, como familiares e vizinhos, que ajudam para depois serem ajudados na fabricação de sua própria farinha. Este trabalho coletivo é um processo bem relatado por Leonardo, que faz uma diferença com as atitudes da população atual: *“A farinha, todo mundo ajuda o vô. Eu raspo mandioca. Vêm amigos ajudar que o vô paga com farinha. Outros ajudam prá depois ser ajudados. O pessoal antigo é solidário. Os de hoje não.”*

A farinhada acontece uma vez por ano, após a Páscoa, sendo que a roça é carpida durante todo o processo de crescimento da mandioca. Ary comenta o desaparecimento deste processo com as gerações mais novas: *“A farinhada tá acabando, os filhos não querem fazer.”*

Com processo de fabricação da farinha terminando, os entrevistados idosos continuam os relatos, entendendo-os à venda do produto. Nos tempos passados a farinha tinha esse percurso, segundo José: *“Só o que tinha comércio era a farinha, mas era um sacrifício também [...] E prá levar prá Araçatuba era levada numa*

canoa quando a lagoa tava cheia ou então nos bois a nado pros comerciante da Araçatuba. Eles compravam a farinha [...] Quando a lagoa tava baixa era mais fácil prá todo mundo porque a gente levava no carro de boi. Quando não tinha a ponte era muito difícil...”

Manoel vai mais longe, adicionando o processo de exportação: *“O comércio da farinha antes tinha exportação, ela saía no navio para fora. Nós vendia pros comerciante da região e eles vendiam para a exportação. Muitos navios de Imbituba saía com farinha da Ibiraquera e região... Então se você fazia 300, 400 sacos de farinha vendia toda...”*

Cravina destaca os espaços, nos quais os barcos passavam para carregar a farinha: *“O barco vinha de Laguna pelo mar do Mirim, pelo rio, até chegar nas 7 ponte do Araçatuba, para pegar a farinha que era feita aqui neste lugar de Ibiraquera”.*

Em tempos industriais a venda da farinha feita e ensacada artesanalmente precisa obedecer a uma série de normas de dificulta a sua venda, bem como a diminuição de seu consumo, relacionada aos novos hábitos alimentares que chegam também a Ibiraquera conforme narra Manoel: *“Hoje o comércio é baixo. Se eu fizer 300 sacos de farinha eu não tenho como vendê. O engenho tem que ser registrado. Hoje se vende pros supermercados, mas tem que ter o engenho registrado prá ter a marca da embalagem prá você e ser empacotada em quilo... O consumo da farinha diminuiu muito... Hoje tem o arroz, a salada, tem muita coisa.”*

A **pesca artesanal** constitui-se, como já referido anteriormente em outros capítulos, uma prática tradicional entre os nativos de Ibiraquera. Para o trabalho da pescaria encontra-se também o ritual de preparar os instrumentos, sendo a tarrafa o mais importante da pesca na lagoa. Segundo Sachet (1997), a presença açoriana continua escrevendo a história desses pescadores artesanais, por meio da rede e da tarrafa, herdadas de seus ascendentes. Cravina fala da confecção artesanal da tarrafa: *“... A tarrafa muito eu fiei. Era fiado o tucum para fazer e o gravatá para entralhar, para pescar porque não tinha nylon, para matar o peixe nesta lagoa de Ibiraquera.”*

Após o preparo do pescador há o momento de “espiá” o peixe como disse Leonardo, para depois pegá-lo, fritá-lo e comê-lo fresquinho. Muitas vezes, esse processo de espiar o peixe, segundo Sachet (1997), acaba sendo um passa-tempo nas horas de lazer e uma atitude que instrumentaliza o pescador nas horas de dever.

O peixe, em especial o camarão, não serve apenas como alimento, muitas vezes, constitui como um forte elemento de valor de troca, principalmente entre os pescadores artesanais profissionais, como relata José: *“os peixe eu comia e vendia... Vendi muito camarão... Antigamente com os filho pequeno eu saía com um balainho e vendia na Imbituba e na Penha... Eu vendia pro atravessador na costa de pé, porque naquele tempo não tinha nada... Depois chegou a estrada daqui... Fizeram a ponte, aí o comprador era barbaridade... A dificuldade era muita... Ao anoitecer eu ia prá lagoa, quando chegava meia noite e ia embora.”*

A pesca tradicional realizada no mar de Ibiraguera é a Pesca da Tainha da qual Gustavo fez questão de mencionar e descrever. Segundo este jovem nativo na prainha, da Praia do Rosa, esta tradição ainda é mantida como no passado: *“[...] da pesca da tainha... A vó ainda tem canoa lá... Meu vô faleceu e ela ficou com a canoa... Ela empresta em troca da tainha... Daí todo mundo fica olhando pro mar para cercar a tainha... As pessoas ajudam a cercar prá ganhar peixe e isso é cultura do lugar, todo mundo vai. Teve ano de eu dormir lá no rancho na época da tainha... É legal repartir o peixe com ajuda, com as pessoas da embarcação e com aqueles das canoas paradas... Lá no rancho a gente dorme cedo... Tem bastante silêncio, não tem energia elétrica, é no lampião, tem que acordar de madrugada, cedinho prá pescar no costão... E agora este ano vai ter, o ano passado quase não deu.”*

O ato de **partilhar o peixe**, segundo Maldonado (1986, p 25-26), constitui-se em um princípio que “parece garantir a harmonia e as relações de lealdade que tendem a reinar na atividade pesqueira autônoma, que não raro se desestrutura diante de elementos externos à pesca e que se impõe a ela”. Este valor baseado na solidariedade entre os pescadores de Ibiraguera está também em processo de mudança como reforça Gustavo com a chegada de novos habitantes que entram na roda de receber o pescado sem contribuir com a retirada do peixe do mar: *“Acho que a bondade tá mudando, às vezes o nativo tem ajudado e não tem ganhado. Às vezes eles dão pros de fora e deixam os nativos que ajudam de lado. É nativo desprezando o nativo... Os nativos agora nem querem ajudar...”*

Com esta constatação se chega às transformações do espaço sócio-cultural e afetivo dos habitantes de Ibiraguera por meio da chegada da pós-modernidade.

7.2 Espaços tradicionais transformados com a chegada da pós-modernidade em Ibiraquera.

As relações de **solidariedade** dos espaços compartilhados pelos habitantes durante todo o processo dissertativo e de vida dos mesmos sofrem intensas modificações nos últimos anos, sendo o **turismo** o grande protagonista dessa transformação. Segundo Pereira (2005), o turismo pode ser considerado um dos fenômenos mais dinâmicos e complexos da pós-modernidade inscrevendo-se como um dos principais protagonistas econômicos do processo de globalização.

Harvey (2001), coloca que o movimento pós-moderno, teve início a partir dos anos 70 trazendo ocorrências significativas na experiência humana relacionadas ao tempo e ao espaço. As práticas naturais, as formas e o sentido atribuído ao dinheiro fixaram certas regras relacionadas ao tempo e espaço para manutenção do poder político. Então o turismo aparece como um dos fatores que aparecem com a pós-modernidade e que alteram as dimensões de espaço e tempo também no cotidiano dos nativos de Ibiraquera.

Em apenas uma das entrevistas o turismo foi indicado sob o enfoque da economia, não o relacionando a toda complexidade que envolve o fenômeno. Para José: *“O turismo não faz mal prá ninguém, né? Eu acho bom, acho que faz é bem... O aluguel das casas ajuda, são 500, 1000 reais que entra e, tá tudo certo. O turismo serve pro pessoal daqui, né? Lá no Rosa tem muita gente que vive do turismo. Então se o turismo faz mal prá 1, faz bem prá 10.”* A fala de José remete à Câmara (2001), relatando que o turismo emerge como uma das principais atividades econômicas mundiais, neste caso local, sendo que a intensificação do fluxo de turistas gera empregos flexíveis. Estes empregos conforme relata Lago (1996), relacionam-se a indústria civil que emprega a mão obra pouco qualificada, muitas vezes dos nativos daquela região. Como no espaço de Ibiraquera os seus habitantes possuem pouca qualificação acabam trabalhando no serviço informal (servente de pedreiro) ou como garçons, camareiras, cozinheiras nos restaurantes e pousadas que ocupam o espaço construído pela indústria do turismo. Alguns destes empreendimentos são dos próprios nativos, porém a maioria é de pessoas que se instalam no espaço como confirma Leonardo: *“Ah, por gente de fora. As pousadas são de pessoas de fora. É tudo de fora.”* A falta de qualificação e de poder econômico do nativo, é lembrada por Leonardo como um forte indicativo da expulsão dos moradores tradicionais que não conseguem se encaixarem neste

novo modelo de trabalho como escreve Lago (1996). Na visão de Leonardo o emprego está intimamente relacionado ao turismo: *“Emprego em turismo, pousada... Como guia turístico... Coisa assim [...] é muita gente prá pouco emprego. O único emprego que tem aqui é o turismo.*

O emprego, mesmo sendo distribuído da maneira acima descrito entre os habitantes do lugar, ainda é o único ponto positivo levantado pelos entrevistados, trazendo à tona a discussão de Lago (1996, p 63), ao concluir que “o turismo é fenômeno controverso, provocador de posições radicalizadas e polêmicas”. Este fenômeno envolve as percepções de modificação do espaço de vida dos habitantes do lugar, dos empresários que o promovem e dos turistas que dele usufruem e até na visão teórica dos diferentes pesquisadores. Esta controversa aparece na própria fala dos sujeitos como em Manoel: *“Se vier emprego é bom, já sobre a poluição com o acomodo do povo é pior... Então, ninguém contenta todo mundo... Eu sô obrigado a dizer o que penso... O turismo tem melhorado muita coisa no lugar... O emprego é só o emprego... E do outro lado o turismo além da poluição tem trazido... Das pessoas que vem 6 são boas e 4 vem prá destruir, vem prá prejudicar, vem prá roubar... Não tem mais segurança como tinha...”* Portanto o mesmo turismo que *“Traz emprego, traz dinheiro... Traz barulho, muita gente... Os carros fazem poeira na estrada...”* narrado por Ary, também traz problemas entre eles o desrespeito, a violência, a poluição, o estranhamento e a sensação de apinhamento.

Lago (1996), chama a atenção para o impacto que as comunidades litorâneas têm sofrido frente à expansão capitalista, representada nos limites da pesca e das terras trazidas pelo processo de urbanização características do turismo. Observou-se durante as pesquisas que o declínio das atividades relacionadas à agricultura se deve à venda das terras que por muito tempo foram compradas e passadas de geração em geração. Como hoje a cultura da mandioca já não é suficiente para manter uma família a venda dos lotes acaba sendo uma opção de renda, como narra Francisco ao falar da grande extensão de terra do qual é dono e daquelas que vendeu: *“Daqui da lagoa, passa pelo Rosa e vai até o banhado lá atrás. Nos lote que vendi tem muita casa de gente de Florianópolis, Porto Alegre. Outros compraram e ainda não fizeram casa.”*

Neste processo de transformação e massificação dos espaços turísticos, Lago (1996), afirma que os terrenos passaram a ter valor de troca, tornando-se mercadorias de venda, muitas vezes desvalorizadas pelos habitantes locais, como desabafa Leonardo: *“Porque o pessoal daqui ainda tem um ponto de vista inocente,*

porque o pessoal da uma migalha e engana o pessoal daqui. Porque o que eles oferecem parece que é muito dinheiro. Uma pessoa de minha família trocou uma metade do morro do Rosa que tinha lá perto da lagoinha por uma vaca e um fusca. Hoje em dia aquilo vale um dinheirão, vale mais de 1 milhão de reais.” A fala de Leonardo remete também a Pereira (2005), afirmando que as comunidades tradicionais com fortes conteúdos culturais, com seus ricos espaços naturais e economicamente fragilizados possuem as condições necessárias para a exploração do turismo.

O turismo nestes lugares tranquilos é encorajado pelo sentimento de investir novamente no deleite da natureza de quem sofre as pressões da vida urbana como coloca Tuan (1980), mas que vai modificando a paisagem de quem habita o espaço conforme relata Suelem *“querendo ou não isto vai acabando com o teu lugar aos poucos.”* Portanto a fala de Suelem remete à Pereira (2005), que diz ser o turismo um grande organizador e consumidor dos espaços e de suas relações com a natureza.

As novas relações sociais que se estabelecem a partir do turismo podem ser sentidas numa sensação de **apinhamento** demonstradas no aumento da população como relata Suelem: *“Todo ano varia muito a quantidade de gente que chega. É muita gente que chega. É pousada, e o próprio pessoal aluga suas próprias casas, principalmente em época de reveión”*. Ou nas atividades de lazer realizadas pelos turistas que alteram os modos de vida dos nativos nas temporadas e que dão a sensação de esgotamento físico e emocional com essa população intensamente aumentada neste período como relata Gustavo: *“[...] o excesso de gente não é bom... Não é bom quando é muito tempo, mas se são nos feriados e na temporada até é bom. Tem aquele tempo que tu fica meio sem sono por causa do barulho que não é bom... Tem os bares que fazem música ao vivo, né... Tem o pessoal que vem e fica fazendo festa até tarde nas casas...”*

Os jovens entrevistados consideram apinhada a vida rural em um sentido econômico porque não oferece empregos suficientes, e em um sentido psicológico, acima descrito pelos sujeitos e remetidos a Tuan (1983), porque o espaço ocupado pelo turista impõe restrições ao seu comportamento. A falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social faz o mundo dos jovens habitantes parecer estreito e limitado.

As relações sócio-culturais trazidas pelos nativos num antes e depois do turismo retorna a Harvey (2001), ao descrever que as práticas espaciais e

temporais das sociedades humanas são inundadas de sutilezas e de complexidade. São ligadas ao processo de reprodução e de transformação social, sendo que a mudança social é em parte apreendida pela história nas concepções de espaço e tempo, bem como, pela ideologia de onde surgem essas concepções. Assim toda transformação social envolve transformação nas concepções e práticas espaciais e temporais.

Lefebvre (1974) apud Harvey (2001), traz um modelo de práticas espaciais envolvendo o espaço vivido, o espaço percebido e o espaço imaginado e, as práticas delas decorrentes, inter-relacionando à acessibilidade e distanciamento, apropriação e uso do espaço, domínio e controle, e às formas de produção do espaço nos vieses das habitações humanas.

Associado ao espaço, tem-se a tipologia de tempos sociais apontadas por Gurvith (1964) apud Harvey (2001), exemplificando o tempo em níveis, forma e formações sociais. Assim tem-se o tempo permanente, ilusório, errático, cíclico, retardado, alternado, acelerado e explosivo.

Outra sensação que envolve as dimensões de espaço vivido e tempo acelerado trazidas pelos entrevistados foi a de **estranhamento** refletida nos comportamentos dos turistas gerando desconfiança impedindo o encontro com os amigos, como traz Suelem: *“la visitar amigos, sem medo. Antigamente a gente conhecia todo mundo que passava na rua. Hoje tem muito estranho.”* Esta estranheza também se manifesta quando os nativos procuram manter os cumprimentos de cordialidade e amizade entre si, estendendo-os aos novos moradores sem encontrar retorno, como comenta Leonardo: *“O pessoal passava na rua todo mundo cumprimentava, hoje tu sai na rua, dá oi, e nem olham prá tua cara. É assim. Incomoda sim, fico sem jeito. Passo, olho prá pessoa, dou oi, ele nem me olha, é ruim. [...] Nesta parte antigamente era bem melhor. Era mais calmo. Era tranqüilo. Tem muita gente estranha aqui.”*

O sentido de estranhamento relatado pelos nativos e que estão diminuindo as relações de amizade conduzem à análise de Tuan (1983, p. 72), enfatizando as relações de intimidade entre os amigos e vizinhos de um espaço, sendo que estas pessoas têm o poder de ampliar o espaço, pois “o coração e a mente se expandem na presença daqueles que amamos e admiramos.”

Muitas vezes sob a ótica do crescimento econômico de um espaço propício para a exploração do turismo, essas narrativas são depreciadas e desconsideradas. Os nativos percebem que o turismo pode ser um grande impulsionador da

economia local, mas também estão conscientes dos perigos que vêm junto com esta economia. Nesta perspectiva Suelem faz a seguinte fala: *“O turismo, como eu tava dizendo, seria bom se só viesse gente boa, mas como a gente sabe, com o turismo também traz gente ruim, bandidos que vem se esconder aqui. Então eu vejo que tanto pode ser bom como pode não ser. Tem o seu lado bom e o seu lado ruim.”* Lago (1996), reforça as palavras da entrevistada colocando que as conseqüências trazidas com o turismo podem ser positivas ou negativas e podem ser de ordem econômica, ecológica, social e cultural, já que a população turista é essencialmente consumidora.

A polarização trazida pelos entrevistados ao referir-se ao turismo lembram os escritos de Boff (1998), pontuando que a polarização faz parte das características fundamentais do ser humano. Aparece numa complexidade auto-includente identificada no universo e na história como o simbólico e o dabólico. Assim ser humano é ser homem e mulher, utópico e histórico, poético e prosaico, ser de necessidade e de criatividade, terrenal e divino, ou seja, um nó de relações. Seguindo a perspectiva do autor acima mencionado, o turismo integra fatores auto-incluídos na vida destes nativos, prevalecendo em suas narrativas as relações ditas negativas.

Como já mencionado em outros capítulos, o nativo possui traços de personalidade que o identificam como ingênuo e solidário levando os turistas a explorarem este jeito de ser em seu próprio benefício como relata Gustavo: *“[...] O pessoal daqui não gosta de dizer não e eles aproveitam disso... O pessoal daqui é meio ingênuo, é solidário... O que eles podem dar eles dão, é difícil dizer não, então o pessoal de fora se aproveita disso né... Eles querem alugar as casas baratinho porque eles dizem que nós alugamos pelos que eles querem... Quando eles fazem festas e a gente pede para parar e eles não respeitam... Eles se sentem os donos do pedaço... Chegam mandando...”* Quanto à cobrança do aluguel parece haver também no comportamento do nativo uma relação com a tradição açoriana conforme a pesquisa de Leal (1996), pontuando que no arquipélago dos Açores é rotina o aluguel de quartos nas casas de família a preços muito baratos aos turistas.

Se o habitante de Ibiraquera sempre conviveu com a segurança do espaço e o respeito dos amigos e vizinhos, torna-se mais vulnerável a situações que envolvem a **violência** com características eminentemente urbanas. Hoje estes habitantes convivem com situações violentas ditas mais comuns como roubos, uso de drogas até situações mais complexas como tráfico de drogas, seqüestro e

morte. Como diz Leonardo *“antigamente se dormia com a janela aberta. Até meus 7 ou 8 anos era possível. Dormir de janela aberta, hoje não. Eles levam a televisão, telefone, tudo. Eles roubam. Não dá prá confiar. Se foi perdendo esta confiança? Boa parte por causa do turismo. O pessoal de fora vem. Vem gente boa mais também vem gente ruim. Vem bandido, vem traficante... E o pessoal daqui é gente boa. Nunca ninguém roubou o outro.”* O dormir com as janelas abertas, o estender as roupas no varal em pátios sem muros, o sossego destes habitantes lembrados de uma época remota aos poucos vai ganhando outros contornos e outras percepções conforme relata Manoel: *“Naquele tempo não tinha bandido... Antes a mulher botava a roupa no varal aí na rua e ficava a noite inteira, você dormia com as portas aberta e não se falava em ladrão, nem nada...”* justificando ainda o comportamento violento do turista: *“Porque aqui a região aqui é pobre, tem gente que pensa que as pessoas do lugar é rico, mas não é...”*

Os conflitos e tensões trazidas nas falas dos sujeitos remetem a Câmara (2001), relatando ser estes resultantes de novas maneiras de produzir valor e que se contrapõem ao antigo modelo, baseado na cooperação, na agricultura e na pesca e que por alguns séculos caracterizaram o litoral e o modo de ser e de viver no litoral catarinense.

A violência no espaço de Ibiraquera está tomando proporções que alarmam seus habitantes como reforça Suelem: *“A gente compara com um Florianópolis da vida: é morte, é assalto... O nosso lugar já tá acontecendo. Houve um seqüestro o ano passado de uma colega nossa. Uma coisa que a gente nunca imaginou que pudesse acontecer aqui. Imagina, um seqüestro. Ela tava trabalhando numa casa, pegaram ela, por sorte ela não morreu. Outro dia mataram um lá no Rosa.”* O sinal de alarme relacionado à violência relatado pelos sujeitos, considerado por muitos estudiosos como um fenômeno complexo, polissêmico e controverso, remete a Pereira (2001), enfatizando que dados referentes à violência trazem os sentimentos de insegurança e medo os quais são compartilhados por pessoas dos mais variados grupos. A insegurança estende-se à comunidade e à sociedade com um todo, requerendo da segurança pública algumas ações. Ary, um dos jovens entrevistados, diz o seguinte sobre a segurança do lugar: *“Falta um posto policial permanente que aqui já não tem mais segurança nenhuma...”*

Outra forma de violência encontrada durante a pesquisa, está ligada ao fato de nomeação dos lugares pelos turistas e que colocam Ibiraquera em uma conexão com o global. Na Praia do Rosa os restaurantes e lugares de lazer trazem nomes

de vários lugares do mundo sem nenhum significado simbólico para o nativo como: Mar Del Rosa, Pico da Tribo, Shiva. Já o Jamaica Bar, por sua arquitetura e por estar mais afastada do espaço construído povoando o imaginário de Suelem: *“Eles abrem umas casas que gente normal não vai. Aquilo parece coisa do diabo, sei lá.”* As palavras de Suelem lembram as de Tuan (1983), colocando que o conhecimento do bairro está na identificação dos lugares significantes como os referenciais da arquitetura. Assim como os espaços construídos pelos nativos são núcleos de valor simbólico, cultural e afetivo, os novos espaços trazidos pelos turistas por serem vazios de valor da cultura nativa, provocam um choque visual e um comportamento de aversão.

As **drogas** também ganham terreno em Ibiraguera tanto no consumo quanto no tráfico, sendo mais um indicador de violência dentro deste espaço. Cravina fala preocupada sobre os jovens e a drogadição em seu atual espaço de vida: *“Aqui agora já não tá bom porque de primeiro tinha pouca gente, muita terra... Hoje vem muita gente de fora. Eu nunca conheci droga na minha vida, to conhecendo agora, depois de velha. Não tinha cocaína, maconha, agora tem tudo... Foi vindo de fora, os daqui foram se juntando, agora é uma revirada.”* Evidencia-se na fala de Cravina um desconhecimento quanto às drogas sintetizadas, pois segundo Longenecker (2002), o interesse das pessoas pelas drogas remonta a antiguidade e seu consumo era associado à cura, ao alívio do medo entre outros, sendo indicadas por pessoas influentes como os curandeiros e padres. E Cravina é uma benzedeira que conhece o poder das plantas. Porém, o uso e abuso das drogas sintetizadas preocupam não apenas os entrevistados, mas toda uma sociedade, pois seus prejuízos são inumeráveis.

Como se pode compreender o turismo em Ibiraguera tem reorganizado o espaço e os modos de vida dos nativos por meio de um processo de mudança do antigo e segundo Câmara (2001), pela imposição de novos modelos os quais se fazem presentes em todo litoral catarinense.

A pós-modernidade alcança também a comunidade pesquisada. Isto é fato. Esta chega com a globalização estimulada hoje pela velocidade da mídia e nas inovações do turismo. Porém compreende-se que a globalização não é um processo da atualidade, por todos os tempos da história da humanidade, o homem construiu meios de transporte que o levaram até terras distantes espalhando sua cultura. Ibiraguera teve seus verdadeiros nativos, os índios tupi-guaranis convertidos no cristianismo e extintos de seu espaço. A cultura do índio foi

absorvida e somada à cultura dos Açorianos, atuais habitantes “nativos” e que aos poucos estão sendo erradicados de seus costumes e formas de organização de trabalho e de vida. Como escreve Câmara (2001, p. 17), as mudanças vão se caracterizando pelo “declínio das atividades tradicionais, urbanização acelerada e crescimento desordenado”, fazendo nascer novas compreensões de espaço e tempo, segundo Harvey (2001), sobre a vida social e cultural desses habitantes.

Da Ibiraquera indígena que os habitantes nada falam, há uma narrativa de cantar a história do lugar dos últimos 60 anos por Manoel. *“eu vou começá a contá a vida da Ibiraquera de 60 anos atrás... Eu já tinha 15 anos e conhecia muito bem ela... Daquele tempo até hoje melhorou em quase tudo, algumas coisas ficou mais ruim do que hoje, mais... Melhorou o jeito do curso de vida, o transporte... A Ibiraquera há 60 anos atrás era isolada, não tinha acesso prá sair dela a não ser de pé, ou pelo mar. Eu conheci quando foi inaugurada a 1ª estrada de chão de Imbituba prá Florianópolis. Antes o transporte da Ibiraquera era pelo mar. [...] daqui prá Laguna tinha que sair de noite, de madrugada, prá ir pegar um trem em Imbituba às 5 horas da manhã... E esse doente se fosse preciso ir pro hospital tinha que ter 7 vida prá ir de carro de boi até Imbituba. Depois foi melhorando e saiu a estrada de Araçatuba, depois em 70, saiu a de Ibiraquera e daí melhorou.”*

Manoel traz a construção da estrada e a chegada dos meios de transporte mais velozes como os grandes indicadores de qualidade de vida para os habitantes de Ibiraquera. É a partir também desse momento que os carros de boi, tidos como transportares de farinha começam a ser substituídos. A estrada de barro por onde passa o automóvel torna-se o centro, enquanto que os caminhos de carros de boi marcados pelos profundos sulcos de suas rodas vão aos poucos perdendo espaço. O barulho da buzina se alterna com a chiadeira produzida pelo atrito do rodado dos carros de boi. Modernidade vai chegando com seu meio de transporte industrializado e competindo com o meio de transporte artesanal. As facilidades do primeiro começam a alterar a cultura do segundo. Continua o processo de modernização. O tradicional e o moderno habitam o mesmo espaço. Hall (2005), pontua que à medida que as culturas tradicionais começam a se expor as influências externas, dá-se início a um processo de enfraquecimento de suas identidades.

Os meios de comunicação também chegaram a Ibiraquera com a instalação da rede elétrica colocando o nativo em contato com uma rede maior como traz Manoel: *“... Não tinha energia elétrica, era iluminado com luz de querosene. Não*

tinha acesso de comunicação, de nada, se houvesse qualquer uma novidade, já não digo mais... Em Laguna, passava por lá e aqui não chegava... Eu lembro que não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha nada disso, então era uma dificuldade prá gente viver..."

Na fala acima se percebe um dos primeiros movimentos da entrada de meios de comunicação de massa no espaço de Ibiraguera, remetendo a Hall (2005) no que diz respeito ao processo de **globalização** que também começa a atuar na compreensão de espaço e tempo de seus habitantes. A forma de conhecer o mundo por meio do rádio e as imagens vindas com a televisão trouxe a esses sujeitos a compreensão de proximidade na distância já que os fatos que acontecem num outro lugar também por eles são conhecidos.

A televisão foi tornando-se um aparelho imprescindível no espaço do nativo. Como disse Leonardo: *"hoje é tudo mais fácil, né? Tem televisão, tem som, tem luz..."* A televisão ocupa os mais diversos lugares nos domicílios destes entrevistados. Está no quarto, está na sala, está na cozinha. Ganha um valor simbólico de informação, mas que não dispensa a companhia de outras pessoas como fala Suelem: *"Gosto de assistir TV aqui na cozinha por que não fico sozinha."* Seu espaço é tão importante na vida de José, chegando a compará-la com a família, sendo que esta última foi percebida durante toda a pesquisa como um dos espaços mais sagrados para os sujeitos. Ao ser perguntado a José sobre qual o lugar da casa que mais gostava, deu a seguinte resposta: *"o lugar que eu mais gosto é quando eu to lá na sala vendo televisão, vendo o jornal, vendo o que acontece no país, né? Novela eu não gosto, taí a mulhé que não me deixa mentir. Tirando a família, a televisão eu gosto porque notícia o mundo todo..."* Estar diante dos fatos do que acontece no mundo é tão importante como estar com seus familiares.

Santos (2000), argumenta que o espaço pós-moderno tem este significado de que entre as pessoas e o mundo estão colocados os meios tecnológicos de comunicação. São estes que informam os fatos globais e transformando-os em um grande espetáculo e como consequência, segundo Harvey (2001), trazem uma aceleração do tempo e uma nova dimensão de espaço.

Porém este espetáculo de sonho, de cores, de notícias trazidos com a televisão não tem a mesma percepção para todos os entrevistados. Lourenço lembra dos encontros com os amigos e as longas caminhadas até a cidade para ir ao cinema, considerando que a televisão esvaziou este espaço de amizade.

Segundo ele: “[...] *perdeu a graça. A gente ia vê o cinema mudo, era muito engraçado. Hoje o cinema de Imbituba perdeu a graça, acabou-se. Tem televisão, né. A televisão trás as pessoas mais para dentro de casa. O senhor acha que esta falta de graça na diversão pode ser resultado também da televisão? É, eu acho que sim. Vê, hoje tem baile em tudo... Qualquer lugar tem salão.*” A fala de Lourenço conduz a Santos (2000, p.95), dizendo que o espaço mediado pela tecnologia torna o espaço das pessoas “num terminal isolado de outros terminais pois as mensagens não se destinam ao público reunido, mas a um publico disperso cada um em sua casa, seu carro, seu micro.”

Cravina é outra entrevistada que tem seus receios relacionados à educação e às informações assimiladas pelas crianças e jovens por meio da televisão. Segundo ela: “*Naquele tempo não tinha televisão, hoje não dá prá educá um filho.*” O educar uma criança em uma comunidade tradicional significa inseri-la em um espaço de valores apropriados pela tradição durante um longo tempo e que são transmitidos através das gerações. Segundo Santos (2000), estes valores, regras, práticas, princípios e realidades vão se desfazendo e entrando em decadência diante dos apelos trazidos com a invasão dos meios de comunicação de massa, com a globalização e com a pós-modernidade.

O brinquedo também toma outros contornos em Ibiraquera. Os jogos em grupo realizados ao ar livre são lentamente substituídos pelos jogos eletrônicos em espaços isolados e individuais. A relação se dá com máquinas. Leonardo coloca: “*Eu brinco no computador... Jogo vídeo game*” remetendo a Santos (2000, p. 17), em que o espaço pós-moderno dos jovens de Ibiraquera já está povoado pelo espaço do teclado e do vídeo que pedem escolhas rápidas, pois “não existe decisão profunda, existencial, mas uma resposta impulsiva boa para o consumo.”

Com tantos apelos, muitas vezes contraditórios do espaço sócio-cultural dos habitantes de Ibiraquera, que mesmo mantendo tantos aspectos da cultura tradicional, aparece também em suas falas aspectos do espaço moderno e do pós-moderno.

Percebe-se que este emaranhado de contradições leva muitas vezes o nativo, como considera Santos (2000), ao choque cultural entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais esboçados na era industrial sendo que a emergência do último está tornando-se mais aguda.

A transição que se faz entre o trabalho tradicional da comunidade baseado na pesca e na lavoura para o mercado formal e qualificado é também um ponto

relevante nesta discussão. Como observa Manoel há muito os pescadores do lugar já saíam de Ibiraquera para tentar a vida em outros lugares, sendo o Rio Grande do Sul a rota dos que iam e hoje a rota dos que vêm pelo turismo: “ *O pessoal daqui, eu e todo mundo, vivia da pesca e da lavoura... Com muita dificuldade. Hoje e Ibiraquera mudou muito... Porque antes o pessoal saía daqui para trabalhá em Porto alegre e hoje vem o pessoal de Porto alegre trabalhá aqui.*”

No relato de Manoel se percebe que a busca de emprego em outros lugares já vem acontecendo desde a geração dos avós, hoje sendo uma prática rotineira do nativo como fala Lourenço: “*Aqueles que estudaram, se tivesse algum que se empregasse bem. Se botasse uma indústria lá na Ibiraquera prá empregá um pouco daqueles que estudaram... Mas esse lugarzinho o governo se esquece. Se tivesse uma indústria bem grande ali na Araçatuba, né, empregava gente daqui e da redondeza toda*”.

O argumento utilizado por Lourenço se confirma na fala de Francisco: “*Uma indústria... Se viesse uma firma. Eles querem trabalhá, mas não tem nada.*” A busca por emprego pelos pescadores e agricultores do lugar encontra respaldo na pesquisa de Lago (1996), concluindo que a grande instabilidade do trabalho na lavoura e na pesca se justifica por estar dependente das forças da natureza, sendo que o trabalho estável com ganho fixo, folgas semanais, férias e aposentadoria apresentam-se um atrativo para os trabalhadores rurais e artesanais.

Porém, se o trabalho na pesca e na lavoura seja dependente dos ciclos naturais, os entrevistados têm consciência de que empregar-se na cidade depende da escolaridade e que o desemprego não é apenas uma condição local como narra Lourenço: “*Aquele vai prá cidade... Dá um desemprego lá que a gente tá vendo na televisão. Porque aqui na Ibiraquera toda família se vira na roça. Olha não tem ninguém... Sai todo mundo prá fora... Todo mundo... Todo mundo...*”

Evidencia-se durante a pesquisa que há uma representação entre o trabalho rural ser pesado enquanto que o desenvolvido em situações urbanas seja mais ameno. Este também foi trazido na pesquisa de Lago (1996), afirmando que o cruzamento de representações entre trabalho leve e pesado se relaciona ao trabalho urbano e o rural, sendo que as pessoas sabem que a leveza daquele depende do nível de escolaridade e o domínio da linguagem do trabalhador.

Na procura do status social e de um emprego melhor os jovens de Ibiraquera estudam, pelo menos dentro de suas possibilidades. Lourenço relaciona o número de anos que os jovens passam estudando e se preocupa com o desenvolvimento

econômico que não abre as portas para todos: *“Quando chega na idade da escola, 6 ano, por volta dos 6 ano, já vão prá aula e dali vão estudando, estudando, e vão... Passa os 15 ano, é, passa os 20 ano, estudando... E não trabalha, só estudo... E todo mundo estudo, e o estudo é demais. Agora eu quero vê é serviço prá isso tudo...”*

Neste contexto, vai surgindo no espaço de Ibiraguera a busca pelos projetos que o estudo e que o emprego urbano pode oferecer, deixando para trás a cultura do trabalho tradicional tão desvalorizado no sistema neoliberal. Santos (2000), diz que o otimismo das comunidades tradicionais não existe na sociedade pós-moderna. A falta de projeto para os jovens trazido por Lourenço acima e o discurso de Leonardo discutido no capítulo sobre auto-estima, dimensionam a perda das tradições laborais tradicionais na comunidade de Ibiraguera, mas que ainda não consegue enxergar o futuro de seus jovens. Esse dado remete a Harvey (2001), ao afirmar a dimensão esquizofrênica da pós-modernidade com as acelerações do tempo e do espaço fundamentadas no consumo e na falta de sentido de futuro.

Por todas as contradições o futuro de Leonardo parece estar na cidade: *“ eu prefiro mais a cidade. A única coisa que eu não gosto na cidade é a poluição, o resto é bem melhor que aqui...”* E na impossibilidade de morar num centro urbano então urbaniza-se Ibiraguera, o espaço onde nasceu, como continua Leonardo: *“Sonho, sonho em ver ela asfaltada, de ver um monte de coisas, shopping, lojas, como eu falei.”* Esta fala remete a Tuan (1983), relatando que os jovens saem do campo acreditando no progresso e melhoria das condições de vida, mas também remete a Santos (2000), concluindo que a cidade com seus shoppings centers, suas luzes, suas cores tornou-se um altar da sociedade pós-moderna.

A relação campo e cidade foi trazida pelos outros jovens entrevistados, porém com uma significação diferente, valorizando o espaço de Ibiraguera por meio da comparação como narra Leonardo2: *“Lá era muito individualismo, tem muito rivalismo, aqui não. Sinto um pouco de falta da praticidade da cidade, lá tem ônibus de 15 em 15 minutos, aqui é de hora em hora. É, só que o custo de vida lá é muito caro.”* E com o avanço da urbanização de seu lugar de origem reclama da perda da tradição que tentam preservar: *“Os modos de vida estão mudando mesmo, não tem como fugir tem que se adaptar... É bom por causa da evolução, mas é ruim por causa da perda da tradição que eles levaram tanto tempo para construir, pra preservar... Com o modernismo não tem como cultivar é mais propício se guiar no modernismo do que na tradição que é uma coisa rústica, sabe?”* Leonardo2 destaca

o pensamento de Tuan (1980) dizendo que o espaço urbano apresenta-se em polaridades de sedução e irritação, beleza e violência. Os jovens entrevistados que tiveram a oportunidade de estar algum tempo na cidade conseguem perceber estas polaridades valorizando ainda mais o espaço de Ibiraquera, porém Leonardo ainda vive com a percepção agradável da cidade, espaço este em que deseja viver. Como se pode compreender nas narrativas a globalização que alcança o espaço de viver dos nativos pode fortalecer a identidade de lugar ou produzir novas identidades, no dizer de Hall (2005).

Por intermédio da análise dos modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes do lugar, bem como das mudanças que estão ocorrendo no espaço físico, social, cultural, simbólico tendo o turismo como um grande impulsionador desta, considera-se que as percepções das transformações relacionadas aos espaços de vida, trabalho, lazer e moradia trazidas pelos entrevistados trazem alguns elementos que se traduzem por um sentimento de perda. Esta não apropriação pode ser verificada nas críticas à violência advindas com os estranhos que chegam ao lugar, bem como nas atitudes de indignação quanto ao desprezo dado às pessoas do lugar. Constata-se uma polarização entre as atitudes nativas, percebidas como positivas, e as atitudes turísticas, sentidas como ruins. Um forte sentimento de pertença também é aqui evidenciado no que se refere à manutenção da cultura local, dos comportamentos tradicionais relacionados aos cuidados com os mais velhos, ao apego pelos laços de amizade e de solidariedade, das atitudes relacionadas à fé, mantidas tanto pelos idosos quanto pelos jovens na comunidade de Ibiraquera que já transita mesmo com resistências, nos espaços e nos tempos pós-modernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final de uma caminhada e considerando já o início de uma outra, pois a tarefa da pesquisa é sempre de superação, salienta-se que esta pausa torna-se preciosa no sentido de considerar as aprendizagens acadêmicas e pessoais alcançadas durante este percurso.

Durante a construção deste conhecimento procurou-se fazer uma compreensão daquilo que as duplas de familiares traziam de seu, simples e complexo, processo de apropriação, em um espaço físico, cultural, simbólico e afetivo riquíssimos.

Essa compreensão foi permeada no entendimento de uma **visão científica interdisciplinar**, por meio de uma **metodologia qualitativa**. Buscou-se entrar em sintonia com toda uma realidade espacial trazida nas narrativas dos sujeitos. Adotou-se o ponto de vista do outro, ou seja, dos entrevistados, conhecendo de perto sua rede de interações com o espaço físico, social, cultural, simbólico, afetivo e familiar, além de conhecer suas necessidades, problemas, desejos tendo como referência suas próprias percepções, práticas e conhecimentos nas diferentes situações do seu processo de viver com o espaço apropriado.

Com a técnica da **história de vida** foi possível entrar no mundo vivido de cada um dos sujeitos e, as imagens fotográficas registraram lugares singulares com sua praticidade, suas lembranças, seus sonhos e sua poética. A **entrevista** e as **imagens** deram um significado aos símbolos particulares e coletivos dessa comunidade. O casamento destes dois instrumentos trouxe intensidade ao momento da coleta e ampliaram significativamente o conteúdo da análise.

Além da aprendizagem adquirida com a simplicidade dos sujeitos, houve a ampliação de um conhecimento que até então se restringia ao mundo da Psicologia, ciência de base da pesquisadora. A visão interdisciplinar de homem e de mundo foi alcançando outros parâmetros, à medida que a mesma entrava no universo das outras disciplinas, sem as quais este estudo jamais chegaria a este momento. Dar as mãos, a razão e o coração à sociologia, à antropologia, à etnologia, à biologia, à geografia e à história foi indispensável para a construção deste conhecimento que tem como pano de fundo a Psicologia Ambiental. Este posicionamento de integrar outros elementos teóricos representou uma atitude de humildade diante da complexidade da construção do conhecimento, principalmente

no que se refere ao estudo das relações e interações humanas com o meio ambiente.

Assim, nesta trajetória algumas considerações relacionadas ao tempo de realização da pesquisa e ao conhecimento produzido encontram um momento de reflexão, tendo como base os objetivos da pesquisa nos aspectos psicossociais da apropriação do espaço destes habitantes, envolvendo a cognição, o simbolismo, a estética, o afeto e o relacional. Procurou-se objetivá-los para fins das considerações abaixo, porém faz parte de um único processo, da grande teia da apropriação.

Nos aspectos **cognitivos** verificou-se uma ampla capacidade do nativo em orientar-se no espaço físico, enfatizando dois ambientes, a terra e a água. Na terra existem os caminhos seculares construídos com o caminhar de seus próprios pés, muitas vezes, descalços, sentindo o calor do sol e o frio do inverno, demarcando com isso também o tempo nas estações do ano. Por estes caminhos, estes habitantes transitam entre casas de familiares, vizinhos; chegam às moradias antigas, às roças, à igreja e aos espaços das águas. Nos espaços do mar e da lagoa, remam suas canoas aos lugares do peixe e do camarão. Localizam as tainhas no mar, por um conhecimento transmitido através das gerações. Marcam e respeitam os ciclos de reprodução das diferentes espécies de peixes que estão na Lagoa de Ibiraquera. Conhecem e apontam as moradias de cada morador nativo.

Nos aspectos **simbólicos** encontrou-se uma linguagem muito rica que envolve todos os espaços físicos, sociais, psíquicos e culturais. Por serem parte de uma comunidade tradicional, identificou-se que a cultura é o grande unificador desta população. O simbolismo está diretamente relacionado às crenças, aos valores, às tradições que procuram manter vivas, ou reativá-las, apesar das transformações. Em suas narrativas transcendem o mundo concreto. Recordam, sonham, significam suas experiências, seu trabalho. Simbolizam seus lugares sagrados e funcionais, íntimos e sociais, significando-os com suas vivências singulares e coletivas.

A **estética** apareceu no cuidado com a casa estendendo-se ao bairro como um todo. Não se fez diferença em preservar a beleza do lugar, do espaço ou do território, já que para os nativos isto tudo é o todo deles. Nas casas destes habitantes, cômodos e objetos são organizados de forma que lhes torne sagrado, apesar da funcionalidade. A mesa e o sofá na sala ou na sala conjugada, a Bíblia em cima de uma mesinha, a cama, a prancha e as fotos de ídolos nos quartos, quadros sacros nas paredes ou medalhas guardados em caixinhas, não apenas

dão colorido aos ambientes, mas evocam histórias pessoais, familiares e comunitárias.

Nos entornos das moradias, estão as árvores representadas fortemente pelos anogueiros centenários, pelas flores que perfumam jardins, muito simples, pelos engenhos que, teimam em resistir ao lado de casas mais modernas. No entorno mais amplo do bairro, a canoa e a Lagoa foram identificadas como objeto e lugar que marca a estética, sagrada e poeticamente o espaço destes nativos. Mesmo que suas atividades estejam ligadas à agricultura e à pesca, é a Lagoa o lugar que unifica os nativos na profissão, nas gerações e nas procissões de sua fé. A canoa sob a proteção dos ranchos, guardada em cadeados, solta sob o peso do pescador, deslizando nas águas que lhe trazem o alimento ou com nativos jovens que a utilizam como um brinquedo, elevada no alto da torre da igreja é o símbolo maior desta população. É por meio desta imagem real – canoa e lagoa - que o turista certifica-se de um das maiores marcas de personificação de lugar, desta comunidade.

Na **afetividade** evidenciou-se um forte sentimento de pertencer a comunidade. O amor é significado no cuidado com a sua cultura, na crítica contra a destruição dos espaços físicos, principalmente a Praia do Rosa e na solidariedade que é uma grande marca afetiva das pessoas desta comunidade e que, segundo alguns entrevistados, está sendo ameaçada. Esta atitude, ou esta doação tem o significado, segundo a pesquisadora, da “solidariedade orgânica”, da qual fala Maffesoli (1984), esta se fundamenta “em laços sociais afetivos e na ambigüidade básica da estruturação simbólica, garantindo a coesão do grupo, a partilha sentimental de valores, de lugares, de idéias [...]” (NITSCHKE, 1999, p. 39).

O **relacional** desta comunidade demonstrou fortes vínculos com familiares, com a vizinhança e a emergência de uma atitude organizativa para proteger e preservar este espaço.

Pôde-se identificar que a **apropriação do espaço de Ibiraquera se dá pela singularidade e na coletividade que deixam marcas no espaço por meio do afeto, da estética, do simbolismo e da cultura que ainda possui fortes elementos de solidariedade e de espírito de vizinhança**. Por mais que os valores que enfatizam o individualismo cheguem até esta comunidade, esta procura não se fragmentar, buscando em suas relações sociais, em seus conhecimentos tradicionais, em suas crenças e em suas emoções a força para seguir em frente.

Embora a comunidade de Ibiraguera, ainda, conserve traços típicos de uma **comunidade tradicional** integra aos poucos aspectos da sociedade pós-moderna, o que pode ser considerada hoje como uma comunidade de **cultura híbrida** ou traduzida como descreve Hall (2005), pois esta comunidade possui fortes vínculos com seu lugar de origem e suas tradições, sendo que alguns dos entrevistados manifestam a ilusão de voltar ao passado.

Esta comunidade procura interagir com estas novas culturas em que precisam conviver sem serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades. Carrega o traço da cultura, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. Portanto, os habitantes de Ibiraguera estão lutando para continuar deixando, sua marca neste espaço.

Relacionando estes aspectos ao objetivo central desta pesquisa compreendeu-se que os habitantes nativos da comunidade de Ibiraguera se apropriaram do espaço em que nasceram e cresceram, nele: trabalham, sonham, convivem, enfim é onde e com quem vivem. Sofrem com suas dificuldades de acesso ao mundo globalizado, procurando preservar seus valores, suas tradições, seu espaço físico-social-cultural e afetivo. Agradecem à generosidade divina pelas belezas naturais e amaldiçoam àqueles que destroem este paraíso. Em muitos aspectos observaram-se subjetividades fragmentadas, diante do novo, e de um comportamento que subjuga a ética da diversidade onde prevalecem o respeito pelo outro, a solidariedade e a cooperação nos seus modos simples de viver e de habitar Ibiraguera. Contudo esta comunidade é pela pesquisadora compreendida como uma tribo como afirmou Julian Beck apud Nitschke (1999, p. 189), ou seja, “um grupo de pessoas que se acham próximas aos grupos étnicos, que não chegaram nunca a perder sua relação com a terra, com o sol, a lua, o vento, a água, o fogo, com o toque, a alegria, o prazer de conviver, de trocar as coisas primárias”. Enfatizando as palavras de Julian Beck, lembra-se novamente da ecologia profunda trazida por Braun (2001), onde as relações homem-natureza possuem um sentido profundo somado às vibrações espirituais e de uma unicidade ao todo, ao universal.

Como **contribuições** este estudo demonstrou a relevância das comunidades tradicionais por deterem um conhecimento em relação ao uso sustentável do ambiente em que vivem e que podem ser apreendidos pelos pesquisadores que estiverem dispostos a dialogarem com estas. Quanto ao desenvolvimento sócio-econômico na zona costeira brasileira, ainda há pouco investimento em pesquisas e

ações que promovam a preservação dos espaços naturais e habitados por pescadores artesanais e pequenos agricultores que estimulem a implementação de reservas extrativistas bem como a organização de associações destas comunidades. Não há oferta de cursos de capacitação de gerenciamento do espaço pelo nativo, para que possam defendê-los contra a especulação trazida com a apropriação indébita pelo turista que hedonistamente investe nestes espaços para seu próprio bem-estar em detrimento do nativo.

Quanto à contribuição trazida para a Psicologia Ambiental, este estudo demonstrou que há um grande espaço de atuação deste profissional junto às comunidades tradicionais e nos espaços ocupados pelo turismo em toda a zona costeira brasileira. Há muito a aprender e fazer com estas comunidades que estão a ritmo desenfreado, perdendo sua identidade junto à fragmentação de seus espaços de vida. Para a pesquisadora este foi apenas o primeiro passo de um trabalho que pretende ser ampliado em atividades de pesquisa e extensão, a princípio, nesta comunidade.

As contribuições acima descritas são fundamentadas a partir da pesquisa empírica realizada nesta comunidade e em Floriani (2003, p. 72) ao afirmar que a revalorização dos saberes culturais constitui-se de uma maneira de recuperar a memória das sociedades humanas e que “ao restituir às culturas o reconhecimento de sua sabedoria, fazemos a auto-crítica dos erros cometidos, restabelecendo a assimilação de práticas sadias no domínio do meio ambiente e da saúde das pessoas”.

Recomendações

Sugestões mais amplas e outras um tanto específicas fazem-se necessárias diante das considerações neste estudo levantadas. Que as universidades, as organizações e instituições humanas busquem discutir e implementar não somente a multidisciplinaridade, mas que se somem e complementem-se na inter e na transdisciplinaridade, para fundamentar as possibilidades de diálogos entre as ciências da natureza, da sociedade e do saber das comunidades, pois só com o rompimento das barreiras disciplinares é que haverá de fato a possibilidade da efetivação de um desenvolvimento menos destrutivo, senão sustentável, a promoção do sentido de existência e de cidadania ambiental, da sensibilidade social, da ética e da solidariedade como disse Gadotti (2004).

Que a qualidade do meio ambiente e a segurança humana já asseguradas em documentos como a Declaração dos Direitos Humanos e da Natureza e confirmados a partir da Eco – 92 com o estabelecimento da Agenda 21 sejam de fato consumadas. Há de se destacar que a Agenda 21 Local, seja construída nas pequenas comunidades com o sentido de estabelecer um compromisso verdadeiro, na relação do ser humano com o espaço natural e construído, ultrapassando os objetivos dos modismos.

Que a globalização, a biotecnologia e a informatização sejam mecanismos que a ciência disponha para ampliar mais a discussão, o conhecimento e a difusão a todos, dos acontecimentos, sem enredar falsos argumentos que justifiquem e mascarem políticas elitizantes, no caso de Ibiraguera que não estejam à disposição das empresas imobiliárias do turismo ou da carcinicultura, sem que os danos sejam discutidos pela população local.

Que a globalização que ao mesmo tempo em que desfaz fronteiras políticas e comerciais e que avança na comunidade de Ibiraguera, permita a discussão por grupos da comunidade, junto a profissionais das áreas sociais, humanas e ambientais para que se apresente o seu outro lado, ou seja, a massificação da diversidade cultural específica desta população, na maioria das vezes, impondo modos de ser de viver.

Que a informatização que oferece em tempo real informações que ajudam facilitando o cotidiano de milhares de pessoas em todo o mundo, não apresente na comunidade tradicional de Ibiraguera o seu lado sombrio. Que seus habitantes continuem usufruindo sua cultura, de suas tradições, de sua fé, do cuidado de seus familiares, que ajudem e visitem seus vizinhos, das brincadeiras ao ar livre e não se tornem vítimas das prisões domiciliares conseguidas graças à internet, à televisão e aos brinquedos virtuais. Que profissionais e pesquisadores estejam atentos a estas perdas que, muitas vezes, podem ser irreversíveis.

Que o envolvimento e as mudanças que começam a ocorrer na comunidade de Ibiraguera, por meio da implantação da Agenda 21, continue dando mais e mais frutos. Que cada vez mais os habitantes do lugar organizem-se em seus grupos, recriem sua cultura, cuidem e defendam seu espaço. A agenda 21 para esta comunidade tem o compromisso com as necessidades humanas e naturais da comunidade. Que morar em torno da Lagoa, não seja mais sinônimo de morar em um lugar sem futuro. Que habitar neste bairro continue sendo uma alegria, uma esperança, um compromisso com o meio ambiente natural. Um compromisso que

ultrapassa as fronteiras político-administrativas local, pois a comunidade de Ibiraquera está dando o seu exemplo, para a mudança da casa maior, a Terra.

Que a Psicologia Ambiental possa se fazer presente em projetos de pesquisa e extensão e dar sua contribuição nas equipes interdisciplinares bem como nas organizações sócio-ambientais, para cada vez, se fortalecer enquanto ciência, na medida em que atua, pesquisa e compreende as interações humano-ambiental-humano, participando das suas responsabilidades no ambiente em que vive e transforma neste ciclo interdependente.

REFERÊNCIAS

ADELINO, Antônio A. **Projeto Ibiraguera, várias variantes lingüísticas**. 1992. 24p. (Projeto de monografia). UNIVALE, Itajaí, 1992.

ALEXANDRE, Kelen R. **A trajetória de vida de um idoso do grupo São Pedro: um relato de suas vivências, sentimentos e significados**. 2006. 115p (Trabalho de Conclusão de Curso). UNESC, Criciúma, 2006.

ASSUNÇÃO, Aldo F. **Contribuição ao desenvolvimento sustentável em Zona Costeira: usos e ocupações da lagoa de Santa Marta e entorno, município de Laguna, SC**. 2005. 220p. (Dissertação de Mestrado) – UNESC, Criciúma. 2005.

BIDDULPH, Steve. **Porque os homens são assim?** São Paulo: Fundação Educacional, 2003.

BLY, Robert. **João de ferro: um livro para homens**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDEN, Nathaniel. **O poder da auto-estima**. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRUAN, Ricardo. **Desenvolvimento ao ponto sustentável**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2005.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2000.

BRIGGS, Dorothy C. **A auto-estima de seu filho**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CÂMARA, Maurício R. **O turismo no litoral de Santa Catarina: tensões, conflitos e reorganização espacial**. 2001. 220p. (Dissertação de Mestrado). UFSC, Florianópolis, 2001.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARUSO, Mariléia M. L.; CARUSO, Raimundo C. **Mares e longínquos povos dos Açores**. Florianópolis: Editora Insular/AGNUS, 1996.

CARVALHO, Isabel C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, M. T. CODO, W. (orgs) **Psicologia social**: o homem em movimento. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Como cuidar do seu meio ambiente. **Natureza e Cultura**. 2 ed. Revista e Ampliada. São Paulo: BET Comunicação, 2004.

DAMERGIAN, Sueli. **A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2001.

DIEGUES, Antônio C. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. São Paulo: NUPAUB - USP, 2000.

_____. **Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras**. São Paulo: NUPAUB – USP, 1996.

DOTTERWEICH, Kass. **Terapia da família**. São Paulo: Paulus, 1999.

ERCOLIN, Eliza H. **A importância do pai na educação da criança**. Disponível em www.educacional.com.br. Acesso em 06 de julho de 2006.

FARIAS, Vilson F. de. **Dos Açores ao Brasil meridional**: uma viagem no tempo: 500 anos, litoral catarinense: um livro para o ensino fundamental. 2 ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000.

FEIJÒ, Olavo. **Psicologia para o esporte**: corpo e movimento. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Minidicionário século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FLORIANI, Dimas. **Conhecimento, meio ambiente e globalização**. Curitiba: Juruá/PNUMA, 2004.

_____. Disciplinaridade e construção interdisciplinar do saber ambiental. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Nº 10, p. 33-37, Jul/Dez, 2004.

_____. **Educação ambiental, epistemologia e metodologia**. Curitiba: Vicentina, 2003.

FOLLMANN, J. Ivo. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais UNISINOS**, São Leopoldo, v. 37, nº 158, p. 44-65, semestral, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FREITAS, Rodrigo R. de. **Mudanças na paisagem da Lagoa de Ibiraquera e a gestão da sua fauna silvestre**. 2005, 194p. (Dissertação de Mestrado) – UFSC, Florianópolis. 2005.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000.

_____. Pedagogia da terra: ecopedagogia e educação sustentável. In: FREIRE, P. V. **La agenda de la educación Latino Americana en el siglo XXI**. São Paulo, 2004.

GIDDENS, A. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GOMES, Augusto. **A alma da nossa gente: repositório de usos e costumes da Ilha Terceira, Açores**. Artes Gráficas, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Teresinha M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem piso-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma – SC)**. 2002, 246p (Tese de Doutorado) – UFPR, Curitiba. 2002.

_____. Psicologia Ambiental. **Revista Pesquisa e Extensão em Saúde**. UNESC, Ano 1, n. 1, p.18-21, 2004.

GUIMARÃES, Décio G. R. **Folclore brasileiro e ecologia**. São Paulo: Editora Didática Paulista, sd.

GÜNTHER, Hartmut et al. **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea, 2004.

HAGUETTE, Maria T. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10ed. Rio de Janeiro: 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2001.

_____. **The condiciono of post-modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEIMSTRA, Norman W. **Psicologia ambiental**. São Paulo: EPU, 1978.

IMBITUBA. **Plano diretor de desenvolvimento sustentável de Imbituba**. Março, 2005.

_____. **Secretaria Municipal de Turismo**. 2004.

JACOBI, Pedro R. **Educar para o desenvolvimento sustentável: a construção de uma cidadania ambiental**. São Paulo, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, M. da G. Identidade. In: STREY, M. N. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, p 159 – 167, 2002.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem** Campinas: Papirus, 1996.

JUNIOR, E. **Dança**. Enciclopédia Anglo Brasileira. São Paulo: Impressão Acabamento, sd.

JUSTO, Henrique. **Cresça e faça crescer**. 5 ed. Canoas: Tipografia e Editora La Salle, 1987.

KATAFIASZ, Karen. **Terapia da auto-estima**. São Paulo: Paulus, 1996.

KOERICH, Grácia M. S. M. **Educação em saúde com mulheres de uma comunidade pesqueira ao sul de Santa Catarina**. 2002. Disponível em www.ufsc.com.br. Acesso em 02 de agosto de 2006.

LAGO, Mara C. de S. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LEAL, Lia Rosa. **Mares e longínquos povos dos Açores**. Florianópolis: Insular, 1996.

LEBOVICI, S. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LINO, Jaisson Teixeira. Dos pescadores-coletores aos horticultores: um breve panorama das primeiras ocupações do litoral sul-catarinense. **Revista do Curso de História Tempos Acadêmicos**. UNESCO, n.1, p. 43-56, 2003.

LONGENECKER, Gesina L. **Drogas – ações e reações**. São Paulo: Market Books, 2002.

MALDONADO, Maria T. **As sementes do amor**. educar crianças de 0 a 3 anos para a paz. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

_____. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. 25 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

MALDONADO, Simone C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARTINS, J.H.B. **Crenças populares da Ilha Terceira II (almas do outro mundo, o diabo, encantados, vária)**. Lisboa: Salamandra, 1994. (a)

_____. **Crenças populares da Ilha Terceira (o lobisomem, as feiticeiras. As bruxas, benzedeiras)**. Lisboa: Salamandra, 1994. (b)

MARTINS, Manoel de O. **Imbituba: história e desenvolvimento**. Criciúma: Editora e Gráfica Ribeiro, 1979.

MASUCCI, Oberdan. **Dicionário Tupi Português e vice-versa**. São Paulo: Brasilivros – Editora e Distribuidora LTDA, 1978.

MENDEZ, Michele V. **Um estudo sobre a imagem corporal com mulheres**. 1998. 80p (Trabalho de Conclusão de Curso). UNISUL, Tubarão, 1998.

MINAYO, Sueli F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Caracterização da zona costeira do Brasil**. Disponível em <http://www.mma/agenda21.gov.br>. Acesso em 01/05/2005.

MORIN, Edgar. **A humanidade da humanidade: a identidade humana**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MUNIZ, Santana A. P. **A autopercepção da imagem corporal da mulher com depressão pós-parto referenciada numa unidade de saúde pública do bairro Santa Bárbara em Criciúma/SC**. 2004. 83p (Trabalho de Conclusão de Curso). UNESC, Criciúma, 2004.

MUSEU DO ESPORTE. **A história do futebol.** Disponível em <http://www.museudoesporte.com.br/internacional.php>. Acesso em 06 de julho de 2006.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Porto de Imbituba: de armação baleeira a porto carbonífero.** Tubarão: Ed. Unisul, 2003.

NITSCHKE, Rosane G. **Mundo imaginal de ser família saudável:** a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Florianópolis: UFSC, 1999.

PAPALIA, Diane. **Desenvolvimento Humano.** Tradução de Daniel Bueno. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PELIZZOLI, M.L. **Correntes da ética ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, Carlos de C. **Ratoeiras em Santa Catarina.** Ano VI, edição 65, abril de 2004. Disponível em <http://www.jangadadoBrasil.com.br>. Acesso em 06 de julho de 2006.

PEREIRA, Vilma A. **O turismo na perspectiva da preservação da cultura e do meio ambiente:** unidade de análise no Distrito de Morro Azul, Três Cachoeiras – RS. 2005. 200p (Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais) UNESC, Criciúma, 2005.

PEREIRA, Silvana M. Violência rima com adolescência? In: Projeto **Acolher. Adolescer: compreender, atuar, acolher.** Brasília: ABEn, 2001.

POL, Enric. **Cognición, representación y apropiación del espacio.** Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, (s.d.)

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRIMACK, Richard B. **Biologia da conservação.** Londrina: E. Rodrigues, 2002.

PROSHANSKI, H. M. **Apropiación et non apropiación de l' espace.** 1976.

REIS, José R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, M. T. CODO, W. (orgs) **Psicologia social:** o homem em movimento. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário.** São Paulo: Scipione, 1996.

SACHET, Celestino. **Santa Catarina:** 100 anos de história. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SALATINO, Antônio. Nós e as plantas: ontem e hoje. **Revista Brasileira de Botânica**. São Paulo, V 24, n4, p. 483-490, 2001.

SANTOS, Jair F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Marco A. D. da. **Quem ama não adoce**: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças. 17 ed. São Paulo: Editora Beste Seller, 1998.

SISTEMA DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, 1992.

SOARES, Mozart P. **Verdes urbanos e rurais**: orientação para arborização de cidades e sítios campestres. Porto Alegre: Continentes, 1998.

SOULÉ, Michel. **A inteligência anterior à palavra**: novos enfoques sobre o bebê. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

STREY, M.N. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

VARELA, Dráuzio. **Envelhecer com saúde**. Programa do Fantástico: Rede Globo. Exibido em 03/12/2006.

VILELA, Elaine M. ; MENDES, Iranilde J. M. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 11, nº 4, p. 525-531, Agos. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=SO104>. Acesso em 28/10/2006.

WAITLEY, Denis. A autovalorização. In: CLARET, M. **O poder da auto-estima**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, p. 49 - 65, sd.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de batalha ideológica do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999

YAZIGI, Eduardo. Patrimônio ambiental urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana F. A. **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

XAVIER, Marlon. Religiosidade e problemas com o álcool: um estudo de caso. **Psicologia: ciência e profissão**. N.1, Ano 25. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

ZIMERMAN, David E. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

APÊNDICE A
INFORMANTE QUALIFICADO

INFORMANTE QUALIFICADO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME: Hidelberto Alvim de Souza

IDADE: 76 anos

DATA DE NASCIMENTO: 24/08/1929

ESTADO CIVIL: Casado

NÚMERO DE FILHOS: 03

TEMPO DE HABITAÇÃO NO BAIRRO: Nativo

TEMPO DE HABITAÇÃO NA MORADIA: 47 anos

ESPOSA: Luzia de Souza

IDADE: 74 anos

DATA DE NASCIMENTO: 11/12/1931

TEMPO DE HABITAÇÃO NO BAIRRO: Nativa

TEMPO DE HABITAÇÃO NA MORADIA: 74 anos

APÊNDICE B
ENCÍCLICA

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA SC.

História de vida

Nome:

Pseudônimo:

Idade:

Local:

Data:

Horário:

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESC. Gostaria de ouvir sua história de vida pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: **onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas**, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

Indicação de lugares simbólicos e seus significados para serem fotografados.

APÊNDICE C
TERMOS DE COMPROMISSO

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E INFORMADO

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que não serei identificado (a) sem o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: / /

Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E INFORMADO

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: / /

Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E INFORMADO

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: / /

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) responsável

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

APÊNDICE D
RELATOS DE ENTREVISTAS

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Lourenço Paulino de Campos

Apelido: Lareno

Idade: 78 anos

Data de Nascimento: 04/07/27

Estado civil: casado

Profissão: aposentado

Local da entrevista: domicílio

Data: 25/03/06

Horário: das 14:00 as 17:00h

Tempo: 3h

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

1ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Bom dia seu Lareno, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir com o senhor um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: Bem agora o senhor pode falar o que quiser sobre a sua vida desde o nascimento até hoje, não importa se forem coisas boas ou ruins. Apenas fale o que desejar. Quando houver algo que eu não entenda eu perguntarei ao senhor. Pode ser?

L: Pode minha filha. Eu nasci aqui nesse morada, aqui. Aqui eu me criei, e aqui eu me casei. A vida naquele tempo era... Era meio pesada. A gente não tinha... Não tinha emprego, não tinha dinheiro, né. Meu pai morreu quando eu tinha 14 ano. A minha mãe ficou com 7 irmão, tudo pequeno. Passemo uma vida meio ruim. Mas com o tempo, na frente, nós se criemos e hoje em dia temos tudo casado, todo mundo vivendo. E temos levando a vida, a vida era meio ruim. É o que eu tenho a dizê. A vida hoje é outra.

R: Me conta sobre como eram as brincadeiras de criança, onde o senhor brincava...

L: Nós brincava... Era assim... Nós brincava muito de... De ré, de escondê e eu brincava muito de canoa. Então... Até que um dia o meu pai me pegou e me deu uma sova de cinta...

R: Por que, não podia brincar de canoa?

L: Porque podia caí na água e morrer, porque nós era pequeno, a lagoa cheia... E nós brincava de bandeira.

R: Bandeira... bandeira do Divino?

L: Não, fincá um pau e dizendo que era bandeira, né. Tinha que tocar naquele pau e voltar e cair na ré sem os outros tocar nele.

R: Ah era um tipo de brincadeira.

L: Era, era uma brincadeira. Tá, como eu posso falá...(pausa)

Nós brincava de brincadeira de boi, de boi – de - mamão...

R: Naquele tempo já existia a tradição do boi – de – mamão?

L: Tinha, tinha. Aí depois que eu me criei, nós fazia uma brincadeira de boi – de – mamão muito boa. Vinha umas pessoa lá do Campo D'Una, tocavam muito bem tambor, né. E mandava a brincadeira. E tinha um velhinho, um preto chamado Cipriano aqui que vinha, né, e botava uma máscara nele e saía mandando boi, né. Ah fazia umas brincadeira muito boa... muito boa. Quando tinha brincadeira de boi todo mundo queria ir vê. Naquele tempo não tinha mais nada, né.

R: Hoje ainda tem brincadeira de boi?

L: Não, hoje é meio difícil... Não tem... Muito terno de reis naquele tempo... Muito terno de reis que hoje não tem mais.

R: O senhor sente saudade daquele tempo?

L: Muita saudade... Muita saudade... Saudade...

R: Por que o senhor sente saudade?

L: Tenho, porque parece que aquelas coisa naquele tempo... Parece que era... Era diferente de agora. Aquilo tudo tinha graça. Hoje não tem graça. Naquele tempo,

quando nós saía daqui, prá vim num circo de pé pela praia, lá na Imbituba. Oh, aquilo prá nós era uma coisa bonita. Hoje tem aqui e não tem graça.

R: O senhor acha que com a facilidade de hoje a coisa perdeu a graça.

L: É, perdeu a graça. A gente ia vê o cinema mudo, era muito engraçado. Hoje o cinema de Imbituba perdeu a graça, acabou-se. Tem televisão, né.

R: A televisão trás as pessoas mais para dentro de casa. O senhor acha que esta falta de graça na diversão pode ser resultado também da televisão? As pessoas saíam mais?

L: É, eu acho que sim. Vê, hoje tem baile em tudo... Qualquer lugar tem salão. Naquele tempo nós dançava em casa particular. Oh, aquilo era uma beleza! Depois o Guri Ferreira fez aquele salão, nós dançava lá no Guri Ferreira.

R: Quer dizer: a comunidade toda de jovens se juntava em alguns lugares, pois não tinham muitos lugares...

L: É, não tinha muitos lugares. É, se você quer saber prá nós ir pro Guri Ferreira... Nós tinha que atravessá numa canoa, atravessá a lagoa ou passá n'água...

R: Nadando?

L: Não, andando com a água tomando conta no ombro... Isso porque não tinha ponte naquele tempo, não tinha nada.

R: E mesmo assim era melhor?

L: Parecia que ainda era melhor...

R: Que mais o senhor gostaria de falar sobre a sua vida? (pausa)

R: Trabalhavam muito na sua infância ou só brincavam?

L: Não... Trabalhava muito. Peguei a trabalhá na roça com meu pai e o meu irmão com 7 ano. Naquele tempo tudo quanto era criança trabalhava porque a vida era pesada. Hoje não, hoje... Não... Quando chega na idade da escola, 6 ano, por volta dos 6 ano, já vão prá aula e dali vão estudando, estudando, e vão... Passa os 15 ano, é, passa os 20 ano, estudando... E não trabalha, só estudo... E todo mundo estudo, e o estudo é demais. Agora eu quero vê é serviço prá isso tudo...

R: O senhor tem esta preocupação.

L: Tenho. Tenho. Quero serviço. Aqui ninguém trabalha, só estuda. E agora serviço pra isso tudo? Aquele vai prá cidade... Dá um desemprego lá que a gente tá vendo na televisão. Porque aqui na Ibiraquera toda família se vira na roça. Olha não tem ninguém... Sai todo mundo prá fora... Todo mundo... Todo mundo... Todo, todo mundo.

R: Qual o sentimento que passa pelo senhor ao falar sobre isto?

L: Ah, eu olho as vez, passo pelos meus terreno e olho, me dá aquela saudade do tempo, saudade... Chegava naquele tempo tinha aquela lavoura, fazia aquela farinhada, juntava aquele povo me ajudando. Hoje, acabou-se tudo. Hoje o povo só qué estudá.

R: Como que o senhor vê que o estudo pode ajudar a comunidade de Ibiraquera? Ele pode ajudar?

L: Não... Aqueles que estudaram, se tivesse algum que se empregasse bem. Se botasse uma indústria lá na Ibiraquera prá empregá um pouco daqueles que estudaram... Mas esse lugarzinho o governo se esquece. Se tivesse uma indústria bem grande ali na Araçatuba, né, empregava gente daqui e da redondeza toda.

R: Parece que o investimento feito no estudo dos filhos, netos não tem dado muito retorno para a comunidade...

L: Não, retorno, retorno não tem. Hoje se estuda prá vê se dá pra sobrevive. Ganha uma micharia... É, se, por exemplo, se estuda 20, 02 se emprega pra vive bem e os

outros é pra sobrevivê. Tem uma casinha, porque você acha que um emprego de 1.000 ou 2.000 reais dá prá fazê grande coisa?

R: Como o senhor acha que os jovens estão vivendo hoje? Como o senhor tem observado?

L: Os jovens, uns saem prá fora. Tem uns nas empreiteiras ganhando uma micharia... Outros garraram pro barco de pesca, que só dá pro dia a dia, prá mais nada... Outros se empregaram ganhando o salário mínimo... Então a gente não conhece ninguém que estudou e que ta bem, aqui na Ibiraquera. Você conhece algum? Não, né?

R: E o senhor? Tudo o que o senhor conquistou, criado na roça, foi com o dinheiro da roça, do engenho ou de outra maneira?

L: Não, eu tinha duas profissão: ou era lavrador e pescador. Eu pescava nesta lagoa (em frente à casa) noite e noite. Peguei muito camarão que na época dava. E pescava no mar grosso. Até que um dia a morte andava ao redor de nós. Tinha muita tainha... Muita tainha. Com a canoa eu não perdia tempo. Não perdia hora de serviço. Eu pensava: se eu perde uma hora hoje, àquela hora nunca mais eu pego, aquela foi. E sempre que eu pensava assim: Deus disse, trabalha firme que eu te ajudarei. Eu pensava naquela palavra e nisso eu tinha aquela fé... Que quando eu casei, eu não tinha nada. Eu não tinha um tostão. Fiquei foi devendo.

R: Como o senhor conheceu a sua esposa?

L: Como eu conheci? É que eu morava aqui e elas morava logo ali. A gente era jovem. Eu me agradei dela, ela se agradou de mim. Eu tinha outras (risadas).

R: Quanto tempo o senhor está casado?

L: To casado... 58 anos.

R: Quantos filhos?

L: 4 filhos, 9 netos e 4 bisnetos.

R: E como o senhor criou estes filhos?

L: Meus filho eu criei... Eles me ajudaram muito. Graças a Deus que eu pude criar meus filho. Como meu pai me ensinô a trabalhá desde cedo, eu também ensinei meus filho. Eu ia pescá, eles me ajudavam. Com 7 ano eles começaram a trabalhá. Se criaram trabalhando prá mim, todo ele. Quando tinha baile no sábado, a mulhé dizia: os guri querem ir no baile, eu dava tudo, tanto prá um, tanto prá outro, tanto prá outro... Eu quem dava tudo dava roupa, até o dia que se casaram.

R: O senhor se orgulha disto.

L: Eu me orgulho sim. Pra mim foi um prazer. Por isso meus filho me adoram.

R: O senhor se sente adorado pelos filhos.

L: Eu dizia, meus filho vão trabalhá, porque vocês trabalham não é pro pai, é prá vocês...

R: Depois que casaram ficaram morando perto do senhor?

L: Tudo perto. Quando eu adoeço, tá tudo por perto. A minha família é muito unida, graças a Deus.

R: A terra onde eles construíram foi comprada ou foi dada pelo senhor?

L: Não, 3 mora dentro do que é meu e um eu comprei o lote, o restante ele comprô depois.

R: Estas terras que o senhor tem foi ganhado dos seus pais?

L: Não, dos meus pais eu não herdei nada. Tudo eu comprei. (pausa)

R: Porque ter os filhos perto do senhor?

L: Porque pra mim é muito bom... Porque um dia a gente ia ficá velho, como a gente já tá velho. Quando eu adoço eles corre tudo, tão perto. E se tive em Porto Alegre? E se tivé no Rio? Não dá...

R: Fale um pouco mais sobre as suas duas profissões: de pescador e de lavrador.

L: Prá pescá eu usava uma tarrafa. Olha, nós tamo aqui conversando e você olhando prá lagoa, não tá? Tá vendo aquele porto ali, aquele pasto onde tem aquele rancho. Eu ia pescá e quando eu voltava, eu gritava com a mulhé: me traz o balaio. Então ela levava aqueles balaio de botá mandioca que eram grande... Os rapaze já eram grande, desciam tudo e quando chegavam lá, enchiam tudo. Tinha dia de eu matá 40 tainha, 90 tainha, aqui na frente da minha casa. Fiz muito disso. Hoje tudo terminô. Por isso tenho saudade.

R: Porque terminou?

L: Por causa dos barco de pesca que arrastam no mar. Eu também trabalhava na lavoura e gostava muito. A gente plantava muita mandioca. Plantava o milho. Chegá na roça e vê aquele milho, aquela beleza. Chegá no feijão vê aquela maravilha. Arrancá aquele feijão, batê. Pra que coisa melhor? Eu lá no morro com 3, 4 carrada de feijão no carro de boi.

R: A família se reunia na colheita?

L: Era tudo em família. Era uma coisa tão boa. Hoje em dia não tem graça. Parece... Não se vê uma roça de feijão, uma roça de milho... Não se vê nada. Faltô vai lá no mercado e compra. Naquele tempo não. Nós é que plantava, tava ali, tinha. Tinha feijão, milho, café. Naquele tempo só se comprava o que precisava, mas se tinha quase tudo. O que sobrava vendia, também. Então, farinha vendia muito. Por isso eu tenho saudade de tudo. Não é prá dá saudade? Tava trabalhando na roça dava sede, pegava uma melancia grande, chupava, matava a sede que era uma beleza... Sabendo que aquilo tudo foi plantado com as minhas mãos. Agora não tem mais.

R: O senhor falou que nasceu nesta morada. Fale um pouco mais sobre ela.

L: No tempo que eu me criei as casa eram tudo de palha, coberta por tiririca por cima e as parede eram feita de pau-a-pique, barro. Barreava. Então quando dava uma tempestade, o barro caía e tinha que barrear outra vez. A maioria era de palha, outras eram coberta de telha de barro, mas aqui dava muito vento do mar, né e botava aquele barro no chão, aí o meu pai comprô madeira e botou na frente da casa.

R: O senhor se recorda bem da casa?

*L: Ah, eu me recordo bem, bem. O mais era chão batido. Quem tinha uma casa de telha, já era muito contente... Depois dessa casa de palha... (pausa)
Elas foram terminando e a gente foi fazendo a casa de madeira. Aí era só casa de madeira... Depois começaram fazer de material. Hoje todo mundo já tem casa de material.*

R: A madeira era daqui da mata ou era comprada?

L: Comprada na serraria. As casa de pau-a-pique era construída por nós mesmo, a de madeira já tinha que ter um carpinteiro. Nessa casa eu moro a uns 5 /6 ano. Ela é nova. Essa morada já teve casa de pau-a-pique, madeira e material.

R: Porque fazer esta casa justamente no mesmo lugar das outras?

L: Ah, eu me sinto bem, sabe porque? Porque foi aqui que eu nasci, me criei, criei meus filho e agora depois de velho, porque não fazê aqui? Prá que eu saí? Aqui é o meu lugar. A minha raiz tá bem fincada aqui.

R: Lembrei que o senhor relatou sobre a morte de seu pai. Quer falar sobre isto?

L: É, eu assumi a família junto com a mãe. Eu era o filho mais velho. Foi uma época muito difícil. Mas naquele tempo o povo era mais caridoso que hoje. Naquele tempo se trabalhava muito, mais um ajudava o outro. Eu tinha um tio que morava perto, tava se mudando pra Laguna. O meu pai morreu e ele desmanchou o negócio prá cuidá de nós e da mãe. Ele foi o meu 2º pai. Nós era em 7 irmão, eu com 14 ano e

o mais novo com 5. Hoje temos tudo casado, graças a Deus. Não sou rico, mas não tamo mal. Eu sou feliz. Não queria ser rico. Eu, o que eu queria Deus me deu. Eu agradeço muito, muito, muito, porque eu queria Deus me deu. Deus me deu primeiro a coragem que era prá eu trabalhá, bastante coragem prá eu trabalhá. Eu trabalhei, Ele deu o jeito de eu adquirir o que eu queria: criar os meus filho, graças a Deus. Então eu sou feliz. Eu vô Morrê descansado.

R: Em relação à comunidade, como é o seu relacionamento?

L: A gente se visita. Meus amigo do meu tempo já se foi quase tudo.

R: Eu observei que o senhor conserva agregado a sua casa o engenho de farinha. O senhor ainda o utiliza?

L: Agora, depois da Páscoa, os rapaze vão fazê farinha. Vem aqui. No engenho a gente fazia tapioca, farinha e beiju. Hoje não, é só farinha e beiju.

R: Em época de farinhada como o senhor se sente?

L: Me sinto muito bem. Chega muito amigo aqui, os vizinhos me ajuda. Uns carregam a mandioca, outros tá lá na prensa, outro tá cevando a mandioca, outro tá dizendo uma piadinha e todo mundo ri... O lazer, trabalho e diversão.

R: Gostaria de falar mais alguma coisa que o senhor faz hoje?

L: Prá me diverti eu vô na igreja, vou muito na igreja e um futebol ali no Juventu. Hoje eu não pesco mais. Do as minha rede e canoa em troca do peixe. Capino a chácara, planto amendoim, feijão só prá comê. Uma roça de mandioca pequena é só.

(pausa para o café servido pela esposa)

R: Seu Lareno sobre as árvores da região.

L: Toda casa tem uma chácara com café, laranja, abacate, mandioca que é pro sustento.

R: E o anozeiro?

L: O anozeiro faz parte da chácara. O nome não é anozeiro. Isso é errado. O nome é anogueiro, mas o povo não sabia falá e ficou anozeiro. O anozeiro é bom porque com as baga nós fazia o sabão. Ele foi bom também na época da guerra quando faltô querosene aqui. A semente tem uma cera que funcionava como vela. A mata era derrubada com a enxada e colocado fogo. Hoje é muito bom porque tem o arado...

R: E a terra?

L: Ah, prá plantá a gente deixava a terra descansá de uma lavoura prá outra.

R: E a água, seu Lareno?

L: Ah, isso tu tinha esquecido. Era muito difícil ter água doce naquele tempo. Tinha uma fonte lá em baixo no pasto onde as mulhé lavavam e pegavam água para beber. Elas saíam de casa com 1 pote e com um balaio de roupa pra lavar. Depois nós conseguimos puxar água da cachoeira que tem no morro. Agora é água da CASAM.

R: As nascentes ainda existem?

L: Não, foi tudo aterrado.

R: O senhor falou da fartura do peixe e do camarão. Tinham mais peixes que hoje não tem mais?

L: Ah tinha muito linguado, badejo, mas foi tudo sumindo com a pesca industrial.

R: Bem, seu Lareno, agora eu gostaria que o senhor me mostrasse lugares muito importantes para o senhor dentro da sua casa, ao redor ou perto de sua casa e um

lugar no bairro Ibiraquera que, para o senhor é especial. Ao indicá-los eu gostaria de saber porque, o significado, certo?

L: Eu gosto de toda a minha casa. É difícil tira um lugar... Mais o lugarzinho preferido, preferido mesmo será neste sofá. É onde eu me sento e leio a Bíblia e a minha mulhé tem o descansinho dela, ali.

L: Em volta da casa o lugar que eu gosto mais é esta varanda e a lagoa. Tu vê aquele pasto, aqueles rancho... Eu gosto de ficar aqui na varanda vendo este lugar de onde era tirado o sustento.

L: Na comunidade onde eu gosto de ta é longe, tu não vai lá.

R: Me diz que nós vamos sim. Onde, seu Lareno?

L: É lá na Praia do Luz. Lá tem o meu rancho e a canoa. Foi lá que nós iniciamo a pesca da tainha por nós. Pesquemo lá por 36 ano. Passei muito frio, entrá na água com geada, mas quando a tainha aparecia e nós cercava ela, a gente esquecia o frio. Teve ano de pegá até 40 mil tainha. Foi lá que a morte me cercou. Com tempestade o mar derrubou a gente da canoa e o mar tirava. Saimo nadando mar adentro. As marola eram muito grandes. O socorro não chegava porque o mar era muito brabo. Quase morremo tudo. Depois disso a gente viu que podia vencê qualquer dificuldade.

R: Então vamos até lá.

R: Agradeço muito ao senhor por toda a sua paciência em contar um pouco de sua vida e a sua relação com a Ibiraquera.

Abraços. Despedida.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Suelem Silveira Campos

Idade: 22 anos

Data de nascimento: 23/11/83

Estado civil: solteira

Profissão: Comerciante – Graduação em Ciências Contábeis

Local da entrevista: domicílio

Data: 26/03/06

Horário: das 10:00h às 11:40h

Tempo: 1h e 40'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

2ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Oi Suelen, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir contigo um documento que precisa ser assinado por mim e por ti.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: Bom, podes começar.

S: Eu nasci no dia 23 de novembro de 1983. Desde que nasci eu resido aqui em Ibiraquera. É... Sou filha de C.S.Campos e M. da G. S. Campos. Quando eu nasci... Eh... O meu pai foi me conhecer após 10, 11 dias de vida, porque no dia que eu nasci ele também estava se operando do rim. Então só logo, após 11 dias de vida ele foi me conhecer. Ah... Eh... Sempre estudei ao lado da minha casa. Que mais... Sempre fui uma pessoa dedicada aos meus estudos. Ah... Sempre tive bastante colegas. Ah... Gosto de participar da comunidade. Aos 12 anos eu fundei um grupo de jovens, apesar da minha idade ser pequena, mas por ver um grupo de jovens aqui na minha comunidade eu gostei, achei legal a criação dele, e junto com mais duas amigas a gente começou a fundar um grupo de jovens.

R: Porque fundar um grupo de jovens?

S: Deixa eu ver, porque quando um grupo teve aqui, fizeram um monte de recreação, um monte de brincadeiras, e eu gostei... Eu achei muito interativo as brincadeiras, daí como a nossa comunidade já fazia muito tempo que não tinha, eu achei legal. Então eu juntei com essas amigas prá fundar o grupo de jovem. Nós começamos com poucos. Eles começaram a participar dos encontros, daí logo em

seguida eu comecei a ler na igreja, assim... Até por sinal, nos dias de hoje eu tô um pouco relaxada. Mas quando eu era mais nova, eu gostava de participar das coisas da comunidade. Na escola, quando os professores tavam de aniversário eu ajudava a fazer bolo, fazer festa. Eh... Como eu não sou de fazer briga, intriga, sempre tive facilidade enorme com meus amigos, de ouvir eles e poder aceitar o que eles achavam da situação. Ah... Tá... Daí depois de eu me formar aqui na 8ª série... A gente fez até um passeio prá Blumenau, uma excursão. Eu fui estudar no colégio Annes Gualberto no centro de Imbituba. Aí eu estudei 2 anos, fiz novos amigos. Daí quando eu tava na 3ª série, que eu ia me formar, eu arranjei um emprego aqui na cooperativa de Ibiraguera. A secretária ia sair prá ganhar neném e eu fiquei no lugar dela por 3 ou 4 meses, mais ou menos. O tempo de ela ter bebê. Daí, como era longe o Annes Gualberto, não tinha como eu estudar lá, né? Daí o meu pai não aceitava eu estudar de noite, e como eu ia trabalhar o dia inteiro ele aceitou eu estudar na Araçatuba, que era mais perto. Daí eu transferi para Araçatuba. Mais 2 amigas aqui da Ibiraguera também vieram para cá, prá Araçatuba. Logo, a gente fez novos amigos. As pessoas que se formaram na 8ª série ficaram estudando na Araçatuba, e nós 3 fomos para Imbituba, porque nossos pais não aceitavam estudar a noite.

R: Me fala um pouco sobre esta dificuldade que o teu pai tinha em aceitar o teu deslocamento para estudar a noite.

S: Ele foi sempre... Como eu vou dizer... De cuidar muito de mim... Quando a gente é mais madura até entende um pouco o lado dele. Mas quando eu tinha uns 13 anos eu não entendia. As minhas amigas tudo iam, né. Eu ficava em casa, ele não deixava eu sair. Ele tinha medo de que acontecesse alguma coisa comigo. Ele era muito cuidadoso. Daí ele dizia: se não tem necessidade de tu estudar de noite, não tem serviço, nada, então vai estudar em Imbituba. Ele achava que era melhor prá mim, até porque ele tinha medo da droga, disso que acontece no mundo de hoje. Na Araçatuba eu me formei.

Nessa época da minha vida foi muito difícil porque eu não tava acostumada a trabalhar o dia inteiro e estudar a noite. Ah... O resultado foi uma depressão. Daí com a depressão eu só chorava. Aí o meu pai e a minha mãe também caíram no desespero. Só viam eu chorando. Eu não queria mais sair, não queria mais comer, não queria fazer nada... Fui em médicos da Imbituba, de Garopaba e nada resolvia.

Até que um dia, um vendedor que atende nós aqui no mercado, aconselhou a me levar num psiquiatra que atende a mulher dele em Tubarão. Daí, ele me levou. Graças a Deus, o psiquiatra falou muito comigo, com meu pai e meu namorado, receitou remédio e fiz um tratamento de 6 meses. Com a graça de Deus consegui melhorar. Eu sou uma pessoa muito ansiosa, muito nervosa, qualquer coisinha eu fico estressada. Esta fase foi muito difícil da minha vida, por eu não ter conseguido conciliar as duas coisas, eu caí na depressão...

(fatos íntimos da família que desejo omitir)

Logo após eu me formar eu fiquei 6 meses parada, aí em junho eu fui fazer cursinho em Floripa. Lá era muito dificultoso porque aqui em Ibiraquera não tinha acesso direto ao ônibus para Florianópolis. Eu saía todo dia de casa 20 prá 11, esperava 1 hora no Campo D'Una pra pegar o ônibus que pega os estudantes para Garopaba, prá depois ir prá Floripa. Eu ia sozinha, não tinha nenhuma amiga. As pessoas eram diferente. O meu objetivo era fazer UFSC. Objetivo de qualquer um. Aí eu tentei um ano para matemática na UFSC. Não consegui porque eu não tava preparada. Estudei em colégio público que não oferece o conhecimento do colégio particular tem. Fiquei parada 6 meses e tentei novamente UFSC e a UNISUL. Passei na UNISUL que era a que eu menos queria, mas eu passei. Daí comecei outra etapa de vida, né.

Comecei a estudar na UNISUL, no início também foi muito dificultoso. Não tinha ônibus para Tubarão, a gente teve que correr atrás do pessoal de Garopaba. Imbituba tinha um ônibus que levava estudantes, mas eles não aceitavam a gente ir. Eles inventavam um monte de desculpas. Tava sempre cheia... Aí o meu pai pegou e foi a Tubarão e conseguiu o transporte por Garopaba, já que havia mais estudantes de Ibiraquera. Tivemos que arranjar comprovante de residência de Garopaba, mais eles sabiam que a gente não era de Garopaba. Depois de 1 ano, eles cortaram todos os estudantes que eram do município de Imbituba. Daí meu pai se juntou com outros pais de amigas minhas, foram para a Câmara de Vereadores expor nosso problema e tentar que nós entrasse na Associação. Abaixo de muito trabalho nós conseguimos entrar na Associação dos Estudantes de Imbituba. O ônibus passou a fazer linha aqui na Ibiraquera, facilitou bem mais prá gente. No 1º ano de faculdade eu não trabalhava, mas meu rendimento não era igual ao do 2º grau. As minhas notas baixaram, eu fiquei quase louca, só chorava, só chorava.

Fiquei desesperada. Achava que ia rodar. Aí eu falei com um amigo meu daqui que se formou em Contábeis, ele me ajudou, eu estudei bastante, aí eu consegui tirar notas entre 9 e 10. Depois de passar este semestre, consegui média entre 8,5 e 10. Eu sou uma aluna bem disciplinada. Sempre fiz as minhas tarefas, nunca deixei de fazer nada que os professores pediam. Sempre fui muito estressada. Gostava de deixar as minhas coisas em dia. Quando um professor pedia um trabalho eu já ficava quebrando a cabeça. Eu sou muito pessimista. Prá mim nada vai dar certo. Não tenho capacidade de fazer nada e os outros me transmitem que eu não sou assim. Eles dizem: tu é uma pessoa inteligente, uma pessoa capacitada, tu és uma pessoa muito forte. Uns dizem que eu fico me fazendo. Eu tento por barreira onde não tem.

Voltando ao ônibus, até hoje a linha na Ibiraguera se mantém, mas entre o despejo de Garopaba e o ganho de Imbituba, nossos pais gastaram muito, porque durante um tempo tivemos que pagar uma linha particular, somando o custo da faculdade e o ônibus.

Então, muito difícil. Agora eu me formei. Apresentei meu TCC em 15 de dezembro. Também fiquei apavorada, muito nervosa, não conseguia dormir. Passei com média 9,7. Foi muito importante, principalmente, porque eu achava que não era capaz. Assim... A nota foi muito boa. Dia 31 de março, agora, vai ser a minha formatura em Ciências Contábeis. Tô bem ansiosa é um momento bem especial.

Que mais... Com a graça de Deus, tudo o que a gente precisa os nossos pais conseguem dar. A gente se dá muito bem, graças a Deus, aqui em casa. Temos brigas, como toda família tem. Eu e o meu irmão somos bem imbirrentos, tamo sempre se pegando... Tirando isso... Nossa família é bem unida, podia ser mais unida, com certeza.

Eh... Graças a Deus, tenho os meus avós vivos. São todos muito especiais prá mim. Meus padrinhos também.

Ah... Outro fato bem importante foi a minha festa de 15 anos. Meu pai me deu esta festa. Foi uma festa muito linda, muito maravilhosa. Tinha muita gente. Foi uma realização prá mim porque eu pude convidar muitos amigos e foi inesquecível.

Com 16 anos eu conheci o meu namorado que mora em Araçatuba. Já namoramos há 6 anos. Passeamos muito. Ele é muito especial. A gente se dá super bem. Ele aceita as minhas opiniões, eu aceito as dele. Também me dou muito bem com a família dele, com os irmãos dele...

Eh... O que mais... O que eu passei...

Ah... Outro acontecimento muito importante é que um casal amigo nosso, levou nós para ser padrinhos da filha deles. A nossa 1ª afilhada, tanto meu quanto do meu namorado. Nós éramos amigos desde criança... Ela é uma pessoa da família. Quando casaram foram morar em Blumenau, agora estão morando de novo em Ibiraguera, que era o sonho deles.

Que mais... Ah... Também tive aos 16 anos uma perda grande na família, a minha bisavó. Ela teve um problema de saúde, teve que amputar o pé. Depois ela faleceu. Ela era muito importante.

R: Que significado tem a tua bisavó na tua vida?

S: Ah, assim como eu falei todos os meus parentes eu amo de paixão, pelo fato de eu me apegar fácil nas pessoas. Prá mim, os parentes são tudo, entende? Ela por ser uma pessoa mais idosa, eu dava muito carinho prá ela. De vez em quando eu ia dormir lá na minha avó. Daí, depois que ela cortou o pezinho a gente tinha mais cuidado com ela... Mais atenção prá ela... A gente dizia: a vó toma cuidado, vó bota uma sandalhinha, vó não faz isso...

Eu sou muito sensível, temerosa... Não gosto de ver mendigo, eu queria que todo mundo fosse igual... Me corta o coração esse outro lado da vida, a pobreza... A gente passou muito trabalho prá estudar, mas isso em vista de tanta coisa que tem nesse mundo, não é nada, né? Pessoas que passam fome, frio, não tem onde morar, tudo... Essas coisas mexem comigo.

Deixa ver se tenho mais alguma coisa prá falar... Deixa eu lembrar...

R: Eu quero saber como a religião interfere na tua vida, já que iniciaste a tua entrevista falando sobre o grupo de jovens, depois o batizado e o fato de falares muito graças a Deus...

S: Eu sou muito... Como eu vou te dizer... Eu vou na igreja... Embora eu não tenha ido mais... Eu digo prá mãe: tá bem que eu tô relaxada ultimamente... Mas não tem uma noite que eu coloque a cabeça no travesseiro sem agradecer a Deus, sem pedir perdão. Eu converso com Deus. Na igreja eu adoro cantar, a música mexe comigo. Assim... Eu não sei como explicar, mas eu me sinto muito bem. Tem as leituras, é tudo muito especial, mas o momento do canto é um momento que me inspira, que me deixa lá em cima. Tanto é que quando eu organizei o grupo de

jovem, o que chamou mais a minha atenção foi à banda do Alto Arroio, de música de igreja... A religião em si é coisa central. Quando eu vou prá cama, eu tenho um monte de livrinhos de espiritualidade perto. Eu leio um verso deles, uma frase e isso faz uma diferença.

R: Quanto à diversão aqui no bairro.

S: Eh... Eu gosto de baile. Quando eu era pequena o meu pai me levava no Bicão, tipo no carnaval à tarde. E quando tinha baile aqui, eu sempre reinava que queria ir. Aí como meu pai ia, às vezes ele me levava. Sempre gostei de dançar qualquer tipo de música. Depois dos 15 anos comecei a sair, como o Bicão tava quebrado, não tava funcionando, eu ia pro Star, no Campo D'Una com as amigas. Como meu pai me protegia demais, a gente ia de ônibus e voltava de táxi. Só saía da danceteria na hora do último sinal de dança. O meu pai me levava em shows. Mas meu pai sempre conversava e tinha medo, eu quase não saía prá fora, com medo de fazer alguma coisa errada e o pai não deixar eu sair mais. Sempre que saía o pai dizia: filha olha a bebida, não sai pra fora do salão. Sempre recomendava, né... Nunca peguei carona, eu sempre tive medo dessas coisas. Eu sempre vinha prá casa com as mesmas amigas e de táxi. Quando comecei a namorar, no dia que a gente ficou, tinha festa na Nova Brasília e ele me convidou para ir. Eu disse, se quiser falar comigo é aqui dentro do salão. O meu pai e ele se dão bem. Agora a gente viaja bastante, vai shows de festa regionais em Santa Catarina junto com outro casal de amigos.

Ah... Eu queria falar outra coisa... Deixa-me lembrar... Ah adoro ir á praia, adoro natureza, sou fascinada por lugar assim. A praia do LUZ foi sempre a que eu frequentei. Com o namorado eu comecei a ir no Ouvidor. Quando eu vou prá serra eu agradeço a Deus por tanta coisa linda e fico me perguntando, tanta coisa linda que Deus deu e tanta violência no mundo. Tanta coisa bonita prá gente desfrutar e agradecer a Deus. Eu adoro ficar lá no costão olhando pro mar... Eu sou muito sensível... Parece que eu tenho uma ligação com estas coisas que Deus deixou prá nós.

R: Tu me falaste das dificuldades de emprego, de continuar a educação, de transporte... Com tudo isto, como é morar em Ibiraguera?

S: Mesmo assim é bom morar aqui, não sei se é a paz será que passa aqui. Eh... Como é que eu vou dizer... Eu gosto de morar aqui. Tanto é que estamos construindo a nossa casa lá perto do vô. O vô deu o terreno. O R. queria morar na Araçatuba, daí um dia o meu vô chegou aqui e disse: morar na Araçatuba, não, pelo amor de Deus. Eu dou um terreno onde vocês quiser prá morar aqui na Ibiraquera. Daí eu chamei o R. escolhemos o terreno. O meu vô é muito certo prá isto. Ele trata os filhos todos igualmente. Tipo se ele dá prá um ele dá para todos. E como ele deu um terreno prá mim, ele chamou o neto mais velho de cada família e deu um terreno para cada um. Daí eu comecei a construir lá, aí o vô ficou todo bobo...Eu disse quando a casa ficar pronta eu vou chamar o vô prá almoçar aqui. Ele disse: junta tudo e almoça tudo junto na casa do vô. O vô é uma pessoa muito boa, o que é dele não é dele. É muito caridoso. Acho que isso é hereditário. O meu pai puxou ele, eu puxei o meu pai... E assim vai. Eu já falei que gosto muito da Ibiraquera, que não vou sair daqui. Gosto de criança e de andar com amigos...

R: Suelen tu falas o quanto gostas da Ibiraquera, então eu gostaria que dissesse para mim qual é tua percepção sobre as mudanças que estão ocorrendo aqui, principalmente em função do turismo?

S: A gente vê, até bem pouco tempo era bem poucas casas. Antigamente a gente saía na rua, brincava de esconder. Ia visitar amigos, sem medo. Antigamente a gente conhecia todo mundo que passava na rua. Hoje tem muito estranho. E querendo ou não isto vai acabando com o teu lugar aos poucos. É desmatando, é esgoto. O que eles querem é construir na beira da lagoa, na beira do mar e não tão nem aí, né? É esgoto prá lagoa, é prá praia. Hoje o nosso lugar tem uma associação, um pessoal, que cuida deste estrago. A nossa região é uma região privilegiada porque é cercada pela lagoa e o mar... É tudo lindo, mais se nós não cuidar, não sei... Todo ano varia muito a quantidade de gente que chega. É muita gente que chega. É pousada, e o próprio pessoal aluga suas próprias casas, principalmente e época de reveiõn. Cada ano ta vindo mais gente, a mata vai sendo mais descoberta, aparece mais casas. Basta olhar para os morros, ta tudo cheio de casa. Claro que prá nós que temos mercado isto também é bom. Mas se a gente pensar, por outro lado não é bom, porque o nosso lugar vai perdendo a segurança que tinha, a calma que tinha. A gente compara com um Florianópolis da vida: é

morte, é assalto... O nosso lugar já tá acontecendo. Houve um seqüestro o ano passado de uma colega nossa. Uma coisa que a gente nunca imaginou que pudesse acontecer aqui. Imagina, um seqüestro. Ela tava trabalhando numa casa, pegaram ela, por sorte ela não morreu. Outro dia mataram um lá no Rosa. Eles abrem umas casas que gente normal não vai. Aquilo parece coisa do diabo, sei lá. Tá sendo tudo muito explorado. Tá aumentando muito o numero de habitantes aqui na Ibiraquera. Eu não gosto mais de ir na praia do Rosa, lá é de gente, hoje, que faz parte de outro mundo, né? O turismo, como eu tava dizendo, seria bom se só viesse gente boa, mas como a gente sabe, com o turismo também traz gente ruim, bandidos que vem se esconder aqui. Então eu vejo que tanto pode ser bom como pode não ser. Tem o seu lado bom é o seu lado ruim.

R: Muito bem Suelen, agora eu gostaria que tu me mostrasses cantinhos de sua casa que você gosta muito. Depois do seu pátio e por ultimo da comunidade, dizendo o porque destes lugares, tá ok?

S: É difícil dizer, escolher um lugar na casa. A cozinha é muito boa por que aqui eu fico bastante tempo conversando com meus pais. Gosto de assistir TV aqui na cozinha por que não fico sozinha. Junto com a cozinha tem a sala onde a gente recebe as pessoas. Fica tudo junto. Também gosto do meu quarto. Ele é o meu canto por que posso fazer o que quero: dormir, ouvir música e ler.

S: Em volta de casa... Eu quase não vou no pátio de casa. Eu fico dentro de casa ou no mercado. Acho que é o mercado o lugar de fora de casa. É ele nossa fonte de renda, um ponto de contato e de comunicação com as pessoas da comunidade.

S: Na Ibiraquera é a praia do Luz. Lá tá a minha pedra no costão. O significado é a infinitude, sensação de infinito de paz. Quando eu preciso disso é prá lá que eu vou.

R: Então vamos até lá conhecer o teu canto de paz.

R: Obrigada pelas informações. Abraço. Despedida

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Francisco Irineu Gonçalves

Apelido: Chico Irineu

Idade: 82 anos

Data de nascimento: 27/11/23

Estado civil: casado

Profissão: aposentado

Local da entrevista: domicílio

Data: 02/04/06

Horário: das 14:00 as 16:30h

Tempo: 2h e 30'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 07/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

3ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Boa tarde seu Chico, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir com o senhor um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: Seu Chico a partir de agora o senhor vai relatar a sua história de vida desde o dia que nasceu até hoje.

F: Vou começa pela minha mãe... Ela foi ganha eu fazia sete meses. Ela adoeceu e ganhou eu fora do tempo... Foi fora do tempo, mas as mulhé que ajudavam ela colocaram eu num breco (berço) e me deixaram por 3 dia. Tive 3 dia no breço... E, quando fazia 3 dia, fram vê se eu tava vivo. Então foram me arrumá, vesti a roupinha e desse dia pra cá foi cuidando e eu to aqui hoje... Foi um milagre de Deus.

R: Elas achavam que o senhor não ia sobreviver.

F: É, elas diziam: este não se cria... Então quando fez 3 dia foram vê se eu tava vivo... Foi a graça de Deus... Isto é um dom... Eu acho que tenho um dom comigo só não sei o que é. Aí eu me criei, mas a mãe tinha 12 filho. Eles me tinham como o mais melindroso porque eu nasci fora do tempo... Elas cuidavam muito de mim... A mãe tinha muito amor por mim... Ela tinha 12 filho e ela dizia: eu gosto de todos os 12 meus filhos, mas o que eu adoro mais é o Chico. Ela dizia prá mim e pros outros irmão.

R: O senhor é o mais velho?

F: Não, era um lote antes de mim. Eu sou o 8º e já grandinho eu cuidava dos animal, quando eu podia tirava o leite da vaca de manhã... Aí com 8 ano eles botaram eu na escola. Vinha da escola jantava, naquela tempo se dizia jantá pro almoço. Então jantava e ia prá roça. A gente chegava com o sol baixo e eu vinha botá comida pros animal e cortá lenha pro fogão a lenha... E de noite... ia prá lagoa pescá se queria, se não queria ia descansá. De primeiro era assim, ia prá escola e quando chegava ia prá roça... Não tinha venda, não tinha nada... Era na roça, ou pescá ou descansá. Se divertia, brincava com os colega de laçá cabrito, cada um tinha sua cordinha num lote de 5 ou 6 rapaze e ia brincá. Brincá de bandeira no pasto do falecido Joaquim todo domingo à tarde. E depois que a gente foi ficando mocinho tinha as domingueira que começava às 2 da tarde e terminava uma 6 hora. O baile era mais pouco. E aí a gente se virou desse jeito. Os mais novo respeitava os mais velho. Quando se passava por alguém de maior idade tinha que beijar a mão.

R: Era a benção?

F: Era, era. Se encontrava uma pessoa idosa, podia ser preto, podia ser branco... Era de mais idade, cumprimentava e beijava a mão. Hoje em dia é tudo diferente. E depois eu me casei com 27 ano, já tinha a minha casinha e fui morá lá.

R: O senhor construiu sua casinha antes.

F: É, é. Eu tinha a minha casa e o meu terreninho.

R: Foi o senhor que comprou?

F: Eu comprei o meu terreninho com o meu suor, trabalhando na casa do meu pai, trabalhando mais ele, ganhei o dinheiro que comprei a minha terrinha e a casinha. Depois escangalhei esta casinha e construí uma nova. Aí comecei no trabalho da roça. Só trabalhei na roça. Nunca saí prá banda nenhuma. E... Aí... Me casei... Sou pai de 11 filho... 10 vivo e um morto. E... Aí criei os meus 10 filho. O que eu mandava eles faze, eles faziam. Só mandava faze o que eles podiam. O que eles

não podiam eu também não mandava. Eles faziam o serviço... Eu com a graça de Deus, a minha família foram muito bem educado enquanto tavam no meu poder. Eles trabalhavam na roça. Quando tinha farinha ele carregavam a água prá eu faze tapioca. Cuida do gado. Eles foram pra escola. E eles foram casando... Graças a Deus casei todos eles. Cada um hoje em dia ta no seu rumo. Eu fiquei velho, trabalhando... A mulhé passou muito sacrifício, lavava ali no rio. Trazia as criança no colo. Às vezes eu vinha e trazia um comigo. Eu tive uma vida muito trabalhada, mas graças a Deus, Deus foi bom. Quem sou eu? Quem sou eu? Prá ter o que tenho hoje, foi Deus que me ajudou. Porque tudo tem as suas casinha, seus terreninho, mas coisas que os pais deixaram pros filho. Agora tendo o que tenho foi ganhado com o meu suor. Quando eu comprei esta morada as pessoa na venda diziam que eu não conseguia pagar os 6 milhão, é muita coisa. Mas Deus me ajudou e que o meu sacrifício dentro de 1 ano eu paguei tudo. Agradeço a Deus porque ele me ajudou muito. Daí comprei esta morada aqui e passei de lá pra cá. To feliz, muito feliz. Se há gente feliz no mundo, se sô muito feliz. Se eu puder ajuda o próximo, eu ajudo. Eu conheci um de Porto Alegre que andava de casa em casa sem condição, tinha 4 filho, então eu peguei e disse prá mulhé: eu vo faze uma pessoa feliz. Eu vo dar um lote de terra. Eu to vivo, tu ta viva, eu vo dá porque quem manda no que é meu sou eu. Aí fomo lá e demo um lotinho pro rapaz. Eles disseram: oh seu Chico não temos resposta pra lhe dizê... Quando chego de noite ele veio aqui pergunta se era verdade o lote. Fui no cartório passei pro nome dele. Hoje ele é feliz. Ele diz: é seu Chico eu vivia de casa em casa, não tinha como pagá o aluguel, hoje tenho 2 casinha. Eu tenho o senhor como meu padrinho. Eu ajudei outros também...

R: O senhor ainda tem muita terra?

F: Ainda tenho uma terrinha sim. Já vendi muito lote. Ainda tenho outros pra vendê.

R: As suas terras ocupam que distância?

F: Daqui da lagoa, passa pelo Rosa e vai até o banhado lá atrás. Nos lote que vendi tem muita casa de gente de Florianópolis, Porto Alegre. Outros compraram e ainda não fizeram casa.

R: Porque da venda dos lotes, seu Chico?

F: Pra que? Prá aproveita mais a minha vida. Eu to velho né, e prá adquirir e só deixá não dá né?

R: E como o senhor tem aproveitado?

F: Eu saio ás vez nos divertimento mais a velha. Agora já to mais de 6 mês parado, mais eu gosto de dançá um bailinho, gosto de ir numa festinha. Eu não só de venda. É do meu trabalho pra casa.

R: Onde o senhor vai dançar?

F: Os bailes... Eu vo lá na Garopaba, no Alto Arroio, na Araçatuba, lá na Grama...

R: E vai com a sua esposa...

F: Não, a não ir sem a minha velha... Sem a minha velha eu não saio pra divertimento nenhum. Se ela não vai eu não vo. Se dá prá ela ir a gente vai.

R: E como o senhor vai prá estes bailes?

F: Como eu vo? Ah, eu vo ás vez... Um neto me leva, ás vez um genro. Tenho um carrinho, eles me levam depois vão me pegá. É assim...

R: Na conquista de seus bens seu pai ajudou?

F: Não, do meu pai eu herdei 40 mil réis. Ganhei do meu pai como herança 40 mil réis. As terra foi com suor do braço. Trabalhando e comprando. Tudo o que tenho foi trabalhado como meu braço. Deus me ajudo. Deu tudo certo. Teve uma terra dessa que passo pelo uso capeão...

R: O senhor trabalhou com roça e na pesca. Fale um pouco mais sobre isto.

F: Na roça se plantava mandioca. Perto de casa, no quintal, como se fala, se plantava um milhinho. Toda casa tinha um quintal. Na pesca... Ah a pesca não é como era antes. Antes a qualquer hora que se ia na lagoa de canoa, de tarrafa e pela costa sempre se pescava um peixinho bom... Tudo que tinha no mar tinha na lagoa. Badejo, garopa, linguado que não tem mais, a carapeva que hoje ainda tem, mas não tem o mesmo tamanho. Hoje quando alguém pega um peixinho desses fica conversado na redondeza.

R: Como o senhor que acabaram estes peixes?

F: Um pouco é porque o pessoal não respeita a abrigão da barra e aí tem a poluição na lagoa. A coisa hoje ta muito diferente.

R: Tá muito diferente como?

F: É essas fossas, essas coisa que eles jogam prá lagoa. Vê, agora vem essa pesca de camarão, esses poço que também acaba com a lagoa, né? Eles jogam a água prá lagoa e a criação da lagoa acaba tudo. Fica aquela água parada lá, depois eles botam aquela comida e depois, chega um tempo, eles esgotam aquela água na lagoa. Eles tem uma coisa (motor) pra tira e bota de volta a água na lagoa. Mata a nossa criação. Não dá mais nada. Ficaram parado um tempo e melhora. Mais não é como era antes.

R: E da falta de respeito que o senhor falou antes...

F: Não respeitam a abrigão da barra, não deixam o peixe entrá. No meu tempo tinha respeito, abria a barra, ninguém tarrafeava. Mais também era pouca gente né? Agora o povo é demais. Tá tudo muito, muito diferente. O peixe entrava e subia, vinha até a lagoa de cima, se espalhava por toda lagoa.

R: E na roça como se fazia para o plantio?

F: Na quaresma se virava uma roça e deixava a terra e em agosto batia aquela terra prá planta. Na terra que tinha vassoura, a gente capinava e plantava. Depois

veio o arado. Era tudo feito na mão. Primeiro teve o riscador, depois veio o arado. Não era qualquer que tinha arado.

R: E nos lugares onde tinha mata?

F: A gente tirava aquele mato, tirava a lenha pro fogão e prá farinha. A gente fazia aquela serrapilheira (monte) do mato. Era no machado e na enxada, picava aquela malha. Aquilo ia morrendo... Depois limpava a terra.

R: O senhor conhece alguma árvore da mata que era derrubada e que não existe mais?

F: O que eu conheço é árvore dos arvoredo. O eucalipo, a laranjeira, abacateiro, caneleira. Hoje porque a gente planta, né?

R: As árvores que estão em volta de sua casa...

F: São de fruto pra consumo. A gente não vendia. O cafezeiro o pessoal já boto tudo no chão. Tem uns abacateiro, anoizeiro e outras plantas que eu não sei o nome. As planta também serviam prá corta o vento.

R: Me conta sobre a farinha.

F: Na época da farinha a gente ia prá roça, puxava no carro de boi, raspava a mandioca, cevava com o boi no engenho, colocava no coxo, ia pro forno, saía à farinha.

R: Isto precisava de muita gente?

F: Precisava sim. Na roça bastava 2 pessoa. Tinha os vizinho e a família que fazia cerão de raspa a mandioca. No sábado trazia a mandioca e no domingo no entra do sol, botava tudo ali. Nesse serviço era tudo igual: a mulhé e as crianças ajudavam. Tudo que pudesse trabalha naquele serviço, já trabalhava.

R: Do lado de sua casa ainda tem engenho, o senhor ainda faz farinha?

F: Faço, todo ano faço farinha. Com a graça de Deus. A família vem me ajuda. Agora o engenho é a força e é muito mais rápido. Agora eu não faço prá vende. Em 6 dia eu faço tudo. A farinhada é uma vez por ano.

R: O senhor faz farinha porque gosta?

F: É porque eu gosto... Gosto de trabalha. O serviço prá mim é uma alegria. Distrai a pessoa. Eu gosto muito de trabalha.

R: Quando o senhor casou não morava nesta casa. Me conta sobre da sua morada antiga até aqui.

F: Morei em roda do Bicão, ainda tem umas taquara lá. Depois, me casei e fui morá na baixadinha onde tem um cedrinho no meio do terreno. Depois eu vendi. Eu queria comprá esta terra, mas não, não tinha condição. Peguei a pensa, me enchi de coragem e comprei e por volta de 1 ano paguei tudo. Então passei a minha casa de engenho pra cá. Fiz uma casinha de madeira. Quando ela ficou meio estragada dei uma reforma. Agora o ano passado vendi a casa pra construí esta daqui. Essa casa eu diminui 2 metro. Moro nessa morada a uns 36 ano.

R: O senhor deixou alguma marca onde morou?

F: A marca que eu deixei foi 2 eucalipo que eu plantei.

R: E aqui tem algo que o senhor tem como marca além de sua casa?

F: Tem, tem... Tudo aqui fui eu que fiz. O primeiro fruto que eu plantei aqui foi 3 laranjeira, ainda tá ali. Comprei a laranja, chupei a laranja e plantei a semente e fiz a muda. Elas tavam plantada lá na antiga morada. Mas quando eu vim, eu arranquei com cuidado, mais arranquei com dó. Eu pensava: eu vo arrancá estas laranjeira, tão bonitinha, mais de certo não vai prestá. Fiz um buraco bem grande num circulo ao redor, amarrei numa corda e trouxe de arrasto e plantei ali. Tive tão boa sorte que elas pegaram e todas as 3 tão ali. Este ano ainda deu laranja. Eu

gosto de planta as sementes que me dão. A mulhé gosta de flor, eu gosto de árvore.

R: O senhor tá falando de diferenças de gosto e quanto à divisão de trabalho, como é?

F: Ah, a mulhé quando não tinha família era cuidá da casa e ajuda o marido na roça. E quando ela tinha família pra cuidá dos filho pequeno, daí ela levava o café na roça e voltava prá cuidá das criança. Quando os filho tavam grande, iam prá roça e a mãe ficava prá cuidá da casa. Se não desse de vim em casa prá almoça, um filho vinha pegá a bóia. Cada um tinha o seu dia. O meio dia ninguém vinha em casa. Era longe. Era tudo caminho de areia que até saía à sola do pé. Andava descalço. Se tinha que voltá o meio dia tinha que traze um tamanco por causa da areia quente. Hoje é uma maravilha. O pessoal de hoje não sabe levá a vida.

R: O senhor que já viveu mais de 80 anos, tanta luta, tanto trabalho, o que acha que falta na Ibiraguera para os jovens?

F: E serviço né? Uma indústria... Se viesse um firma. Eles querem trabalha, mas não tem nada.

R: E na comunidade...

F: Eu gosto de ajudá, na igreja eles chegam a me chama de mão aberta. Se eu digo não é porque não tenho mesmo. Se eu não ajudo eu fico até doente, não consigo comer, prá fala a verdade eu gosto de servi de coração.

R: Ainda tem mais alguma coisa muito importante de sua vida que o senhor queira falar pra mim?

F: Tenho boas amizades tanto aqui no meu chão e fora. Tenho satisfação quando as pessoa de fora me ligam. Eles não me esquecem. Tenho muito amigo em Porto Alegre, nunca fui em Porto Alegre. Tenho muito prazer, alegria quando eles vêm na minha casa.

R: Bem seu Chico, agora eu gostaria que o senhor me indicasse um lugarzinho de sua casa que se sinta bem.

F: A mulhé que deu o dado da casa, eu gosto de tudo, talvez se fosse eu que desse o plano fosse diferente. Eu gosto de fazê o gosto da mulhé.

R: Então já que o senhor gosta de faze o gosto da mulhé e se satisfaz com isto, há algum cantinho que o senhor se sente bem?

F: O canto que eu me sinto bem, me sinto em paz é na minha mesa. É lá que recebo os meus amigo, a minha família. Porque a mesa ficou prá ser respeitada e eu adoro tá na minha mesa.

F: Também gosto daquele quadro que o Roberto me deu no aniversário e do lado é o meu diploma de agricultor. Todo quadro da casa é ganhado. Cada um tem uma história.

R: No dia em que estive aqui para convidá-lo para a pesquisa, o senhor me falou que queria mostrar-me umas medalhas e o seus cadernos de escola...

F: A sim, isto eu guardo com muito orgulho. A medalha eu ganhei do Presidente Figueiredo pela produção. Foi uma pesquisa que é realizada de 10 em 10 ano. A outra foi do prefeito Osnizinho. Aqui na Ibiraquera só eu ganhei esta medalha que eu saiba. Esta é uma grande recordação. Quem sou eu pra ser recordado pelo presidente? Eu tenho muito orgulho disso. Eu guardo numa caixinha, dentro armário porque pode chegá uma criança e pega e perde.

F: Da escola eu tenho a lousa, o caderno que era feito à mão com linha e folha de papel de embrulha açúcar grosso e as cartilha (1933 e 1938). Tenho isso desde os 8 ano de idade. Teve uma pesquisadora aqui e fotografô tudo. Ela ganhou um prêmio em Portugal por causa desses objeto. Eu sou conhecido até fora do Brasil. Meu nome tá em tudo quanto é lugar.

R: O que o senhor lembra quando abre este saco?

F: Eu lembro da minha escola. Das brigas e das brincadeiras nos caminhos. A gente escrevia com tinteiro, tina e pena. O caderno feito de papel de embrulhá pão e açúcar. Era muito sacrifício. Era longe, ia de pé no chão (descalço). (pausa)

R: Ao redor de sua casa, no pátio tem algum lugar que o senhor goste bastante e porque? (risadas)

F: É a roça. Porque é onde eu trabalho e onde vem o meu sustento.

R: Agora é algo maior, dentro do bairro, tem algum lugar especial pro senhor e porque?

F: Ah, já te digo, é na igreja. Porque eu vejo os meus amigo e prá adora o Filho de Deus que ta lá. Lá tem os santo, o meu de devoção é a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da Ibiraquera e dos pescadores.

Café da tarde. Despedidas.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Leonardo Henrique Cardoso

Apelido: Nado

Idade: 19 anos

Data de nascimento: 22/01/87

Estado civil: solteiro

Profissão: trabalhador informal

Local da entrevista: domicílio

Data: 01/04/06

Horário: das 15:20 as 17:00h

Tempo: 1h e 40'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 07/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

4ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Oi Leonardo, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir contigo um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: A partir deste momento o Leonardo vai nos contar a história de sua vida e a sua relação com o lugar de Ibiraquera. Onde nasceu, como vive, onde mora e o que faz na vida.

L: Meu nome é Leonardo Henrique Cardoso, nasci aqui no Hospital da cidade de Imbituba, hospital São Camilo. Fui criado aqui desde pequenininho, nunca saí daqui. Quando eu era criança não peguei a época do meu avô que... Que roçava, acordava cedo, meia noite, 1 hora da manhã prá ir roçar. Na minha idade é tudo diferente, eu brinco no computador, joguei vídeo game... A única coisa que faço como ele é pescar, eu adoro pescar na lagoa. Pesco bastante. Trabalho no pesado. Estudo de noite. Estudava de dia. Acabei de me formar... E...

R: Das histórias que o teu avô conta o que é bem diferente da tua. Tu dizes assim a minha vida é bem diferente. Eu brinco no computador...

L: Eu jogo bola, antigamente eles tinham que trabalhar.

R: Que significado tem isto para ti? Naquele tempo era melhor?

L: Naquele tempo melhor não era porque era trabalho pesado mais era mais tranqüilo, era mais saudável a vida...

R: Porque era mais saudável?

L: Ah... Porque hoje se fuma cigarro, tem a poluição. Não é mais a natureza de antes. Antes era mais saudável, eles trabalhavam, não tinha carro, não tinha nada, não tinha televisão, não tinha luz... Era na pomboca. Hoje não, hoje é tudo mais fácil, né? Tem televisão, tem som, tem luz... A gente não precisa acordar meia noite pra ir trabalhar na roça. A gente trabalha mais não é como antigamente.

R: Leonardo tu me falas que o teu avô trabalhava no pesado, acordava muito cedo. Mais tu me falas que hoje tu ainda trabalhas no pesado...

L: É mais não se compara com o meu avô, eu não peguei nem a metade do trabalho dele.

R: Deixe ver se eu entendo. Naquele tempo eles precisavam trabalhar no pesado pra poder sobreviver, pra ter o que comer, o que vestir, onde morar... Tu hoje trabalhas no pesado para isto também?

L: Ah, hoje também é pra isto. Prá sobreviver não, porque a minha mãe me ajuda. Trabalho prá sair, comprar as minhas roupas. Pra comprar coisas pra mim, né?

R: Falta emprego na Ibiraguera, então?

L: Falta emprego...

R: Que tipo de emprego poderia existir na Ibiraguera?

L: Emprego em turismo, pousada... Como guia turístico... Coisa assim...

R: Mas o turismo já existe aqui na Ibiraguera.

L: Mais é muita gente pra pouco emprego. O único emprego que tem aqui é o turismo.

R: A indústria do turismo é tocada por gente daqui?

L: Ah, por gente de fora. As pousadas são de pessoas de fora. É tudo de fora.

R: Então tu estás me falando do turismo como fonte empregatícia para as pessoas de Ibiraquera, né? Aí eu estou aqui contigo, em frente a essa janela vendo um monte de terra que acredito são de pessoas daqui, to certa?

L: Daqui olhando pro Rosa. Lá no Rosa já é tudo de gaúcho. Bem pouco de gente daqui tem terra no Rosa. 3 ou 4 pessoas ainda tem terra no Rosa.

R: Deixa entender: vem um monte de gente de fora usufruir das maravilhas deste lugar e vocês continuam trabalhando no pesado, com dificuldades de se empregar... Como o pessoal daqui poderia ter autonomia nos negócios de turismo? Tu já pensaste nisto?

L: Porque o pessoal daqui ainda tem um ponto de vista inocente, porque o pessoal da uma migalha e engana o pessoal daqui. Porque o que eles oferecem parece que é muito dinheiro. Uma pessoa de minha família trocou uma metade do morro do Rosa que tinha lá perto da lagoinha por uma vaca e um fusca. Hoje em dia aquilo vale um dinheirão, vale mais de 1 milhão de reais.

R: E ele não conseguiu viver com aquilo que vendeu...

L: É naquele tempo não tinha valor, agora tem muito valor.

R: E como hoje vocês dão valor a isto que têm?

L: Hoje o que se tem não se dá de graça pro pessoal de fora, não é mais como antigamente. Hoje em dia não é assim. (pausa)

R: Leonardo vamos voltar a sua infância. Disseste que foste criado no computador, mas existiam outras brincadeiras?

L: Sim, a gente brincava de bola, na lagoa com a bola, pescava, pegar a canoa e tomar banho... Brincava de esconder aqui na rua... A mãe brigava, não gostava porque podia quebrar as plantas dela... Era muito legal aquela época, de bola de gude na caminho do vô, de esconder dentro da mandioca.

R: Que mais gostarias de falar?

L: Eu estudava aqui na Ibiraguera até a 8ª série. O 2º grau eu fiz na Araçatuba e parei de estudar porque não tenho condições. Porque prá estudar tem que ir pra Florianópolis, Criciúma, eu não tenho condições.

R: Como te sente nesta situação?

L: Isto me deixa triste porque estudar eu queria. Eu queria continuar os meus estudos, porque sem estudo não se é nada na vida, né? Isto é uma coisa que eu penso. Porque se eu não estudar, ficar aqui parado, não vou ser nada, nunca vou ter um emprego... Não vou ser nada na vida.

R: Tu dizes que gostas de pescar.

L: É uma das coisas que mais gosto.

R: Pescador é uma das profissões bem comuns aqui da Ibiraguera. Tu gostarias desta profissão?

L: Não. Viver de pescaria não. Eu gosto de pescar mais pescar é uma coisa que não vai prá frente... Eu queria ter era um estudo... Me formar em alguma coisa. Pescar não é meu objetivo na vida.

R: Bem tu estás falando da dificuldade de estudar, de emprego, da situação econômica da família...

L: A situação econômica da família dá prá viver, não dá prá pagar uma faculdade.

R: Apesar destas dificuldades tem coisas boas no bairro?

L: Tem, tem a praia que dá prá se divertir, dá prá surfar, dá prá tomar banho. Tem a própria lagoa que dá prá pescar...

R: A nível de diversão o que mais o bairro oferece?

L: Jogar bola no campo do Juventus... Eu gosto de jogar bola, não nos fins de semana, mas uma peladinha com os amigos. Jogar bola no Bicão. Pra dançar tem o Bicão, tem o Star.

R: Falta mais alguma coisa?

L: Ah falta um shopping que não tem aqui. Coisas da cidade, lugar prá gente estudar. Lojas que aqui não tem, né?

R: Tu imaginas a Ibirapuera com shopping center?

L: É muito difícil imaginar, só se vê mato, né? Mato, casas e pousadas.

R: O que sentes ao ver todo este mato?

L: A natureza é bom... Só que eu prefiro mais a cidade. A única coisa que eu não gosto na cidade é a poluição, o resto é bem melhor que aqui, né?

R: Tu sonha em ver a Ibirapuera cheia de atração?

L: Sonho, sonho em ver ela asfaltada, de ver um monte de coisas, shopping, lojas, como eu falei.

R: Me parece que é justamente a falta destas coisas que atraem o turista, concorda?

L: Concordo, esta calma, a natureza, as praias... (pausa)

R: Como é o teu trabalho?

L: Eu trabalho no banhado, nas terras da minha madrinha. Eu to roçando prá ela. Eu to roçando o mato porque o gado entra lá dentro e fica atolado. Quando eu não to trabalhando assim... Eu ajudo o vô a fazer cerca, essas coisas assim... Quando eu arrumo um bico com um e outro, servente de pedreiro que aqui também tem com meu tio. É tudo temporário, nada fixo.

R: Como é isto pra ti?

L: Isto me dá insegurança, porque eu não posso adquirir nada prá mim... Eu não posso comprar nada...Eu não posso estudar com isto. Se estes empregos ainda me dessem alguma condição, dava até de eu estudar, mas não dá.

R: Me fale de pontos da Ibiraquera que tu gostas de estar.

L: Na praia do Luz, na do Ouvidor. A lagoa aqui atrás. É bem perto de casa. É só abrir a janela e olhar. Eu não enjoô desta paisagem. È linda. Eu não sou muito de sair, sou caseiro.

R: Tem algo de tua infância que ainda queres falar?

L: Eu acho interessante são as histórias que a minha vó conta. A vó fala que antigamente aqui tinha lobisomem, essas coisas... Nessas coisas eu não acredito nem desacredito, né? Eu nunca vi mais dizem que existe.

R: Tu estás falando de um personagem do folclore, tem mais alguma tradição daqui que conheces?

L: Tem a brincadeira de boi de mamão, hoje já não se faz mais. Há 2 ou 3 anos tinha bastante. A bandeira do Divino acontece até hoje, vem direto nas casas.

R: A bandeira do Divino faz parte da tradição religiosa daqui não é? Participas de mais alguma tradição religiosa?

L: Participo do livrinho mais na igreja eu não vou muito.

R: Bem das tradições e do folclore falaste algumas, tem mais alguma?

L: Tem mais uma que é proibida que é farra do boi. Aqui tem bastante. A polícia fica vigiando, mas o pessoal dá o jeito, solta o boi dentro do que é dos outros e saem acabando tudo. Uma coisa que eu acho errada. Mas o pessoal faz direto. Eles já compram o boi 2 ou 3 meses antes da Páscoa. Há uns 2 ou 3 anos soltaram um aqui nas terra do vô, não tem, acabou com a mandioca. Eu acho errado. Eles avacalham mesmo. A farra do boi é isso. É maltratar o boi e acabar com o que é dos outros. Brigar com eles não adianta porque o pessoal não ouve. Eu acho que se fizesse um mangueirão e brincasse com o boi sem machucar seria bom. O boi não se machucava e não haveria destruição do que é dos outros.

R: Falando em animais, tem algum que a tua família lembra e que já não existe por aqui?

L: O peixe da lagoa antigamente era bem maior, tipo o cará. Hoje o cará da lagoa é pequeninho. Meu avo fala que antes em 1 hora se pegava um balaio de peixe grande. Hoje tu fica a tarde toda na lagoa pra pegar 4 peixes.

R: Além do cará tinham outros bichos?

L: Não sei, só se lobisomem, diz o pessoal que existia... (risadas)

R: Vocês moram todos perto do avô e tios, o que fazem juntos?

L: A farinha, todo mundo ajuda o vô. Eu raspo mandioca. Vem amigos ajudar que o vô paga com farinha. Outros ajudam prá depois ser ajudados. O pessoal antigo é solidário. Os de hoje não. O pessoal passava na rua todo mundo cumprimentava, hoje tu sai na rua, dá oi, e nem olham pra tua cara. É assim.

R: Isto te incomoda?

L: Incomoda sim, fico sem jeito. Passo, olho prá pessoa, dou oi, ele nem me olha, é ruim.

R: É bom morar perto da família?

L: É bom em parte. É bom porque a gente empresta as coisas, o leite, à banana. Mais é ruim por causa da fofoca. Morar perto é ruim quando se fala da vida do outro.

R: Tem mais alguma coisa que gostarias de falar?

L: Tem, antigamente se dormia com a janela aberta. Até meus 7 ou 8 anos era possível. Dormir de janela aberta, hoje não. Eles levam a televisão, telefone, tudo. Eles roubam. Não dá pra confiar.

R: Porque se foi perdendo esta confiança?

L: Boa parte por causa do turismo. O pessoal de fora vem. Vem gente boa mais também vem gente ruim. Vem bandido, vem traficante... E o pessoal daqui é gente boa. Nunca ninguém roubou o outro. Nesta parte antigamente era bem melhor. Era mais calmo. Era tranquilo. Tem muita gente estranha aqui.

R: Leonardo agora eu gostaria que tu mostrasse pra mim um lugar de dentro de tua casa onde te sintas bem ou que tu gostes mais.

L: É... É o quarto da mãe. Porque eu gosto de ver televisão deitado na cama ou no colchão. Pego o meu prato de pirão de água e peixe frito e como lá. Jogo vídeo game. A minha mãe diz que eu sou criança com 19 anos. Lá tem o cheiro da mãe. Tem o colchão e o travesseiro que eu carrego pra ficar no meio das camas.

R: No entorno, no pátio da tua casa, tem algum cantinho especial?

L: Em volta de casa tem um barranco que desce pra lagoa. Eu gosto de ficar lá em baixo onde tem poço artesanal da água pra olhar a lagoa. Espiá o peixe. Eu acho bonito o visual. A paisagem. Lá os passarinhos cantam. Tem o sabiá. Tem o canhandu.

R: No bairro qual o lugar especial?

L: A lagoa porque é lugar que eu pesco o peixe que eu quero comer. Tenho medo de perder ela por causa da poluição trazida com o criame de camarão. Isto me preocupa porque acaba com a lagoa.

R: Como a comunidade poderia fazer pra preservar este espaço?

L: A comunidade tá se organizando com a Agenda 21. Mais parece que mesmo eles tão voltando com o criame de novo. Isto trás muita poluição. Quando eles soltam a água, a lagoa fica suja, a areia parece barro, a carne do peixe fica com gosto diferente que não dá pra comer. Dá alergia nas pessoas que tomam banho. A lagoa fica com cheiro forte, não dá prá parar. O cheiro é diferente daquele do lodo quando a barra abre e a lagoa seca. Isto é natural. Não é bom mais é natural.

Parada para o café com a família de Leonardo. Despedidas e agradecimento.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Manoel Idalino Carvalho

Idade: 75 anos

Data de nascimento: 10/09/30

Estado civil: casado

Profissão: aposentado

Local da entrevista: domicílio

Data: 12/04/06

Horário: das 15:15 as 17:30h

Tempo: 2h e 15'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa.

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

5ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

*R: Seu Manoel antes de nós começarmos a conversar eu gostaria de ler e discutir contigo um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor.
(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)*

R: Podemos começar seu Manoel...

M: Olha a minha vida, eu vou começá a contá a vida da Ibiraquera de 60 anos atrás... Eu já tinha 15 anos e conhecia muito bem ela... Daquele tempo até hoje melhorou em quase tudo, algumas coisas ficou mais ruim do que hoje, mais... Melhorou o jeito do curso de vida, o transporte... A Ibiraquera há 60 anos atrás era isolada, não tinha acesso prá sair dela a não ser de pé, ou pelo mar. Eu conheci quando foi inaugurada a 1ª estrada de chão de Imbituba prá Florianópolis. Antes o transporte da Ibiraquera era pelo mar. Médico aqui ninguém conhecia... Falava nele porque só tinha um em Laguna, Dr Paulo Carneiro, o único médico que existia... Mas nem tinha condição, porque você sair daqui prá Laguna tinha que sair de noite, de madrugada, prá ir pegar um trem em Imbituba às 5 horas da manhã... E esse doente se fosse preciso ir pro hospital tinha que ter 7 vida prá ir de carro de boi até Imbituba. Depois foi melhorando e saiu a estrada de Araçatuba, depois em 70, saiu a de Ibiraquera e daí melhorou. Tem coisas que naquele tempo era melhor: sobre a vivência das pessoa, o ensinamento das pessoa... O sossego por causa dos ladrões... Naquele tempo não tinha bandido...

R: Era calmo...

M: Era calmo, mas apareceu outras coisas boas... Que apareceram, que naquele tempo existia muita dificuldade. (silêncio) Já vou começá... Não tinha energia elétrica, era iluminado com luz de querosene. Não tinha acesso de comunicação, de nada, se houvesse qualquer uma novidade, já não digo mais... Em Laguna, passava por lá e aqui não chegava... Eu lembro que não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha nada disso, então era uma dificuldade prá gente viver... Daí prá ir prá Imbituba era pela praia de pé. Isso era o jeito de como eu conheci a Ibiraquera. Agora eu vou passá dessa coisa pro serviço. O pessoal daqui, eu e todo mundo, vivia da pesca e da lavoura... Com muita dificuldade. Hoje e Ibiraquera mudou muito... Porque antes o pessoal saía daqui para trabalhá em Porto alegre e hoje vem o pessoal de Porto alegre trabalhá aqui.

R: Inverteu.

M: Então, o que tu quer saber mais do passado?

R: Da sua infância, juventude...

M: Quando eu me criei... Era o seguinte... A namorada... A gente só via no fim de semana quando ia um baile ou nos domingo que se encontrava na casa do vizinho. (risadas) A vida daquele tempo era assim: o baile era em casas particulares, se tinha uma casa que cabia 30 a 40 pessoa, ali dava de fazer um baile. Então a nossa vida daquele tempo era, você trabalhava... Quando eu me criei era trabalhado de 2ª a sábado... Então a juventude naquele tempo só tinha folga nos domingos, ainda tinha folga nos domingos dessa maneira... Naquele tempo a família era subordinada aos pais... O filho saía, mas os pais dizia: em tali hora tu vem prá arrumá, botá ração pro gado e tinha que vim naquela hora certa porque senão...

R: Senão...

M: (risadas)... Era assim... Eu graças a Deus, não é me gabando, nunca apanhei do meu pai. Os pais daquele tempo não precisava bater, pros filhos ter medo dele, era só olhá. Se nós tivesse os dois conversando aqui e eu tivesse um filhinho pequeno,

daquele sofá ele não passava... Dali ele voltava... Se ele quisesse alguma coisa, ele pedia prá mãe e a mãe vinha falar com o pai...

R: Como se estabelecia esta disciplina do olhar?

M: Porque a criança é muito esperta, a gente acha que não é, mas a criança tem uma memória muito forte. As crianças daquele tempo servia de espelho prá outra, porque eles conversava lá fora: o meu pai não deixa fazer isto, outro pai também não deixa, e por aquilo eles aprendiam e não fazia mesmo.

R: O senhor aprendeu assim também?

M: Ah... Eu aprendi assim e com os meus filhos também. Graças a Deus eu nunca apanhei do pai e nunca bati num filho, mas foram criado duma maneira... Dessa criação... Até por um aspecto as criança participar da conversa também desenvolve, mas naquele tempo o regulamento era este...

R: E como era a autoridade da mãe e do pai?

M: O pai tinha mais autoridade, falar a verdade é preciso... Hoje o direito da mulher... Elas pegaram muita autoridade... Isso eu acho até que é uma parte boa porque uma mulher não pode ser escrava do marido... Ela tem que seguir a sua vida também... Naquele tempo o homem mandava e a mulher escutava e tinha que seguir... Tu não vai aproveitá muito disso... Mas eu vou falar... Pode pulá esta parte toda... Naquele tempo também tinha isso, a mulher precisava do marido prá sobreviver... A mulher era desempregada... A mulher não tinha vez nenhuma... Ela não tinha emprego porque naquele tempo o emprego era a pescaria, era a roça. Na roça ela trabalhavam, mas na companhia do marido, só que ela não enfrentava aquela luta e se ela ficasse sozinha o que ela fazia prá sobreviver? Hoje não... Hoje o mercado de emprego dá mais serviço prá mulher do que prá homem, não é? Naquele tempo pra mulher não tinha... Então ela eram obrigada a aturá do marido coisas que não deviam prá poder sobreviver...

R: O senhor tem consciência disso.

M: Não sei se alguém falou alguma coisa parecida contigo como eu to falando... (risadas)... O que mais que tu quer que eu fale?

R: Da pesca, da lavoura...

M: Na pesca tudo o que se pescava ainda tem hoje, só porque o pessoal não deixa criar... O camarão ainda tem bastante, mais hoje eles pegam tudo pequeno. O peixe tem muito ainda, mais o jeito deles pescá tá prejudicando. O peixe antes era pro consumo da família, ia na lagoa pegava o peixe, não se comprava nada no mercado prá comer. Na roça, a nossa roça era mandioca... Então mandioca tinha comércio. Hoje o comércio é baixo. Se eu fizer 300 sacos de farinha eu não tenho como vendê. O engenho tem que ser registrado. O comércio da farinha antes tinha exportação, ela saía no navio para fora. Nós vendia pros comerciante da região e eles vendiam para a exportação. Muitos navios de Ibituba saía com farinha da Ibiraquera e região... Então se você fazia 300, 400 sacos de farinha vendia toda... Hoje se vende pros supermercados, mas tem que ter o engenho registrado prá ter a marca da embalagem prá você e ser empacotada em quilo... O consumo da farinha diminuiu muito... Hoje tem o arroz, a salada, tem muita coisa... Naquele tempo o alimento do povo da Ibiraquera era a farinha e o peixe...

R: E o peixe era pescado na hora...

M: Pescado da hora, o peixe era muito melhor do que o peixe hoje é... Uns dizem uma coisa, outros dizem outra, mas a água antes tanto da lagoa quanto do mar era pura e conservava o peixe gostoso... Hoje a lagoa é poluída, o mar é poluído. O peixe não tem mais o sabor que tinha antes...

R: De onde vem esta poluição?

M: Cada uma pessoa que põe o pé dentro d'água polui. A poluição é o povo que faz... Quer dizer que tem os produto químicos que é o que polui... Vai uma pessoa tomar banho passa um produto, se bronzeia todo e vai pra lagoa e diz: oh se isso vai polui a lagoa? Eu passo um pouquinho, você passa outro... Outro bota outro... Outro bota outro... No fim torna-se muito... Concorda comigo?

R: Hum, hum... Mas será que só isso polui (risadas)...

M: Outras coisas... Quando eu me criei a gente não se lavava no chuveiro, era lavado na gamela, aquela água a gente jogava na terra e ela desaparecia, era pouca... Hoje quantos esgoto de banheiro tem correndo prá lagoa? Porque nós vivemos em cima da água, isso você sabe também, né?

R: Hum, hum... Deixa eu entender, nas casas tem fossa ou o esgoto vai direto prá lagoa?

M: Não, tem fossa... A maioria tem fossa, mas a absorção dela é prá lagoa, porque como eu falei nós vivemos em cima da água... A água tá girando... Então daqui, um pouco de lá... Fora àquelas que é direto prá lagoa... Se você pesquisar você vai vê que não existe um só nem dois que joga o esgoto prá lagoa...

R: Além disso, tem mais alguma coisa que vai para a lagoa e que modifica o peixe, o gosto do peixe?

M: Tem, tem... A água do mar que não é mais pura, porque todos os rios, todas as lagoas que existe no mundo deságuam no mar... E fora o petróleo que é derramado aí no mar... Quantos navio de reciclagem destas refinarias e colocam no meio do mar... Não é assim?

R: É assim que o senhor pensa... (risadas). O senhor conhece o pessoal que trabalha com a agenda 21?

M: Já vieram aqui... Mas a pesquisa deles ainda não chegou no fim... Quem sabe um dia eles chegam no fim... Mas eu acho muito difícil...

R: O senhor parece não ter esperança...

M: Eu não tenho porque, isso é o que eu penso... Nesse ponto eu sou um pouco negativo por isso, porque o mal de um é o bem do outro... Aonde sai a poluição também é daonde muitas pessoas vivem daquilo... Concordas comigo?

R: Sim... (risadas)... Esse duplo aspecto também pode ser visto no turismo aqui na Ibiraguera?

M: Ah, já vou te dizer... Vou te explicar, pois é... Se vier emprego é bom, já sobre a poluição com o acomodo do povo é pior... Então, ninguém contenta todo mundo... Eu sô obrigado a dizer o que penso... O turismo tem melhorado muita coisa no lugar... O emprego é só o emprego... E do outro lado o turismo além da poluição tem trazido... Das pessoas que vem 6 são boas e 4 vem prá destruir, vem prá prejudicar, vem prá roubar... Não tem mais segurança como tinha... Antes a mulher botava a roupa no varal aí na rua e ficava a noite inteira, você dormia com as portas aberta e não se falava em ladrão, nem nada...(risadas)... Porque vem àquelas pessoas passar as férias, um feriado, tem dinheiro, tem seu trabalho, mas também vem aquele achando que aqui tem espaço prá sobreviver... Porque aqui a região aqui é pobre, tem gente que pensa que as pessoas do lugar é rico, mas não é...

R: Já que a Ibiraguera é um lugar de lazer para tantos como é para o senhor?

M: O lazer é conforme a idade da pessoa... Eu parece que não existia quem gostasse mais de baile do eu, gostava bem mesmo... Hoje ainda vou mais não como antes... Não tenho mais aquela animação toda que tinha, então a pessoa de uma certa idade em diante adora conversar com uma pessoa assim como nós tamo conversando... Ir em casa de um amigo... Eu tenho muitos amigo por perto, mas eles me visitam mais do que eu visito, eu sou mais de casa (risadas)... Eu sou preguiçoso para visitar. Eu às vezes digo prá mulher: se eu tivesse preguiça de trabalhá como tenho de passeá nós já tinha morrido de fome. Eu sou muito caseiro. Adoro ter uma pessoa prá conversa.

R: E no trabalho como é sua vida hoje?

M: Eu hoje faço tudo o que fazia antes. Ainda pesco pouco, eu ainda planto mandioca, tenho 2 roça, cuido do gado, tenho umas 10 cabeça de animal. Isto não é trabalho, é lazer, eu gosto de fazer.

R: E com a família, onde estão os filhos?

M: Olha, 5 tão aqui dentro da Ibiraguera e 1 tá em Joinville. (Cita o nome de todos os filhos e onde moram)... Todos os que moram na Ibiraguera foi eu quem deu os lotes ou por herança da mãe. Só um comprou um lote na praça.

R: E as terras onde o senhor construiu e planta como adquiriu?

M: Naquele tempo era fácil comprar terra... Eu aqui... Há 50 anos atrás o terreno era barato... Eu comprei tudo fiado e fui pagando... Porque eu me divertia, mas sabia economizar para pagar as contas. Tem aquele que não sabe, bota tudo fora... Porque naquele tempo o terreno era barato, mas nem todo mundo tinha dinheiro para comprar... Eu comprei aqui uma área boa de terra que vai até a lagoa, então comprei outro terreno que era do teu avô, falecido R. Este depois eu vendi.

R: Teve alguma ajuda dos pais?

M: Não, eu quando comprei este terreno eu já tinha uns 25 anos. Me casei com 28. Quando eu me casei já tinha uma boa parte deste terreno aqui. Eu não perdia baile, eu não perdia festa, onde os outros iam eu ia também, eu não ficava só em casa prá não gastar o dinheiro, não. Quando eu me casei eu já tinha mais da metade disso. O meu pai era bom prá mim, sempre ajudei o meu pai, mas quando eu precisava da ajuda dele na minha roça, ele ia junto. Nós trabalhava tudo junto. Então a família era muito unida.

R: E como o senhor conheceu a sua esposa? (A esposa estava ao nosso lado e contribuiu com a resposta, fazendo-o lembrar dos fatos de namoro e do casamento).

M: Ah foi no baile, né? Agora, vamos passar pro namoro... Ela teve uns 10 namorados (confirmado por ela)... Cada um de nós tinha o seu namorado e namorada, mas um dia nós se achamos e se gostamos. Até hoje a gente sai junto. São poucos os bailes que a gente vai. Agora sábado que vem, se a morte não vier até lá, nós vamos um baile numa festa numa neta que vai fazer 15 anos. Ela fez aniversário na quaresma, mas a festa vai ser depois por causa da tradição.

R: A festa de 15 anos, o cuidado na quaresma são tradições... Tem mais alguma que vocês conservam?

M: As tradições que ainda são mantida eu vou te dizer: eu e a esposa não comemos carne nas 4 sextas feiras da quaresma, comemos peixe e outras coisas menos carne de boi, galinha... Baile na quaresma nunca fui e...

R: Outras...

M: Existe muita tradição festiva que hoje não existe mais... A ratueira dos bailes: os moços cantavam para as moças e as moças pros moços, brincadeira de boi, que ainda tem pouco, terno de reis. Eu gostava disso, sinto falta de conviver com os amigos que se reuniam nessa tradição. Tem a farra do boi que eu não gosto. Não gosto que maltrate o animal. Tem a nossa comida como eu falei lá na frente: o pirão, a farinha de milho torrada, o café torrado em casa, o taiá que eu plantava lá atrás do morro onde nasci, bem perto do mar...

R: Então o senhor nem sempre morou aqui nesta morada.

M: Não, quando era solteiro eu morava lá na Praia do Luz e quando eu casei vim morar aqui. Eu comprei este lugar porque eu gostei, sempre gostei da pescá e aqui eu tava no meio dela, fica perto do mar. A primeira casa que fiz foi o engenho de farinha. Trouxe o engenho da Encantada a carro de boi... Acabo de 2 anos comprei a madeira e fiz uma casa prá morar. Depois a madeira apodreceu e fiz esta de alvenaria. Moro aqui a 46, 47 anos. Faz 48 que me casei, dia 26 de julho. Morei com meu sogro até fazer a casa.

R: Parece que o senhor fez o lugar de moradia com o engenho.

M: Foi com o engenho, nele eu fazia o dinheiro com a farinha e a tapioca para viver.

R: Esta morada com seus quase 50 anos deve ter um significado importante na sua vida. Fale sobre ela e do lugar que o senhor mais gosta dentro dela.

M: (risadas) Olha eu me sinto bem dentro de toda ela, mas o lugar do descanso é a cama (risadas)... Agora eu vou dizê bobagem... É o lugar que o casal se conversa mais. A gente se conversa, se briga... É o seguinte: o casal, se tu chega numa casa de 2 pessoa velha e for dito que eles nunca se brigam, tão mentindo. Eu brigo com a velha, mas acaba a briga quando eu pergunto: onde tá o meu chinelo... Meu lugar é o quarto e no quarto a cama.

R: E em volta da casa...

M: É o pasto onde meu gado tá comendo. Eu me sinto bem vendo aquilo, vendo o animal... Gosto deles... Cada pessoa tem o seu jeito de ser... Eu me criei cuidando de gado e será a última coisa que eu hei de cuidar. Porque se de manhã eu não tiver o gado prá cuidá, o leite prá tirar, eu vou senti falta.

R: E dentro da Ibiraquera, qual ou quais os lugares que são importantes para o senhor, que lhe trazem alguma recordação?

M: Tem 2 lugar: o campo de futebol e a igreja. No campo de futebol aparecem os amigos, é muito amigo. Joguei futebol, muita pelada, lembro da minha juventude... As duas coisas que eu tenho saudade: o jogo de futebol e a canoa, a não ser a igreja. A canoa no mar eu era apaixonado por ela. Eu tenho canoa e me criei pescando no mar. Pescaria no mar grosso eu entendo toda ela. A canoa lembra a coragem, a aventura, à morte... Dos que pescaram comigo no mar tem só 2 vivo, eu e outro... Eu era apaixonado pelo mar. A igreja é uma tradição que meus pais ensinaram a ir. Naquela época a igreja só a de Araçatuba, nós saía de traz do morro em jejum prá tomar a comunhão. Particpei muito do movimento da igreja de Ibiraquera, hoje não, acho que os novo devem assumir. Prá mim a igreja traz a fé e a fé é prá manter o comportamento das pessoas. Porque se nós desprezá a fé, a religião, nós vamo viver igual animal. Tô certo ou errado?

R: É isso o que o senhor sente?

M: É isto o que eu sinto.

R: Vamos fotografar os lugares.

Pausa para o café. Despedida

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELOS HABITANTES DA
COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC**

Nome: Ary Celhane Neto

Idade: 15 anos

Data de nascimento: 04/05/90

Estado civil: solteiro

Profissão: estudante e trabalhador informal

Local da entrevista: domicílio

Data: 14/04/06

Horário: das 10:00 as 11:30h

Tempo: 1h e 30'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 07/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

6ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Oi Ary para nós conversarmos sobre a sua vida eu gostaria de ler e discutir contigo um documento que precisa ser assinado por mim, por ti e pela tua mãe.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito, neste caso, também a mãe assinou, pois o sujeito é menor de idade).

R: Ary, a partir desse momento eu gostaria que tu contes a história de tua vida desde o dia em nasceste, onde moraste, como tu vives neste lugar, a tua relação com a Ibiraquera, os lugares onde gostas de estar... E tudo o que quiseres falar...

A: Bah... Bah... O que eu vou falar... (silêncio) bah... Tristeza... (risadas)

R: Se quiseres podes seguir isto que está escrito (encíclica)

A: Tá... Eu nasci em 04 de maio de 90 e sempre morei aqui na Ibiraquera... Na minha casa... Eu vivo assim... Eu vivo bem, né? (silêncio) Eu vivo normal... O que eu faço na vida... Eu estudo lá na Araçatuba porque aqui não tem escola de 2º grau.

R: Como é estudar fora do lugar?

A: É ruim porque tem que sair daqui tem que comprar passe. Se tivesse escola aqui seria melhor eu acho, seria mais perto... Deu, só... Depois eu chego em casa da escola, vou prá praia surfar.

R: Em que praia?

A: No Rosa ou Luz... Depois no feriado e no verão eu trabalho lá na pizzaria...

R: Na temporada.

A: Porque tem mais movimento, o pessoal vem pra cá...

R: Movimento e turista, o que ele traz?

A: Traz emprego, traz dinheiro... Traz barulho, muita gente... Os carros fazem poeira na estrada...

R: Gostas disso...

A: Não muito... Eu não gosto também do roubo dos que vem de fora.

R: E isso acontece muito?

A: É, com certeza, acontece bastante... (silêncio)

R: Tu surfas, trabalhas, estudas... O que mais é possível fazer na Ibiraquera?

A: Jogo futebol, mas aqui não tem escolinha de futebol... Eu danço nas festas que eu vou no salão da igreja. Eu vou na festa de São Pedro e Nossa Senhora dos Navegantes... Festa junina. É bom porque é a nossa cultura e assim o povo não esquece né?

R: A cultura é importante, então?

A: É importante, o pessoal participa das festas e assim a cultura não desaparece.

R: E a tua relação com o lugar como é?

A: Tem... Tranqüilidade, paz, assim... Tem a lagoa prá mim pescar... De vez em quando eu pesco tanhota, carapicu... Gosto da carapicu frito com pirão de água ou

de feijão, quando tem... Eu gosto bijagica que é típica daqui e de beiju que é feito na época da farinha... (risadas)... É só... (silêncio)

R: Que bom que falas da comida daqui. E na época da farinha tu ajudas?

A: Ajudo... Eu raspo mandioca, eu me divirto, todo mundo fica alegre... Eu cevo, lavo, prensó. Eu ajudo o meu avô, né? (silêncio) A farinhada tá acabando, os filhos não querem fazer.

R: Me fala de coisas que te alegram no lugar desde a tua infância.

A: Brincar de roda, de ré, de escondê, surfar, ficar na praça da igreja com os amigos... A natureza que agora tá boa... Tem um cara que fez uma pesquisa e disse que a cada 10 anos é construída não sei quantas casas aqui... Tão acabando com tudo...

R: Como te sentes com isto?

A: É ruim, coisa ruim né? Vai acabar com o nosso lugar, a natureza...

R: Te preocupa...

A: Um pouco... Fazem casas muito na beira da lagoa... Tem muita gente daqui que vive do peixe da lagoa...

R: Apesar desse crescimento o que falta na Ibiraguera?

A: (silêncio)... Falta um posto policial permanente que aqui já não tem mais segurança nenhuma... Se bem que o lugar é calmo... Acho que é só isso.

R: Ary, agora eu gostaria que tu falaste um pouco sobre a tua casa, como é morar nesta casa e um cantinho dentro dela onde te sintas bem...

A: *Morar na minha casa é bom né? A minha casa é um pouco velha, mas eu gosto dela... É a minha casa. Eu gosto de ficar mais no meu quarto... Eu gosto de ficar ali... Onde tá as minhas coisas...*

R: *Essas coisas...*

A: *O que tem de mais especial é a minha prancha, depois tem o berimbau e as fotos dos surfistas com as manobras. Eu gosto muito dessa foto porque ele é um ídolo prá mim e nessa foto ele tá fazendo uma manobra difícil.*

R: *Em volta de tua casa tem algum cantinho bem gostoso?*

A: *Em volta da minha casa é só mato... Mas eu gosto do mato porque aí não tem vizinho prá incomodar... Fico mais sozinho...*

R: *O mato traz privacidade...*

A: *É isso aí... Gosto de ficar ali atrás tem um abacateiro que eu fico em baixo. Boto um colchão debaixo dele e descanso*

R: *E no bairro de Ibiraquera qual ou quais os lugares significativos prá ti?*

A: *Eu gosto da casa dos meus avós porque eu gosto muito deles, eles me tratam muito bem... Gosto da lagoa, gosto da Praia do Luz pela tranqüilidade, da praça da igreja por causa dos amigos, a gente se reúne lá.*

R: *Tu queres fotografar todos estes lugares, ou queres escolher um que seja mais importante, mais significativo...*

A: *Bah... Bah... Eu acho que dá prá ser a Praia do Luz, lá eu vou desde pequeno, lá se reúne o pessoal daqui de Ibiraquera. Lá tem o palanque e o mar aberto.*

R: *O que é palanque?*

A: *É o lugar dos bombeiros, eu uso prá me trocar e ver o mar.*

R: *Vamos fotografar estes lugares então.*

Despedidas e abraços.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: José Paulino de Campos

Apelido: Zé Aninha

Idade: 77 anos

Data de nascimento: 09/04/29

Estado civil: casado

Profissão: aposentado

Local da entrevista: domicílio

Data: 21/04/06

Horário: das 15:30 as 17:00h

Tempo: 1h e 30'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

7ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Boa tarde seu Zé, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir com o senhor um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: A partir desse momento eu gostaria que o senhor contasse toda a história de sua vida, desde o dia em que nasceu, tudo o que o senhor lembrar, as casas onde morou, como o senhor viveu e vive, o que faz na vida, a sua relação com a família, com a comunidade da Ibiraquera e com este lugar.

J: Já vo começá... Eu lembro quando o meu pai morreu, eu tinha 12 anos, tá... Passemo muito trabalho porque e minha mãe fico viúva com um filho mais moço de 3 mês... Eu tava na escola, nós saimo da escola prá cuidá dos irmão, aí foi indo... Foi indo... Ficamo grande, casamo... Aí eu fui vive na casa do meu sogro porque nem casa eu tinha. Enquanto eu vivia com meu sogro eu fui fazendo uma casinha, moremo lá uns 8 ano. Depois se mudemo prá cá. Aqui tinha uma casinha fomo e melhorando e agora temo essa. Tivemo 10 filho... Tudo casado... Tudo criado. Foram criado na lavoura, tudo pequeno, foram prá escola... Passamo trabalho e temo nisso que temo, né? Todo mundo estudô, só eu que não estudei porque não tive direito de estudá...

R: Como o senhor se sente por não ter estudado?

J: Vergonha... Muita vergonha... Sabe por causa de quê? Porque eu vo nos lugar como eu vo, lá no banco, são eles que tiram o dinheirinho do caixa, porque eu não

sei batê naqueles botão... E o mais eu vo levando a vida, né? E eu não tenho mais nada prá conta, nè... Eu vo conta mais o que? Eu nasci e me criei aqui na Ibiraquera.

R: E se eu fizer algumas perguntas o senhor pode responder?

J: Ah, assim fica mais fácil.

R: O que o senhor fez nestes seus 77 anos?

J: O que eu fiz? Pois foi muito boa coisa que eu fiz... As coisas boas era de quando eu era solteiro que a gente se divertia, a gente ia a baile... Não tinha compromisso com nada, divertimento e saúde, também era coisa boa, né? Tinha o futebol que a gente gostava também... Eu joguei muito futebol. Os bailes naquele tempo, os negro não podiam pisá no nosso lugar, não... Não, gente preta só ia lá vê, lá de longe... Mas quando tinha baile de preto, branco também não entrava lá de jeito nenhum, podia lá vê, mas dançá não...

R: Porque?

J: Pois eu não sei, já vinha de trás... Eu nem sabia porque... Quando eu era pequeno eu já via que tinha os bailes dos preto e do branco, já era assim...

R: E hoje?

J: Hoje é misturado... Hoje é feijão com arroz... É tudo a mesma coisa... É melhor... Porque a gente é tudo amigo... É preto, é branco, é tudo... Porque naquele tempo cada baile era uma briga, hoje não... Tudo é amigo.

R: Além do divertimento como era o trabalho?

J: A pesca... Eu vo te dizê... Quando eu morava perto da praia, eu saía prá pescá tainha... Tainha do corso, no mês de maio e pedacinho de junho... Depois saí de lá e pesquei no porto novo, vim prá praia do luz e aí parei... E aqui na lagoa pescava tainha, camarão e tudo que dava aí, né? Pescá no mar é diferente da lagoa, porque

aqui a gente pesca com uma tarrafa na mão e lá no mar eu despescava, no mar eu não tinha tarrafa... No mar tem o perigo de quem pesca lá no costão de caniço, lá já morreu muita gente daqui.

R: Além do camarão e da tainha que outros tipos de peixe que o senhor pegava?

J: Ah... Corvina, carapicú e diversas qualidade de peixe... Mais o siri. A gente pescava de fisga a corvina, cabeçudo, siri, linguado... Agora to me lembrando... Hoje ainda tem pouco desses, mais ainda tem. Tem uns 2 ou 3 ano que eu peguei uns linguado de tarrafa... Só que naquele tempo a água da lagoa era limpa e agora a água é muito suja...

R: Porque a água está suja?

J: Não sei, eu acho que é dessas estrada aí, nesse morro aí, com temporal desce tudo ... Esse barro...

R: Os peixes eram prá comer...

J: Não, os peixe eu comia e vendia... Vendi muito camarão... Antigamente com os filho pequeno eu saía com um balainho e vendia na Imbituba e na Penha... Eu vendia pro atravessador na costa de pé, porque naquele tempo não tinha nada... Depois chegou a estrada daqui... Fizeram a ponte, aí o comprador era barbaridade... A dificuldade era muita... Ao anoitecer eu ia prá lagoa, quando chegava meia noite eu ia embora, quando não perdia a noite inteira pescando... Prá falá a verdade... Quando chegava de manhã cedo eu cuidava dum gadinho que tinha e ia prá roça, prá podê criar os filho, porque eu era pobre (risadas).

R: Então era pescar a noite e ir prá roça o dia inteiro.

J: O dia inteiro... Eu plantava mandioca, plantava feijão no quintal e milho, e mais umas batata só prá comê... Só o que tinha comércio era a farinha, mas era um sacrifício também, era feita a engenho de boi... E prá levar prá Araçatuba era levada numa canoa quando a lagoa tava cheia ou então nos bois a nado pros comerciante da Araçatuba. Eles compravam a farinha e o que eles faziam com ela

eu não sei. Quando a lagoa tava baixa era mais fácil prá todo mundo porque a gente levava no carro de boi. Quando não tinha a ponte era muito difícil... Eu lembro quando foi feita a ponte, primeiro de madeira e agora a de material é nova, tem uns 30 ano.

R: Fale um pouco das casas onde o senhor morou...

J: A primeira foi com meu sogro... A minha casinha ele me ajudou a fazê lá no Rosa... Depois vendi pro compadre... Lá eu tive 4 filho mais velho... E vim para esta morada e tive mais 6 filho... Sabe quantos ano eu tô aqui? Tá fazendo 43 ano, o filho mais moço tem 30, ele nasceu aqui. Essa terra eu comprei porque naquele tempo era melhor pra se compra. O meu cunhado pediu prá eu fica com a mulhé dele para ela pescá no Rio Grande... Fiquei ali 6 mês e deixei a minha casinha lá... Comprei esta terra e dentro de 2 ano eu paguei tudo... Este terreno era fraquinho... Aqui não dava nada porque o dono plantava todo ano, né? Passei a amarrá umas vaquinha aqui. Isso aqui era tudo lavoura... Quando nós se criemo eu vo te conta... A gente subia naquele morro e olhava para Ibiraquera e só via roça... Hoje, você sobe lá em cima e olha prá cá e não uma roça é uma pedreira, é só casa... (risadas)

R: O que o senhor sente com esta diferença da roça prá pedreira?

J: O que sinto é alegria... Sabe por causa de quê? Porque o povo melhorô a vida... Hoje não se vê uma casa de palha... Quantos se criaram em casa de palha... Hoje todo mundo tem casa boa... Até o pessoal daqui tem casa boa. E tem outra coisa... Antes os filhos saíam da casa do pai e ia trabalhá na roça, hoje em dia não... Eu criei os filho tudo e só quem trabalha na roça sou eu. Um trabalha de carpinteiro, outro de pedreiro, de servente... Outra é assistente social, outra trabalha com costura... A lavoura não dá mais nada, mas foram tudo criado da lavoura... Todos trabalharam comigo na lavoura. Quando nasceram, ficaram grande, aí cada um procurô o seu emprego antes de casar... Mas eu to satisfeito porque tudo saiu da lavoura. Eu fiquei na lavoura toda a vida... O meu serviço é cuida duma vaquinha...(risadas)... Se eu não fizé isto, eu não faço mais nada. Hoje o remédio do velho é trabalhá, se ele pára, ele encarranca, concorda? Se um velho pará de

trabalhá pode prepará o caixão... Ainda pesco um pouquinho, vo a missa e no campo de futebol...

R: E quanto às mudanças que estão acontecendo com o turismo?

J: O turismo não faz mal prá ninguém, né? Eu acho bom, acho que faz é bem... O aluguel das casas ajuda, são 500, 1000 reais que entra e, tá tudo certo. O turismo serve pro pessoal daqui, né? Lá no Rosa tem muita gente que vive do turismo. Então se o turismo faz mal prá 1, faz bem prá 10.

R: Tem mais alguma coisa que o senhor quer falar...

J: Deixa eu vê... Se eu me lembra... Tem. Mais eu não vo fala... Eu era bagunceiro... (risadas).

R: Então eu gostaria que o senhor falasse sobre a sua casa... Os lugares que o senhor gosta de estar...

J: Ah, pois eu vo te contá... A gente gosta da casa sabe por causa de quê? Por que a gente se criou aqui na Ibiraquera, a casa da gente é porque a gente vive aqui, então eu gosto muito da casa, gosto muito... E o lugar que eu mais gosto é quando eu to lá na sala vendo televisão, vendo o jornal, vendo o que acontece no país, né? Novela eu não gosto, taí a mulhé que não me deixa mentir. Tirando a família, a televisão eu gosto porque notícia o mundo todo...

R: E em volta de sua casa...

J: Em volta da casa o que tem de bonito aí é as árvores, né? São verde, são lindas... Tem a bananeira, tem o anogueiro, tem o abacateiro, tem sombra prá refrescá no verão, é por causa disso que eu gosto... A mulhé que plantô quase tudo... Tem laranjeira... As fruta todas se come aqui, menos o anogueiro... Com o anogueiro se faz sabão e tem até uma canoa minha feita com o tronco do anogueiro... Todas as árvore são importante, mas se eu tivesse que tirá uma foto seria no abacateiro por causa da sombra e porque ele tem a idade do meu filho mais moço, 30 ano.

R: E na Ibiraquera do que o senhor gosta, lugares especiais, ou que lhe tragam recordação...

J: Na Ibiraquera é a minha morada mesmo... Eu amo todo mundo... Todo lugar é bom... Na Ibiraquera não tem lugar ruim... Além da casa tem a igreja... Um lugar que eu tenho saudade é da minha primeira morada, eu vo lá de vez em quando... Eu lembro das pescarias no costão, eu plantava muito naquela terra... Lá agora não tem mais nada de antigo que era nosso, agora lá só tem um restaurante que é nosso, tá tudo mudado...

Pausa para o café. Despedidas.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: Gustavo Marques de Campos

Idade: 15 anos

Data de nascimento: 04/06/90

Estado civil: solteiro

Profissão: estudante e trabalhador informal

Local da entrevista: domicílio

Data: 21/04/06

Horário: das 13:20 as 15:00h

Tempo: 1h e 40'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 07/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

8ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Oi Gustavo, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir contigo e com seu pai um documento que precisa ser assinado por mim, por ti e pelo teu pai já que tu és menor de idade.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito e do responsável)

R: A partir de agora o Gustavo vai conversar comigo sobre a sua vida, a sua relação com o lugar desde o nascimento, onde morou, o que ele vive, o que ele faz na vida, a sua relação com a família, com a comunidade e com o bairro, certo?

G: Ta, eu nasci em Imbituba, no Hospital São Camilo e morei numa casa aqui no morro, no Rosa, na Ibiraquera e mudei de casa, mas sempre aqui por perto... Já morei em 4 casas... A primeira casa foi uma casa mais simples, bem comum, tinha só dois quartos... Mas eu gostava da morar lá... Morei por uns 4 anos.

R: Tem alguma marca neste lugar?

G: Tem, tem uma pedra e uma árvore... Eu lembro de algumas coisas, tinha vestido pro mar, eu era muito novo, mas era bom lá. Depois eu morei noutra casa aqui na rua, mas não tinha vestido pro mar, era bom de morar só que era muito em cima do morro era difícil brincar com meus amigos que eram tudo daqui de baixo... Aí tinha que ficar subindo e descendo... Na outra casa também era em cima do morro, mais a vista pro mar fazia ser mais gostoso. Daí, depois passou prá casa de baixo, que é aqui na rua, daí era mais perto de tudo... Aí aquela era maior, depois o pai fez esta daqui e tô morando até hoje.

R: Há quanto tempo?

G: Nessa casa a 6 anos, desde que nasceu o meu irmão.

R: Então de todas as casa onde moraste, aqui na mesma rua, qual a que gostasse mais de morar e porque?

G: Essa daqui porque a casa é melhor, tem um quarto para cada filho...É perto de tudo e não é na beira da estrada.

R: E como tu vives no bairro?

G: Ah, bem né? Eu não paro muito tempo em casa né? Trabalho o dia inteiro, só venho prá almoçar e de noite eu estudo... Eu ajudo o meu pai na obra, né.

R: Teu pai faz o quê?

G: O pai é encarregado de obras... Eu ajudo a pegar as ferramentas e coisas mais leves... Não no pesado... Faz uns 7 meses que eu trabalho, desde o final do ano passado... Com isto eu ganho 500 reais e fico com ele, não fico em casa sem fazer nada e quando tem prova ou coisa assim... Aí eu fico em casa pra estudar.

R: Onde estudas?

G: Na escola do Araçatuba, porque a escola de Ibiraquera vai até a 8ª série, não tem 2º grau. Daí quando eu terminei a 8ª eu passei prá lá...

R: Como é essa mudança de escola?

G: Eu não gosto muito, gostava do pessoal daqui que é mais conhecido, né? Eu conhecia todo mundo, lá vem gente de Paulo Lopes, Penha, Araçatuba, Arroio, aí eu não conheço muita gente, só os meus amigos que saíram daqui comigo. Eu estudava de manhã, agora estudo a noite para trabalhá o dia inteiro. Antes

estudava de manhã e trabalhava de tarde. É melhor que de manhã, estudar... Nós vamos de ônibus ou de moto.

R: Além de estudar, trabalhar o que mais fazes?

G: Eu surfo, ando de skate, só que aqui não tem lugar, é lá em Garopaba que tem pista, jogo bola na escola e num campinho que a turma fez, jogava na escolinha de futebol da Grama... Saí por causa da idade, tem categoria 12 anos... A gente saía prá campeonato estadual e daí todo mundo parou porque foi ficando mais velho... A escolinha trocou de treinador daí já ficou...

R: Sentes saudade...

G: Ham, ham... A gente saía prá jogar em Laguna, Tubarão...

R: Tu falaste do surf.

G: Eu surfo aqui na praia do Rosa, na praia Vermelha, no Ouvidor, no Luz, na Ibiraquera... Eu gosto mais de surfá no Rosa porque é melhor, é mais perto... Porque eu gosto mais dessa praia... As ondas são melhores, todos os dois lados tem morro, né? Quando tem vento sul o canto Rosa sul não pega vento, aí a onda é mais perfeita, é melhor surfá. Por isso o Rosa tem onda boa todo dia, depende do vento... Lá também tem o porto... Quando eu era pequeno eu aprendi a surfar lá na prainha...

R: Quem te ensinou?

G: Eu aprendi sozinho... Primeiro foi com o mori, depois ganhei uma prancha do pai, daí comecei a surfar com meu primo...

R: O mar me parece que é componente importante na tua vida, né?

G: Ham, ham...

R: E a tua relação com a Ibiraquera...

G: Ah, eu gosto muito, né? Às vezes eu ia passar uma semana em Florianópolis, na casa da minha tia, no centro, só que chegava uma hora que não dava mais de ficar lá, sentia falta da praia, do verde... Lá é só prédio, só pedra... Não tem areia, não tem nada...

R: Sentia falta da natureza... Gustavo tu és o único entrevistado que mora num espaço bastante ocupado por construções, por ser a Praia do Rosa tão conhecida, como te sentes em relação a esta ocupação do espaço construído?

G: Era melhor quando tinha menos casas, mas bastante também é bom ter, mas não tão perto uma da outra assim... Eu acho que cada casa devia ter um pátio bom, né? Um pátio grande, não uma casa... Tudo empilhado, uma em cima da outra... Tem muita pousada... E a estrada eu gostaria... Não que fosse asfaltada que asfalto eu... Mas calçada porque seria melhor... Asfalto vai ficar muito cidade, assim ele começou a fazer asfalto ali em baixo, mas não terminaram...

R: Então o asfalto lembra cidade...

G: É, eu não gosto muito... Eu gosto mais de verde, de mais espaço prá brincar, assim...É bastante, ter bastante terreno, gramado... Agora tudo isso tem casa, tem dono... Eu gostava de soltar pipa que aqui não dá mais por causa dos postes de luz... Eu vou lá pro vô quando quero soltar pipa... O espaço tá quase todo construído...Não dá mais prá brincar... Hoje nós só podemos brincar de futebol num campinho de areia no terreno da vô no fim da rua. Antes tinha um monte de campinho de areia, de grama... Antes eu podia andar por tudo porque era tudo gente conhecida, gente daqui, gente nativa...

R: O que significa gente desconhecida no lugar?

G: É ruim. Antes todo mundo sabia quem tu é, hoje não dá prá passar dentro dos lotes, tem que ser só na estrada... Antes se cortava caminho passando dentro dos terrenos e ninguém implicava... Isto aqui era tudo de gente nativa... Todo o espaço era nosso... A gente fica meio expulsa do lugar...

R: O que essa ocupação traz?

G: Traz roubo, mas também traz coisa boa... Traz o turismo...

R: Em algum momento tu falaste que o excesso de gente não é bom...

G: Não é bom quando é muito tempo, mas se são nos feriados e na temporada até é bom. Tem aquele tempo que tu fica meio sem sono por causa do barulho que não é bom... Tem os bares que fazem música ao vivo, né... Tem o pessoal que vem e fica fazendo festa até tarde nas casas...

R: Aqui não tem respeito por horário...

G: Este ano teve por causa do posto policial, mas os outros anos não tinha... Daí o pessoal daqui reclamava, eles baixavam o som por um tempo e depois levantavam de novo e que faz isso é o pessoal que aluga as casas.

R: E a família...

G: É bom ficar com o pai no trabalho, ficar em casa com a mãe e o irmão de vez em quando também é bom... Lá da vó e do vô. São duas famílias bem unidas... Só tem uns que moram em Floripa, o resto todos moram por perto... É bom morar perto por causa dos primos, prá brincar... Quando não tem nada prá fazer vai na casa de um tio, de um primo, é isso.

Observação: durante a entrevista escutei canto de peru em plena rua construída na Praia do Rosa.

R: Esse peru que escuto é aqui?

G: Não é na minha tia.

R: Fala da comunidade, do bairro... As tradições...

G: Tem festa junina, tem farra do boi, tem as danceterias, tem o Bicão que é bem antigo, da época do meu pai, tem o Café Mistério no Campo D'Una e tem o Mar Del Rosa aqui e que é bem famosa. Eu vou mais no Bicão e no Café Mistério.

R: Como tu te posicionas quanto à farra do boi?

G: A farra do boi era bom antes quando tinha mangueirão não se machucava o boi, eles eram trocados a cada 2 horas, quando estavam cansados... Hoje eles soltam o boi na rua, o machucam... O pessoal corre atrás do boi, machuca muito... Eles ficam com pau... Já mataram até um boi afogado na lagoa... Eu não acho certo... Brincar com o boi como já é tradição eu não acho errado, mais machucar o boi, matar ele não é certo... O mangueirão foi proibido, mas lá eles tinham medo do boi e não machucavam-no.

R: Me fala das tuas alegrias e tristezas em relação ao bairro.

G: É bom assim à parte da natureza, da população mais antiga... É ruim o pessoal de fora que faz escárnio, que não respeita o pessoal daqui, que tira sarro, assim... O pessoal gaúcho faz o pessoal nativo de tanso... Ele pensa que podem fazer tudo e que nós não vamos ligar... O pessoal daqui não gosta de dizer não e eles aproveitam disso... O pessoal daqui é meio ingênuo, é solidário... O que eles podem dar eles dão, é difícil dizer não, então o pessoal de fora se aproveita disso né... Eles querem alugar as casas baratinho porque eles dizem que nós alugamos pelos que eles querem... Quando eles fazem festas e a gente pede para parar e eles não respeitam... Eles se sentem os donos do pedaço... Chegam mandando...

R: Isso ruim...

G: Eu acho...

R: E como vocês podem reagir?

G: Em questão de aluguel saber melhor prá quem ta alugando, fazer ficha e colocar nas casas o que pode e o que não pode fazer, isto em todas as casas...

R: Tem algum tipo de organização para isto?

G: Tem o Conselho Comunitário e as associações do surf, eu participei da associação da praia do Luz e a do Rosa eu não entrei porque tem poucos nativos... na do Luz a maioria é de nativos... Lá no Luz, eu fui criado com eles...

R: Tem mais alguma coisa que gostarias de falar sobre a Ibiraquera?

G: Tem, da pesca também... Porque é proibido colocar rede na lagoa, ter malha muito pequena e daí o mesmo pessoal que escolheu a malha maior, vem escondido e pesca com a malha menor e pega todo o peixe pequeno, todo assim... Aí o pessoal que respeita não pega nada porque os outros já fizeram a limpa... Isto tá virando muita polêmica.

R: Te preocupa a pesca predatória que não respeita o ciclo do peixe, que bom saber disso.

G: Eu queria falar também do porto, da pesca da tainha... A vó ainda tem canoa lá... Meu vô faleceu e ela ficou com a canoa... Ela empresta em troca da tainha... Daí todo mundo fica olhando pro mar para cercar a tainha... As pessoas ajudam a cercar prá ganhar peixe e isso é cultura do lugar, todo mundo vai. Teve ano de eu dormir lá no rancho na época da tainha... É legal repartir o peixe com ajuda, com as pessoas da embarcação e com aqueles das canoas paradas... Lá no rancho a gente dorme cedo... Tem bastante silêncio, não tem energia elétrica, é no lampião, tem que acordar de madrugada, cedinho prá pescar no costão... E agora este ano vai ter, o ano passado quase não deu. Acho que a bondade tá mudando, às vezes o nativo tem ajudado e não tem ganhado. Às vezes eles dão pros de fora e deixam os nativos que ajudam de lado. É nativo desprezando o nativo... Os nativos agora nem querem ajudar...

R: Fale agora sobre o espaço de tua casa, os lugares simbólicos e seus significados.

G: Eu gosto da minha casa, mas eu gosto mais do meu quarto porque assim, é mais sossegado, tem as minhas coisas... Representa o sossego... Eu o pintei de

azul e coloquei as fotos do surf... Eu gostava muito do som que tava aqui, agora ele foi para a parte de cima porque ocupava muito espaço... Gosto da prancha e da roupa de borracha porque é o que eu gosto de fazer, aqui tem muita praia, prá mim o surf é importante porque é o esporte que eu mais faço. Eu fiz o quarto como eu quis, o meu irmão gosta, tem o meu canto e o canto dele. O quarto é mais meu do que dele, tem mais coisa minha... Esse canto da escrivadinha eu adoro porque eu gosto muito de desenhar... Eu passo muito tempo desenhando... Paisagem, casas, projeto de casas...

R: E fora de casa, em volta dela...

G: O pátio é pequeno e não é plano, plano seria melhor... Gosto mais da casinha da árvore que eu brincava direto quando era pequeno... Aqui em casa ainda tem bastante árvore... O pessoal aqui corta as árvores e deixam só grama... Aqui em casa não. Aquela acácia ali foi eu que plantei, a mãe já quis podar, mas eu não deixei.

R: E na Ibiraquera.

G: No Rosa prá mim é a melhor parte da Ibiraquera, que agora se desmembrou. Prá mim O Rosa é o melhor lugar, pro pai é a lagoa lá em baixo. Dentro do Rosa é o porto, lá tem o rancho da vó, foi lá que aprendi a surfar e que eu pesco a tainha.

Abraços e despedida.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: M.M. de S. Flor

Pseudônimo: Cravina

Idade: 83 anos

Data de nascimento: 15/01/25

Estado civil: viúva

Profissão: aposentada

Local da entrevista: domicílio

Data: 22/04/06

Horário: 15:15 as 17:30h

Tempo: 2h e 15'

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

9ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Boa tarde dona M, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir com o senhor um documento que precisa ser assinado por mim e pelo senhor. A senhora M não deseja ser identificada por isto optou por um pseudônimo dado por ela mesma: Cravina (leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: A dona Cravina agora vai começar a falar sobre a sua história de vida que já está em boa parte registrada por seu próprio punho em um caderno...

C: Vou contá uma história da minha vida passada, quando eu já tinha 82 anos de idade... Não é mentira, mas é a pura verdade. Só me desculpa os erros porque eu só estudei o 3º livro. Começando por aqui, meu pai se chamava J. e minha mãe M... Nasci neste lugar de Ibiraquera, eles eram casados, primos irmão. Tiveram 6 filho, 4 mulher e dois homem... Eu Cravina, a filha mais velha da família... Nosso pai trabalhava na roça, plantando e colhendo. Tinha engenho de fazer farinha, engenho de fazer açúcar, taforma de moer milho... Tudo manual, não a motor. Da mandioca se fazia a farinha, o beiju, o polvilho, a tapioca. Da cana se fazia o açúcar, a garapa, o mel da carda e o mel do tanque. Do milho se fazia a farinha de milho e o milho picado. O algodão se plantava, se colhia, se escaroçava, batia, fiava e tecia para fazer a roupa. Eu, Cravina, vesti muito prá ir pra aula. O livro era feito um cartapasso de pano para levar. A água era plantado um porongueiro que dá o porongo, a gente apanhava, curtia para carregar água lá da fonte, porque não tinha CASAN. Para fazer a comida era... O fogo no chão, uma chaleira pendurada numa corrente ou 3 pedra para botar em cima, para fazer a comida, porque não tinha fogão. Era feito uma barrela para lavar a roupa porque não tinha sabão. Era lavado

lá na fonte, ajoelhada numa tauba e o lavador era uma pedra. A luz era tirada a casca do anoz, espetado num arame para fazer a luz, quando não tinha querosene. O sabão era feito em casa de anoz, de pinhão, de amendoim, de sebo, de abacate, isto tudo dá sabão e nos fazia... A tarrafa muito eu fiei. Era fiado o tucum para fazer e o gravatá para entralhar, para pescar porque não tinha nylon, para matar o peixe nesta lagoa de Ibiraquera. O café era apanhado, secado, chumbado, torrado, socado e peneirado para fazer o pó para se tomar café neste lugar. Não tinha ponte, era atravessado no canal, ou de canoa ou a nado. O barco vinha de Laguna pelo mar do Mirim, pelo rio, até chegar nas 7 ponte do Araçatuba, para pegar a farinha que era feita aqui neste lugar de Ibiraquera. A gente fazia isto tudo e muito mais... Fazia chapéu, fazia peneira, bordava a mão, costurava... Nós ia daqui a Garopaba, Pedra Branca, Campo D'Una, Imbituba, Arroio, Mirim, Barranceira, tudo a pé porque nossos pais levava para ir dançá, porque não tinha estrada, só estrada de areia, nem carro, só de boi ou de a cavalo. Nos dizia: muito obrigado Deus Pai, Todo Poderoso. Mais uma história eu vou contá da minha vida. Passiei, dancei, cantei ratueira, namorei, me diverti, noivei com o S. Tive 10 mês noiva, me casei, com 24 anos de idade. Tive 13 filho: 7 menina e 6 menino. 3 nascido em Florianópolis na Carmela Dutra, 3 em Laguna no Hospital Senhor do Passos, 1 no Porto Alegre na Santa Casa de Misericórdia que morreu com 6 mês e ficou lá... Os outros nasceram em casa. Fiz 2 cesariana, mas nunca desisti da vida, trabalhando sempre e dizendo: muito obrigado Senhor, seja feita a Tua vontade. Sempre com fé em Deus e na Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe. Nada prá mim era ruim... trabalhando sempre numa máquina prá criá eles. Tirando marisco no costão, não levava ninguém comigo, só Deus. Pegando camarão e siri enterrado na lagoa de Ibiraquera. Sempre vivendo com o marido. Ele sempre tratando do gado dele e dos outros, ganhava num negócio e perdia noutro. Eu mais ele fizemo 20 morada... 5 casinha foi nossa, a melhorzinha ainda... Criamos um filho e ele ainda foi quem deu... As outras era morando de favor, mas eu não achava ruim, sempre contente e alegre. Um filho já grande deu anemia, eu levei daqui a pé para Imbituba, lá no alto da Barranceira, não deu mais prá ele andá... Me assentei na beirada da estrada, ele desmaiado deitou no meu colo, quando melhorô nós viajemo, chegamo na casa de meu irmão B. depois do sol entrar, para levá no médico, na Imbituba. Outro filho queria uma linha de pescá no costão, eu e o pai não tinha dinheiro para comprá, levei uma galinha quando eu morava lá no pasto da barra, eu e o filho que queria a linha, de a pé na Imbituba, vendi a galinha, comprei uma carretilha de nylon e um

pouco de anzol, e o resto do dinheiro eu comprei uma sandália porque ele tinha ido descalço, porque não tinha calçado. Outro filho queria ir prá Porto Alegre se alistá e trabalhá com 18 ano ou mais de idade. Eu levei ele no inverno, noite fria de geada, com uma camisa de tergal e manga curta... Ele deitado no meu ombro do frio e eu sempre dizendo: muito obrigado Senhor, seja feita a Tua vontade. As menina saíram prá casa dos tio e dos outro para trabalhá e estudá, porque nós não tinha dinheiro para comprar os livro. Hoje tenho filha até com faculdade. (silêncio)

Eu sempre numa máquina costurando e sempre agradecendo prá Deus, com fé nunca larguei a coragem. Eu e um filho comprava peixe do J.T. e ia vende na Barranceira até na Imbituba para comprá as coisinha que faltava. E nós sempre contente e não desistindo da vida. Um filho, uma coral mordeu. Fora as doença que não se fala, curada em casa porque não tinha dinheiro para o médico. Sempre vivemo junto sem reclamá, com fé, conforme Deus queria. Vivemo 52 ano e meio juntos. Eu e um casal de filho ainda tratemo dele 6 anos e meio na cama porque o coração ficou fraco, o médico botou marca-passo, mas em seguida deu um derrame cerebral, não andava, não falava, não comia cá sua mão e nós tratava... Com muito amor e carinho porque o doente não tá vendo, mas Deus está, então nós dizemo: muito obrigado Senhor Deus Pai, Todo Poderoso, Espírito Santo e a Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe. Esta é a minha história com 82 anos. Hoje eu tenho um filho que tem um posto de gasolina no Campo D'Una, tem pousada lá no Rosa, tem uma casa na beira da lagoa, tem outra no Florianópolis... Aquele que eu levei prá Porto Alegre agora é motorista do barco do irmão... Tem muita pousada dentro do Itajaí, tem casa que deu pro filho imobiliada... Agora eles tão construindo um barco de pesca que vai caí nágua no fim do ano. Todos os meus filho tem casa, todos tem carro, o neto tem moto, então aqui no caderno eu não botei a história dos filho, mas a minha história, a história que eu passei para quando eu morre. Eu já fiz a minha casinha (sepultura) lá em riba da do pai, eu mandei revesti de mármore, porque eu vivi estes ano todos, tive 13 filho e nunca desisti da vida e o marido foi pro riba de mim estes ano todos, agora eu vou por cima dele... As filha dizem, tu fala tudo isto e não chora nem nada, que mulher... Não a mãe não chora nem por morte... Eu não tenho medo de quem morre... Morto não vem aqui porque Deus toma conta... Então eu fiz a minha casinha, amanhã eu parto e terminou-se a minha história bem terminadinha. Se quiseres perguntar mais alguma coisas, to aí.

R: Então eu vou perguntar: a senhora falou em muitas casas, somente poucas foram suas, a senhora ainda lembra destas casas?

C: Eu me lembro... Morei ali perto do O. O marido deu uma vaca por uma casinha, daí ele foi trabalhá no Prado em Porto Alegre, eu fiquei com 2 filho pequeno e graças a Deus... Aí deu uma doença grande, eu vendi uma máquina grande prá ir com ele, fui prá Porto Alegre. O médico de Laguna disse que era doença do fígado. Morei lá 2 ano, engravidei e deixei um filho morto. De lá vim grávida da E. Aí vim embora, vendeu a casa e eu ganhei a E lá, noutra casa. Depois fizemo uma lá no alto da barra, daquela o filho foi pro barco e me deu outra... Nada era ruim prá mim, basta que to com 83 ano e não sei o que é nervoso, estresse, eu não tenho nada. Já botei a vela na mão do papai, da mamãe, já tiraram um filho do meu colo para botar a vela na minha mão... Não choro por um morto, porque o tempo que eu vou chorar, eu rezo um Pai Nosso pela alma dele. Meu pai morreu com 99 ano e não era de choro... Minha mãe era mais mole, mais eu não.

R: Desses casas onde a senhora morou tem alguma que seja especial?

C: Não, prá mim todas são igual, eu nunca briguei com vizinho... Tudo prá mim é bom.

R: A senhora deixou alguma marca neste locais?

C: Deixemo lá na barra os eucalipo, ali em cima uns cedrinho que nós plantemo, mas prá mim... Você a de ter as coisas lá prá cima, mas aqui na terra a ferrugem come... O que você faz prá cima, prá Deus, nenhuma ferrugem rói, agora aqui na terra a ferrugem corrói.

R: A senhora foi costureira por muitos anos...

C: Agora quase não faço nada por causa das vista, eu enxergo pouco, mas ainda costuro... Com 83 ano ainda enxergo prá ler uma letra miudinha... Sem óculos não... Me aposentei de costureira com 65 ano. Antes dos 65 se eu não trabalhasse eu não vivia. Eu criei todos tirando marisco no costão, mesmo grávida eu ia, chegava lá, me benzia, largava o balaio, arreava a cavadeira, o chinelo e dizia: Pai,

Filho e Espírito Santo... Se dava grado eu tirava grado, se dava miúdo eu também trazia. O marido não pescava, não levava marido, nem filho, nem vizinho, vinha prá casa, cozinhava e dava prá eles, muitas vezes sem farinha, só com café. Eles iam brincá e eu ia prá máquina costurá. Eu não fico parada, hoje ainda ando bem, não tenho nada na minha coluna... Mas quando eu ficá mais velha eles vão ter que me amarrá num pé de mesa porque eu quero trabalha e não dá. (risadas)

Mas eu to sempre rezando... Se um dia tu quiser saber das reza traz um caderno que eu te digo... Tudo o que sei foi o papai e a mamãe que ensinaram. Naquele tempo não tinha televisão, hoje não dá prá educá um filho. Eu to com essa idade, namorei bastante e a minha língua tá virgem, não sabe o que é um beijo de língua. A televisão ensina isto. Hoje com 12 ano já tá esticando a língua e pegando doença. As filha ri. Nunca tomei banho com marido... Hoje tudo, mãe, filho, pai toma banho junto, isto não é respeito, isto é uma coisa muito feia, eu acho... (silêncio)

Tem reza de quando se fecha a porta, a reza quando termina o dia, a reza do amanhecer. Eu sou católica e nesta eu vou morrê, porque a gente não pode ficá pulando de galho em galho, quem é batizado fica na sua fé. Quando a gente vinha do morro e avistava a igreja, a gente dizia: "lá está a casa santa, onde Deus fez a morada, lá está o padre bento e a hóstia consagrada". Quando se entrava na igreja, botava o pé direito e dizia: "pecado que vem comigo, fica do lado de fora na venhas me puxar que eu tenho a palavra de Deus agora", entra na igreja, vai lá na água benta, se benze e fala: "água benta eu te recebo em atenção de meus pecados, na hora de minha morte serei perdoado..." (fez uma listagem de tantas outras orações do seu conhecimento e de sua fé).

R: A senhora é conhecida na região como benzedeira...

C: Não sou de morto nem de sessão, nisso eu não acredito, mas benzedura que Deus deixou é de força... Eu benzo de sangue de perna cortada, de calor de figo que racha as mãos, de cobreiro, de olhado. Em mim nunca botaram olhado porque eu sempre fui muito feinha. De berruga, de sapinho de criança, de dor de dente porque naquele tempo não tinha dentista. Isto tudo papai e mamãe sabia.

R: Como se curava doença em casa?

C: Ah, muito bem... Eu tenho aí em volta de casa muita erva e eu conheço tudo, tenho um livro da pastoral... De febre grande se cura com estopada feita de erva, garrafada para hepatite. Eu tenho essa idade e não sei o que é remédio de verme porque a mãe fazia com erva... Quanto mais nos vive mais coisa nós vive... De primeiro o pai dizia: lá no norte vai ter guerra sempre, vocês vê guerra no sul? Não. Só a de 30, mas não fez mal nenhum... Lá no norte onde eles mataram Jesus, vocês morre, papai morre e a guerra não termina, já terminou? Lá eles judiavam de Jesus... Não precisa procurar Jesus, Ele tá aqui no nosso meio... Na nossa conversa.

R: Como é a vizinhança?

C: Eles gostam muito de mim, ganhei um abraço dum menino estes dias porque as mãos dele tão limpa da berruga... Tudo gosta de mim, eu só faço o bem.

R: E a senhora gosta de morar aqui na Ibiraguera?

C: Gosto muito, morei em Porto Alegre, gostei, mas não como aqui... Aqui agora já não tá bom porque de primeiro tinha pouca gente, muita terra... Hoje vem muita gente de fora. Eu nunca conheci droga na minha vida, to conhecendo agora, depois de velha. Não tinha cocaína, maconha, agora tem tudo... Foi vindo de fora, os daqui foram se juntando, agora é uma revirada. Mas gosto muito do ar daqui. Ar puro. Viajei agora prá Bahia, prá Porto Alegre, prá Goiás, mas o ar que tem aqui não tem em lugar nenhum. Aqui é um ar limpinho que vem de Deus. Aqui não tem poluição, não tem fábrica... A poluição vai adoecendo as pessoa, não é aquela doença que Deus dá. Aqui eu vivo feliz. Os jovem reclamam da doença, mas não tem fé, não tão com nada. Se a gente vai no mercado tão lá jogando, bebendo, falando da vida dos outro, esquecem de Deus. Sem fé não sou nada. Sem Deus eu caio e não levanto, fico caída. Daqui a gente não leva nada, nem a roupa. Deus fez prá gente pedi, não prá rouba. Missa não tira pecado, precisa rezá enquanto se ta vivo. Ainda tem um verso assim: "quem tem dinheiro, tem tudo do que quisé compra, mas não compra salvação, se Deus não quisé dá".Lá prá cima nós não mandemo nada, lá quem manda é Deus. Tem gente que diz que manda, então vamo vê. (risadas)

R: Então vamos falar um pouco sua casa...

C: Minha casa eu gosto de toda ela... Ali dentro do meu quarto eu leio a Bíblia, mas também leio aqui... Dentro da casa tudo é igual... O que é meu tudo eu gosto... Tem um rosário feito dum pedaço da cama do meus pais de quando eles casaram, isto é uma relíquia. Também tenho um pilão que me lembra o meu pai... A mão do pilão, um lado foi feito pelo meu pai e o outro pelo meu filho mais velho.

R: E no pátio como é?

C: Ao redor da minha casa eu gosto de tudo, tem as minha ervas, as flores...

R: E no bairro tem algum lugar melhor, que a senhora goste de ir...

C: Onde eu às vezes gosto de ir, sinto saudade é lá onde eu nasci, fui criada na casa do meu pai, no mais é tudo igual. Aquela morada trás coisa boa porque lá eu fui educada pelo meu pai e minha mãe. De lá eu tenho uma recordação muito boa. Lá tem árvore plantada por nós. O pomal tem muito bambuzeiro... Tem a fonte, tem os caminho que já tão fundo. Não tem mais a casa, o engenho...

Pausa para o café com farofa de amendoim embalado com versos e orações.

Abraço e despedida.

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Nome: F.F. Teixeira

Pseudônimo: Leonardo

Idade: 18 anos

Data de nascimento: 11/02/88

Estado civil: solteiro

Profissão: estudante de graduação em Biologia

Local da entrevista: domicílio

Data: 22/04/06

Horário: 14:00 as 15:00h

Tempo: 1h

Transcrição, digitação e revisão: Rosa

Devolução e validação: 06/05/06

Equipamentos: Microcassete Recorder - Marca: Panasonic RN – 305 - 1 FK – 60'
Máquina fotográfica digital – Marca Sony – 4.1 mega pixels

10ª HISTÓRIA DE VIDA

Encíclica: Eu sou Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESCO. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida desde o nascimento: onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar, com a família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui na Ibiraquera. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

R: Oi F, hoje nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida, mas antes eu gostaria de ler e discutir contigo um documento que precisa ser assinado por mim e por ti. F. não deseja ser identificado por isto optou por um pseudônimo dado por ele mesmo: Leonardo. Por já haver um entrevistado com o nome de Leonardo, este será identificado por L2.

(leitura e explicação do termo de compromisso que vem com o aceite formal do sujeito)

R: Bem L2 agora tu vais relatar sobre a sua vida, começando pelo nascimento e toda a sua história com o lugar de Ibiraquera.

L2: Eu nasci no dia 11/02/88 no Hospital Regional de Florianópolis, São José. Minha infância foi toda na Ibiraquera. Brincava com meus amigos de bola, de pega-pega, de ré, de esconder... Deixa-me ver... Minha relação com a família é muito boa, tem as divergências, mas isto é normal. As irmãs eu não tive muito contato porque casaram cedo. Meu pai eu convivi pouco porque teve sempre embarcado. Os avós paternos eu não conheci, o avô materno eu conheci pouco, lembro de quando ele ficou doente e com a avó materna tenho uma convivência desde pequeno.

R: Onde tu brincavas?

L2: Brincava em casa ou nós brincávamos na casa do Jr, meu amigo. No pátio da casa e na rua de taco. O meus pais moraram em Porto Alegre, mas eu sempre morei aqui... Ano passado fui morar com meus tios em Florianópolis pra fazer cursinho, mas também senti falta daqui... Senti falta de tudo... Do modo de viver

daqui, da calma, sem movimento, sem violência. Lá eu fui assaltado 2 vezes no mesmo dia... Muita falta...

R: Que mais tu sentes falta de Ibiraguera quando precisas sair?

L2: Da calma, da praticidade isso eu não posso dizer que lá tem mais. Em relação ao meu desempenho escolar é melhor aqui, quando eu to perto da família o desempenho escolar é melhor... Porque eu acho, assim, lá a casa não é minha, por mais que eles me deixem a vontade... Mas sempre quero estar perto da família. Tão sempre apoiando, falando o que deve e o que não deve fazer. Lá a gente tem que tomar as próprias decisões. Aqui não... Aqui tem sempre alguém te ajudando, te auxiliando. Aqui era melhor porque já se faz certo de uma vez só. Mas assim, eu senti muita falta do local, dos meus amigos... Lá eu não conhecia ninguém, só os tios e as primas... E aqui não, eu tenho todos os amigos, a gente dá um passo e ta na casa dum primo. Lá era muito individualismo, tem muito rivalismo, aqui não. Aqui um ajuda o outro, aqui um passa a mão na cabeça do outro. E as praias né... Senti bastante falta, na praia se encontra os amigos, é bem massa. Praia é só diversão, pura diversão.

R: Tu estudavas na Ibiraguera?

L2: Não, sempre estudei no Araçatuba porque eu ia com a prima. Estudei desde a 1ª série no Araçatuba até o 2º ano do ensino médio e fui tentar o vestibular em Florianópolis. O pré eu estudei aqui. Saí porque minha mãe achou melhor, embora tenha sentido bastante falta dos amigos. Estudei em escola particular pra tentar o vestibular e não passei... Lá o ensino é mais forte em relação daqui.

R: Porque a falta do pré-escolar daqui?

L2: Porque tavam os amigos, eu fiquei 2 anos no pré e esses 2 anos eu fiz os meus amigos... Nós fizemos um passeio no Ouvidor e vimos um boi morto... É a lembrança mais forte que eu tenho.

R: Como vives hoje na Ibiraguera?

L2: Vivo bem. Sinto um pouco de falta da praticidade da cidade, lá tem ônibus de 15 em 15 minutos, aqui é de hora em hora. É, só que o custo de vida lá é muito caro. Aqui é bom de morar... Agora no meio do ano vou estudar biologia aqui na Unisul. Embora não tenha a praticidade da cidade, mas se tivesse seria igual à cidade, é um pouco rudimentar, mas é bom. Não trocaria Ibiraguera pela cidade, eu não me acostumaria a viver na cidade. Eu poderia ter ficado em Florianópolis para fazer cursinho, mas como teve a possibilidade de ir e vir todo dia, eu fazia isto. Escolhi biologia porque gosto da parte humana e da botânica, das plantas.

R: Leonardo, pela linguagem indígena, Ibiraguera quer dizer lugar de vegetação antiga, tu conheces árvores antigas dessa região?

L2: Eu conheço o araquá, o eucalipto que eles plantavam para utilização de instrumentos, a mandioca... (risadas). Têm várias... O imbé, a ibira que é bem rara, e só isso...

R: E animais da região?

L2: Nossa, cachorro e gato cobra, lebre, tem cachorro do mato, boi, só isso. Lá no Rosa é que tinha mais vegetação, mais hoje não tem mais nada... Hoje tá tudo devastado.

R: Diversão...

L2: Olha, aqui tem bastante coisa... No verão mesmo, todo dia, tem o Rosa, é onde se vai. Sai daqui umas 10 horas e vai pro Rosa, é o nosso mapa. Tem o Café Mistério, tem o Bicão, tem a Ferrugem, tem a Garopaba, tem várias coisas... No Rosa tem o Mar Del Rosa, o Jamaica, o Pico da Tribo, Shiva, estes são os lugares noturnos.

R: E diurno...

L2: É praia, assistir jogo de futebol ou num barzinho. A praia que eu vou é a do Luz e do Ouvidor... Rosa eu não gosto, odeio Rosa.

R: Porque?

L2: Não sei. Porque os amigos se concentram no Luz, porque tem a associação de surf... Tá todo mundo ali... No Ouvidor ta todo mundo do Campo D'Una, e no Rosa é só pessoal de fora. Meus amigos são nativos mesmo... Prefiro sempre o Luz. É uma praia mais calma... No Rosa é muito agito ... Na noite até dá, durante o dia, não.

R: E as tradições do lugar, tu conheces e participas de alguma?

L2: Festa junina, boi de mamão que a gente brincava antes, a festa do Divino. Tem a festa da nossa padroeira: Nossa Senhora dos Navegantes. Passeamos com ela até a lagoa e depois andamos de canoa com ela. Tem outra festa a de São Pedro. Tem a festa de competição dos colégios do município: o JEIMB. Tinha o grupo de jovens que era muito legal e que hoje não existe mais por falta de incentivo e de dedicação dos jovens mesmo, não da igreja. Já foi a geração que era bem encarnada nisso, a da minha irmã, mas era bem bom mesmo. Tem as festas religiosas das outras comunidades da região, onde todos se encontram. Ah tem a farra do boi, que é proibido, mas sempre se faz... Não acho errado do jeito que eles fazem, eles soltam o boi na rua e o povo sai correndo atrás. Na Espanha que tem sacrifício do boi eu acho errado... Até porque antes era feito no manguirão e ninguém proibia. Porque inventaram de proibir agora? Da Bandeira do Divino a gente tem o maior respeito... Também tem umas crenças... A benzedura. Acredito muito na benzedura da vó, tenho bastante fé na igreja embora não seja beato. Tudo tem base na igreja, até nossa base é açoriana, né. Os açorianos tinham toda essa religião...

R: E quanto aos engenhos?

L2: Eu sempre ia pro engenho do avô do Jr prá raspar mandioca, que era bem massa, tinha a velharada lá ao redor, o clube dos idosos, e a gente ia bastante. Eles conversavam um monte, falavam um monte de besteiras e das histórias de antigamente... Eles acreditam, eu só acredito vendo, né.

R: Que histórias? Folclore?

L2: Não, são histórias reais com um pouco de fantasia. Tem a história do cavalo que o homem escutou um relho batendo no cavalo, o cavalo pinoteou, olhou para trás e não tinha ninguém. Tem outra no Rosa: tinha uma pessoa numa canoa e um outro na costa cheio de corrente que pediu passagem por outro lado, o da canoa deu, ele colocou toda a corrente dentro da canoa, quase afundou a canoa, mas mesmo com todo o peso a canoa ficou leve para remar, quando ele voltou o homem tinha desaparecido... Ele tinha uma vestimenta preta. São histórias assim, sem nada a ver, sem nexos. Tem muitas histórias que a vó conta, são estórias mais mágicas, de boitatá que existia antigamente... Tem os chás que eles tomam e acreditam, eu não, eu sou da química mesmo.

R: Suas percepções quanto às mudanças do lugar...

L2: Em relação ao lugar, quanto à natureza mudou muito, principalmente lá pro Rosa. O Rosa tá praticamente uma favela dos ricos, né. Tá cheio de casa bonita lá, mas é tudo amontoada, uma em cima da outra. É uma favela dos ricos e... E é horrível... Eu acho feio prá caramba... Tem o que fala que é bom prá economia da Ibiraquera, porque nós vivemos do turismo. Aqui em casa não, porque o pai trabalha no barco, tenho tia que vive do turismo, ela gosta quando as pessoas vêm, mas reprime quando eles vêm pra sujar... Os nativos tão aqui, nunca estragaram nada... Os modos de vida tá mudando mesmo, não tem como fugir tem que se adaptar... É bom por causa da evolução, mas é ruim por causa da perda da tradição que eles levaram tanto tempo para construir, pra preservar... Com o modernismo não tem como cultivar é mais propício se guiar no modernismo do que na tradição que é uma coisa rústica, sabe? Os pais antigamente levavam as crianças, o modernismo dá essa autonomia prá criança escolher o que quiser, mas não deveria ser assim. Dizem que eu sou educado, mas quem fez isso? Foram os meus pais que me obrigaram a pedir a benção, chamaram minha atenção...

R: Tu manténs a benção...

L2: Sim, peço prá todos os meus padrinhos, prá vó. A benção eu peço prá todos. Me sinto bem fazendo isso até porque quando eu digo “benção, mãe” e ela diz “Deus te abençoe”, me sinto abençoado dois vezes, pela mãe e por Deus.

R: *Tuas alegrias e tristezas com o lugar...*

L2: *Todas as alegrias: minha família, meus amigos, o local. Tristezas, só falta um pouco mais de linha de ônibus e um calçamento no máximo. Tem que ter melhorias, mas com cuidado. A grande tristeza é com o turista que vem para cá prá estragar. A única... Nada contra que venha prá cá, o lugar é lindo, não é particular... O Luz tá uma praia preservada em vista do Rosa... O criadouro do camarão é outra tristeza, meu Deus do céu, acabou com a lagoa. A única tristeza é com a perda da natureza.*

R: *Tem mais alguma coisa que lembraste durante a conversa que gostarias de falar?*

L2: *Não, não. (silêncio) Tem os ditados populares que são verdadeiros: “gato com fome come sabão”, “o que os olhos não vêem o coração não sente...” A vó canta muitas cantigas de roda, das ratueiras que mexe com toda a criatividade da pessoa e... E... Tem toda nossa ecologia que é magnífica, apesar da poluição ainda resta bastante coisa... É só isso.*

R: *A tua vó é uma referência prá ti, né?*

L2: *Não só prá mim. É prá toda comunidade, ela sabe tudo. Ela sempre te dá uma luz. Ela reza pra nós. Indiretamente a gente ainda é religiosa... A gente tem essa crença. Todo mundo crê na benzedura dela, ela benze e acontece. Ela é poderosa. A vó é tudo, tudo mesmo.*

R: *Bom agora eu gostaria de saber sobre sua casa.*

L2: *A casa, a casa eu gosto muito dela, até pela batalha do pai. Todos os lugares são preciosas, só o ano passado que ele terminou a construção... A gente não veio de família rica nem de família de muita herança. A vó deu um lote prá cada filho e só... O canto que eu mais gosto é a sala porque é o lugar onde tá todo mundo junto, a família. O pai quando tá deita no sofá, vem a mãe e vem todo mundo. É onde a gente ri, que a gente brinca e briga... Onde se reúne todo mundo.*

R: E o entorno da casa?

L2: O pátio... É ali na frente... Ali eu brinquei toda a minha infância... Joguei pé na bola, de taco... Quebrei muita vidraça da mãe, ela queria me matar (risadas) E a parte lateral da casa eu não gosto muito porque sou bem supersticioso, ali morreu o casal e as crianças ficaram sem pai e mãe (relato da morte do casal). Foi bem triste. No pátio também tem as árvores que a gente brincava de esconder... Todo o pátio lembra a minha infância, tudo de bom.

R: E no bairro...

L2: Praia do Luz e a praçinha da igreja é lá que encontro os amigos. A praça lembra a catequese, é o ponto de saída pros divertimentos... A praia é o divertimento, o lazer. O lugar especial na praia é o canto, onde tem o costão e aquele mato, é o canto dos nativos... Também tem a quadra aqui na frente... (silêncio) Tem outros espaços especiais, a lagoa e a ponte, local dos amigos. Lá a gente subia na sapata, pisava na craca, brincava de pegar na água, nadava. A lagoa porque eu ia pescar com o pai, eu ia só prá deixar ele contente... Brincava de canoa, pescá com meu melhor amigo.

Abraços. Despedida

APÊNDICE E
CRÔNICAS

LOURENÇO: SAUDADE E CORAGEM NAS RAÍZES DE QUEM DO ESPAÇO SE APROPRIOU.



Figura 19 – Canoas de Lourenço - Foto: João Batista de Campos Jerônimo - 2006

Com expressão desconfiada seu Lareno, filho primogênito que perdeu o pai muito cedo e que teve a chance de ter em seu tio a identificação do 2º pai, relata a vida pesada, sem emprego e sem dinheiro do início de sua história. Embora difícil tenha sido a vida, aos filhos o mesmo ensinou e, sente orgulho da família unida, que conseguiu construir. Sente-se amado por seus filhos que permanecem morando por perto, ainda mais agora em sua velhice. Recorda-se com detalhes de cada casa em que morou desde a infância, reconstruídas sempre no mesmo lugar: da casa de pau a pique, coberta de tiririca e de chão batido, depois a de madeira e agora a de alvenaria. É o sofá, o lugar favorito, que olhando pela varanda visualiza a lagoa onde pescou muito camarão, badejo, linguado e tainha. De suas aventuras de pescador de mar aberto, lembra das pescas da tainha e da morte que também o cercou. Do mar bravio e das ondas grandes do Luz, uma grande lição aprendeu: é possível vencer qualquer dificuldade. Das histórias de lavrador, sente falta das roças que eram a marca do trabalho e da presença do nativo de Ibiraquera. Nelas plantou muito milho, mandioca e feijão. A melancia, que também plantada com suas

mãos, lhe saciava a sede nas tardes quentes de verão. Da infância, relembra das brincadeiras de esconder, de ré e de canoa. Da juventude, dos bailes e do boi de mamão, do ajuntamento do povo e da falta de graça trazida com o isolamento da televisão. Sempre gostou de estar com muita gente sendo a farinhada um momento especial de estar junto: a família, os amigos e a comunidade trabalhando, contando estórias, rindo e matando a saudade. Da saudade ao temor com o presente e o futuro dos jovens que muito estudam sem ter esperança de empregá-lo em seu espaço nativo. Em toda a sua vida só pediu coragem a Deus para trabalhar e poder criar seus filhos. Deus lhe deu bem mais que isso: lhe deu saúde, sabedoria, paciência e humor para aproveitar na sua velhice os netos e bisnetos que fazem parte de sua grande família e que se juntam aos domingos na morada enraizada de seu Lareno, um saudoso e corajoso patriarca.

SUELEM: DO ESPAÇO AMEAÇADO AO LUGAR DA PAZ, DA INFINITUDE, DE DEUS SIMBOLIZADO.



Figura 20 – Pedra de Suelem - Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo - 2006

Suelem é uma jovem de 22 anos de família extensa de Ibiraguera. Agradece todos os dias por seus avós vivos, seus padrinhos, seus pais e irmão. É filha de pai protetor e lutador. Relaciona a sua qualidade de ser caridosa a um traço de personalidade herdado do pai e do avô. Aponta algumas qualidades que lhe identificam socialmente: ansiosa, disciplinada, temerosa, estressada e sensível. Dedicada aos estudos obteve a titulação em Ciências Contábeis há alguns dias. Essa qualificação lhe fez falsear sua cidadania e rever a sua verdadeira, até que lhe outorgassem o direito de usufruir o transporte escolar de seu município de origem. Muita luta se fez, muita desculpa ouviu, muito gasto teve que ser feito até poder ser aceita na Associação de Estudantes de Imbituba. A entrada na universidade particular e a reprovação na instituição pública fez-lhe sentir a realidade da desqualificação do ensino das escolas públicas que estudou. O objetivo de Suelem e de tantos jovens de classe operária de fazer uma universidade pública ficou apenas no sonho. Assim como muitos outros jovens universitários, morando longe dos centros urbanos, Suelem tentou estudar trabalhando. A conciliação não aconteceu e o resultado foi a depressão. Com família unida e com algum recurso

econômico mais favorável, o trabalho foi deixado para depois da faculdade. Dificuldade vencida. É uma pessoa sensível aos problemas sociais que começam a aparecer no seu espaço habitado. Gostaria que a sociedade fosse mais igualitária. Que não houvesse alguém passando fome, frio e que não tenha onde morar. A pobreza lhe corta o coração. Em suas boas lembranças, a festa de 15 anos, o início do namoro, o apadrinhamento de uma criança. Saudade da bisavó que faleceu mesmo cercada de cuidados e de carinho. Gosta de estar com os amigos. Gosta de bailes, shows, passeios, praia e de natureza. A música é sempre um momento de inspiração, quando sacra de elevação. A espiritualidade e a religião são centrais em sua vida. Morar em Ibiráquera é reconhecer que a paz está sendo roubada. O lugar onde nasceu e se desenvolveu como pessoa está sendo ameaçado pelo medo de sair na rua, pela grande quantidade de estranhos que chegam, pelo desmatamento, pelo esgoto, pela violência que chega acompanhada das boas trazidas pelo turismo. O espaço conhecido torna-se desconhecido, ameaçador. Dos espaços aos lugares apropriados por Suelem encontra-se na casa a cozinha – sala que a aproxima da família e o quarto onde curte sua merecida solidão, no entorno o mercado que a aproxima da comunidade e no bairro, a pedra do costão da Praia do Luz onde sente a paz, a harmonia com o infinito, com a natureza e com Deus.

FRANCISCO: APROPRIANDO DO ESPAÇO PELOS PÉS DESCALÇOS E O SUOR DOS BRAÇOS.



Figura 21 – Igreja de Francisco - Foto: João Batista de Campos Jerônimo - 2006

Francisco Irineu é identificado por toda a comunidade como seu Chico Irineu. É o 8º filho de uma família de 10 irmãos. Nascido fora do tempo, prematuro de sete meses, acabou por ganhar um amor especial da mãe e com isto uma qualidade que o identificava frente aos demais: o filho melindroso. Família grande também constituiu. É pai de 11 filhos que criou no trabalho da roça e na pesca. Pelos caminhos da roça e da escola muito perdeu a pele da sola dos pés por causa da areia quente ou da geada. Da escola, até hoje guarda com orgulho as relíquias de sua vida de estudante: as cartilhas da década de 30, a lousa e os cadernos confeccionados com papel de embrulhar açúcar; de sua vida de lavrador são as medalhas que ganhou do Presidente Figueiredo e do Prefeito da cidade. Seus pés doloridos o trouxeram até a idade de 82 anos com fé, coragem e muita solidariedade exemplificada no apadrinhamento de pessoas que ele pôde ajudar. É

humilde quando precisa de ajuda de seus filhos, genros ou netos para chegar até os bailes que gosta de dançar com sua mulher. Quanto à divisão de gêneros desempenhados nesta cultura açoriana, seu Chico deixa bem claro, o que é de mulher e o que é do homem. Das brincadeiras da infância às domingueiras da juventude, resta a fé que o liga a sua padroeira Nossa Senhora dos Navegantes e que o faz todo domingo ir para a igreja. Com o suor de seus braços transformou os 40 mil réis herdados do pai em muita terra que se estende da lagoa até a praia do Rosa, agora por vezes loteada e vendida para usufruto de sua velhice. Sua morada conserva o quintal com árvores frutíferas que utiliza para consumo e para cortar o vento, o jardim com flores, o cercado do peru e mais acima a sua adorada roça de mandioca. Em cada morada uma marca deixada por árvores por ele plantadas. O exótico é confundido com o nativo. A necessidade de estar em grupo manifesta-se na farinhada e na mesa que une familiares e amigos que fez durante sua jornada. Por toda a sua casa os amigos estão presentes por meio dos quadros que enfeitam as paredes. Cada um com sua lembrança. De olhar perdido no horizonte fala com tristeza da poluição da lagoa trazida pela carcinicultura e da falta de respeito do pescador predador que não respeita a abertura da barra, reduzindo cada vez mais as espécies, assim como, alterando o sabor do peixe. Apesar disso, diz ser feliz de ser o que é e quem é. De ter conseguido como esforço do suor de seus braços superar todas as dificuldades colocadas em sua vida percorridas inicialmente de pés descalços.

LEONARDO: DESEJO E CONTRADIÇÃO NUM ESPAÇO EM TRANSFORMAÇÃO.



Figura 22 – Rancho de Leonardo - Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo - 2006

Leonardo, conhecido amorosamente por seus familiares como Nado, é um jovem Ibiracerense que esperava com ansiedade a hora da entrevista. Sob o olhar curioso e atento da mãe demonstra um comportamento ainda pueril, infantil diante da vida. Afinal, sendo criado em uma cultura patriarcal, não é qualquer jovem macho que tem a liberdade de dizer que gosta de deitar e comer seu pirão no quarto da mãe, pois ali, naquele lugar sente-se protegido por meio do aroma gostoso de sua mãe que permanece impregnado neste canto especial de seu lar. Leonardo tem um respeito que dá gosto de ver quanto ao passado de seus avós, relata as diferenças nas brincadeiras de infância, a dureza do trabalho dos antigos relacionado à lavoura e à pesca, lembra das tradições religiosas quase não mais freqüentadas pela juventude de hoje, conta sobre as lendas e o folclore da região. Insiste na credence do lobisomem, como se duvidasse de sua real existência, e critica vigorosamente a farra do boi. Ao falar de sua família, revela os prós e os contras de morar junto à família grande. Mesmo não tendo vivido em tempos

remotos, há um saudosismo da tranqüilidade e dos modos de vida daqueles tempos. Hoje, a saúde está ameaçada pela poluição e, a tranqüilidade em dormir com as portas e janelas abertas está perdida diante do roubo. A insegurança é acompanhada pela grande quantidade de pessoas que chegam ao lugar por meio do turismo. Há um tom de reclamação quanto à diferença de contato entre os nativos e os estranhos que se manifesta desde um simples oi não correspondido. Esta indignação vai de encontro à ingenuidade, à inocência do nativo que se deixa ser enganado pelo turista que se aproveita desse jeito de ser e de viver de quem habita este espaço a cerca de dois séculos. Leonardo mostra-se pessimista quanto aos meios de trabalho oferecidos pelo lugar e a falta de qualificação dos nativos que acabam trabalhando no pesado, ou fazendo bicos para ganhar um pouco de conforto. Essa falta de qualificação faz com que os nativos se submetam aos subempregos oferecidos pelo turismo, comandado em grande parte pelas pessoas de fora. As dificuldades de acesso à faculdade, sonho de Leonardo, acaba excluindo os jovens cidadãos de Ibiraquera de modos de trabalho mais valorizados socialmente. A pesca e a lavoura são descartadas por Leonardo enquanto força produtiva, tornando a pescaria uma fonte de lazer. A lagoa é apontada por Leonardo como um recanto natural belíssimo e útil, sendo um dos lugares que atraem o turista para Ibiraquera. Ele sabe que a paz que atrai o turista é a mesma que muitas vezes lhe causa tédio. Leonardo deseja ver Ibiraquera com atrativos urbanos, ruas asfaltadas, shopping centers, a diversão que existe na cidade... em contraponto deseja que se mantenha a tranqüilidade e a saúde que este berço oferece. Leonardo é um jovem que transita entre a vida do mundo rural e o desejo do mundo urbano. Sua atitude ambivalente evidencia a confusão trazida pela pós-modernidade por meio do processo de transformação do espaço onde nasceu.

MANOEL: DO ESPAÇO DA PESCA E DA LAVOURA, A PAIXÃO PELO MAR E PELA CANOA.



Figura 23 – Canoas de Manoel - Foto: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo - 2006

Seu Manoel, homem simples, camisa rasgada, olhos azuis intensos, cabelos fartos e brancos como algodão começa sua narrativa com um passeio histórico sobre o lugar que nasceu e que conhece muito bem. Fala do isolamento dos meios de comunicação e de transporte que faziam seus habitantes caminhar a pé quilômetros pela praia até chegar a cidade. Da falta de atendimento à saúde vem o desabafo: o doente precisava ter 7 vidas para chegar até o médico. Das profissões de lavrador e pescador, muitos saíram já naquela época de Ibiraguera para pescar no Rio Grande, hoje é inverso, vem o pessoal do Rio Grande, trabalhar e morar em Ibiraguera. O peixe pescado na lagoa era gostoso, fresquinho. Na lavoura, a farinha tinha comércio garantido. Muitos navios saíram do porto de Imbituba carregados com farinha da Ibiraguera. Com a industrialização o comércio da farinha está em plena extinção. Apesar das dificuldades econômicas, seu Manoel lembra que a vivência comunitária era melhor: as famílias eram mais unidas, não tinha bandido, não tinha ladrão. Os modos de produção e de vida foram mudando em função da

predação humana e da poluição não apenas localizada, mas daquela que ultrapassa os limites geográficos. Seu Manoel tem clareza da poluição que ameaça o lençol freático, dos rios e lagoas poluídos que deságuam no mar e que ameaçam a sobrevivência das espécies deste ecossistema. A poluição nos limites de Ibiraquera é francamente trazida pelo turismo. Seu Manoel é apenas mais habitante de Ibiraquera que deseja o turismo pelo emprego mais não a poluição. Por isso é cético quanto à implantação da Agenda 21 na região, pois segundo ele é de onde vem o emprego que sai a poluição. A aquisição de seus bens se deu com muito trabalho conciliado com o lazer. Nunca perdeu um baile ou uma festa para guardar dinheiro. Entre tantas namoradas que teve um dia encontrou sua mulher, se casaram e constituíram família. A primeira morada foi marcada com a construção do engenho carregado a carro de boi de um bairro vizinho. No engenho fazia a farinha e a tapioca que geraram renda para construir a casa para morar. A casa foi sendo substituída ao longo dos anos, e o engenho continuou agregado a casa. Das tradições do lugar guarda as sextas feiras e a abstinência da carne na quaresma, lembra das ratoeiras cantadas nos bailes, das brincadeiras de boi de mamão, dos ternos de reis. Da farra de boi não gosta, não suporta que maltratem os animais. Da culinária ainda cultiva o pirão, a papa de farinha de milho torrada, o café torrado e moído em casa. Do taiá, que hoje já não planta, recorda a infância perto do mar. Ao falar das tradições, seu Manoel fez um relato crítico da disciplina baseada na cultura machista e patriarcal de sua época. Mulher e criança não tinham vez e nem voz, todos eram subordinados ao homem. A mulher aturava os mandos e desmandos do marido para sobreviver, os filhos eram disciplinados com o olhar que inspirava o medo e não o respeito. Nas solicitações das crianças, a mãe era a intermediária. Seu Manoel tem consciência do valor da mulher e da sabedoria das crianças. Dos quase 50 anos de casamento e de vida no mesmo lugar, elege entre risos, o quarto como o lugar favorito dele e do casal, é onde o casal conversa mais. O pasto onde cria seu gado é eleito como o lugar do lazer e do trabalho que mais gosta de fazer. Indo para o espaço mais amplo aparece a igreja e a tradição legada dos pais, o campo de futebol e a lembrança das peladas da juventude. Por último, a coragem, a aventura, a morte dos companheiros de pescaria, a vida na velhice de quem ficou para contar histórias, representadas na canoa e sua paixão pelo mar.

ARY: OS ESPAÇOS DO CORAÇÃO PELA FALA TÍMIDA E MUITA MÍMICA.



Figura 24 – Prancha de Ary - Foto: João Batista de Campos Jerônimo - 2006

Arizinho, adolescente de 15 anos, apresenta-se com seus fartos cabelos loiros fazendo contraste com a pele bronzada de quem convive com mar. É um jovem tímido que precisa ser motivado para a conversa. Filho primogênito de pais separados e de família pobre trabalha numa pizzaria nos feriados e temporada, para ajudar a mãe. Extasia-se diante da máquina digital e ensaia algumas fotos de do pôster de seu ídolo de surf, colada estrategicamente acima de sua cama. Este, um de seus objetos de poéticos, junto à prancha e ao berimbau. Estuda a noite em outro bairro porque não existe ensino médio em Ibiraquera e com isto um gasto extra: o passe escolar. A implantação de uma escola de futebol e de um posto policial permanente é necessidade levantada por Ary em Ibiraquera. Do turismo vem o emprego, o dinheiro, mas também vem a insegurança e a falta de tranquilidade advindas do barulho, da poeira das estradas deixada pelo excesso de carros que circulam, do roubo, das casas que vão sendo construídas às margens da lagoa e que acabam com a natureza do lugar. Seu maior prazer: o surf. Também

gosta de futebol, das festas religiosas da igreja e da farinhada que ajuda a preservar a cultura do lugar. Adora a farinhada, época de alegria e diversão. Saboreia a bijajica e o beiju pratos típicos da época da farinha. Dos peixes que pesca gosta da tainhota e de comer carapicú frito com pirão de água ou de feijão. A casa humilde é o seu ninho. Escondida no meio de árvores e arbustos oferece um espaço privativo, íntimo, familiar. Imponente está o abacateiro, árvore de sua predileção. A sua sombra um colchão é colocado para um descanso sossegado. Seu quarto rústico, abriga harmoniosamente seus objetos preciosos. Ao se transportar ao espaço do bairro, Ary escolhe quatro lugares de apropriação: a Praia do Luz e o palanque onde pratica seu esporte favorito: o surf, a praça da igreja onde se reúne com os amigos, a lagoa de onde pesca o peixe que come e em especial a casa dos avós: pelo amor recíproco, verdadeiro e incondicional.

JOSÉ: ESPAÇO ANTIGO, ESPAÇO SOFRIDO; ESPAÇO MODERNO SEJA BEM VINDO.



Figura 25 – Igreja de José - Foto: João Batista de Campos Jerônimo - 2006

José Paulino, conhecido popularmente como Zé Aninha. Apelido que ganhou em homenagem a sua mãe, dona Ana. É um homem de 77 anos que se envergonha por ser analfabeto, que lhe tira o direito de manejar máquinas e sacar o seu próprio dinheiro. A morte prematura de seu pai lhe roubou o direito de estudar. Homem sofrido, muito dependeu de outros para levar a vida: os donos dos barcos quando pescava no mar, do sogro ao casar, do cunhado para construir sua casa. Do peixe pescado na lagoa com fisga, tarrafa e caniço, era parte prá consumo e outro tanto para ser vendido. Suas noites eram destinadas à pesca na lagoa, e os dias para a lavoura. A farinha vendida desconhece o destino, o que importava era o sustento da família. O futebol lembra a juventude, que lembra os bailes e a divisão racial entre pretos e branco. Diversões que terminavam em briga. Hoje está satisfeito por que todos vivem juntos e em paz. Todos são amigos. Das grandes mudanças de Ibiraquera observa o espaço da roça transformado em “pedreira”. Absorve com alegria esta mudança por que sinaliza que a população melhorou de

vida. Considera o turismo uma força propulsora do desenvolvimento que ajuda mais do que atrapalha. Respeita o momento da família, sendo a televisão o seu passa tempo favorito. Seu Zé gosta de estar antenado nos acontecimentos. Casa moderna e engenho antigo. Modernidade e antiguidade compartilham o mesmo espaço. Imagens do passado e imagens eletrônicas convivem juntas. Sua morada conserva o quintal com árvores antigas. Delas tira o alimento, constrói canoa, descansa em sua sombra. Cada árvore uma história. Ibiraquera é amada por este homem, mas o lugar de recordação mais intensa é a sua primeira morada, hoje ocupada por um restaurante da família para atender o turista no verão. Embora as marcas do passado estejam presentes em sua vida atual, a evolução trazida com o desenvolvimento encontra um espaço acolhedor na vida de seu Zé Aninha.

GUSTAVO: NO DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA, O ESPAÇO CONSTRUÍDO E A CONSCIÊNCIA.



Figura 26 – Pedra de Gustavo - Foto: João Batista de Campos Jerônimo - 2006

Gustavo, um adolescente crítico e consciente da ocupação trazida pelo turismo e as desvantagens do espaço rapidamente transformado e construído. Isto se faz notar nas casas que morou na mesma rua em função do processo de transformação e desfiguração do espaço natural em que nasceu. Hoje mora em casa grande, confortável, mais não esquece a casa simples onde nasceu. Lugar especial o diz: lá tem a pedra, uma figueira e uma vista pro mar. Lugar de pertença também de sua mãe. Da cidade quer distância, deseja melhorias no seu lugar. Asfalto não, lembra a cidade. Gosta de areia, verde, mar. Sente o desconforto dos lotes cada vez mais pequenos. Não tem espaço para brincar, jogar futebol, empinar pipa. O espaço cada vez mais construído retira sua liberdade de ir e vir. Os caminhos dos nativos não podem mais ser usados. Os novos donos implicam, expulsam. Sente falta dos campeonatos da escolinha de futebol e da escola do bairro que teve que deixar para fazer o ensino médio. Das tradições frequenta as festas juninas. Dança no Bicão que é da época do pai. Da farra do boi tem a

lembança do boi que morreu afogado na lagoa ao fugir dos farristas. Critica a maldade da tradição, acha melhor quando era no mangueirão. Das tristezas do lugar desponta o desrespeito do turista com os modos de ser e de viver do nativo. É o barulho que tira o sono, é o sarro da ingenuidade, é a esperteza em cima da solidariedade do nativo. Eles estão se tornando os donos do espaço. Critica o nativo que não se posiciona, não se organiza. Exemplifica o Conselho Comunitário e a Associação de Surf da Praia do Luz como organizações que podem ajudar o nativo. Dos lugares de Ibiraquera que adora estar é na Praia do Rosa lugar que nasceu, onde estão as ondas mais perfeitas para o surf e o rancho da avó. Adora estar lá na safra da tainha ajudando a manter a cultura do lugar. No rancho há o silêncio tão desejado, o compartilhar do pescado, a luz do lampião. Este jovem surfista assume por este período a identidade do pescador. Dos lugares simbólicos traz o quarto e toda autonomia de quem pôde arrumar, pintar e arranjar a disposição de seus objetos preferidos. Compartilhar o espaço com o irmão não traz problema, cada um tem seu canto. Na escrivania permanece durante horas esboçando projetos de casas, uma identificação com o trabalho do pai, com quem trabalha. Do entorno da casa reclama do terreno acidentado, mas adora a casa da árvore construída na infância e a acácia plantada e defendida por ele de mãos que queriam podá-la. Gustavo narra em sua adolescência a consciência dos estragos trazidos com a ocupação do turismo.

CRAVINA: BENZENDO E CURANDO OS SEUS NO ESPAÇO ABENÇOADO POR DEUS

Cravina é mulher forte, decidida. De fé inabalável e de uma lucidez fenomenal, escreve com letras firmes e linguagem poética a história de sua vida, com todos os detalhes que possam ser repassados por seus familiares após a sua partida. Aos 83 anos, primogênita de família grande, escreve suas atividades de criança e adolescente na casa dos pais. Do cultivo da mandioca fazia-se o polvilho, o beiju, a tapioca e a farinha. Do cultivo da cana, o açúcar e o melado e do engenho de milho que saía picado o alimento da criação. O café do cafezal tirado, secado, moído e torrado. De suas roupas, lembra-se do algodão colhido, fiado, tingido, moldado e costurado. Outros objetos de uso familiar eram fabricados pelas mãos ágeis dessa mulher. Chapéu, peneira e bordado. Tucum e gravatá teciam a tarrafa. O anoz dava a energia e o sabão. Três pedras faziam o fogão. Do porongo e da fonte lembra da água que matava a sede e limpava a roupa. Apesar da vida dura tinha o seu tempo de passear, dançar, cantar e namorar. Nas danças de ratoeira conheceu seu homem. Com ele teve 13 filhos, um deles deixado morto, em Porto Alegre, com seis meses de idade. Para cuidar dessa família muito siri, camarão e marisco pegou, sozinha nas águas da lagoa e nos rochedos do costão. Para alimentar a família muito peixe comprou e revendeu na cidade. Enquanto os filhos brincavam, ocupava seu tempo costurando para vizinhança. Do marido só esperava o resultado dos negócios em suas andanças. Muitas moradas emprestadas precisou ter, até que uma vaca trocada lhe garantiu a posse de uma casa. Embora não se prenda a bens materiais fazia o possível para adquirir o melhor para seus filhos. Não poupou esforços e sacrifícios para melhorar a vida e a saúde de seus rebentos. Pobreza não era sinal de fracasso, mas de luta e de coragem embalada na fé em Deus, Jesus e Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe. Mulher de fé verdadeira, sempre em sua religião e sua proteção. Orgulha-se de sua saúde e da força que a mantém em pé. Questiona a juventude na sua indolência diante das coisas da religião, o uso de drogas e o poder da televisão. A velhice parece estar longe. Idolatra a família divina do mesmo modo que respeita e ama a família terrena. Seus pais são seus fundamentos. Da mãe lembra a serenidade, do pai o vigor. Desses dois o trabalho, a fé e a verdade. Dos versos e das histórias por eles contadas, salientam-se as orações por eles ensinadas. É filha de gente de fé e dos

quais herdou a identidade de benzedeira. Mulher de reza forte. Mulher que reparte com a comunidade o poder de cura que Deus lhe deu. Crendice ou verdade, o fato é que suas rezas fazem milagres reconhecidos pela comunidade. Dos lugares em que morou e que conheceu em seus passeios atuais, nenhum tem o ar puro de Ibiraquera, esse ar limpinho que vem de Deus. Sua casa é toda apropriada, em cada parede um quadro, uma frase ou um altar. Todo lugar é santo. Dos objetos sacros dispostos pela casa, conserva como relíquias materiais e do coração: o rosário feito com a madeira da cama de seus pais e a mão de um pilão, feito de um lado por seu pai e do outro por seu filho primogênito. Dois objetos, duas grandes parcerias. Do rosário pai e mãe, do pilão avô e neto. A força do conjunto, a força da lembrança. A imagem da fé, a imagem do trabalho. Em seu pátio gramado, ladeada de flores e ervas ergue-se uma casa moderna. Da casa onde nasceu e foi criada surge a saudade. Seus pais são lembrados nas árvores plantadas e conservadas no quintal, os limites deste na conserva do bambuzal. Descendo a trilha funda de mais de 100 anos encontram-se as fontes de água límpida. A Ibiraquera é a sua casa, a fé a sua força, a tradição açoriana é sua mestra, a benzedura é seu elo de cuidado e de amor com espaço e com a comunidade onde nasceu e vive com muito orgulho.

LEONARDO2: TRADIÇÕES MANTIDAS NUM ESPAÇO OCUPADO POR TURISTAS

(L2) é um jovem atento às mudanças do lugar e que mantém ainda muito das tradições trazidas pelos açorianos, e se entusiasma ao falar de sua etnia e de sua cultura. Mostra-se incrédulo diante das histórias de assombração, feliz por ainda pedir a benção, fala com orgulho dos ditados populares dando um tom de veracidade a cada um deles. Das tradições festivas participa das festas juninas que são realizadas junto à festa de São Pedro, acompanha a procissão no cortejo de Nossa Senhora dos Navegantes. Fala do encantamento das brincadeiras de boi de mamão. Mantém o respeito à passagem da Bandeira do Divino. Da farra do boi é favorável em comparação à tourada da Espanha. Das lendas da região lembra do boitatá. Uma crença muito forte é na benzedura da vó. Apesar de relaxado com o movimento religioso do lugar, enfatiza a sua fé. Neto da benzedeira mais conhecida da região, diz que a vó é tudo na sua vida e na vida da comunidade. A família tem essa matriarca como ponto de identificação, de referência. A família é tudo na vida de L2. Seu desempenho escolar, sua educação familiar está diretamente integrada a moralidade da família. A família é comparada a Ibiraguera, seu porto seguro, seu apoio, a solidariedade. Estar em Ibiraguera é estar em família. Cidade é puro individualismo, é rivalidade, embora goste da praticidade do transporte urbano. A rusticidade da Ibiraguera tradicional precisa acompanhar o desenvolvimento, mais com cuidado, com planejamento. Suas maiores alegrias são a família, os amigos e o lugar. Gosta do jeito de viver de sua gente, da calma, do espaço sem violência. Suas tristezas estão relacionadas ao estrago provocado com o turismo, a perda da natureza e a carcinicultura que está poluindo a lagoa que tanto ama. Dos lugares que frequenta para divertir-se traça dois mapas: um noturno e um diurno. No espaço noturno as danceterias de Garopaba, Ferrugem e Rosa. No espaço diurno a Praia do Luz onde se concentram os nativos. A Praia do Rosa é por ele odiada, as casas amontoadas, suas ruelas estreitas. Rosa é, por L2, comparada a favela dos ricos, são mansões amontoadas e segregadas do contato com o nativo. Futuro biólogo, L2 desconhece a flora e a fauna nativa, relacionando como plantas apenas o imbé, a imbirá e o araçá, e dos animais apenas a lebre e o cachorro do mato. Embora desconheça este detalhe, este jovem reconhece o valor de sua casa. Seu pai muito trabalhou para construí-la. Cada lugar deste espaço é marcado pelo suor

e ausência de seu pai. Pai que no pouco tempo que visita o lar, senta-se na sala e reúne todos para conversar e brincar. É neste lugar que as brigas também acontecem, afinal isto também faz parte da família. Este pai ausente física e emocionalmente presente, também é agraciado com a parceria do único filho nas pescarias que o deixam contente. É no pátio desta casa que L2 passou sua infância brincando de esconder, de subir nas árvores, de taco, de bola. Muita vidraça quebrou e muita ameaça da mãe levou. No bairro, todos os lugares públicos são referência: a praia do Luz o sossego dos nativos, a praça da igreja o ponto de encontro dos amigos e de saída para a diversão, a ponte lembra os mergulhos, os machucados, a farra. L2 é um jovem que procura manter as tradições num espaço com plena ocupação de turistas que trazem consigo novos modos de viver e de ocupar este espaço chamado Ibiraquera.

APÊNDICE F
GLOSSÁRIO DE EXPRESSÕES NATIVAS

DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS TRAZIDAS PELOS NATIVOS DE IBIRAQUERA DURANTE A ENTREVISTA COM SENTIDO ATRIBUÍDO A SUA NARRATIVA

ABRIÇÃO – Abertura da barra que pode ser realizada por máquinas e manualmente.

ACOMODO – Atitude de passividade frente às mudanças que chegam ao lugar.

ATURÁ – Atitude de submissão.

BANDA – Lugar; pra lugar nenhum.

BARREAVA – Fazer as paredes de barro.

BARRELA – Mistura de gordura vegetal (amêndoa do anoz), com gordura animal (sebo) e soda caustica.

BEIJU – Alimento feito com massa de mandioca, água, açúcar e sal.

BIJAGICA – Bolo feito de amendoim, massa de mandioca, sal, canela, cravo, água e açúcar.

CARTAPASSO – Bolsa feita com restos de tecido.

CAVADEIRA – Instrumento de aço para retirar os mariscos presos nas pedras.

CHUMBADO – Processo de retirar a casca da semente do café.

GRADO – Grande, graúdo.

CRIADOURO – Poços de carcinicultura.

CRIAME – Poços de carcinicultura.

EMBARCADO – Pescador profissional que trabalha nos barcos de pesca industrial.

ENCARNADA – Apaixonada.

ENCARRANCA – Atrofia.

ENTRALHAR – Tecer as malhas das redes ou tarrafas de pesca.

ESCÁRNIO – zombaria, desprezo, fazer sentir-se ridículo.

ESTOPADA – Emplastro feito com ervas medicinais, óleo animal.

GAMELA – Espécie de bacia ou banheira feita de madeira.

MANGUEIRÃO – Arena.

MELINDROSO – Manhoso.

MORI – Prancha de surf em que a pessoa fica na posição deitada.

PINOTEOU – Pulou, saltou.

PIRÃO – Alimento feito na hora com água fervente e farinha, ou feijão quente e farinha.

POMAL – Pomar, chácara, quintal.

POMBOCA – Lamparina a base de querosene.

PORONGO – Fruto que é secado, retirado a semente e utilizado como cuia, copo.

RIBA – “Por riba” – por cima; “em riba” – em cima.

SAPATA – Base do pilar da ponte.

SARRO – Zombaria – “tira sarro” – zombam.

TAFORNA – Atafona, engenho de farinha de milho.

TANSO – Idiota, ignorante, bobo.

TIRIRICA – Planta de capim alto que cresce nos alagados do bairro.

VENDA – Armanzém, mercado

ANEXO A
E- MAIL DE PAULO VIEIRA - UFSC

E- MAIL ENVIADO A ROSA POR PAULO VIEIRA (2005)

... a equipe que coordeno junto ao Programa de Pós-graduação em sociologia política da UFSC (Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento-NMD) vem realizando desde 2001 um diagnóstico socioambiental participativo na área de entorno da Lagoa de Ibiraquera, visando à construção de uma Agenda 21 local (trata-se de 08 comunidades de pequeno porte que você deve conhecer bem). Como parte desse esforço, desde o final de 2003 estamos sendo financiados pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) na implementação de um projeto voltado para o fortalecimento da pesca artesanal... A idéia é de propor um novo sistema de gestão, com base num diagnóstico que reuniu biólogos, especialistas em pesca, oceanógrafos, geógrafos, sociólogos, economistas, antropólogos e profissionais de informática e de saúde... Dessas discussões deverá emergir um Plano de Ecodesenvolvimento a curto, médio e longo prazo... Ao mesmo tempo, o Projeto Ibiraquera faz parte atualmente de um programa mais amplo de pesquisa, apoiado pelo Acordo CAPES-COFECUB (Cooperação Brasil-França). Trata-se de um projeto denominado Desenvolvimento Territorial Sustentável em Santa Catarina. A área da Lagoa de Ibiraquera tornou-se assim um estudo de caso que deverá ser trabalhado no âmbito de vários outros estudos de caso em diferentes regiões do Estado de Santa Catarina. A área vem sendo também trabalhada de um outro eixo de pesquisas do NMD, relacionada à avaliação do Programa Brasileiro de Gestão Integrada de Zonas Costeiras (GERCO).

ANEXO B
PROTOCOLO DE ENCAMINHAMENTO DE PROJETO DE
PESQUISA PARA AVALIAÇÃO NA COMISSÃO



Universidade do Extremo Sul Catarinense
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
 Diretoria de Pesquisa
 Comitê de Ética em Pesquisa

Protocolo de Encaminhamento de Projeto de Pesquisa para Avaliação na Comissão

1) Uso Exclusivo do CEP/UNESC	Número do Projeto
Data de Recebimento:	

2) Certifique se todos estes itens e documentos estão presentes no projeto:

- Título
- Nome do Orientador (a) e Nome do Orientando (a)
- Instituição de Origem
- Instituição de Realização
- Introdução
- Objetivo
- Metodologia
- Cronograma
- Orçamento especificando a fonte de financiamento (caso tenha)
- Referências Bibliográficas

Documentação Obrigatória do Comitê:

- Termo de Consentimento Informado (no caso de humanos) **Entregar 4 vias.**
- Protocolo de Encaminhamento de Projeto de Pesquisa para Avaliação nas Comissões. **Entregar 4 vias.**
- Folha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do CONEP (no caso de humanos) **Entregar 4 vias.**
- Curriculum Vitae impresso e (Plataforma Lattes/CNPq) do Orientador(a) Responsável. **Entregar 4 vias.**
- Cópia do Projeto. **Entregar 4 vias.**

3) Título do Projeto

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA EM IMBITUBA -SC

4) Orientador (a) Responsável

Nome Teresinha Maria Gonçalves		Assinatura (Obrigatório)
Carteira de Identidade 7688059	CPF 09461299915	Vínculo <input checked="" type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Funcionário <input type="checkbox"/> Alunos <input type="checkbox"/> Outras instituições _____
Endereço R. Júlio Gaidzinski – 760 – ap. 32 – bloco E – Mina Brasil		
Cidade: Criciúma	UF: SC	Telefone: 34430096 Celular:
CEP: 88811-000	E-mail: tmg@unesc.net	

5) Área de Conhecimento (utilize os códigos do CNPq)

6) Previsão do Projeto

Início: 01/03/06
 Término: 20/12/06

7) Autores do Projeto (listar todos os participantes que preencham os critérios de autoria, com as respectivas assinaturas)

Nome: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo		Assinatura
Telefone: 34434890		
CPF 887.870.369 - 91	RG 1.561.109	Vínculo: <input checked="" type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Funcionário <input checked="" type="checkbox"/> Aluno <input type="checkbox"/> Outra Instituição _____

Nome		Assinatura
Telefone		
CPF	RG	Vínculo: () Professor () Funcionário () Aluno () Outra Instituição _____
Nome		Assinatura
Telefone		
CPF	RG	Vínculo: () Professor () Funcionário () Aluno () Outra Instituição _____

8) Local de Origem (Serviço, Departamento ou Curso de Pós-Graduação que chancela o projeto)	
Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da UNESC	Assinatura e Carimbo do Coordenador do depto de Origem <i>Vanilde</i> Prof. Dr. Vanilde Citadini Zanette <small>Coordenadora do Nucleo em Ciências Ambientais</small>
09) Local de Realização (Serviço, Departamento ou outra Instituição onde o projeto será efetivamente realizado)	
Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da Unesc	Assinatura e Carimbo da Chefia <i>Vanilde</i> Prof. Dr. Vanilde Citadini Zanette <small>Coordenadora</small>

ANEXO C
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES
HUMANOS - CONEP



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Conselho Nacional de Saúde
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS				FR - 94380		
Projeto de Pesquisa O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DOS HABITANTES DA COMUNIDADE DE IBIRAQUERA - SC						
Área de Conhecimento 7.00 - Ciências Humanas - 7.07 - Psicologia				Grupo Grupo III	Nível	
Área(s) Temática(s) Especial(s)					Fase Não se Aplica	
Unitários APROPRIAÇÃO - ESPAÇO - HABITANTES - COMUNIDADE - IBIRAQUERA						
Sujeitos na Pesquisa						
Nº de Sujeitos no Centro 10	Total Brasil 10	Nº de Sujeitos Total 10	Grupos Especiais			
Placebo NÃO	Medicamentos HIV / AIDS NÃO	Wash-out NÃO	Sem Tratamento Específico NÃO	Banco de Materiais Biológicos NÃO		
Pesquisador Responsável						
Pesquisador Responsável Teresinha Maria Gonçalves			CPF 094.612.999-15	Identidade 7688059		
Área de Especialização Meio ambiente e desenvolvimento			Maior Titulação Doutorado	Nacionalidade Brasileira		
Endereço Rua Júlio Gardzinski, 760 Apto. 32			Bairro Mina Brasil	Cidade Criciúma - SC		
Código Postal 88811-000	Telefone 48 4430037 / 48 4330096		Fax	Email tmg@unesc.net		
<p>Termo de Compromisso</p> <p>Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não.</p> <p>Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.</p> <p>Data: <u>23/05/2006</u> _____ Assinatura</p>						
Instituição Onde Será Realizado						
Nome Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC - SC			CNPJ 83.661.074/0001-04	Nacional/Internacional Nacional		
Unidade/Órgão COMUNITÁRIA			Participação Estrangeira NÃO	Projeto Multicêntrico NÃO		
Endereço Av Universitária 1105 cx postal 3167			Bairro Universitário	Cidade Criciúma - SC		
Código Postal 88806000	Telefone 48 4312623		Fax 48 4312750	Email		
<p>Termo de Compromisso</p> <p>Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Nome: _____ Assinatura</p> <p>Data: ____/____/____</p>						

O Projeto deverá ser entregue no CEP em até 30 dias a partir de 18/05/2006. Não ocorrendo a entrega nesse prazo esta Folha de Rosto será INVALIDADA.

ANEXO D
PARECER CONSUBSTANCIADO DE PROJETO DE
PESQUISA

*Assessor
379*

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraquera em Imbituba-SC.

Pesquisador Responsável :Teresinha Maria Gonçalves

Data da Versão 30/05/2006

Cadastro 379

Data do Parecer 14/06/2006

Grupo e Área Temática III - Projeto fora das áreas temáticas especiais

Objetivos do Projeto

- Compreender o processo de apropriação do espaço dos nativos que habitam o bairro de Ibiraquera no município de Imbituba-SC;
- Verificar o processo de apropriação por meio do sentimento de pertença;
- Verificar as percepções das transformações ocorridas nos espaços de viver: trabalho, lazer, moradia, em relação ao processo de nãoapropriação;
- Identificar atitudes nativas de preservação ambiental relacionada ao lugar: Flora, recursos hídricos, solo e fauna.

Sumário do Projeto

Projeto onde os pesquisadores se propõem a verificar junto aos nativos do Bairro Ibiraquera, em Imbituba-SC, a influência que o turismo e a vinda e permanência de pessoas não nativas do bairro exercem sobre a cultura, sobre o modo de vida e sobre a auto-estima da população local. O projeto é qualitativo, onde o principal método utilizado será o de estudos de casos, relatado na forma de entrevista que serão transcritas e avaliadas pelo pesquisador.

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	Adequado
Autores	Adequados
Local de Origem na Instituição	Adequado
Projeto elaborado por patrocinador	Não
Aprovação no país de origem	Não necessita
Local de Realização	Outro (citar no comentário)
Outras instituições envolvidas	Não
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os itens de Identificação

-Bairro Ibiraquera, Imbituba-SC

Introdução	Adequada
------------	----------

Comentários sobre a Introdução

Objetivos	Adequados
-----------	-----------

Comentários sobre os Objetivos

Pacientes e Métodos	
Delineamento	Adequado
Tamanho de amostra	Total 10 Local
Cálculo do tamanho da amostra	Adequado
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não
Seleção equitativa dos indivíduos participantes	Adequada
Crítérios de inclusão e exclusão	Adequados
Relação risco- benefício	Adequada
Uso de placebo	Não utiliza
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Não utiliza
Monitoramento da segurança e dados	Não necessário
Avaliação dos dados	Adequada - qualitativa
Privacidade e confidencialidade	Adequada
Termo de Consentimento	Adequado

Adequação às Normas e Diretrizes	Sim
---	------------

Comentários sobre os itens de Pacientes e Métodos

Cronograma	Comentário
Data de início prevista	07/2006
Data de término prevista	12/2006
Orçamento	Adequado
Fonte de financiamento externa	Não

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

A entrevista com as pessoas estará acontecendo em julho 2006, apesar do restante do projeto ter iniciado em março 2005.

Referências Bibliográficas	Adequadas
-----------------------------------	------------------

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

Recomendação

Aprovar

Comentários Gerais sobre o Projeto

- O projeto é bem fundamentado, deixando claro os seus objetivos, e possui relevância técnica-científica-social.


Emílio Luiz Streck
 Coordenador da CEPANESF

ANEXO E
CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

Resolução

Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/Ministério da Saúde analisou o projeto abaixo.

Projeto: 379/2006

Pesquisador:

Terezinha Maria Gonçalves

Rosa Nadir Jerônimo

Título: "O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraguera em Ibituba-SC."

Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais. Toda e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicado ao CEP. Os membros do CEP não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

Criciúma, 14 de junho de 2006.

A handwritten signature in black ink that reads "Emilio Luiz Streck".

Emilio Luiz Streck

Coordenador do CEP

ANEXO F
ASSINATURA DOS TERMOS DE COMPROMISSO

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

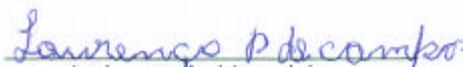
Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 25/03/2016



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 26/03/2006



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 22/04/06



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo

Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 04/06



Assinatura do (a) participante

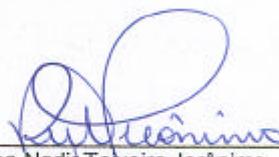
Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 12/04/06



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data 24/04/06



Assinatura do (a) participante



Assinatura do (a) responsável

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 22/07/06



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que serei identificado (a) por meio de meu nome e imagem pessoal somente com o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais assumidos pela pesquisadora durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 21/04/06

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) responsável

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo

Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que não serei identificado (a) sem o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data: 22/04/06



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo

Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Termo de compromisso livre e informado

Pelo presente consentimento livre e informado, declaro que fui esclarecido (a), de maneira clara e detalhada a respeito do objetivo, justificativa, forma de trabalho desta pesquisa. Fui igualmente informado (a):

- da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- da segurança de que não serei identificado (a) sem o meu consentimento e que e manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos éticos-legais durante e após o término da pesquisa;
- do compromisso de acesso às informações em todas as etapas da pesquisa, bem como dos resultados.

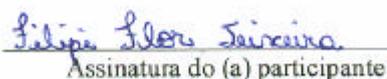
Atenciosamente,



Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Mestranda

Ciente. De acordo.

Data 22/04/06



Assinatura do (a) participante

Mestranda: Rosa Nadir Teixeira Jerônimo
Orientadora: Dra. Teresinha Maria Gonçalves

ANEXO G
CARTA: EM DEFESA DOS CAMINHOS DOS NATIVOS

CARTA: EM DEFESA DOS CAMINHOS DOS NATIVOS

Araçatuba, 12 de fevereiro de 2005.

Eu, A.R.T, conhecido também por T.R., casado, 64 anos de idade, morador atualmente em Araçatuba. Nascido e criado em Ibiraguera, sendo conhecedor desta região, declaro o seguinte acontecimento. Neste mesmo dia, indo fazer minha caminhada matinal, encontrei o antigo caminho, com mais de 100 anos, sendo tapado ou obstruído por um trator, sobre o comendo de uma Associação de Moradores do Loteamento Janaína, tirando o direito de ir e vir de qualquer cidadão do lugar. Esta Associação que representa pouquíssima parte dos usuário da mesma estrada, porque a maioria não mora no Loteamento ou são contra a atitude tomada.

Caminho ou estrada essa que eu falo, já serviu para os moradores antigo de Ibiraguera ou Araçatuba, ou mesmo eu que tenho 64 anos, para atravessar o canal do meio que ligava os dois bairros. A travessia esta que era feita de canoa, pois a 1ª ponte só foi feita entre 1948 a 1950. Fui falar com o responsável do fato já descrito, ele disse que desconhecia o caminho centenário e que moradores ali só aqueles que moram dentro do Loteamento, talvez desconhecendo que eu também tenho lote no mesmo, mais não moro no dito cujo e sim ao lado oposto. Como outros moradores e pescadores que usam a pesca como fonte de renda.

Peço as autoridades a pensar neste caso, e nos devolver o que nos tiraram.

Esta estrada ou caminho também tem história, foi por aqui que a cerâmica de Imbituba retirava areia por vários anos e usava com matéria prima para a fabricação de azulejos.

Obrigado e pense com carinho que nós queremos é o caminho livre para todos.

A. R. T.

**ANEXO H
CÍO DA TERRA**

CIO DA TERRA

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão e se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel, se lambuzar no mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação de fecundar o chão.

Composição: Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda
Interpretação: Milton Nascimento

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)